E. M. Forster

UM QUARTO COM VISTA



Edward Morgan Forster, filho de um arquiteto, nasceu em Londres, no dia 1º de janeiro de 1879. Estudou na Tombrigde School e no King's College, de Cambridge, onde se bacharelou em letras clássicas e história, em 1901. A partir desse ano, em companhia da mãe, passou longas temporadas na Áustria, na Itália e na Grécia. Entre 1912 e 1922 esteve duas vezes na Índia e viveu em Alexandria, de 1915 a 1919, servindo como soldado durante a Primeira Guerra Mundial.

Ainda estudante, com Lowes Dickinson e R. C. Trevelyan, fundou a *Independent Review*, na qual publicou seu primeiro conto, "The Story of a Panic". Influenciado por H. O. Meredith, chegou a ser membro da Cambridge Conversation Society, mais conhecida como "Apostles", grupo de jovens que discutiam moral e outros temas relacionados à intelectualidade. Muitos desse círculo logo se tornariam famosos: Lytton Strackey, John Maynard Keynes, Leonard Woolf e Desmond MacCarthy, entre outros.

O romance de estréia de Forster, *Where angels fear to tread*, foi publicado em 1905 e alcançou rápido sucesso. A ele se seguiu, dois anos depois, *The longest journey* [*A mais longa jornada*]. *A room with a view* [*Uma janela para o amor*], de 1908, foi adaptado para o cinema em 1985, com direção de James Ivory. Em 1987, o mesmo diretor filmou *Maurice* — romance publicado postumamente, em 1971. Sua obra mais conhecida, porém, é *Uma passagem para a Índia*, de 1924, que, em 1984, também se tornou filme, dirigido por David Lean. *Uma passagem para a Índia*, o livro, recebeu dois prêmios: The Femina / Via Heureuse Prize e The James Tait Black Memorial Prize. Sua primeira coletânea de contos, *The celestial omnibus*, é de 1911.

Forster foi convidado para as Clark Lectures, na Universidade de Trinity, em Cambridge, o que lhe propiciou escrever *Aspectos do romance*, publicado em 1927.

Além de romancista, contista, ensaísta e biógrafo, Forster foi também memorialista, tendo escrito alguns relatos de viagem — como *Alexandria: a history and guide* (1922) e *Pharos and Pharillon: a novelist's sketchbook of Alexandria through the ages* (1923). De seus sete romances, dois foram publicados após sua morte, ocorrida no dia 7 de junho de 1970.

E. M. FORSTER

UM QUARTO COM VISTA

tradução:
Marcelo Pen

prefácio:
Luiz Ruffato

GLOBOLIVROS

Copyright © The Provost and Scholars of King's College,
Cambridge, 1908, 1978
Copyright da tradução e do prefácio © 2006 by
Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Título original:
A room with a view

Revisão: Eugênio Vinci de Moraes, Valquíria Della Pozza e Carmem T. S. Costa
Capa: Paula Astiz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Forster, Edward Morgan

Um quarto com vista / E. M. Forster ; tradução Marcelo Pen ; prefácio Luiz Ruffato. – São Paulo : Globo, 2013.

Título original: A room with a view

ISBN 978-85-250-5452-4

1. Romance inglês I. Ruffato, Luiz. II. Título

06-4022 CDD-823

Índice para catálogo sistemático:
1. Romance : Literatura inglesa 823

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos por Editora Globo S. A.
Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo – SP
www.globolivros.com.br

Sumário

Capa
Sobre o autor
Folha de rosto
Créditos
Prefácio
Dedicatória
PARTE 1
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7

PARTE 2
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20

Notas

Prefácio

Os ares de Florença

A literatura inglesa possui uma característica que certamente a diferencia das demais: a necessidade de estabelecer contatos diretos com o estrangeiro como forma de refletir sobre a própria condição. Pode-se alegar, para compreender essa marca, algumas explicações, todas possivelmente válidas e talvez complementares. Pincelo quatro: a história, a geografia, a cosmovisão, a política.

A história da conturbada formação das Ilhas Britânicas é a relação das levas de conquistadores — romanos, anglos, saxões, vikings, normandos —, cada um contribuindo com seu cadinho para a concretização de um modo de ser específico. Sua insularidade, protetora ao mesmo tempo que segregadora, provocou uma visão de mundo particular, calcada na experiência mais que na elucubração — ou, de outra maneira, na associação mais que na imaginação, conforme palavras de um de seus maiores escritores, Laurence Sterne.[1] O Império Britânico, aquele onde o sol nunca se punha, empurrou seus cidadãos para os quatro cantos do mundo, influenciando e sendo influenciado pela cultura dos países que colonizava. Esse interesse por alheias paisagens — raramente encontrado em outros povos —, com todos os problemas que implica, perpassa as letras inglesas desde os primórdios.

Assim, podemos listar, apenas para efeito de curiosidade, alguns desses ficcionistas, tomados ao acaso: Daniel Defoe (1660-1731) com *Robinson Crusoe*, e seu contemporâneo Jonathan Swift (1667-1745) com *Viagens de Gulliver*,[2] o citado Sterne (1713-1768) com *Uma viagem sentimental através da França e da Itália*; o grande aventureiro e exímio tradutor Richard Burton (1821-1890) e seu sucessor, T. E. Lawrence (1888-1935) de *Os sete pilares da sabedoria*; Somerset Maugham (1874-1965) e suas histórias sobre os mares do Sul; o problemático Rudyard Kipling (1865-1936) e sua visão colonialista da Índia; o militante Graham Greene (1904-1991) e os magníficos adotados Joseph Conrad (1857-

1924) e V. S. Naipaul (1932). E, certamente, o grande E.(dward) M.(organ) Forster (1879-1970).

Forster escreveu quatro de seus seis romances[3] antes da Primeira Guerra Mundial (a exceção fica por conta de *Uma passagem para a Índia*, de 1924). O resto de sua vida dedicaria a escrever contos e ensaios, sendo o maior deles *Aspectos do romance*, de 1927, texto basilar para a teoria literária. *Um quarto com vista*, escrito em 1903, publicado em 1908[4] e transformado em filme em 1985,[5] caminha pela seara exposta anteriormente: a vida inglesa carrega algo de incompletude e será, neste caso, a Itália, mítica e real, o contraponto desse romance de final feliz.

O livro, dividido em duas partes, é uma narrativa tradicional, que nos remete aos melhores autores do século XIX. Portanto, a força de Forster o leitor deve buscar não na técnica novelística mas no radicalismo de suas posições políticas, fruto talvez de sua identificação com o grupo de Bloomsbury, do qual fazia parte.[6] Filho da classe média alta inglesa, estudou em Cambridge, morou vários anos na Itália, Grécia, Alemanha e Índia, aprofundando sua visão de mundo humanista liberal contrária à moral vitoriana da sociedade britânica — conservadora, tradicionalista, preconceituosa.

Um quarto com vista é a reconstrução do ano em que a ingênua e bem-comportada Lucy Honeychurch, uma garota filha de uma "inautêntica" aristocracia rural[7] destinada a um casamento de interesse com Cecil Vyse, arrogante representante da aristocracia urbana londrina, toma consciência de si e se apropria do mundo que a cerca. Afirma o onisciente narrador que "algumas sonatas de Beethoven são escritas de modo trágico, ninguém pode negar; contudo, podem triunfar ou lançar ao desespero segundo a decisão do músico" — palavras que, em última instância, poderiam definir o próprio relato. Aqui, encontra-se em andamento o "choque entre culturas" — o refinamento pedante dos londrinos e a "falta de polimento" dos suburbanos; a ociosidade dos aristocratas e a classe média trabalhadora (representada por George Emerson, funcionário no escritório da Administração Geral de uma grande companhia ferroviária); o cinzento da vida inglesa e a luminosidade da Itália.

Toda a primeira parte (além do último capítulo da segunda parte) desenvolve-se em Florença. A pensão Bertolini, cuja dona, para agradar a seus hóspedes, nela reproduz um pedaço da Inglaterra — na parede "retratos da

falecida rainha e do poeta laureado; o aviso da Igreja Anglicana" —, congrega alguns ingleses em férias, que mais tarde se reunirão nos arredores de Tunbridge Wells,[8] onde decorre a maior parte da história. Na pensão, além de Lucy, tomamos contato com sua prima pobre e neurótica Charlotte Bartlett, que se investe do papel de "mártir prematuramente envelhecida"; o simpático reverendo Arthur Beebe; os socialistas Emersons[9] (o pai, jornalista aposentado, e o filho George); as irmãs solteironas Alan; a escritora de livros água-com-açúcar Eleanor Lavish.

A senhorita Lavish encontra-se na Itália em busca de inspiração para o novo romance, cuja trama teria "amor, assassinato, rapto, vingança": "Haverá uma grande dose de cor local, descrições de Florença e das cercanias, e também incluirei uns personagens engraçados. E deixe-me adverti-las: serei implacável com o turista britânico" — para quem a "estreiteza de espírito e a superficialidade" representam "uma ameaça". A escritora, como que antecipando uma advertência a Lucy, explica que "não se vem para a Itália para coisas agradáveis; vem-se para a vida".

E Lucy, que ainda reproduz preconceitos e estreitezas de sua classe social, como desprezo pelo sotaque cockney[10] da dona da pensão, será arrastada para a vida... O acaso, que suscita uma acalorada discussão no capítulo doze, atuará sobre ela insuflando-lhe "novos pontos de vista". Uma tarde, após comprar algumas gravuras na região da Piazza Signoria, presencia uma briga entre dois italianos, que culmina com um assassinato — por causa de "*cinque lire*". Assustada, desmaia e é amparada por George Emerson, por quem nutre profundo temor — principalmente por não possuírem o mesmo status social e por causa dos arroubos socialistas do pai. George resgata as gravuras — que, por estarem manchadas de sangue, descarta nas águas do Arno — e mantém uma animada conversação, os cotovelos apoiados no parapeito do rio.

Mais tarde, numa desastrada excursão pelos arredores de Florença, organizada por um inglês residente na cidade, o reverendo Cuthbert Eager, George aproveita uma oportunidade e beija-a, sendo interrompido bruscamente por Charlotte. Constrangidas, Lucy e a prima combinam não contar o caso a ninguém — Lucy para não ter o nome maculado, Charlotte para não perder a confiança da senhora Honeychurch, que financia suas viagens — e se dirigem imediatamente para Roma.

A segunda parte transcorre em Windy Corner, a casa dos Honeychurches na rua Summer, nos arredores de Tunbridge Wells. Lucy aceita o pedido de

casamento de Cecil, a quem conhecera em Roma, e iniciam-se os rituais preparatórios de visitas recíprocas de reconhecimento — e surgem as marcantes diferenças de ponto de vista. A sra. Honeychurch, sobre os Vyse: "[A senhora Vyse] é a favor de palestras e do desenvolvimento da mente; enquanto isso, uma grossa camada de pó se acumula sob as camas e podemos ver marcas de sujeira dos dedos das criadas quando acendemos a luz elétrica". Cecil — para quem "tanto o cavalheiro rural quanto o trabalhador rural são, cada um a seu modo, os sujeitos mais deprimentes" — não esconde sua ojeriza pelo "hábito dos Honeychurches de ficarem sentados no escuro para não estragar a mobília", encontrando eco na mãe, senhora Vyse: "[Lucy] está se livrando da mácula dos Honeychurches. Não está sempre citando os empregados ou pedindo aos outros a receita do pudim".

Cecil, que "obtinha um prazer malicioso em frustrar as pessoas", interfere, por pura provocação, num acerto entre Lucy e as irmãs Alan, para alugar uma *villa* vizinha da Windy Corner, intercedendo em favor dos Emersons, que conhecera, por acaso, numa galeria de arte em Londres, sem saber dos antecedentes que os ligavam à futura mulher. Assim, reacende a paixão de George por Lucy, que passa a confrontar o comportamento do futuro marido com a vida que deseja para si.

George passa a freqüentar a Windy Corner, amigo que se torna do irmão de Lucy, Freddy, e, aproveitando outra oportunidade, beija-a novamente, levando-a ao desespero. Lucy, que "até então havia aceitado seus ideais sem questioná-los — sua riqueza benigna, sua religião sem arroubos" e para quem "a vida, quando se dava ao trabalho de concebê-la, não passava de um círculo de pessoas ricas e agradáveis, com interesses idênticos e inimigos idênticos" —, vê-se atarantada, sozinha e traída por todos. Traída pelo egoísmo e pelo convencionalismo de Cecil, pelo oportunismo de George, pela prima Charlotte que, descobre, havia contado o incidente ocorrido nas cercanias de Florença para a senhorita Lavish, que o transpôs para o romance, publicado com o título "Sob a Loggia" e pseudônimo de Joseph Emery Prank.

Lucy resolve então tomar atitudes. Ao cobrar de George aquilo que considera oportunismo, ouve um discurso. Ele não só se recusa a se desculpar, como condena seu casamento com Cecil, um "tipo que não causa dano quando se atém às coisas, aos livros, aos quadros, mas destrói quando se aproxima das pessoas. É do tipo que atrasou um milênio o destino da Europa". Os olhos abertos, ela rompe com Cecil, usando praticamente o

mesmo argumento de George: "Você despreza minha mãe porque ela é convencional e preocupa-se com a sobremesa, mas, ah, céus, é você quem é convencional, pois pode entender as coisas belas, mas não sabe como usá-las; e esconde-se atrás da arte, dos livros e da música, onde tentará me ocultar também".

No final, o leitor, novamente deslocado para Florença, percebe como Lucy está mudada, "mérito da Itália", e se vê seduzido pela maneira como ela se colocou contra as conveniências de sua classe social, lançando-se à vida, longe do convencionalismo inglês, da rígida hierarquia da sociedade britânica e próxima da sua libertação, como mulher e como cidadã de um mundo em transformação.

Nesse *Um quarto com vista*, o próprio título uma metáfora da possibilidade de ver além, Forster coloca em movimento personagens que representam, à perfeição, as diversas camadas da sociedade inglesa. Corajoso, expõe com agudeza seus pontos de vista de humanista liberal, que, como afirma Otto Maria Carpeaux, "aprova e apóia as reformas sociais, mas não é capaz de se apaixonar pela luta de classes, porque a liga mais que a qualquer outra coisa às relações pessoais entre os homens".[11] Lucy representa a luta da mulher contra a sujeição social, o convencionalismo e a mentalidade retrógrada. E, se demonstra, como romancista, um perfeito equilíbrio na caracterização dos personagens — mesmo a Cecil dedica alguma compreensão —, é porque sabe que "a vida é fácil de narrar, mas espantosa de se praticar". Talvez porque, ao contrário de Cecil, Forster, assim como o narrador, não despreze o método dos Honeychurches, que, "no último minuto, quando a máquina social estava perdidamente emperrada, um dos membros da família azeitava-a com uma gota de óleo".

LUIZ RUFFATO

E. M. Forster dedicou Um quarto com vista a H. O. M.

PARTE I

1

A pensão Bertolini

"A signora não podia ter feito isso", disse a senhorita Bartlett, "não mesmo. Ela nos prometeu quartos contíguos com vista para o sul, mas aqui temos os quartos da parte norte, distantes um do outro e que dão para o pátio. Oh, Lucy!"

"E uma *cockney*, ainda por cima!", disse Lucy, que ficou ainda mais entristecida com o inesperado sotaque da *signora*. "É como se estivéssemos em Londres." Ela olhou para as duas fileiras de cidadãos ingleses sentados à mesa; para a fileira de garrafas brancas de água e de garrafas vermelhas de vinho que se interpunham entre os ingleses; para os retratos da falecida rainha e do poeta laureado, metidos em caixilhos rebuscados, que pendiam atrás dos ingleses; para o aviso da Igreja Anglicana (Rev. Cuthbert, M. A., Oxon), que era a única outra decoração na parede. "Charlotte, você não sente, também, que é como se estivéssemos em Londres? É difícil acreditar que todo o resto está bem aqui, do lado de fora. Suponho que seja por estarmos tão cansadas."

"Esta carne decerto foi usada na sopa", declarou a senhorita Bartlett, abaixando o garfo.

"Eu queria ver o Arno. Os quartos que a *signora* nos prometeu na carta teriam vista para o Arno. A *signora* não podia mesmo ter feito isso. Ah, é vergonhoso!"

"Para mim, qualquer cantinho serve", a senhorita Bartlett continuou. "Mas não é nada bom não ter uma vista."

Lucy achou que podia ter soado egoísta: "Charlotte, não me entenda mal. Claro que você também deve avistar o Arno. Foi o que quis dizer. O quarto vago na frente...".

"É todo seu", afirmou a senhorita Bartlett, cujas despesas de viagem em parte foram pagas pela mãe de Lucy, pequena gentileza a que fez várias alusões sutis.

"Não, não. Ele tem de ser seu."

"Eu insisto. Sua mãe nunca me perdoaria, Lucy."

"É a mim que ela nunca perdoaria."

As vozes das duas ficaram mais animadas e — a bem da verdade — um pouquinho irritadiças. Ambas estavam cansadas e, sob a capa do altruísmo, altercavam-se. Alguns de seus vizinhos trocaram olhares e um deles — uma das pessoas mal-educadas com quem se costuma deparar em viagens — debruçou-se sobre a mesa e de fato intrometeu-se na discussão das amigas. Ele declarou:

"Eu tenho uma vista, eu tenho uma vista".

A senhorita Bartlett assustou-se. Em geral, numa pensão, as pessoas costumam observar os outros durante um dia ou dois antes de aproximar-se e, com freqüência, só descobrem que eles "servem" depois de eles terem partido. Por isso, sabia que o intruso era mal-educado, antes mesmo de relancear os olhos para ele. Era um senhor idoso, corpulento, com um rosto claro e barbeado e olhos grandes. Havia algo de infantil naquele olhar, embora não fosse a infantilidade da decrepitude. A senhora Bartlett não parou para cogitar exatamente o que era, pois seu olhar recaiu nas roupas do homem. Elas não lhe agradaram. Ele provavelmente estava procurando travar amizade com as duas antes que elas estivessem ao corrente da situação. Por isso, a senhorita Bartlett assumiu uma expressão de perplexidade quando ele falou, e então volveu:

"Uma vista? Ah, uma vista! Que maravilhoso é ter uma vista!".

"Este é meu filho, George", informou o velho. "O quarto dele também tem vista."

"Ah", exclamou a senhorita Bartlett, impedindo Lucy de falar.

"O que quero dizer", ele continuou, "é que podem ficar com nossos quartos, e nós ficamos com os seus. Faremos uma troca."

Os turistas mais bem-postos mostraram-se chocados com a sugestão e se compadeceram das recém-chegadas. A senhorita Bartlett, em resposta, abriu a boca o mínimo possível, e disse:

"Muitíssimo obrigada; está fora de cogitação".

"Por quê?", perguntou o velho, com os dois punhos sobre a mesa.

"Porque está fora de cogitação, obrigada."

"Veja, não gostamos de pegar...", Lucy começou.

Sua prima mais uma vez a fez calar.

"Mas por quê?", ele persistiu. "Mulheres gostam de admirar a paisagem, os homens não." Ele bateu os punhos como uma criança travessa, virou-se para o filho e rogou: "George, convença-as!".

"É tão óbvio que elas devem ficar com os quartos", disse o filho. "Não há nada mais a dizer."

Ele não olhou para as mulheres quando falou, e sua voz soou confusa e acabrunhada. Lucy sentiu-se igualmente confusa, mas percebeu que estavam no limiar do que se chamava de "uma cena e tanto", e teve a estranha impressão de que, sempre que esses turistas mal-educados falavam, a polêmica se ampliava e aprofundava, a ponto de referir-se, não a quartos e vistas, mas a, bem, a algo bem diferente, cuja existência lhe era desconhecida. Agora o velho atacava a senhorita Bartlett com modos quase violentos: por que ela não se mudava? Que possível objeção teria? Podiam desocupar os quartos em meia hora.

A senhorita Bartlett, embora versada nas delicadezas da conversação, era inútil diante da brutalidade. Era impossível esnobar alguém tão grosseiro. Seu rosto avermelhou-se de desgosto. Ela olhou em torno como se dissesse: "Serão todos vocês assim?".

E duas velhinhas, que estavam sentadas mais adiante, na mesa, com xales pendendo do encosto de suas cadeiras, retribuíram o olhar, indicando com clareza que "Não somos; somos corteses".

"Continue a jantar, querida", ela disse a Lucy, e começou a mexer de novo na carne anteriormente desprezada.

Lucy resmungou que aqueles dois pareciam ser uma gente muito estranha.

"Continue a jantar, querida. Esta pensão é um malogro. Amanhã sairemos daqui."

Mal fez o anúncio e foi obrigada a reverter a decisão. As cortinas na extremidade do aposento se abriram, descobrindo um clérigo, robusto mas atraente, que se apressou para ocupar seu lugar à mesa e desculpou-se com alacridade pelo atraso. Lucy, que ainda não se recompusera, de imediato ficou de pé e exclamou:

"Oh, oh! Ora, se não é o senhor Beebe! Ah, que coincidência adorável! Ah, Charlotte, precisamos ficar agora, independentemente de os quartos serem ruins. Oh!"

A senhorita Bartlett disse, com mais propriedade:

"Como vai, senhor Beebe? Creio que não se lembre de nós: senhorita Bartlett e senhorita Honeychurch. Estávamos em Tunbridge Wells quando o senhor ajudou o vigário de St. Peter's, naquela Páscoa muito fria".

O sacerdote, que tinha o ar de quem estava de férias, não se lembrava das damas tão bem quanto elas se lembravam dele. Mas aproximou-se, bastante afável, e aceitou a cadeira que Lucy lhe ofereceu.

"Estou tão feliz em ver o senhor", disse a moça, que estava num estado de privação espiritual e teria se regozijado em ver o garçom, caso a prima lhe permitisse. "Veja como o mundo é pequeno. E a rua Summer, também, o que torna tudo ainda mais engraçado."

"A senhorita Honeychurch mora na paróquia da rua Summer", disse a senhorita Bartlett, explicando a alusão, "e ela justamente me contava, em meio à conversa, que o senhor acaba de aceitar a oferta..."

"Sim, ouvi a mamãe na semana passada. Ela não sabia que eu o conhecia de Tunbridge Wells; mas logo escrevi em resposta e disse: 'O senhor Beebe é...'."

"Isso mesmo", confirmou o clérigo. "Vou mudar-me para a reitoria da rua Summer em junho próximo. Tive sorte de ser indicado para uma vizinhança tão agradável."

"Ah, como fico feliz! O nome de nossa casa é Windy Corner."

O senhor Beebe fez uma mesura.

"Em geral vamos eu e mamãe, e meu irmão também, embora nem sempre consigamos levá-lo à igre... A igreja fica um pouco longe, quero dizer."

"Lucy, querida, deixe o senhor Beebe jantar."

"Estou jantando, obrigado, e adorando."

Ele preferia falar com Lucy, de cujas brincadeiras se recordava, a conversar com a senhorita Bartlett, que provavelmente se lembrava dele por causa de seus sermões. O sacerdote perguntou à moça se conhecia bem a cidade de Florença e foi informado, de modo um tanto efusivo, que ela nunca estivera lá. Era muito agradável dar aconselhamento a forasteiros, e ele estava bem à mão.

"E não deixe de visitar o campo", concluiu. "Na primeira tarde de tempo bom vá até Fiesole, passando por Settignano, ou algo assim."

"Não!", gritou uma voz da outra ponta da mesa. "O senhor está errado, senhor Beebe. Na primeira tarde com tempo bom elas devem ir ao Prato."

"Aquela senhora parece tão inteligente", sussurrou a senhorita Bartlett à sua prima. "Estamos com sorte."

E, com efeito, uma perfeita torrente de informações desabou sobre elas. Os comensais lhes instruíram sobre o que ver, quando ver, como fazer para solicitar a parada dos bondes elétricos, como se livrar dos mendigos, quanto pagar por um mata-borrão, como a cidade subiria na estima delas. A pensão Bertolini havia decidido, quase entusiasticamente, o que elas deveriam fazer. Para onde fosse que olhassem, damas bondosas sorriam e gritavam para elas. E, acima de tudo, erguia-se a voz da senhora inteligente, que bradava: "Prato! Elas precisam ir ao Prato. É impossível descrever em palavras um lugar tão adorável. Eu o adoro; deleito-me em sacudir os entraves da respeitabilidade, como sabe".

O homem chamado George relanceou para a dama inteligente, e então tornou o semblante amuado para o prato. Era óbvio que ele e o pai não serviam. Lucy, em meio a seu júbilo, não deixou de desejar que eles se integrassem ao grupo. Não lhe dava nenhum prazer adicional ver alguém ser desprezado; e, quando se levantou para sair, ela voltou-se e concedeu aos dois intrusos uma pequena e nervosa mesura.

O pai não viu; o filho retribuiu o gesto, não por meio de outra reverência, mas erguendo as sobrancelhas e sorrindo; ele parecia sorrir através de alguma coisa.

Ela correu atrás da prima, que já havia desaparecido atrás das cortinas — cortinas que batiam no rosto das pessoas e pareciam ter sido confeccionadas a partir de algo mais pesado do que tecido. Do outro lado postava-se a não confiável *signora*, desejando boa-noite
a seus hóspedes, ladeada por 'Enery, seu pequeno filho, e Victorier, a filha. Tratava-se de uma cena curiosa, essa tentativa *cockney* de transmitir a graça e a genialidade do Sul. E ainda mais curiosa era a sala, que buscava emular o conforto sólido de uma hospedaria de Bloomsbury. Aquilo era mesmo na Itália?

A senhorita Bartlett já estava sentada numa poltrona firmemente estofada, cuja cor e cujos contornos lembravam um tomate. Conversava com o senhor Beebe e, ao falar, seu rosto comprido e estreito ia para a frente e para trás, lentamente, regularmente, como se estivesse demolindo um obstáculo invisível. "Somos muito gratas ao senhor", ela dizia. "A primeira noite é tão importante. Quando o senhor chegou, corríamos o risco de passar por um peculiar *mauvais quart d'heure*."

Ele expressou seu pesar.

"Por acaso o senhor saberia o nome do velho que estava sentado na nossa frente, durante o jantar?"

"Emerson."

"É amigo seu?"

"Somos amistosos um com o outro... Como se faz em pensões."

"Então não direi mais nada."

Ele a pressionou, com bastante tato, e ela disse um pouco mais.

"Eu sou, por assim dizer", ela concluiu, "a dama de companhia de minha jovem prima, Lucy, e não teria sido nada razoável obrigá-la a dever algum tipo de favor a pessoas desconhecidas. Os modos dele eram um tanto inadequados. Espero que tenha agido bem."

"A senhorita agiu como seria natural", disse ele. Parecia pensativo e, após um momento, acrescentou: "Mesmo assim, não creio que lhes teria causado nenhum dano, caso houvessem aceitado".

"Nenhum dano, decerto. Mas ficaríamos devendo um favor."

"Ele é um homem um tanto peculiar." Mais uma vez hesitou, e então disse gentilmente: "Creio que não tiraria vantagem de seu consentimento nem esperaria que a senhora demonstrasse gratidão. Ele tem o mérito (se é que se trata disso) de falar exatamente o que pensa. Está de posse de quartos pelos quais não tem apreço, e crê que a senhora poderia apreciá-los. Emerson não só não pensou em fazê-la dever-lhe um favor como não cogitou ser educado. É tão difícil, ao menos, eu acho, entender pessoas que falam a verdade".

Lucy ficou contente e disse:

"Tinha esperança de que ele fosse bom; sempre espero que as pessoas sejam boas."

"Suponho que ele seja; bom e cansativo. Divirjo dele em quase todos os assuntos relevantes, como também creio (devo dizer, espero) que as senhoritas divirjam. Mas ele é um sujeito de quem discordamos mais do que deploramos.

Quando chegou aqui, naturalmente desagradou aos outros hóspedes. Ele não tem tato nem modos... Não quero dizer, com isso, que ele tenha maus modos... E não esconde sua opinião. Quase reclamamos dele à nossa deprimente *signora*, mas felizmente pensamos melhor a respeito."

"Devo concluir", disse a senhorita Bartlett, "que ele é um socialista."

O senhor Beebe aceitou a palavra conveniente sem ao menos franzir de leve os lábios.

"E é presumível que ele tenha educado o filho de modo a tornar-se um socialista também?"

"Não conheço bem o George, pois ele ainda não aprendeu a falar. Parece ser uma boa criatura, e acho que tem cérebro. Claro que tem todos os maneirismos do pai e é bastante possível que também seja um socialista."

"Ah, o senhor me deixa aliviada", informou a senhorita Bartlett. "Então, o senhor crê que eu devia ter aceitado o convite? Acha que fui preconceituosa e desconfiada?"

"De jeito nenhum", ele tornou; "nunca sugeri isso."

"Mas não deveria desculpar-me, de todo modo, por causa de minha aparente grosseria?"

Ele retrucou, com certa irritação, que isso seria bastante desnecessário, e levantou-se para ir ao salão de fumar.

"Fui muito chata?", indagou a senhorita Bartlett, assim que ele desapareceu. "Por que não disse nada, Lucy? Ele prefere os jovens, tenho certeza. Espero não tê-lo monopolizado. Achei que você poderia conversar com ele a noite toda, assim como fez durante o jantar."

"Ele é ótimo", exclamou Lucy. "Exatamente como eu me lembrava. Parece ser bondoso com todo mundo. Ninguém diria que é um clérigo."

"Minha querida Lucia..."

"Bem, sabe o que quero dizer. E sabe também como os sacerdotes costumam rir; o senhor Beebe ri da mesma forma que um homem comum."

"Que garota engraçada! Lembra sua mãe. Gostaria de saber se ela aprovará o senhor Beebe."

"Ah, decerto que sim; e Freddy também."

"Creio que todos de Windy Corner o aprovarão; é um mundo moderno. Estou acostumada com Tunbridge Wells, onde somos todos tão irremediavelmente atrasados."

"Sim", concordou Lucy, com desânimo.

Havia uma nuvem de desaprovação no ar, mas se esta era dirigida a si própria, ao senhor Beebe, ao mundo moderno de Windy Corner ou ao mundo tacanho de Tunbridge Wells, ela não sabia determinar. Procurou precisar-lhe a origem, mas, como de costume, falhou. A senhorita Bartlett persistentemente negou desaprovar qualquer um, e acrescentou: "Receio que esteja me achando uma companhia bastante deprimente".

E a garota mais uma vez pensou: "Devo ter sido egoísta ou indelicada; preciso agir com mais cuidado. É tão medonho para Charlotte ser pobre!".

Felizmente uma das velhinhas, que durante algum tempo estivera sorrindo com ar benigno, agora se aproximou e perguntou se teria permissão para sentar onde o senhor Beebe estivera acomodado. Permissão concedida, ela começou a tagarelar gentilmente sobre a Itália, a aventura que fora ir para lá, o êxito gratificante da aventura, a melhora na saúde da irmã, a necessidade de fechar as janelas do quarto à noite e de esvaziar por completo as garrafas de água pela manhã. Ela discorria com graça sobre tais assuntos, e estes talvez fossem mais dignos de atenção do que o palavrório elevado acerca de guelfos e gibelinos, que seguia tempestuoso do outro lado do aposento. Era uma verdadeira catástrofe, não um mero episódio, aquela noite em Veneza em que ela encontrou no quarto coisa pior do que uma pulga, embora quiçá melhor do que outras coisas.

"Mas aqui estão tão seguras quanto na Inglaterra; a *signora* Bertolini é tão inglesa."

"Contudo, nossos quartos cheiram mal", afirmou a pobre Lucy. "A idéia de ir para a cama nos enche de pavor."

"Ah, então seus quartos dão para o pátio." Ela suspirou. "Se ao menos o senhor Emerson tivesse tido um pouco mais de tato! Compadecemo-nos de sua situação ao jantar."

"Creio que estava tentando ser gentil."

"Sem dúvida que estava", asseverou a senhorita Bartlett.
"O senhor Beebe acaba de dar-me uma reprimenda por causa
de minha natureza desconfiada. Claro que me refreei em defesa de minha prima."

"Claro", disse a velhinha; então murmurou que todo cuidado era pouco quando se tratava de moças.

Lucy procurou aparentar recato, mas sentiu-se como uma grande tola. Ninguém se preocupava com ela em casa; ou, de todo modo, não que ela

houvesse percebido.

"Sobre o senhor Emerson pai, quase nada sei. Não, ele não tem muito tato; entretanto, já notou que há pessoas que fazem coisas tão indelicadas e, ao mesmo tempo... belas?"

"Belas?", perguntou a senhora Bartlett, perplexa com a palavra. "A delicadeza e a beleza não são o mesmo?"

"Assim se acharia", respondeu a outra, impotente. "Mas as coisas são tão difíceis, eu penso às vezes."

Ela não prosseguiu discorrendo sobre as coisas, pois o senhor Beebe reapareceu, aparentando grande alegria.

"Senhorita Bartlett", ele exclamou, "está tudo resolvido quanto aos quartos. Estou muito feliz. O senhor Emerson estava falando disso no salão de fumar e, ciente da minha intenção, encorajei-o a repetir o convite. Ele permitiu que eu viesse aqui e lhe perguntasse. Ele ficaria muito satisfeito."

"Oh, Charlotte", Lucy protestou, "precisamos ficar com os quartos agora. Aquele senhor está sendo o mais bondoso e gentil possível."

A senhorita Bartlett não respondeu.

"Temo", disse o senhor Beebe, depois de uma pausa, "que tenha me intrometido. Devo desculpar-me por minha interferência."

Bastante aborrecido, ele virou-se para sair. Foi só então que veio a resposta da senhorita Bartlett:

"Meus próprios desejos, querida Lucy, não têm nenhuma importância, se comparados aos seus. Seria realmente muito duro impedi-la de fazer o que quiser em Florença, sobretudo quando devo à sua benevolência o fato de eu estar aqui. Se quiser alijar esses cavalheiros de seus quartos, eu não me oporei. O senhor faria a gentileza então, senhor Beebe, de dizer ao senhor Emerson que aceito seu amável convite; poderia, em seguida, trazê-lo aqui, para que eu tenha a oportunidade de agradecer-lhe pessoalmente?"

Ela alteou a voz ao falar; foi ouvida em toda a sala de estar, calando os guelfos e os gibelinos. O sacerdote, maldizendo em silêncio o sexo feminino, curvou-se e saiu com sua mensagem.

"Lembre-se, Lucy, apenas eu estou implicada nesse assunto. Não quero que o consentimento seja dado por você. Deixe que cuido disso."

O senhor Beebe estava de volta, e disse com certo nervosismo:

"O senhor Emerson está ocupado, mas, em vez dele, aqui está o filho."

O jovem baixou os olhos para as três damas, que sentiram como se estivessem sentadas no chão, de tão baixas que eram as cadeiras.

"Meu pai", ele declarou, "está no banho, de modo que a senhorita não pode agradecer-lhe pessoalmente. Mas qualquer recado dado pela senhorita a mim será transmitido por mim a ele, assim que ele sair."

O banho pegou a senhorita Bartlett de surpresa. Enrolou-se nas fórmulas espinhosas da etiqueta. O jovem senhor Emerson logrou um notável triunfo, para o deleite do senhor Beebe e o secreto contentamento de Lucy.

"Pobre jovem!", declarou a senhorita Bartlett, assim que ele saiu. "Como está zangado com o pai acerca dos quartos! É tudo que pode fazer, em nome da educação."

"Em meia hora mais ou menos os quartos estarão prontos", disse o senhor Beebe. Então, olhando um pouco pensativo para as duas primas, retirou-se para o próprio quarto, para deitar notas em seu diário filosófico.

"Oh, querida!", murmurou a velhinha, tremelicando como se todos os ventos do paraíso houvessem afluído à casa. "Os cavalheiros muitas vezes não compreendem..." Sua voz sumiu, mas a senhorita Bartlett pareceu entender, e uma conversa se seguiu, na qual os cavalheiros que não compreendem muito bem exerceram papel de destaque. A Lucy, sem compreendê-lo também, restou a literatura. Apanhando o *Guia para o Norte da Itália*, de Baedeker, ela memorizou as datas mais importantes da história florentina. Estava determinada a divertir-se no dia seguinte. Assim a meia hora arrastou-se proficuamente, até que, por fim, a senhorita Bartlett se ergueu com um suspiro e anunciou:

"Suponho que já se possa aventurar. Não, Lucy, fique aí. Eu supervisionarei a mudança."

"Está sempre fazendo tudo", protestou Lucy.

"Decerto, minha querida. É meu dever."

"Mas gostaria de ajudá-la."

"Não, querida."

A energia de Charlotte! E seu altruísmo! Ela agira assim a vida toda, mas de fato, naquela viagem italiana, estava superando-se. Foi o que Lucy sentiu, ou esforçou-se para sentir. Entretanto havia um espírito rebelde nela que perguntava se a aceitação podia ter sido menos delicada do que bela. De todo modo, entrou no próprio quarto sem nenhum sentimento de alegria.

"Quero explicar", disse a senhorita Bartlett, "por que fiquei com o quarto maior. Naturalmente, é claro, que meu dever era cedê-lo a você; mas ocorre que ele pertence ao jovem, e tenho certeza de que sua mãe não teria gostado."

Lucy estava aturdida.

"Se for aceitar um favor, é mais conveniente que fique devedora do pai do que do filho. Sou uma mulher do mundo, na minha modesta experiência, e sei para onde as coisas vão. Contudo, o senhor Beebe é um tipo de garantia de que eles não mostrarão nenhuma pretensão a esse respeito."

"Tenho certeza de que mamãe não se importaria", assegurou Lucy, mas, novamente, com um sentimento de que havia questões mais amplas e insuspeitas.

A senhorita Bartlett apenas suspirou e enlaçou-a num abraço protetor ao desejar-lhe boa-noite. O enlace encheu Lucy de uma sensação nebulosa e, quando entrou em seu quarto, abriu a janela e aspirou o ar da noite clara, pensando no velho bondoso que lhe permitiu ver as luzes dançando no Arno, os ciprestes de San Miniato e as encostas dos Apeninos, negras contra a lua alta.

A senhorita Bartlett, em seu quarto, fechou as venezianas e trancou a porta; somente então deu uma volta pelo aposento para ver aonde os armários davam e se havia algum calabouço ou entrada secreta. Foi daí que topou com uma folha de papel, pregada acima da pia, na qual um enorme ponto de interrogação havia sido rabiscado. Nada mais.

"Que isso quer dizer?", pensou, examinando-a cuidadosamente à luz de uma vela. Sem sentido a princípio, a folha aos poucos se tornou ameaçadora, detestável, prenhe de maldade. Ela foi tomada por um impulso de destruí-la, mas felizmente lembrou que não tinha o direito de fazê-lo, pois a folha devia pertencer ao jovem senhor Emerson. De modo que a senhorita Bartlett despregou-a com cuidado, colocou-a entre dois pedaços de mata-borrão, para mantê-la intacta para ele. Então, completou a inspeção do quarto, suspirou fundo como costumava fazer e encaminhou-se para a cama.

2

Em Santa Croce sem o Baedeker

Como era agradável despertar em Florença, abrir os olhos em um quarto luminoso e desprovido de adornos, com um chão de lajotas vermelhas que parecem limpas embora não estejam e com um teto pintado, onde grifos cor-de-rosa e cupidos azuis brincavam numa floresta de violinos e fagotes amarelos. Era agradável, outrossim, abrir as janelas de par em par, prender os lingotes em alças estranhas e debruçar-se ao sol, diante de belas colinas, de árvores e igrejas de mármore e, bem perto, avistar o Arno gorgolejando em meio à devesa da rua.

Do outro lado do rio homens trabalhavam com pás e peneiras na praia arenosa e, no rio, havia um barco, também diligentemente empregado para uma finalidade obscura. Um bonde elétrico passou zunindo abaixo da janela. Não havia ninguém dentro, com exceção de um turista; mas suas plataformas estavam tomadas por italianos, que preferiam ficar de pé. Crianças tentavam equilibrar-se atrás e o cobrador, sem nenhuma malícia, cuspia-lhes na cara, para fazê-las sair. Então os soldados apareceram — homens belos, de estatura modesta —, cada qual usando uma mochila revestida de pele enxovalhada e um sobretudo pesado que parecia ter sido talhado para alguém bem maior. Ao lado deles caminhavam os oficiais, insensatos e ferozes, e, diante deles, seguiam uns molequinhos, que davam cabriolas ao ritmo da banda. O bonde ficou preso no meio da multidão e deslocou-se com dificuldade, como uma lagarta num formigueiro. Um dos garotinhos caiu e uns novilhos brancos surgiram de trás de uma arcada. De fato, se não fosse pela sugestão de um velho que vendia abotoadeiras, a via nunca teria sido desobstruída.

Trivialidades como essas podem ocupar muitas horas valiosas e o viajante que vai à Itália para estudar os valores táteis de Giotto ou a corrupção do papado pode voltar com nenhuma outra recordação além do céu azul e dos homens e mulheres que vivem abaixo dele. Por isso foi bom que a senhorita

Bartlett batesse e entrasse e, depois de comentar o fato de a prima ter deixado a porta destrancada e de estar à janela antes de ter se arrumado, insistisse para que ela se apressasse ou logo perderiam a melhor parte do dia. Quando Lucy desceu, toda aprumada, sua prima já havia tomado o café e, em meio aos farelos, ouvia a dama inteligente.

Uma conversa então se seguiu, numa linha que parecia familiar. A senhorita Bartlett estava, afinal, um tiquinho cansada, e pensou que talvez pudessem passar a manhã arrumando as coisas; a não ser que Lucy fizesse questão de sair. Lucy queria sair, pois era seu primeiro dia em Florença, mas, é claro, podia ir sozinha. A senhorita Bartlett não podia permiti-lo. Decerto que acompanharia Lucy onde esta fosse. Oh, certamente que não; Lucy ficaria na pensão, com a prima. Oh, não! Não podia ser. Ah, sim!

Nesse ponto, a mulher inteligente interveio.

"Se está preocupada com as lições da senhora Grundy, asseguro-lhe que pode deixar de lado esta boa senhora. Sendo inglesa, a senhorita Honeychurch estará perfeitamente segura. Os italianos entendem. Uma querida amiga minha, a condessa Baroncelli, que tem duas filhas, quando não pode mandar a criada para a escola com elas, permite que as duas sigam sozinhas, com seus chapéus de palha, de aba redonda. Todos as tomam por inglesas, veja bem, especialmente se o cabelo estiver bem preso atrás.

A senhorita Bartlett não ficou convencida da segurança das filhas da condessa Baroncelli. Estava determinada a acompanhar Lucy. Afinal, sua cabeça não estava tão ruim assim. A dama inteligente então disse que iria passar a manhã em Santa Croce e, se Lucy quisesse ir, ela ficaria encantada.

"Eu a levarei pelo caminho de trás, por uma linda estrada de terra, senhorita Honeychurch, e, se me trouxer sorte, teremos uma aventura."

Lucy respondeu que era muito amável e de pronto abriu o Baedeker, para ver onde ficava Santa Croce.

"Não, não! Senhorita Lucy! Espero que logo consigamos libertá-la do Baedeker. Ele mal toca a superfície das coisas. E, quanto à verdadeira Itália, não chega nem perto. A verdadeira Itália só pode ser encontrada por meio de observação paciente."

Isso soava muito interessante. Lucy terminou depressa seu desjejum e partiu, bastante entusiasmada, com sua nova amiga.

A Itália por fim estava chegando. A *signora cockney* e seus atavios haviam desaparecido como um sonho ruim.

A senhorita Lavish — pois este era o nome da dama inteligente — dobrou a direita, caindo no ensolarado Lungarno. Que calor delicioso! Mas um vento vindo das travessas que cortava como faca, não é mesmo? Ponte alle Grazie — particularmente interessante, mencionada por Dante. San Miniato — bela e também interessante; o crucifixo que beijou um assassino — a senhorita Honeychurch deve ter ouvido falar dessa história. Os homens no rio estavam pescando. (Falso; mas assim também era a maior parte das informações.) Então a senhorita Lavish disparou para baixo da arcada dos novilhos brancos, parou, e gritou:

"Um aroma! Um verdadeiro aroma florentino! Cada cidade, permita-me ensinar-lhe, tem seu próprio cheiro."

"É um aroma bem agradável?", perguntou Lucy, que herdara da mãe uma aversão à sujeira.

"Não se vem para a Itália para coisas agradáveis", foi a réplica; "vem-se para a vida. *Buon giorno*! *Buon giorno*!", ela disse, curvando-se à direita e à esquerda. "Veja que adorável a carroça de vinhos! Olhe como o motorista nos observa, uma alma simples e bondosa!"

Assim a senhorita Lavish prosseguiu pelas ruas da cidade de Florença, pequenina, agitada e folgazã como um filhote de gato, mas sem a mesma graça. Era fantástico para uma garota estar junto de alguém tão inteligente e tão alegre; e seu manto militar azul, do tipo usado pelos oficiais, só aumentava o senso de festividade.

"*Buon giorno*! Aceite a palavra de uma anciã, senhorita Lucy: nunca se arrependerá por demonstrar um pouquinho de cortesia a seus inferiores. *Essa* é a verdadeira democracia. Embora eu seja igualmente uma verdadeira radical. Pronto, está chocada."

"Não, de fato, não estou!", exclamou Lucy. "Também somos radicais, por inteiro. Meu pai sempre votou no senhor Gladstone, até ele agir de modo tão medonho em relação à Irlanda."

"Entendo, entendo. E agora se uniram ao inimigo."

"Oh, por favor...! Se meu pai estivesse vivo, decerto votaria com os radicais agora que a Irlanda está bem. Assim, já quebraram o vidro de nossa porta da frente nas últimas eleições. Freddy tem certeza de que foram os conservadores; mas mamãe diz que é bobagem, que foi um vagabundo."

"Vergonhoso! Suponho que seja um distrito industrial."

"Não... Fica nas colinas de Surrey. Cerca de sete quilômetros de Dorking, com vista para a região do Weald."

A senhorita Lavish pareceu interessada, e diminuiu o passo.

"Que gleba deliciosa; conheço-a bem. Está cheia de pessoas extremamente simpáticas. Conhece sir Harry Otway... o maior dos Radicais?"

"Conheço-o muito bem."

"E a velha senhora Butterworth, a filantropa?"

"Ora, ela arrenda umas terras nossas! Que engraçado!"

A senhorita Lavish observou a estreita nesga de céu, e murmurou:

"Oh, vocês têm propriedades em Surrey?"

"Quase nada", protestou Lucy, temerosa de ser considerada uma esnobe. "Somente trinta acres... apenas o jardim, todo o sopé do morro e uns prados."

A senhorita Lavish não ficou aborrecida, e disse que era do tamanho da propriedade de sua tia, em Suffolk. A Itália foi esquecida. Procuravam lembrar-se do último nome de lady Louisa alguma coisa, que havia alugado uma casa perto da rua Summer no ano anterior, casa de que ela não gostou, contrariamente ao que se esperava. E, tão logo a senhorita Lavish se recordou do nome, deteve-se e exclamou:

"Nossa! Que Deus nos proteja! Estamos perdidas."

Certamente estavam demorando muito para chegar à Santa Croce, cuja torre se avistava com muita clareza da janela do térreo. Mas a senhorita Lavish fizera tamanho alarde de seu conhecimento de Florença que Lucy seguira-a sem grande apreensão.

"Perdidas! Perdidas! Minha querida Lucy, durante nossas diatribes políticas, entramos na rua errada. Como aqueles horrendos conservadores zombariam de nós! Que vamos fazer? Duas mulheres sozinhas numa cidade desconhecida. Agora, isso é que chamo de uma aventura."

Lucy, que queria conhecer Santa Croce, sugeriu, como possível solução, que perguntassem como se chegava lá.

"Ah, mas essa é uma atitude covarde! E não, não vá olhar o seu Baedeker. Dê-me aqui; não vou deixar carregá-lo. Vamos apenas perambular por aí."

Assim, elas perambularam por uma série daquelas ruas marrom-acinzentadas, nem amplas nem pitorescas, abundantes na parte leste da cidade. Lucy logo perdeu interesse no descontentamento de lady Louisa, e ficou, ela mesma, descontente. Num momento arrebatador, a Itália reapareceu. Ela parou no meio da praça da Annunziata e viu, na vívida terracota, aqueles

infantes divinos que nenhuma reprodução barata jamais poderá avelhentar. Lá se postavam, com seus membros luzidios despontando das vestes caritativas, e seus braços alvos e fortes estendidos diante de pequenos círculos celestes. Lucy julgou nunca ter visto algo tão belo; mas a senhorita Lavish, com um gritinho de preocupação, arrastou-a para a frente, declarando que haviam se afastado do caminho pelo menos dois quilômetros.

Chegava a hora em que o café-da-manhã continental começava a, ou melhor, parava de fazer-se sentir, e elas compraram em uma lojinha uma pasta quente de castanha, pois o doce pareceu-lhes bastante típico. Em parte tinha gosto do papel em que fora embrulhado, em parte, de óleo de cabelo e, em parte, tinha sabor do grande desconhecido. Mas deu-lhes força para caminhar até outra praça, ampla e empoeirada, em cujo lado oposto se erguia uma fachada branca e preta de feiúra extraordinária. A senhorita Lavish falou à construção de modo dramático. Era Santa Croce. A aventura havia findado.

"Espere um instante; deixe aquelas duas pessoas irem embora, ou terei de me dirigir a elas. Detesto conversações convencionais. Horrível! Eles também vão à igreja. Oh, esses cidadãos ingleses no exterior!"

"Nós nos sentamos diante deles durante o jantar, na noite anterior. Eles nos ofereceram seus quartos. Foram tão gentis."

"Repare no jeito deles!", riu a senhorita Lavish. "Andam pela Itália como um par de vacas. Sei que estou sendo bastante malvada, mas gostaria de criar uma prova de admissão em Dover, e recusar todos os turistas que não forem julgados aptos."

"Que tipo de perguntas nos faria?"

A senhorita Lavish pousou as mãos suavemente sobre o braço de Lucy, como que sugerindo que ela, de todo modo, obteria nota máxima. Nesse espírito exaltado, as duas atingiram os degraus da magnífica igreja e estavam prestes a entrar quando a senhorita Lavish estacou, guinchou, agitou os braços para o alto e gritou:

"Lá vai meu fornecedor de cor local! Preciso ter uma palavrinha com ele!"

E, num instante, estava de volta à *piazza*, com o casaco militar desfraldado ao vento; e ela não retardou a marcha até alcançar um velho com suíças brancas e beliscar-lhe de brincadeira o braço.

Lucy aguardou quase dez minutos. Então começou a ficar enfastiada. Os mendigos a preocupavam, a poeira soprava em seus olhos e lembrou-se de que uma jovem não deveria vadiar em lugares públicos. Ela desceu lentamente a

escadaria na direção da *piazza* com a intenção de reunir-se à senhorita Lavish, que realmente estava quase passando dos limites. Mas, no mesmo instante, a senhorita Lavish e seu fornecedor de cor local também se deslocaram e desapareceram por uma viela lateral gesticulando muito.

Lágrimas de indignação acumularam-se nos olhos de Lucy, "em certa medida porque a amiga a havia abandonado, em certa medida porque ela lhe levara o Baedeker. Como saberia voltar para casa? Como saberia andar por Santa Croce? Sua primeira manhã estava arruinada, e ela talvez nunca mais voltasse à Florença. Uns poucos minutos antes se sentira no melhor dos ânimos, conversando como se fosse uma mulher culta, deixando-se convencer, até certo ponto, de que era uma pessoa bastante original. Agora entrava na igreja deprimida e humilhada, sem nem ao menos lembrar se o edifício fora construído pelos franciscanos ou pelos dominicanos.

Claro que devia ser uma construção maravilhosa. Mas como se parecia com um celeiro! E que gélida! Claro que continha afrescos de Giotto, em cujos valores táteis ela seria capaz de sentir a emoção adequada. Mas quem lhe diria quais eram os afrescos corretos? Ela caminhava com desdém, sem querer demonstrar entusiasmo diante de monumentos de autoria ou data desconhecidas. Não havia ninguém para lhe dizer qual, de todas as lajes sepulcrais que pavimentavam a nave e os transeptos, era aquela realmente bela, aquela que recebera tantos elogios do senhor Ruskin.

Então o encanto pernicioso da Itália instalou-se nela e, em vez de adquirir informação, ela começou a sentir-se feliz. Tentou decifrar os avisos em italiano — o aviso que proibia a entrada de cães na igreja; o aviso que pedia aos visitantes, em nome da saúde e em respeito ao edifício sagrado em que se encontravam, que não cuspissem no chão. Ela observou os turistas, os narizes tão vermelhos quanto os seus Baedekers, de tão fria era Santa Croce. Contemplou o terrível destino que incidiu sobre três papistas — dois garotos e uma garota — que iniciavam a carreira devota abluindo-se em água-benta para, em seguida, dirigir-se ao memorial de Maquiavel, encharcados mas abençoados. Aproximando-se muito lentamente, cruzando imensas distâncias, tocavam a pedra com os dedos, os lenços, a cabeça, e então retornavam. O que aquilo poderia significar? Eles repetiram o ritual diversas vezes. Então Lucy percebeu que provavelmente confundiam Maquiavel com algum santo e, por meio do contínuo contato com o relicário, tinham esperança de adquirir virtude. A punição não tardou. O garoto menor tropeçou numa das lajes tão

admiradas pelo senhor Ruskin e prendeu o pé no relevo de um bispo decumbente. Posto que protestante, Lucy correu para acudi-lo. Chegou tarde. O menino desabou sobre os dedos em riste do prelado.

"Bispo detestável!", exclamou a voz do velho senhor Emerson, que também se adiantara. "Duro na vida, duro na morte. Vá para o sol, garotinho, e deixe que a luz do sol lhe beije a mão, pois é lá que deveria estar. Bispo intolerável!"

O garoto começou a chorar freneticamente ao ouvir essas palavras e ver as pessoas medonhas que o levantaram, espanaram-no, esfregaram-lhe as feridas e disseram para não ser supersticioso.

"Olhe só para ele!", disse o senhor Emerson para Lucy. "Está em frangalhos: um menininho machucado, amedrontado e com frio! Mas o que mais se pode esperar de uma igreja?"

As pernas da criança ficaram como que feitas de cera derretida. Cada vez que o senhor Emerson e Lucy a levantavam, ela caía com estardalhaço. Felizmente uma senhora italiana, que ali devia ter estado a rezar, veio socorrê-los. Em razão de alguma virtude misteriosa, que somente as mães possuem, ela apoiou a espinha do garotinho e conferiu força aos seus joelhos. Ele se ergueu. Ainda balbuciando e agitado, o menino afastou-se.

"Você é uma mulher inteligente", disse o senhor Emerson. "Prestou um serviço maior do que todas as relíquias do mundo. Não professo a sua fé, mas acredito naqueles que se preocupam com o bem-estar das criaturas. Não há esquema no universo..."

Ele interrompeu-se para achar a palavra.

"*Niente*", disse a senhora italiana, e voltou às suas orações.

"Não creio que ela compreenda inglês", sugeriu Lucy.

A seu modo moderado, deixou de desprezar os Emersons. Estava determinada a ser gentil com eles, preferindo a beleza à delicadeza, e, se possível, suplantando a fria polidez da senhorita Bartlett com alguma referência graciosa aos quartos agradáveis.

"Aquela mulher entende tudo", foi a resposta do senhor Emerson. "Mas o que está fazendo aqui? Admirando a igreja? Acabou o passeio?"

"Não", exclamou Lucy, recordando sua aflição. "Vim para cá com a senhorita Lavish, que me explicaria tudo; e, quando estávamos bem na porta (é terrível!), ela simplesmente saiu correndo e, depois de esperar um pouco, fui obrigada a entrar sozinha."

"Por que não entraria?", indagou o senhor Emerson.

"Sim, por que não entraria sozinha?", repetiu o filho, dirigindo-se pela primeira vez à jovem.

"Mas a senhorita Lavish levou meu Baedeker."

"Baedeker?", disse o senhor Emerson. "Fico feliz de ouvir que foi esse o motivo de sua preocupação. Vale a pena preocupar-se com um Baedeker. Por *isso* vale preocupar-se."

Lucy ficou intrigada. Mais uma vez sentiu a presença de uma nova idéia, mas não tinha certeza de até onde esta a conduziria.

"Se está sem o seu Baedeker", sugeriu o filho, "é melhor juntar-se a nós."

Era para aí que a idéia a levaria? Lucy recorreu à sua dignidade.

"Muito obrigada, mas nem cogitaria isso. Espero que não pensem que vim juntar-me aos senhores. Só vim ajudar a criança e agradecer-lhe pelo gesto amável de nos ter cedido os quartos na noite passada. Espero que não os tenha feito passar por nenhum contratempo."

"Minha querida", disse o velho, com brandura, "acho que está repetindo o que ouviu de outras pessoas mais velhas. Finge ser melindrosa; mas não é, na verdade. Pare de ser tão cansativa, e diga-me, em vez disso, que parte da igreja deseja ver. Levá-la aonde quiser ir será um imenso prazer."

Agora, isso era uma impertinência intolerável, e ela deveria ficar furiosa. Mas por vezes é tão difícil perder a paciência quanto é, em outras ocasiões, manter a calma. Lucy não conseguia ficar zangada. O senhor Emerson era um ancião, e decerto uma moça deveria ser indulgente com ele. Por outro lado, o filho era jovem, e ela sentiu que, se era para ofender-se, era melhor ofender-se com ele, ou, de todo modo, diante dele. Foi no rapaz que ela pousou o olhar antes de responder.

"Não sou melindrosa, espero. São os Giottos que gostaria de ver, se o senhor fizer a gentileza de me dizer quais são."

O filho fez que sim com a cabeça. Com um olhar de grave satisfação, conduziu-a à capela Peruzzi. Havia um toque professoral nele. A moça sentiu-se como uma criança que, na escola, havia respondido corretamente à pergunta.

Uma congregação austera já se aglomerava na capela, e do centro erguia-se a voz de um palestrante, dando à platéia instrução de como reverenciar

Giotto, não por valorações táteis, mas por padrões do espírito.

"Lembrem-se", dizia ele, "dos fatos sobre esta igreja de Santa Croce; como foi erigida pela fé em pleno fervor medieval, antes que qualquer mácula do Renascimento surgisse. Observem como Giotto, nestes afrescos (agora, infelizmente, arruinados pela restauração), não se preocupa com as armadilhas da anatomia e da perspectiva. Pode algo ser mais majestoso, mais patético, belo, verdadeiro? Podemos perceber de que quase nada servem o conhecimento e a destreza técnica a um homem que pode realmente sentir!"

"Não!", gritou o senhor Emerson, alteando a voz em demasia. "Não se lembrem de nada dessa ordem! Erigida pela fé, com efeito! Isso simplesmente quer dizer que os operários não foram pagos adequadamente. E quanto aos afrescos, não vejo nenhuma verdade neles. Observem aquele homem gordo de azul! Deve pesar quase tanto quanto eu, e está subindo aos céus como um balão de gás."

Ele se referia ao afresco da ascensão de São João. De dentro, a voz do palestrante vacilou, como era de esperar. A audiência movimentou-se, sentindo-se constrangida, assim como Lucy. Ela teve a certeza de que não deveria andar com aqueles dois; mas haviam-na enfeitiçado. Eram tão sérios e estranhos que esquecia como portar-se.

"Mas isso aconteceu, ou não? Sim ou não?"

George respondeu:

"Foi assim que aconteceu, se é que aconteceu. Eu teria preferido subir aos céus por minha própria conta do que sendo arrastado por querubins; e, se chegasse lá, gostaria que meus amigos estivessem me esperando, como fazem aqui."

"Você nunca irá para lá", retrucou o pai. "Eu e você, meu bom rapaz, descansaremos em paz na terra que nos gerou, e nossos nomes desaparecerão com tanta certeza quanto nossa obra permanecerá."

"Algumas pessoas só conseguem ver o túmulo vazio, não o santo, quem quer que seja, ascendendo aos céus. Foi assim que se deu, se é que se deu."

"Perdoem-nos", disse uma voz gélida. "A capela é um pouco pequena para dois grupos. Nós não os incomodaremos mais."

O conferencista era um clérigo e a audiência parecia ser formada por seu rebanho, pois traziam à mão livros de oração, de par com os guias turísticos. Saíram da capela em silêncio. Dentre os devotos estavam as duas pequeninas damas da pensão Bertolini — a senhorita Teresa e a senhorita Catharine Alan.

"Parem!", gritou o senhor Emerson. "Há espaço para todos. Parem!"

A procissão desapareceu sem emitir palavra. Logo o palestrante pôde ser ouvido na capela contígua, descrevendo a vida de São Francisco.

"George, acredito que aquele sacerdote é o cura de Brixton."

George foi até a capela ao lado e voltou, dizendo: "Talvez seja ele. Não me lembro".

"Então é melhor que eu fale com ele para lembrá-lo de quem sou. É aquele senhor Eager. Por que ele saiu? Estávamos falando muito alto? Que embaraçoso! Devo ir e me desculpar. Não devo? Quem sabe assim ele volte."

"Ele não voltará", declarou George.

Mas o senhor Emerson, contrito e infeliz, foi correndo desculpar-se com o reverendo Cuthbert Eager. Lucy, aparentemente absorta numa luneta, mais uma vez ouviu a explanação ser interrompida, a voz ansiosa e agressiva do velho, as respostas secas e magoadas do oponente. O filho, para quem todo pequeno contratempo tinha ares de tragédia, também escutava.

"Meu pai exerce esse efeito sobre quase todo mundo", ele explicou. "Ele tentará ser gentil."

"Espero que todos tentemos", ela disse, sorrindo com certo nervosismo.

"Pois achamos que melhora nosso caráter. Mas ele é gentil com as pessoas porque as ama; e elas detectam sua intenção, ficam ofendidas ou se assustam."

"Como são tolas!", retorquiu Lucy, embora, em seu íntimo, entendesse-lhes a razão. "Acho que uma ação gentil executada com tato..."

"Tato!"

Ele ergueu a cabeça, contrafeito. Aparentemente ela dera a resposta errada. Observou a criatura singular andar de um lado para outro na capela. Para um moço, seu rosto era vincado e, quando as sombras o cobriam, duro. Longe das sombras, as feições se amenizavam. Ela o viu uma vez mais em Roma, no alto da capela Sistina, transportando um fardo de bolotas. Saudável e musculoso, ele lhe dava a sensação de melancolia, de tragédia, cuja solução só

podia ser encontrada na noite. A sensação logo passou; não era comum que ela cogitasse algo tão sutil. Nascida do silêncio e de emoções desconhecidas, passou com a volta do senhor Emerson, quando ela pôde volver ao mundo da conversação ligeira, a única que lhe era familiar.

"Eles o esnobaram?", perguntou o filho, com tranqüilidade.

"Mas estragamos o prazer de não sei quantas pessoas. Elas não voltarão."

"...cheio de compaixão inata... rapidez para perceber a bondade dos outros... visão da irmandade entre os homens..." Pedaços da palestra sobre São Francisco flutuavam por cima da parede divisória.

"Não vamos estragar a nossa", ele continuou, voltando-se para Lucy. "Reparou nesses santos?"

"Sim", respondeu Lucy. "São adoráveis. O senhor sabe qual túmulo foi louvado por Ruskin?"

Ele não sabia, e sugeriu que tentassem adivinhar. George, um pouco para alívio de Lucy, insistiu em ficar, e ela e o velho andaram de modo não de todo insatisfatório por Santa Croce, a qual, posto que parecida com um celeiro, armazenara belos frutos dentro de suas paredes. Havia também mendigos a serem evitados e guias de quem era preciso desviar-se, além de uma velhota com um cãozinho e, aqui e ali, um padre esgueirando-se pelos grupos de turistas, em direção à missa. Mas o senhor Emerson parecia apenas em parte interessado. Ele observou o conferencista, cujo êxito acreditava ter prejudicado, e então ansiosamente contemplou o filho.

"Será que não tirará os olhos do afresco?", indagou, incomodado. "Não vi nada ali."

"Gosto de Giotto", ela respondeu. "O que dizem sobre seus valores táteis é tão maravilhoso. Apesar de eu preferir coisas tais como os bebês de Della Robbia."

"Pois deveria mesmo. Uma criança vale uma dúzia de santos.
E meu filho vale todo o paraíso, mas, até onde percebo, vive no inferno."

Lucy mais uma vez sentiu que o comentário era inapropriado.

"No inferno", ele repetiu. "Ele anda infeliz."

"Ah, coitado!", lamentou Lucy.

"Como ele pode ser infeliz quando está forte e vivo? Que mais alguém pode lhe oferecer? E quando penso no modo como foi criado... livre de toda superstição e da ignorância que levam os homens a odiarem uns aos outros em nome de Deus. Com uma educação como essa, achava que ele se tornaria um rapaz feliz."

Lucy não era especialista em teologia, mas sentiu que estava diante de um velho muito leviano, bem como bastante anti-religioso. Ela também sentiu que a mãe não teria gostado que conversasse com esse tipo de pessoa e que Charlotte teria objetado com fervor ainda maior.

"Que devemos fazer com ele?", o senhor Emerson indagou. "Tira suas férias na Itália e se comporta... desse modo; como o menininho que deveria estar brincando e que se machucou na tumba. Hein? Que acha?"

Lucy não deu nenhuma sugestão. De repente, ele continuou:

"Agora, não encare o assunto com estultícia. Não peço que se apaixone por meu rapaz, mas realmente acredito que poderia tentar entendê-lo. A senhorita tem quase a idade dele e, se se soltasse, tenho certeza de que é sensata. Poderia ajudar-me. Ele conheceu tão poucas mulheres, e a senhorita tem tempo. Ficará por aqui várias semanas, suponho? Mas precisa soltar-se. A senhorita está sujeita a meter-se em atoleiros, se me permite presumir pela noite passada. Solte-se. Extraia das profundezas aqueles pensamentos que não compreende, e os estenda ao sol, para descobrir-lhes o significado. Ao compreender George, poderá ser capaz de compreender a si mesma. Será bom para os dois."

Lucy não encontrou nenhuma resposta para esse discurso extraordinário.

"Sei apenas o que há de errado com ele; mas não a causa."

"E o que é?", indagou Lucy com timidez, temendo uma história escabrosa.

"O velho problema: as coisas não se encaixam."

"Que coisas?"

"As coisas do universo. O que é bem real. Elas não se encaixam."

"Ah, senhor Emerson, que quer dizer com isso?"

Com sua voz extraordinária, de forma que ela quase não percebeu que recitava poesia, o velho declamou:

De vésperas ou matinais lonjuras,
e do remoto céu dos doze ventos,
o tecido da vida que me cose
p'ra cá soprou: aqui estou.[12]

"George e eu temos ciência disso, mas por que tal fato o deixaria perturbado? Sabemos que somos feitos da matéria dos ventos, e que para os ventos tornaremos; e que toda vida talvez seja apenas um nó, um emaranhado, uma mancha na eterna suavidade. Mas por que isso deveria nos fazer infelizes? Em vez disso, devemos amar uns aos outros, trabalhar e rejubilar-nos. Não acredito nessa melancolia mundana."

A senhorita Honeychurch assentiu.

"Então faça meu rapaz pensar como nós. Faça-o perceber que ao lado do eterno 'Por quê' há um 'Sim'... um Sim transitório se quiser, mas um Sim."

De súbito, ela riu; decerto era para rir. A melancolia de um jovem por causa do universo que não se encaixa, por causa da vida que era um emaranhado, um vento ou um Sim, ou algo semelhante!

"Sinto muito", ela disse. "Deve pensar que sou insensível, mas... mas..." Então, voltou a ser antiquada. "Ah, mas seu filho precisa de uma ocupação. Ele tem algum *hobby* em especial? Ora, eu mesma tenho preocupações, mas em geral delas me esqueço quando estou ao piano; e colecionar selos fez maravilhas para meu irmão. Talvez a Itália o aborreça; deveriam tentar os Alpes ou os lagos."

O semblante do velho entristeceu e ele tocou-a delicadamente com a mão. Lucy não se alarmou; achou que seu conselho o deixara impressionado, e que a estava agradecendo. De fato, ele não mais a amedrontava; considerava-o agora uma coisa gentil, conquanto um pouco sem juízo. Os sentimentos de Lucy estavam tão espiritualmente inflados quanto estiveram, em termos estéticos, fazia uma hora, antes de perder o Baedeker. O pobre George, agora caminhando em sua direção com passadas amplas sobre as tumbas, parecia ao mesmo tempo absurdo e digno de pena. Ele aproximou-se, o rosto nas sombras. E disse:

"Senhorita Bartlett."

"Oh, Deus do céu!", exclamou Lucy, repentinamente caindo em si e mais uma vez vendo toda a vida por uma nova perspectiva. "Onde? Onde?"

"Na nave."

"Estou vendo. Aquelas linguarudas senhoritas Alans devem ter..." Ela refreou-se.

"Pobre menina!", explodiu o velho senhor Emerson. "Pobre menina!"

Ela não podia deixar o comentário sem resposta, pois infeliz era justamente como se sentia.

"Pobre menina? Não creio que entendo a razão de seu comentário. Considero-me uma moça muito afortunada, posso assegurar-lhe. Estou completamente feliz e estou me divertindo muito. Por favor, não perca seu tempo lamentando minha situação. Há muito pesar no mundo, não há?, sem que precisemos inventar outro. Adeus. Agradeço muito sua atenção. Ah, sim! Lá vem minha prima. Que manhã agradável! Santa Croce é uma igreja maravilhosa."

Ela correu para unir-se à prima.

3

Música, violetas e a letra E

Então ocorreu que Lucy, que achava a vida cotidiana um tanto caótica, entrou num mundo mais sólido quando se sentou ao piano. Deixou de portar-se de modo respeitoso ou condescendente; não era mais rebelde nem escrava. O reino da música não é um reino deste mundo; aceita os rejeitados tanto pela criação quanto pelo intelecto e pela cultura. O ser humano ordinário começa a tocar e lança-se ao empíreo sem esforço, enquanto nós olhamos para cima, espantados com o modo como ele nos escapou, procurando descobrir como podemos venerá-lo e amá-lo, caso ele pudesse nos traduzir suas visões em palavras humanas e suas experiências em ações humanas. Talvez não possa; decerto não o faz, ou o faz muito raramente. Lucy nunca o fez.

Ela não era uma *exécutante* que causasse impressão; suas volatas não se assemelhavam a uma série de pérolas e ela não atingia mais notas certas do que o que se espera de uma pessoa com sua idade e de sua condição. Tampouco era uma jovem passional, capaz de arrancar notas trágicas numa noite de verão com a janela descerrada. A paixão estava ali, mas não podia ser facilmente classificada; pendia entre o amor, o ódio e o ciúme, além de toda a mobília do estilo pictórico. E ela apenas era trágica no sentido de que era grandiosa, pois adorava aliar-se a Vitória durante suas execuções. Vitória de quê e sobre o quê — trata-se de algo que as palavras da vida cotidiana são incapazes de nos explicar. Que algumas sonatas de Beethoven são escritas de modo trágico, ninguém pode negar; contudo, podem triunfar ou lançar ao desespero segundo a decisão do músico; e Lucy sempre se decidia pelo triunfo.

Uma tarde bastante chuvosa em Bertolini permitiu que a moça fizesse aquilo que tanto a deleitava e, após o almoço, abriu o pequeno piano drapejado. Umas poucas pessoas ficaram em torno e elogiaram sua execução, mas, vendo que ela não respondia, dirigiram-se para os quartos, a fim de escrever em seus diários ou para dormir. Ela não reparou no senhor Emerson

à procura do filho nem na senhorita Bartlett em busca da senhorita Lavish, tampouco na senhorita Lavish à cata de sua cigarreira. Como todo músico verdadeiro, embriagava-se com a mera sensação das notas: eram como dedos acariciando seus dedos; e, pelo toque, não apenas pelo som, ela aplacou o seu desejo.

O senhor Beebe, sentado impercebido à janela, ponderou acerca desse elemento ilógico que havia na senhorita Honeychurch, e lembrou-se da ocasião em Tunbridge Wells, quando ela lhe chamou a atenção. Foi durante esses espetáculos com que as classes mais altas distraem as mais baixas. Os assentos estavam tomados por uma platéia respeitosa e as damas e os cavalheiros da paróquia, sob os auspícios do vigário, cantavam, ou recitavam, ou imitavam o pipocar de uma rolha de champanhe. Dentre os itens promissores estava "Senhorita Honeychurch. Piano. Beethoven", e o senhor Beebe perguntava a si mesmo se seria "Adelaide" ou a marcha das "Ruínas de Atenas", quando sua serenidade foi abalada pelos compassos de abertura da "Opus 111". Ele permaneceu em suspense durante toda a introdução, pois somente quando o ritmo se acelera é que se percebe o que o artista pretende. Pelo trovejar do tema de abertura, soube que as coisas pendiam para o aparatoso; nas cordas que anunciam a conclusão, ouviu o martelar da vitória. Apreciou o fato de ela apenas ter executado o primeiro movimento, pois não teria botado reparo nas complexidades sinuosas da medida de nove-dezesseis. A platéia aplaudiu, com idêntico respeito. Foi o senhor Beebe quem puxou o aplauso; era o mínimo que podia fazer.

"Quem é ela?", perguntou depois ao vigário.

"Prima de uma de minhas paroquianas. Não considero que sua escolha de peça tenha sido feliz. Beethoven é geralmente tão simples e direto em seu apelo que é simplesmente perverso optar por uma coisa assim, a qual, no mínimo, perturba."

"Poderia apresentá-la a mim?"

"Ela ficará muito feliz. Ela e a senhorita Bartlett só têm elogios para o seu sermão."

"Meu sermão?", exclamou o senhor Beebe. "Por que ela daria ouvidos ao meu sermão?"

Quando foi apresentado à moça, entendeu o porquê, pois a senhorita Honeychurch, apartada do banquinho do piano, era apenas uma jovem dotada de uma vasta cabeleira negra e um rosto muito bonito, muito pálido e falto de

desenvolvimento. Ela adorava ir a concertos, adorava visitar a prima, adorava café gelado e merengues. Não duvidou que a rapariga adorasse seus sermões também. Mas, antes de ir embora de Tunbridge Wells, o senhor Beebe fez um comentário ao sacerdote, que agora repetia à própria Lucy, assim que ela fechou o piano e caminhava distraidamente até ele.

"Se a senhorita Honeychurch algum dia chegar a viver como toca, será muito excitante: para nós e para ela."

Lucy de pronto retornou à vida cotidiana.

"Ah, que engraçado! Alguém disse o mesmo à mamãe, e ela respondeu que achava que eu nunca viveria um dueto."

"A senhora Honeychurch não gosta de música?"

"Ela não liga. Mas não gosta que ninguém se entusiasme por nada; acha que sou tola por causa disso. Ela acredita... nem sei o quê. Uma vez, sabe, falei que gostava de minha execução mais do que a de qualquer um. Ela nunca me perdoou. Claro que não quis dizer que eu tocasse bem; só queria dizer..."

"Claro", ele interrompeu, perguntando-se por que ela se dava ao trabalho de explicar.

"A música...", encetou Lucy, como que ensaiando algum tipo de generalidade. Não conseguiu terminar a frase e olhou para fora com ar desatento, para a Itália molhada. Toda a vida do sul era desorganizada, e a mais graciosa nação da Europa convertera-se em amontoados informes de roupa. A rua e o rio adquiriram um tom amarelo barrento; a ponte, cinza fuliginoso, e as colinas, violeta sujo. Em algum lugar daquelas concavidades, escondiam-se a senhorita Lavish e a senhorita Bartlett, que elegeram aquela tarde para visitar a torre del Galo.

"Que tem a música?", indagou o senhor Beebe.

"A pobre Charlotte ficará encharcada", foi a resposta de Lucy.

A expedição era típica da senhorita Lavish, que retornaria tiritando de frio, cansada, faminta e angelical, com a saia arruinada, um Baedeker transformado em polpa e uma tosse pigarrenta na garganta. No outro dia, quando o mundo inteiro cantava e o ar entrava pela boca como vinho, ela se recusou a arredar o pé da sala, declarando estar velha e não ser uma companhia adequada para uma garota saudável.

"A senhorita Lavish levou sua prima para o mau caminho. Ela espera encontrar a verdadeira Itália em meio ao aguaçal, eu creio."

"A senhorita Lavish é tão original", murmurou Lucy. Era o comentário-padrão, o feito supremo da pensão Bertolini em termos de definição. A senhorita Lavish era tão original. O senhor Beebe tinha lá suas dúvidas, mas, se o mencionasse, seria acusado de estreiteza clerical. Por isso e por outras razões, permaneceu calado.

"É verdade", continuou Lucy num tom de assombro, "que a senhorita Lavish está escrevendo um livro?"

"É o que dizem."

"De que trata?"

"Será um romance", respondeu o senhor Beebe, "relacionado com a Itália moderna. Recomendo que peça a opinião da senhorita Catharine Alan, ela própria capaz de usar as palavras melhor do que qualquer um que eu conheça."

"Queria que a senhorita Lavish mesma me contasse. Começamos muito amigas. Mas não acho que ela deveria ter ido embora com meu Baedeker naquela manhã em Santa Croce. Charlotte ficou muito aborrecida ao me encontrar praticamente sozinha; por isso, não pude deixar de ficar um tantinho aborrecida com a senhorita Lavish também."

"As duas, de todo modo, acabaram fazendo as pazes."

Ele estava interessado na súbita amizade entre mulheres tão aparentemente díspares quanto a senhorita Bartlett e a senhorita Lavish. Estavam sempre juntas, sendo Lucy o terceiro e negligenciado membro do grupo. O pároco acreditava que entendia a senhorita Lavish, mas a senhorita Bartlett podia ainda revelar abismos desconhecidos de estranheza, se não, talvez, de significado. Será que a Itália a estava desviando do caminho de acompanhante austera que ele lhe imputara em Tunbridge Wells? O sacerdote sempre apreciara o estudo das solteironas; eram sua especialidade, e sua profissão lhe dera amplas oportunidades para a pesquisa. Garotas como Lucy eram encantadoras de se ver, mas o senhor Beebe, por razões bastante íntimas, desenvolvera uma atitude um tanto fria em relação ao sexo oposto, e preferia ficar interessado a ficar fascinado.

Lucy, pela terceira vez, declarou que a pobre Charlotte ficaria ensopada. O Arno estava subindo com a chuvarada, apagando os traços das carretas de suas margens. Mas, no lado sudeste, podia-se avistar uma emanação imprecisa de amarelo, que tanto podia significar que o tempo melhoraria quanto que podia piorar. A moça abriu a janela para conferir, e uma rajada fria entrou no

aposento, arrancando um grito lamentoso da senhorita Catharine Alan, que entrava no mesmo instante pela porta.

"Oh, minha cara senhorita Honeychurch, desse jeito acabará pegando um resfriado. E o senhor Beebe também. Quem havia de supor que esta é a Itália? Minha irmã na verdade está lá dentro se aquecendo com bolsa de água quente; não há conforto ou instalações adequadas."

Ela arrastou-se até eles e sentou-se, constrangida como sempre ficava quando vinha dar num aposento onde já se encontravam um homem, ou um homem e uma mulher.

"Não pude deixar de ouvir sua bela execução, senhorita Honeychurch, embora estivesse no meu quarto com a porta fechada. As portas fechadas, de fato, são absolutamente necessárias. Ninguém tem a mínima idéia de privacidade neste país. E acabamos nos influenciando pela atitude geral."

Lucy respondeu de maneira apropriada. O senhor Beebe não pôde contar-lhes suas aventuras em Modena, quando uma criada irrompeu durante seu banho, exclamando alegremente: "*Fa niente, sono vecchia*". Contentou-se em dizer:

"Concordo plenamente, senhorita Alan. Os italianos são o povo mais indiscreto do mundo. Eles espreitam por todos os lugares, vêem tudo e sabem o que queremos mesmo antes de nós. Estamos à sua mercê. Eles lêem nossos pensamentos, predizem nossos desejos. Desde o motorista de praça até... até Giotto, eles nos viram de cabeça para baixo, o que me causa profunda indignação. Porém, bem no fundo, são... Como são superficiais! Não têm nenhuma concepção da vida intelectual. Como estava certa a senhora Bertolini, que exclamou para mim no outro dia: 'Ó, senhor Beebe, se soubesse como sofro com a educação dos meus filhos. Não vou permitir que minha pequena Victorier seja educada por um italiano *inhorante* que não sabe explicar *niente*!'."

A senhorita Alan não entendeu, mas supôs que fora alvo de um ligeiro deboche. Sua irmã ficara um pouco decepcionada com o senhor Beebe, pois havia esperado coisa melhor de um clérigo calvo e de suíças castanho-avermelhadas. Com efeito, quem poderia adivinhar que a tolerância, a compaixão e o senso de humor animariam aquela forma militante?

Em meio a seu contentamento, ela continuou a arrastar-se e por fim revelou-se a razão para seu estado de espírito. De uma cadeira em frente, catou uma cigarreira cinza-chumbo, onde se viam as iniciais E. L. em turquesa.

"Pertence à senhorita Lavish", explicou o clérigo. "Boa mulher, sem dúvida, mas preferiria que aderisse ao cachimbo."

"Ah, senhor Beebe", disse a senhorita Alan, dividida entre o assombro e o senso de hilaridade. "De fato, embora não seja nada bom que ela fume, não é tão medonho quanto o senhor pensa. Ela adquiriu o hábito praticamente num momento de desespero, quando o trabalho de toda a sua vida foi destruído por um deslizamento de terra. Decerto o motivo torna o hábito mais desculpável."

"Que houve?", perguntou Lucy.

O senhor Beebe sentou-se, complacente, e a senhorita Alan principiou do seguinte modo:

"Era um romance... e receio, pelo que se comentava, um romance não muito bom. É tão triste quando pessoas talentosas empregam mal seu engenho, e devo dizer que isso quase sempre ocorre. Bom, ela deixou-o quase terminado no Grotto do Calvário, no hotel Cappuccini, em Amalfi, enquanto saía à cata de tinta. Ela disse: 'Poderia me vender um pouco de tinta, por favor?'. Mas sabe como são os italianos e, nesse meio-tempo, o Grotto desabou com estrondo sobre a praia, e o mais triste de tudo é que ela não conseguia lembrar-se do que escreveu. A pobrezinha ficou bastante enferma depois disso e assim adquiriu o vício do tabaco. É um grande segredo, mas fico feliz em poder dizer que ela está escrevendo outro romance. Uns dias atrás, ela contou a Teresa e à senhorita Pole que já se assenhoreara de toda a cor local (este romance será sobre a Itália moderna; o outro era histórico), mas não podia começar até topar com uma idéia. Primeiro, tentou Perugia como inspiração, então veio para cá... Isso de modo nenhum pode transpirar. E há tanta alegria empregada em tudo! Não posso deixar de pensar que há algo a ser admirado em todas as pessoas, mesmo quando não concordamos com elas.

A senhorita Alan sempre deixava que seu lado piedoso suplantasse a razão. Um senso caritativo perfumava seus comentários desconexos, conferindo-lhes uma beleza inesperada, assim como, nos bosques decrépitos de outono, por vezes se percebem odores remanescentes da primavera. Ela sentiu que tinha dado escusas demais e desculpou-se rapidamente por sua tolerância.

"Mesmo assim, ela é um tanto... não gosto de dizê-lo... pouco feminina, mas comportou-se de modo estranho quando os Emersons chegaram."

O senhor Beebe sorriu ao ver que a senhorita Alan passava para uma anedota que, ele sabia, seria incapaz de concluir na presença de um cavalheiro.

"Não sei, senhorita Honeychurch, se notou que a senhorita Pole, aquela mulher com uma imensa cabeleira amarela, toma limonada. Bom, o velho senhor Emerson, que fala de um modo bem estranho..."

Seu queixo caiu. Calou-se. O senhor Beebe, cujas habilidades sociais se mostravam inesgotáveis, saiu para solicitar um pouco de chá, e ela, num sussurro apressado, pôde continuar contando a história para Lucy.

"O estômago. Ele advertiu a senhorita Pole acerca do estômago... a acidez, conforme ele denominou... e talvez sua intenção tenha sido boa. Devo dizer que me distraí e gargalhei; o comentário pegou-me desprevenida. Como Teresa argumentou, com razão, não era assunto para risadas. Mas o ponto foi que a senhorita Lavish ficou positivamente *encantada* pela menção dele ao E., e disse que gostava do discurso franco e de referências a diversos graus de pensamentos. Ela pensou que fossem caixeiros-viajantes ("cometas", foi o termo que usou) e, durante todo o jantar, tentou provar que apenas o comércio sustenta a Inglaterra, nosso grande e amado país. Teresa ficou bastante aborrecida e saiu da mesa antes do queijo, mas, ao partir, disse: 'Lá está, senhorita Lavish, alguém que pode rebatê-la melhor do que eu', e apontou aquele belo retrato de lorde Tennyson. Então a senhorita Lavish retrucou: 'Bobagem! Os primeiros vitorianos'. Imagine isso! 'Bobagem! Os primeiros vitorianos.' Minha irmã tinha ido e eu me senti impelida a falar. Eu disse: 'Senhorita Lavish, *eu* sou uma vitoriana de primeira hora; pelo menos, quero dizer, não vou admitir a mínima crítica dirigida contra nossa querida rainha'. Foi horrível de falar. Lembrei-lhe como a rainha fora à Irlanda quando não queria ir, e devo dizer que ela ficou atônita, e não respondeu. Mas, infelizmente, o senhor Emerson ouviu essa parte e proclamou com sua voz grave: 'Isso mesmo, isso mesmo! Eu congratulo essa mulher por sua visita à Irlanda'. A mulher! Não estou contando a história muito bem; mas a senhorita pode perceber o qüiproquó em que nos metemos então, tudo em razão de o E. ter sido mencionado em primeiro lugar. Mas isso não foi tudo. Depois do jantar, a senhorita Lavish veio me dizer: 'Senhorita Alan, vou ao salão de fumar palestrar com aqueles bons senhores. Venha comigo'. Não é preciso dizer que recusei tal convite inadequado e ela teve a impertinência de dizer que a conversa alargaria minhas idéias e afirmou que tinha quatro irmãos, todos

homens graduados, exceto um que se alistara no exército, e que sempre fazia questão de conversar com homens de negócios."

"Deixe-me terminar a história", interveio o senhor Beebe, que havia voltado. "A senhorita Lavish tentou a mesma manobra com a senhorita Pole, comigo, com todo mundo e, então, finalmente disse: 'Irei sozinha'. E foi. Ao cabo de cinco minutos, retornou discretamente com um tabuleiro de baeta verde e começou a jogar paciência."

"Que aconteceu?", gritou Lucy.

"Ninguém sabe. Ninguém saberá. A senhorita Lavish nunca ousará dizer e o senhor Emerson não acha que seja um assunto que valha a pena contar.

"Senhor Beebe... O senhor Emerson, ele é bom ou não é? Gostaria de saber."

O senhor Beebe deu uma risada e sugeriu que ela devia resolver a questão por si mesma.

A velhinha balançou a cabeça e suspirou em tom de reprovação. O senhor Beebe, a quem a conversa divertia, espicaçou-a dizendo:

"Creio que a senhora é propensa a classificá-lo como boa pessoa, senhorita Alan, depois daquele caso das violetas."

"Violetas. Oh, Deus! Quem lhe contou das violetas? Como essas coisas se espalham? Uma pensão é um antro de fofoqueiros. Não, não posso esquecer-me de como eles se comportaram interrompendo a palestra do senhor Eager, em Santa Croce. Ah, pobre senhorita Honeychurch! Foi terrível! Não, eu mudei completamente de idéia. *Não* gosto dos Emersons. Não são boa gente."

O senhor Beebe sorriu, indiferente. Ele empreendera um esforço cordato para introduzir os Emersons na sociedade da pensão Bertolini, e o esforço baldara. Era praticamente a única pessoa que os tratava com afabilidade. A senhorita Lavish, que representava o intelecto, era-lhes declaradamente hostil, e agora as senhoritas Alans, símbolos da boa educação, já bandeavam para o lado da outra. A senhorita Bartlett, sob as rédeas do dever, dificilmente seria gentil. O caso de Lucy era diferente. Ela lhe fizera um relato pouco claro de suas aventuras em Santa Croce, e ele entendeu que os dois homens empreenderam uma curiosa e possivelmente conjunta tentativa de cooptá-la, de mostrar-lhe o mundo através de seu próprio estranho ponto de vista, de fazê-la interessar-se por suas dores e alegrias particulares. Era impertinente; ele não queria que a causa deles fosse defendida por uma jovem; preferiria que o esforço dos Emersons falhasse. Afinal, não conhecia nada a respeito deles, e

alegrias de pensão, de par com seus pesares, são coisa de pouca monta; ao passo que Lucy faria parte de sua paróquia.

A moça, com um olho no tempo, finalmente declarou considerar os Emersons boas pessoas; não que ela visse os dois com muita freqüência agora. Mesmo seus assentos ao jantar foram postos em outra mesa.

"Mas não estão sempre fazendo de tudo para que os acompanhe em seus passeios, minha querida?", indagou a velhinha, curiosa.

"Apenas uma vez. Charlotte não gostou, e disse alguma coisa... muito polidamente, claro."

"Ela fez muito bem. Eles não entendem nossos costumes. Precisam achar gente de seu próprio nível."

O senhor Beebe até que lamentava o fato de pai e filho terem fracassado. Eles haviam desistido de sua tentativa — se é que se podia chamá-la assim — de conquistar a sociedade, e agora o pai andava quase tão silencioso quanto o filho. Perguntava de si mesmo se não devia patrocinar um dia agradável para aqueles dois antes de vê-los partir — um passeio, quem sabe, com Lucy bem acompanhada, para ser gentil com eles. Tratava-se de um dos principais prazeres do senhor Beebe, o de proporcionar aos outros lembranças ditosas.

A tarde findava enquanto eles conversavam; o ar tornou-se mais límpido; as cores das árvores e das colinas se purificaram, e o Arno perdeu sua solidez barrenta e começou a brilhar. Havia algumas faixas de verde-azulado entre as nuvens, umas poucas porções de luz aquosa sobre a terra; então, a fachada molhada de San Miniato resplandeceu sob o sol declinante.

"Tarde demais para sair", comentou a senhorita Alan com uma voz de alívio. "Todas as galerias estão fechadas."

"Acho que eu vou dar uma volta", declarou Lucy. "Quero passear pela cidade no bonde circular... sobre a plataforma, ao lado do motorista."

Seus dois companheiros encararam-na com desaprovação. O senhor Beebe, que se sentia responsável por ela na ausência da senhorita Bartlett, aventurou-se a sugerir:

"Gostaria de ir junto. Infelizmente tenho de responder a algumas cartas. Se pretende ir sozinha, não seria melhor a pé?"

"Os italianos, queridinha, sabe como são...", acudiu a senhorita Alan.

"Talvez eu encontre alguém que possa me compreender bem."

Mas eles mantiveram suas expressões sisudas, de modo que ela prometeu ao senhor Beebe que só sairia para um pequeno passeio, e apenas pelas ruas

freqüentadas por turistas.

"A senhorita Honeychurch não deveria sair de modo nenhum", declarou o senhor Beebe, enquanto a observavam pela janela, "e ela sabe disso. Atribuo sua atitude a Beethoven em demasia."

4

Quarto capítulo

O senhor Beebe estava certo. Apenas a música ensinava Lucy a perceber os próprios desejos com maior clareza. A moça de fato não tinha gostado da verve do clérigo nem da tagarelice alusiva da senhorita Alan. A conversa fora tediosa; ela queria algo maior e acreditava que podia alcançá-lo na plataforma ventosa do bonde elétrico.

Mas não faria isso. Era pouco feminino. Por quê? Por que a maioria das coisas grandiosas era pouco feminina? Charlotte uma vez lhe explicou o motivo. Não era porque as mulheres eram inferiores aos homens; apenas diferentes. Sua missão era despertar-lhes a inspiração para que eles atingissem seus objetivos, em vez de elas mesmas procurarem atingi-los. De modo indireto, por obra do tato e de uma reputação ilibada, uma mulher podia alcançar muito. Mas, se ela se juntasse à faina, seria a primeira a ser censurada, depois desprezada e, finalmente, ignorada. Poemas foram escritos para ilustrar esse ponto

Há muito de imortal nessa dama de corte medievo. Os dragões se foram, da mesma forma que os cavaleiros, mas ela continua a pairar em nossa era. Outrora, reinara em muitos castelos vitorianos e fora rainha de muitas canções vitorianas. É agradável protegê-la nos intervalos dos negócios, é agradável elogiá-la quando ela prepara nosso jantar a contento. Mas infelizmente a criatura se degenera. Em seu coração, também brotam estranhos desejos. Ela também se enamora dos ventos fortes, dos vastos panoramas e das expansões verdes do mar. Ela reparou no reino deste mundo, no modo como é cheio de riquezas, beleza e belicosidade — uma crosta radiante, construída em torno das fogueiras centrais, rodopiando na direção dos paraísos fugidios. Os homens, ao declararem que ela lhes inspira a lutar, movem-se alegremente sobre a superfície, indo aos mais deleitosos encontros com outros homens, felizes, não porque são másculos, mas porque estão vivos. Mas, antes que o

espetáculo se disperse, ela anseia por abandonar o título de Mulher Eterna, e dirigir-se igualmente para lá, na condição de seu eu transitório.

Lucy não representava a mulher medieval, que lhe parecia mais um valor abstrato para o qual lhe pediam para erguer os olhos quando se sentisse séria. Mas ela também não se revoltava, como regra geral. De quando em vez, uma restrição a irritava de forma particular, e ela a transgrediria, talvez se arrependendo, depois, de seu ato. Naquela tarde se sentia particularmente irrequieta. Na verdade, gostaria de fazer alguma coisa que granjeasse a desaprovação de seus amigos. Como não devia andar de bonde elétrico, seguiu para a loja Alinari.

Lá adquiriu uma reprodução do *Nascimento de Vênus*, de Botticelli.Vênus, sendo "lamentável", estragava a pintura, de outra forma tão graciosa, e a senhorita Bartlett a convencera a não levá-la. (É claro que "lamentável", em arte, significa a nudez.) *A tempestade* e o *Idolino*, de Giorgione, alguns dos afrescos da capela Sistina e o *Apoxiômeno* foram acrescentados à compra. Sentiu-se, então, um pouco mais calma, e arrematou uma *Coroação*, de Fra Angelico, e a *Ascensão de São João*, de Giotto, uns infantes de Della Robbia e madonas de Guido Reni. Pois, tendo gosto católico, concedia aprovação incondicional a todo nome consagrado.

Embora houvesse gasto quase sete liras, os portais da liberdade ainda lhe pareciam cerrados. Estava consciente de seu descontentamento; e ter consciência disso era algo novo. "O mundo", a moça refletiu, "certamente está repleto de coisas belas; se eu ao menos pudesse chegar até elas." Não era de espantar que a senhora Honeychurch desaprovasse a música, acusando-a de deixar a filha rabugenta, pouco prática e ressentida.

"Nada nunca acontece comigo", a jovem ponderou ao entrar na Piazza Signoria, observando com ar distante suas maravilhas, que agora lhe eram familiares. A imensa praça estava mergulhada nas sombras; a luz solar chegara tarde demais para iluminá-la. Netuno já perdia sua substancialidade sob o crepúsculo, meio deus, meio fantasma, e sua fonte borbulhava sonhadoramente para os homens e os sátiros que mandriavam às suas margens. A *loggia* assemelhava-se a uma entrada tripla de uma caverna, onde residiam muitas divindades, sombrias mas imortais, contemplando as chegadas e as partidas da humanidade. Era a hora da irrealidade — ou seja, o momento em que as coisas não familiares se tornavam reais. Uma pessoa mais velha, em

tal hora e em tal lugar, refletiria que aquilo já lhe bastava, e ficaria em paz. Lucy desejava mais.

Ela fixou o olhar sequioso na torre do palácio, que se erguia da escuridão inferior como uma pilastra de ouro bruto. Não semelhava mais uma torre nem parecia sustentada pelo solo, mas sim um tesouro inatingível pulsando no céu tranqüilo. Seu brilho intenso a hipnotizou, e continuou a dançar diante de seus olhos depois que ela os abaixou e começou a caminhar para casa.

Então, algo ocorreu.

Dois italianos, próximos da *loggia*, discutiam acerca de uma dívida. "*Cinque lire*", bradavam, "*cinque lire*!" Começaram a lutar e um deles foi atingido de leve no peito. Ele franziu a testa; dobrando-se na direção de Lucy com um olhar de interesse, como se tivesse uma mensagem importante para ela. Ele abriu os lábios para transmiti-la, mas um fio rubro brotou entre eles e escorreu por seu queixo não barbeado.

Foi tudo. Uma multidão se aglomerou no lusco-fusco e transportou-o até a fonte, toldando-lhe a visão daquele homem extraordinário. Deu que o senhor George Emerson estava a alguns passos dali, olhando para ela através do local onde o homem estivera. Que estranho! Através de algo. Mesmo quando o viu, a figura dele tornou-se imprecisa; o próprio palácio tornou-se impreciso, pairou um momento no alto e caiu lenta, suave e surdamente sobre ela, com o céu inteiro por cima.

Ela pensou: "Ah, que foi que eu fiz?".

"Ah, que foi que eu fiz?", sussurrou, e abriu os olhos.

George Emerson ainda a estava observando, mas não mais através de alguma coisa. Ela reclamara do tédio e eis então que um homem fora esfaqueado e outro a amparara em seus braços.

Estavam sentados nos degraus da arcada Uffizi. Ele deve tê-la carregado. Levantou-se quando ela falou, e começou a espanar os joelhos. Lucy repetiu:

"Ah, que foi que eu fiz?"

"A senhorita desmaiou."

"Eu... eu sinto muito."

"Como está agora?"

"Muito bem... Muitíssimo bem." E começou a assentir e a sorrir.

"Então vamos voltar. Não há razão para ficarmos aqui."

Ele estendeu a mão para ajudá-la a levantar-se. Ela fingiu não perceber o gesto. Os gritos da fonte — eles não se haviam interrompido — ecoavam,

vazios. O mundo inteiro parecia pálido e destituído de seu sentido original.

"Como o senhor foi gentil! Eu poderia ter me machucado ao cair. Mas agora estou bem. Posso voltar sozinha, obrigada."

A mão do moço continuava estendida.

"Oh, minhas gravuras!", ela exclamou, de inopino.

"Que gravuras?"

"Comprei umas gravuras na loja Alinari. Devo tê-las deixado cair." Ela mirou-o, cautelosa. "Poderia redobrar a gentileza e apanhá-las para mim?"

Ele redobrou a gentileza. Mas tão logo ele lhe voltou as costas, Lucy ergueu-se com a astúcia de uma maníaca e escapuliu pela arcada, na direção do Arno.

"Senhorita Honeychurch!"

Ela parou, com a mão no peito.

"Sente-se, por favor; não está apta a voltar para casa sozinha."

"Sim, estou, muito obrigada."

"Não, não está. A senhorita não precisaria usar subterfúgios, se estivesse."

"Mas eu prefiro..."

"Então, não vou buscar suas gravuras."

"Prefiro ficar só."

Ele disse, num tom imperioso: "O homem está morto... O homem provavelmente está morto; sente-se até que tenha descansado". Perplexa, ela lhe obedeceu. "E não se mova até eu voltar."

A distância, Lucy viu criaturas de capuz negro, como as que aparecem nos sonhos. A torre do palácio perdeu o brilho do dia agonizante e voltou a unir-se à terra. O que diria ao senhor Emerson quando ele voltasse da praça sombria? Mais uma vez o pensamento lhe ocorreu: "Ah, que foi que eu fiz?", o pensamento de que ela, como o moribundo, havia transposto um limiar espiritual.

O jovem voltou e ela falou de assassinatos. Por mais estranho que parecesse, era um tema fácil. Lucy comentou o caráter dos italianos; palrava de modo quase loquaz sobre o incidente que a fez desmaiar cinco minutos antes. Sendo forte do ponto de vista físico, ela logo superou o horror do sangue. Ergueu-se sem a assistência do moço e, embora sentisse asas flutuando dentro de si, caminhou com bastante firmeza para o Arno. Um cocheiro de praça acenou para eles; eles o recusaram.

"E o assassino tentou beijá-lo, o senhor diz... Que estranho são os italianos!... E se entregou à polícia! O senhor Beebe estava dizendo que os italianos conhecem tudo, mas creio que são um tanto infantis. Quando eu e minha prima estivemos no Pitti ontem... Que foi isso?"

Ele havia atirado algo no rio.

"Que foi que jogou ali?"

"Coisas que eu não queria", ele retrucou, zangado.

"Senhor Emerson!"

"Bem?"

"Onde estão as gravuras?"

Ele não respondeu.

"Creio que o senhor deitou fora minhas gravuras."

"Não sabia o que fazer com elas", ele gritou, e sua voz correspondia à de um menino ansioso. O coração de Lucy abriu-se para ele, pela primeira vez. "Estavam cobertas de sangue. Pronto! Estou feliz por ter lhe contado; e todo o tempo em que estivemos conversando, perguntava-me o que faria com elas." Ele apontou para as águas. "Já se foram." O rio rodopiava sob a ponte. "Gostei muito delas, de modo que (às vezes agimos sem pensar) achei que seria melhor que seguissem para o oceano... Não sei; talvez apenas queira dizer que elas me assustaram." Então o menino mesclou-se ao homem. "Pois algo tremendo aconteceu; preciso enfrentá-lo sem cair num atoleiro mental. Não foi exatamente o fato de um homem ter morrido."

Lucy sentiu que devia interrompê-lo.

"Algo aconteceu", ele repetiu, "e pretendo descobrir o que é."

"Senhor Emerson..."

Ele virou-se como se ela, agora franzindo a testa, tivesse interrompido-lhe alguma demanda abstrata.

"Quero pedir-lhe uma coisa antes de entrarmos."

Estavam próximos da pensão. Ela parou e apoiou os cotovelos no parapeito da amurada. Ele a imitou. Há às vezes um encanto na identidade de postura, por nos sugerir um eterno senso de companheirismo. Ela moveu os cotovelos antes de dizer:

"Agi de modo ridículo."

Ele perseguia seus próprios pensamentos.

"Nunca me envergonhei tanto do que fiz; não sei o que deu em mim. "

"Eu quase desmaiei também", ele confessou; mas Lucy sentiu que sua atitude o repelia.

"Bem, devo-lhe milhões de desculpas."

"Ah, está tudo bem."

"E, o verdadeiro ponto é o seguinte, sabe como as pessoas podem ser maldosas quando se dedicam à fofoca, receio que as mulheres em especial... Entende o que quero dizer?"

"Receio que não."

"Quero dizer, poderia não mencionar a ninguém meu comportamento tolo?"

"Seu comportamento? Ah, sim, está certo... está certo."

"Muito obrigada. E será que o senhor..."

Ela não pôde prosseguir com o pedido. O rio estrondeava abaixo deles, quase negro sob a noite que se avizinhava. Ele havia jogado as gravuras nas águas, e lhe contara por quê. Lucy viu que era inútil procurar cavalheirismo num homem assim. Ele não lhe causaria nenhum mal mexericando sobre ela; era confiável, inteligente e até mesmo gentil; quem sabe até a tivesse em alta conta. Mas faltava-lhe cavalheirismo; seus pensamentos, como sua atitude, não seriam modificados pelo assombro. Era inútil dizer-lhe "E será que o senhor..." e esperar que ele próprio completasse a frase, desviando os olhos de sua nudez como o cavaleiro na bela imagem. Ela estivera em seus braços, e ele se lembraria disso, do mesmo modo como se lembrava do sangue nas gravuras que ela comprara na loja Alinari. Não era o fato de um homem ter morrido; algo mais havia ocorrido com os vivos: eles haviam chegado a um ponto em que o caráter se evidencia, onde a Infância penetra nos caminhos bifurcados da Juventude.

"Bem, muito obrigada", ela repetiu. "Com que rapidez esses acidentes ocorrem e voltamos à vida pregressa!"

"Eu não."

A ansiedade a impeliu a questioná-lo.

A resposta dele foi intrigante: "Eu provavelmente vou desejar viver".

"Mas por quê, senhor Emerson? Que quer dizer?"

"Vou desejar viver, eu lhe digo."

Apoiando os cotovelos no parapeito, ela contemplou o Arno, cujo frêmito sugeria uma melodia inesperada a seus ouvidos.

5

Possibilidades de um passeio agradável

Era comum dizer em família que "é impossível prever a reação de Charlotte Bartlett". Ela mostrou-se perfeitamente razoável em relação à aventura de Lucy, achou bastante adequada a versão resumida e rendeu justa homenagem à cortesia do senhor George Emerson. Charlotte e a senhorita Lavish também empreenderam sua aventura. Fizeram uma pausa no *dàzio*, no caminho de volta, e os jovens oficiais de lá, que lhes pareceram impudentes e *désouvré*, tentaram vasculhar suas bolsas em busca de provisões. Teria sido muito desagradável. Felizmente, a senhorita Lavish era páreo para qualquer um.

Para o bem ou para o mal, coube a Lucy enfrentar sozinha seu próprio dilema. Nenhum de seus amigos a tinha visto, quer fosse na *piazza*, quer fosse, mais tarde, na amurada. O senhor Beebe na realidade, percebendo seu olhar assustadiço ao jantar, repetiu para si mesmo o comentário de que fora "Beethoven em demasia". Mas ele apenas supusera que Lucy estava predisposta a uma aventura, não que ela a havia encontrado. Aquela solidão a afligia; estava acostumada a que os outros lhe confirmassem os pensamentos ou, pelo menos, a que os contradissessem; era apavorante não saber se estava pensando corretamente ou não.

Ao café-da-manhã, no dia seguinte, tomou uma atitude decisiva. Havia dois planos de ação a escolher. O senhor Beebe planejara ir à torre Del Gallo com os Emersons e umas senhoras americanas. Será que a senhorita Bartlett e a senhorita Honeychurch não gostariam de acompanhá-los? Charlotte declinara o convite, ela estivera lá durante a chuva da tarde anterior. Mas achou que seria uma idéia admirável para Lucy, que detestava fazer compras, trocar dinheiro, pegar a correspondência — entre outras tarefas irritantes que a senhorita Bartlett precisava executar naquela manhã e que podiam ser executadas sem o préstimo de ninguém.

"Não, Charlotte!", protestou a moça, num ímpeto sincero. "É muita gentileza do senhor Beebe, mas sem dúvida que irei com você. Eu prefiro."

"Está certo, querida", respondeu a senhorita Bartlett, com um leve rubor de prazer, que ocasionou uma profunda vermelhidão envergonhada nas faces de Lucy. Como fora abominável sua atitude para com Charlotte, agora e sempre! Mas estava determinada a mudar isso. Durante toda a manhã, procurou ser realmente amável com a prima.

Enlaçou-a pelo braço e, juntas, caminharam ao longo do Lungarno. O rio estava um leão aquela manhã, pela força, pela voz e pela cor. A senhorita Bartlett insistiu para que quedassem à amurada, para contemplá-lo. Ela então fez seu comentário habitual, que era:

"Como queria que Freddy e sua mãe também estivessem aqui".

Lucy ficou irrequieta; era enervante que Charlotte tivesse parado exatamente no mesmo lugar que ela.

"Olhe, Lucia! Ah, você está à procura do grupo que se dirigiu para a torre del Gallo. Temia que fosse arrepender-se de sua decisão."

Por mais terrível que tivesse sido a decisão, Lucy não se arrependera. No dia anterior estivera confusa — era uma situação estranha e estrambótica, o tipo de coisa que não se pode deitar facilmente no papel —, mas tinha a sensação de que Charlotte e as compras eram preferíveis a George Emerson e à subida à torre del Gallo. Como era incapaz de desfazer a embrulhada, devia cuidar para não retornar a ela. Podia rebater com franqueza as insinuações da senhorita Bartlett.

Ocorre que, embora tivesse evitado o ator principal, o cenário infelizmente persistia. Charlotte, com a fatuidade do destino, levou-a do rio à Piazza Signoria. Lucy não podia acreditar que as pedras, a *loggia*, a fonte, a torre do palácio tivessem tanta importância. Por um momento compreendeu a natureza dos fantasmas.

O local exato do homicídio estava ocupado, não por um fantasma, mas pela senhorita Lavish, que empunhava o jornal matutino. Ela acenou bruscamente para as duas. A medonha catástrofe do dia anterior lhe dera uma idéia que, segundo imaginava, podia resultar num livro.

"Ah, deixe-me congratulá-la!", exclamou a senhorita Bartlett. "Depois do desespero de ontem! Que coisa maravilhosa!"

"Aha! Senhorita Honeychurch, venha aqui! Estou com sorte. Agora, precisa me contar absolutamente tudo o que viu, desde o início."

Lucy espetou o chão com sua sombrinha.

"Mas talvez prefira não falar sobre o assunto."

"Desculpe-me... Se puder dar um jeito sem mim, acho que prefiro abster-me."

As duas mulheres mais velhas trocaram olhares, mas não de desaprovação; não havia nenhum mal que uma garota ficasse compungida.

"Sou eu quem lhe pede perdão", explicou a senhorita Lavish. "Nós, rematadas mercenárias, somos criaturas desavergonhadas. Creio que não há segredo na alma humana que não procuramos bisbilhotar."

Ela caminhou alegremente até a fonte e voltou, fazendo alguns cálculos para efeito do realismo. Então, confessou que se encontrava ali desde as oito horas da manhã, coligindo elementos. Boa parte não constituía material adequado, mas decerto sempre era preciso adaptar. Os dois homens brigaram por causa de uma nota de cinco liras. No lugar da cédula, poria uma jovem dama, que elevaria o tom da tragédia e, ao mesmo tempo, forneceria uma excelente trama.

"Qual é o nome da heroína?", indagou a senhorita Bartlett.

"Leonora", respondeu a senhorita Lavish; o nome dela era Eleanor.

"Espero que seja boa."

Aquele desiderato não seria omitido.

"E qual é o enredo?"

Amor, assassinato, rapto, vingança: essa era a trama. Tudo foi explanado enquanto a fonte chapinhava os sátiros sob a luz da manhã.

"Espero que me perdoem por entediá-las assim", a senhorita Lavish concluiu. "É tão tentador falar a pessoas realmente compreensivas. Claro que é apenas um esboço cru. Haverá uma grande dose de cor local, descrições de Florença e das cercanias, e também incluirei uns personagens engraçados. E deixe-me adverti-las: pretendo ser implacável com o turista britânico."

"Ah, que mulher terrível!", exclamou a senhorita Bartlett. "Tenho certeza de que se refere aos Emersons."

A senhorita Lavish abriu um sorriso maquiavélico.

"Confesso que, na Itália, minhas simpatias não estão com meus conterrâneos. São os negligenciados italianos que me atraem, são suas vidas que quero pintar o máximo que puder. Pois repito e insisto, e sempre defendi com veemência, uma tragédia como a de ontem não é menos trágica por ter ocorrido com os mais humildes."

Fez-se um silêncio apropriado assim que a senhorita Lavish rematou o pensamento. Então, as primas desejaram êxito a suas pesquisas e cruzaram lentamente a praça.

"Ela é meu modelo de mulher realmente inteligente", afirmou a senhorita Bartlett. "A última observação me pareceu particularmente verdadeira. Tenho certeza de que será um romance com grande *páthos*."

Lucy assentiu. Naquele momento, seu maior objetivo era não ser transportada para dentro dele. Suas percepções estavam bastante aguçadas aquela manhã, e acreditava que a senhorita Lavish a tinha na reputação de uma *ingénue*.

"Ela é emancipada, mas apenas no melhor sentido da palavra", continuou a senhorita Lavish, devagar. "Apenas as pessoas mais superficiais ficariam chocadas com ela. Tivemos uma longa conversa ontem. Ela acredita na justiça, na verdade e no interesse humano. Também me disse que tem em alta conta o destino da mulher... Ah, senhor Eager! Ora, que ótimo! Que surpresa agradável!"

"Ah, não para mim", disse o capelão, com suavidade, "pois estive a mirá-la e à senhorita Honeychurch por algum tempo."

"Estávamos tagarelando com a senhorita Lavish."

Ele contraiu as sobrancelhas.

"Foi o que eu vi. Estavam mesmo? *Andate via! Sono occupato!*" O último reparo foi feito a um vendedor de fotografias panorâmicas que se aproximava com um sorriso. "Estou a pique de fazer-lhes uma sugestão. Será que não gostariam de unir-se a mim num passeio em algum dia desta semana... um passeio de carruagem às colinas? É possível irmos por Fiesole e voltarmos por Settignano. Há um ponto na estrada onde podemos descer e passar uma hora ao léu, nas montanhas. A vista que o local oferece de Florença é magnífica... muito melhor do que ponto de observação de Fiesole. É a perspectiva que Alessio Baldovinetti gosta de introduzir em suas pinturas. Aquele homem decididamente tem um pendor para a paisagem. Decididamente. Mas quem se interessa por isso hoje em dia? Ah, o mundo em que vivemos!"

A senhorita Bartlett nunca ouvira falar de Alessio Baldovinetti, mas sabia que o senhor Eager não era um capelão comum. Era um membro da colônia residente que elegera Florença como lar. Conhecia as pessoas que nunca andavam com o Baedeker em punho, que aprenderam a tirar a *siesta* após o almoço, que faziam passeios em lugares proibidos a turistas de pensão e, por

meio de influência pessoal, conseguiam visitar galerias vedadas aos demais. Vivendo em delicada reclusão, uns em apartamentos decorados, outros em *villas* renascentistas ao pé do Fiesole, essas pessoas liam, escreviam, estudavam e trocavam idéias, assim atingindo aquele conhecimento, ou melhor, aquela percepção íntima de Florença, negada a todos que andam com os bolsos cheios de cupons da agência Cook.

Portanto, um convite do capelão era algo de que se podia orgulhar. Entre as duas partes de seu rebanho, ele em geral funcionava como único elo, e era seu famoso costume selecionar, dentre os cordeiros migratórios, aqueles que lhe parecessem mais promissores, com o fito de conceder-lhes algumas horas nas pastagens dos permanentes. Chá numa *villa* renascentista? Nada ainda fora mencionado a esse respeito. Mas se chegasse a tanto... Como Lucy não gostaria disso!

Uns dias atrás Lucy teria sentido o mesmo. Mas as alegrias da vida estavam se realinhando. Um passeio às montanhas com o senhor Eager e a senhorita Bartlett — mesmo culminando com um chá numa residência local — já não era um dos júbilos mais arrebatadores. Ela correspondeu um tanto timidamente ao enlevo de Charlotte. Apenas se soubesse que o senhor Beebe iria também é que seu agradecimento se tornaria mais sincero.

"Assim seremos uma *partie carrée*", explicou o capelão. "Nestes dias de trabalho e de tumulto, temos uma grande necessidade do campo e de sua mensagem de pureza. *Andate via! Andate presto, presto!* Ah, a cidade! Por bela que seja, é a cidade..."

Elas concordaram.

"Esta praça mesmo, assim me disseram, foi testemunha ontem de uma das tragédias mais sórdidas. Para quem ama a Florença de Dante e de Savonarola, há algo de portentoso em tal profanação... portentoso e humilhante."

"De fato humilhante", aquiesceu a senhorita Bartlett. "A senhorita Honeychurch por acaso passava por aqui quando tudo aconteceu. Ela mal consegue falar do assunto." Charlotte lançou um olhar de orgulho para a prima.

"E como foi que a senhorita veio parar aqui?", indagou o capelão, paternalista.

O recente liberalismo da senhorita Bartlett esvaiu-se com a pergunta.

"Não a culpe, por favor, senhor Eager. A responsabilidade é minha. Fui eu quem a deixou desacompanhada."

"Então estava aqui sozinha, senhorita Honeychurch?" Sua voz sugeria uma repreensão amistosa, mas ao mesmo tempo indicava que uns poucos detalhes desgostosos não seriam inescusáveis. Seu semblante escuro e belo abaixou-se lamentosamente na direção da moça, para ouvir-lhe a resposta.

"Quase."

"Ah, uma pessoa gentil, lá da pensão, trouxe-a para casa", disse a senhorita Bartlett, astutamente ocultando o sexo do guardião.

"Para ela também deve ter sido uma experiência terrível. Creio que não estavam perto... que a tragédia não tenha ocorrido próximo de você."

Das muitas coisas que Lucy estava notando naquele dia, uma das não menos notáveis era esta: o modo mórbido com que pessoas respeitáveis querem sentir seu gostinho de sangue. George Emerson mantivera o assunto estranhamente puro.

"Ele morreu próximo da fonte, eu creio", foi sua resposta.

"Enquanto a senhorita e a pessoa..."

"Estávamos perto da *loggia*."

"A distância deve tê-la poupado do pior. A senhorita, é claro, não deve ter visto a descrição horrorosa que a imprensa marrom... Este homem é uma amolação pública; sabe muito bem que sou morador da cidade, contudo continua apoquentando-me para que compre uma de suas fotografias vulgares."

Decerto o vendedor de gravuras pertencia à mesma liga de Lucy — a liga eterna da Itália com a mocidade. Ele havia repentinamente estendido o livro diante da senhorita Bartlett e do senhor Eager, unindo-lhes as mãos por meio de uma longa e brilhante fita de igrejas, fotografias e vistas.

"Isto é demais!", bradou o capelão, batendo de forma petulante num dos anjos de Fra Angélico. A página rasgou. O vendedor emitiu um grito agudo. A obra, conforme parecia, era mais valiosa do que se poderia supor.

"Eu estaria disposta a comprar...", encetou a senhorita Bartlett.

"Ignore-o", interrompeu o senhor Eager bruscamente, e os três saíram rapidamente da praça.

Mas um italiano nunca pode ser esquecido, sobretudo quando tem um motivo de queixa. Sua perseguição misteriosa do senhor Eager tornou-se incansável; o ar vibrava com suas ameaças e lamúrias. O vendedor apelava a

Lucy; ela não poderia interceder? Era pobre — arrimo de família — o imposto sobre o pão. Ele aguardava, algaraviava, adulava, estava descontente, não saiu do lado deles até ter limpado suas mentes de todo pensamento, quer fossem agradáveis, quer fossem desagradáveis.

As compras constituíram o tópico subseqüente. Sob a orientação do senhor Eager, elas selecionaram muitos presentes e lembranças de péssimo gosto — pequenas molduras floridas que pareciam modeladas em glacê dourado; outras moldurinhas, mais sisudas, que encimavam pequenos cavaletes, e eram talhadas em carvalho; um bloco de mata-borrão feito de papel velino; uma gravura de Dante confeccionada com o mesmo material; módicos broches variegados que as criadas, no próximo Natal, não saberão diferenciar dos objetos verdadeiros; grampos de cabelo, potes, pires heráldicos, fotografias artísticas em sépia; Eros e Psiquê em alabastro; um São Pedro para combinar — itens que teriam custado muito menos em Londres.

Para Lucy, a manhã bem-sucedida não trouxe impressões deleitosas. Tanto a senhorita Lavish quanto o capelão a deixaram um pouco assustada, e não sabia por quê. E, à medida que a amedrontavam, ela havia, por estranho que pudesse parecer, cessado de respeitá-los. Duvidava agora que a senhorita Lavish fosse uma grande artista. Duvidava que o senhor Eager estivesse tão imbuído de espiritualidade e cultura como fora levada a acreditar. Ambos eram submetidos a um novo teste, para o qual não estavam à altura. Quanto a Charlotte — quanto a Charlotte, ela continuava exatamente a mesma. Podia-se ser amável com ela; era impossível amá-la.

"É filho de um trabalhador; ocorre que soube disso. Ele próprio mecânico de algum tipo quando era jovem; então começou a escrever para a imprensa socialista. Cruzei com ele em Brixton."

Estavam falando dos Emersons.

"Que incrível é a forma como as pessoas surgem hoje em dia!", suspirou a senhorita Bartlett, dedilhando uma maquete da torre de Pisa.

"Em geral", respondeu o senhor Eager, "é preciso ver com simpatia o êxito de tal gente. O desejo por educação e por progresso social... Nessas coisas há algo que não é totalmente vil. Há alguns trabalhadores que receberíamos com prazer aqui em Florença, por pouco que eles possam colher os frutos desse privilégio."

"Ele é jornalista agora?", indagou a senhorita Bartlett.

"Não; ele fez um bom casamento."

Ele fez o comentário com uma voz carregada de implicações, culminando-o com um suspiro.

"Ah, então tem uma esposa."

"Falecida, senhorita Bartlett, falecida. Pergunto-me, sim, eu me pergunto como ele teve a desfaçatez de me olhar na cara, de ousar dizer que me conhece. Ele fez parte de minha paróquia em Londres, muito tempo atrás. No outro dia, em Santa Croce, quando ele estava com a senhorita Honeychurch, eu o repudiei. Deixe-o descobrir que tudo o que vai obter é o repúdio."

"O quê?", exclamou Lucy, corando.

"Um escândalo!", sibilou o senhor Eager.

Ele tentou mudar o assunto; mas, ao frisar um ponto dramático, angariou, por parte de sua audiência, um interesse maior do que pretendia obter. A senhorita Bartlett transpirava curiosidade natural. Lucy, conquanto não quisesse ver os Emersons nunca mais, não estava disposta a condená-los com tamanha facilidade.

"Se quer dizer", ela observou, "que ele é um homem não religioso, já sabemos disso."

"Lucy querida...", disse a senhorita Bartlett, reprovando gentilmente a agudeza da prima.

"Eu ficaria surpreso se a senhorita soubesse de tudo. O rapaz, uma criança inocente na época, deve ficar fora disso. Só Deus sabe o que a educação que teve, somada às qualidades hereditárias, pode ter feito com ele."

"Talvez", sugeriu a senhorita Bartlett, "seja algo que é melhor não ouvirmos."

"Para falar claramente", disse o senhor Eager, "é isso sim. Nada mais direi."

Pela primeira vez os pensamentos rebeldes de Lucy expandiram-se em palavras — pela primeira vez em sua vida.

"O senhor disse muito pouco."

"Era minha intenção dizer pouco", foi sua gélida resposta.

Ele pousou o olhar indignado sobre a moça, que o encarou com idêntica indignação. Ela virou-se do balcão para ele, o peito arfando com rapidez. Ele observou-lhe a testa franzida e a súbita força em seus lábios. Era intolerável que não cresse nele.

"Assassinato, se quer mesmo saber", ele gritou, zangado. "Aquele homem matou a esposa!"

"Como?", ela retorquiu.

"Para todos os efeitos, ele a matou. Aquele dia em Santa Croce disseram alguma coisa contra mim?"

"Nem uma palavra, senhor Eager... Nem uma palavra."

"Oh, pensei que tivessem me difamado. Mas suponho que seja apenas o encanto pessoal daqueles dois que a faça defendê-los."

"Não os estou defendendo", assegurou Lucy, perdendo a coragem e recaindo em seus antigos métodos caóticos. "Não são nada para mim."

"Como pode supor que ela os esteja defendendo?", perguntou a senhorita Bartlett, bastante insatisfeita com a cena desagradável. O balconista provavelmente estava escutando.

"A tarefa não lhe seria fácil. Pois aquele homem matou a mulher aos olhos de Deus."

O acréscimo de Deus foi extraordinário. Mas o capelão estava realmente tentando impor um comentário forte. Seguiu-se um silêncio, que poderia ser de espanto, mas era meramente embaraçoso. Então a senhorita Bartlett comprou apressadamente a Torre Inclinada, e saiu para a rua.

"Eu preciso ir embora", afirmou ele, fechando os olhos e extraindo o relógio.

A senhorita Bartlett agradeceu-lhe pela cortesia e falou com entusiasmo sobre o passeio vindouro.

"Passeio? Ah, ainda faremos o passeio?"

Houve uma alusão ao comportamento de Lucy e, após certo esforço, a boa vontade do senhor Eager foi restaurada.

"Que maçada esse passeio!", exclamou a jovem assim que ele partiu. "É o mesmo passeio que combinamos fazer com o senhor Beebe sem que se fizesse nenhum alarde. Por que ele veio nos convidar desse modo absurdo? Nós também poderíamos tê-lo convidado. Cada uma de nós está pagando sua parte."

A observação suscitou na senhorita Bartlett, que antes só pretendia lamentar os Emersons, pensamentos inesperados.

"Se isso é verdade, querida... Se o passeio que nós e o senhor Beebe vamos fazer com o senhor Eager é o mesmo que nós íamos fazer com o senhor Beebe, então prevejo uma terrível embrulhada."

"Por quê?"

"Porque o senhor Beebe também convidou Eleanor Lavish."

"Quer dizer que precisamos de outro carro?"

"Muito pior. O senhor Eager não gosta de Eleanor. Ela mesma o sabe. A verdade deve ser dita: ela é excêntrica demais para ele."

Estavam agora no salão dos jornais, do banco inglês. Lucy se aboletara diante da mesa central. Não reparava nem no *Punch* nem no *Graphic*, pois procurava responder, ou melhor, formular, as perguntas que disparavam em seu cérebro. O mundo estabelecido havia se quebrado, e lá emergia Florença, uma cidade mágica onde as pessoas pensavam e faziam as coisas mais extraordinárias. Assassinato, acusações de homicídio, uma senhora unindo-se a um homem e sendo grosseira com outro — eram esses os incidentes diários de suas ruas? Havia mais em sua beleza cândida do que o olho era capaz de ver — o poder, talvez, de evocar paixões, tanto boas quanto más, e de levá-las rapidamente à sua satisfação?

Feliz de Charlotte que, embora imensamente atormentada por coisas que não tinham importância, parecia desatenta às coisas que eram importantes; que podia conjeturar, com admirável delicadeza, "para onde as coisas podiam levar", mas aparentemente perdia o foco no objetivo ao aproximar-se delas! Agora ela estava agachada num canto procurando extrair uma cédula circular de uma espécie de embornal de linho que pendia em casta ocultação em torno de seu pescoço. Informaram-lhe que aquele era o único meio seguro de transportar dinheiro na Itália; o saco só podia ser aberto no interior de um banco inglês. Enquanto vasculhava o esconderijo, ela resmungava:

"Se foi o senhor Beebe quem esqueceu de contar ao senhor Eager, se foi o senhor Eager quem esqueceu quando nos contou, se ambos decidiram dispensar Eleanor (o que seria quase impossível), de qualquer modo, precisamos estar preparadas. É você a pessoa que eles realmente querem; só me convidam para salvar as aparências. Você irá com os dois cavalheiros e eu e Eleanor seguiremos atrás. Uma carruagem puxada por um só cavalo serve. Contudo, como a situação é dificultosa!"

"Pois é mesmo", respondeu a moça, com uma gravidade que soou solidária.

"Que acha de tudo isso?", indagou a senhorita Bartlett, corada por causa da manobra, abotoando o vestido.

"Não sei o que acho nem o que quero."

"Ah, querida Lucy, espero que Florença não a esteja aborrecendo. Basta dizer uma palavra e, como sabe, eu a levarei ao fim do mundo amanhã."

"Obrigada, Charlotte", disse Lucy, e ponderou a proposta.

Havia cartas para ela na agência — uma de seu irmão, cheia de menções aos esportes e à biologia; uma de sua mãe, encantadora como apenas as cartas maternas podem ser. Por esta última soube do açafrão, que foi comprado por causa da cor amarela e estava dando um tom marrom-arroxeado; da nova copeira, que aguara as samambaias com essência de limonada; dos sobrados geminados que arruinavam a rua Summer e partiam o coração de sir Harry Otway. A missiva lembrou a vida livre e agradável de sua casa, onde podia fazer tudo o que quisesse e onde nada lhe acontecia. A alameda de pinheiros, a sala de estar limpa, a vista do Weald — tudo se descortinava diante dela de modo luminoso e distinto, mas também patético, como as pinturas numa galeria às quais, depois de muitas experiências, um viajante retorna.

"E as notícias?", indagou a senhorita Bartlett.

"A senhora Vyse e o filho foram para Roma", disse Lucy, dando primeiro a notícia que menos lhe interessava. "Conhece os Vyses?"

"Oh, não muito. Parece que nunca nos cansamos da ditosa Piazza Signoria."

"São boa gente, os Vyses. Tão inteligentes... Meu ideal do que é realmente inteligente. Não gostaria de ir a Roma?"

"Adoraria!"

A Piazza Signoria era pétrea demais para ser brilhante. Não tinha gramado, flores ou afrescos; não havia paredes cintilantes de mármore ou porções reconfortantes de tijolos avermelhados. Por estranho acaso — a não ser que acreditemos em gênios tutelares —, as estátuas que lhe atenuam a severidade sugerem não a inocência da infância nem o glorioso deslumbramento da juventude mas os feitos conscientes da maturidade. Perseu e Judite, Hércules e Tusnelda, eles fizeram e sofreram algo, e, conquanto fossem imortais, a imortalidade lhes foi concedida com a experiência, não antes. Ali, e não apenas na solidão da Natureza, podia um herói encontrar uma deusa, ou uma heroína seu deus.

"Charlotte!", exclamou a moça, de chofre. "Tive uma idéia. E se partíssemos para Roma amanhã mesmo, diretamente para o hotel dos Vyses? Pois sei agora o que quero. Estou cansada de Florença. Vamos, você disse que iria até o fim do mundo. Vamos! Vamos!"

A senhorita Bartlett, com idêntica vivacidade, retrucou:

"Ah, sua brincalhona! Diga-me, que seria de seu passeio nas montanhas?"

Juntas, elas chegaram à beleza desolada da praça, rindo da sugestão impraticável.

6

O reverendo Arthur Beebe,o reverendo Cuthbert Eager, o senhor Emerson, o senhor George Emerson, a senhorita Eleanor Lavish, a senhorita Charlotte Bartlett e a senhorita Lucy Honeychurch partem em carruagens para apreciar a paisagem; italianos os conduzem

Foi o próprio Faetonte quem os conduziu a Fiesole naquele dia memorável, um jovem irresponsável e fogoso, temerariamente açulando os cavalos de seu patrão para o cume da colina pedregosa. O senhor Beebe o reconheceu de imediato. Nem as Eras da Fé nem a Era da Dúvida o haviam tocado; era Faetonte na Toscana dirigindo um carro de aluguel. Foi Perséfone quem ele pediu permissão para apanhar no caminho, alegando que era sua irmã — Perséfone, alta, esguia e pálida, retornando com a primavera para a casa de campo materna, e ainda protegendo a vista da luz inabitual. Contra sua presença, o senhor Eager objetou, dizendo que se tratava da gota d'água e que era preciso defender-se contra tal imposição. Mas as senhoras intercederam e, quando ficou claro que se constituía um imenso obséquio, a deidade granjeou permissão para juntar-se a seu nume.

Faetonte de imediato correu a rédea esquerda por cima da cabeça da moça, o que lhe permitiu dirigir o carro com o braço ao redor da cintura dela. A rapariga não se importou. O senhor Eager, que se sentou de costas para os cavalos, nada viu da manobra indecorosa, e prosseguiu a conversação com Lucy. Os outros dois ocupantes da carruagem eram o velho senhor Emerson e a senhorita Lavish. Pois uma coisa terrível aconteceu: o senhor Beebe, sem consultar o senhor Eager, duplicou o tamanho do grupo. E, conquanto a senhorita Bartlett e a senhorita Lavish tivessem planejado a manhã inteira a disposição dos ocupantes dos carros, ao dar-se o momento crítico em que as diligências apareceram, elas perderam a cabeça, e a senhorita Lavish entrou

com Lucy, enquanto a senhorita Bartlett, acompanhada do George Emerson e do senhor Beebe, seguiu atrás.

Foi duro para o pobre capelão ver sua *partie carrée* de tal modo transfigurada. Chá numa *villa* renascentista, se é que ele chegou a cogitar tal hipótese, era agora impossível. Lucy e a senhorita Bartlett tinham um certo estilo e o senhor Beebe, embora não fosse confiável, era um homem viajado. Mas um arremedo de escritora e um jornalista que assassinara a esposa aos olhos de Deus — eles não entrariam em nenhuma propriedade rural sob os seus auspícios.

Lucy, elegantemente vestida de branco, sentava-se aprumada e apreensiva em meio a esses ingredientes explosivos, obsequiosa em relação ao senhor Eager, repressora com a senhorita Lavish e atenta ao velho senhor Emerson — até então felizmente adormecido, graças a um almoço pesado e à modorrenta atmosfera primaveral. Ela encarava a expedição como uma artimanha do destino. Se não fosse por isso, teria logrado manter-se afastada de George Emerson. Sem peias, o rapaz mostrara que desejava prosseguir com a intimidade que se abrira entre os dois. Ela havia recusado, não porque desgostasse dele, mas porque não sabia o que havia ocorrido, e desconfiava que ele também o ignorasse. E isso a assustava.

Pois o evento verdadeiro — qualquer que fosse — havia ocorrido, não na *loggia*, mas à margem do rio. Perder o controle diante da visão da morte é perdoável. Mas discuti-la depois, passar da discussão ao silêncio e, por meio do silêncio, à compaixão, isso sim era um equívoco, não de uma única emoção assustadiça, mas de toda a estrutura emocional. Havia algo realmente digno de opróbrio (ela achava) na contemplação mútua da correnteza umbrosa, no impulso mútuo que os transportou até a casa sem que houvesse outra troca de palavra ou de olhar. Esse senso de perversidade mostrara-se ligeiro no início. Ela quase se unira ao grupo que visitou a torre del Gallo. Mas quanto mais evitava George mais lhe parecia imperativo que era preciso evitá-lo novamente. E agora a ironia celestial, trabalhando por intermédio de sua prima e dois clérigos, não lhe permitiu que partisse de Florença sem que fizesse essa excursão pelas montanhas com o rapaz.

Entrementes, o senhor Eager a distraía com uma conversaçãozinha cortês; o pequeno desentendimento entre ambos havia sido superado.

"Então, senhorita Honeychurch, por que está viajando? Como estudante das artes?"

"Ah, pobre de mim, não... Ah, não!"

"Talvez para observar a natureza humana", interveio a senhorita Lavish, "como eu?"

"Ah, não. Estou aqui como turista."

"Ah, de fato", lamentou o senhor Eager. "Está mesmo? Espero que não me julgue rude, mas permita-me dizer que nós, residentes, às vezes nos apiedamos de vocês, turistas... transportados como um pacote de mercadorias de Veneza a Florença, de Florença a Roma, vivendo apinhados em pensões ou hotéis, sem saber de nada que está fora do Baedeker, tomados pela única ansiedade de ter 'feito' ou por ter 'passado', a fim de poder dirigir-se a outra localidade. O resultado é que confundem as cidades, rios, palácios, num remoinho inextrincável. Conhece a garota americana do *Punch* que pergunta: 'Diga-me, papai, o que vimos em Roma?'. E o pai responde: 'Ora, acho que Roma foi o lugar onde a gente viu aquele cachorro amarelo'. Eis o que significa viajar. Ha! Ha! Ha!"

"Concordo com o senhor", acudiu a senhorita Lavish, que diversas vezes tentara interromper a verve mordaz do capelão. "A estreiteza de espírito e a superficialidade do turista anglo-saxão representam nada menos do que uma ameaça."

"Verdade. Agora, a colônia inglesa em Florença, senhorita Honeychurch... é de tamanho considerável, embora, decerto, não seja igualmente uniforme... uns poucos estão aqui em razão dos negócios, por exemplo. Mas a maior parte é formada por estudantes. Lady Helen Laverstock está no momento ocupada com Fra Angelico. Menciono o nome dela, pois estamos passando por sua *villa*, à esquerda. Não, só é possível ver se ficar de pé... Não, não fique de pé, pois cairá. Ela muito se orgulha daquela sebe abundante. Dentro, jaz a reclusão perfeita. É como se voltássemos seiscentos anos. Há críticos que acreditam que o jardim foi cenário d' *O Decamerão*, o que concorre para emprestar-lhe um interesse adicional, não é verdade?"

"Sim, com toda certeza!", exclamou a senhorita Lavish. "Diga-me, onde esses críticos acham que se deu a cena daquele maravilhoso sétimo dia?"

Mas o senhor Eager continuou contando à senhorita Honeychurch que, à direita, vivia o senhor Fulano de Tal, um americano da melhor cepa — figura tão rara! — e que os Sicranos habitavam mais adiante.

"Com certeza conhece as monografias que a esposa escreveu para a série 'Caminhos Vicinais da Idade Média'. O marido está trabalhando em 'Gemistus

Pletho'. Às vezes, quando tomo chá em sua adorável propriedade, posso ouvir, além dos muros, o bonde elétrico a guinchar pela estrada nova, levando sua carga de turistas suarentos, empoeirados e estúpidos, que pretendem 'apropriar-se de' Fiesole em uma hora e assim dizer que estiveram ali, e imagino... imagino... imagino quão pouco desconfiam do que sucede tão perto deles."

Durante sua fala, as duas figuras na boléia estavam gracejando uma com a outra de modo vergonhoso. Lucy sentiu um espasmo de inveja. Ainda que o casal desejasse comportar-se mal, era agradável ser capaz de atingir seu objetivo. Os dois eram provavelmente os únicos que estavam desfrutando da expedição. A carruagem prosseguiu com solavancos agonizantes através da piazza de Fiesole, seguindo pela estrada de Settignano.

"*Piano*! *Piano*!", bradou o senhor Eager, elegantemente sacudindo a mão sobre a cabeça.

"*Va bene*, *signore*, *va bene*, *va bene*", cantarolou o cocheiro, e açoitou novamente seus cavalos.

Agora o senhor Eager e a senhorita Lavish começaram a discutir sobre o tema de Alessio Baldovinetti. Seria ele a causa da Renascença, ou apenas uma de suas manifestações? A outra diligência ficou para trás. À medida que o ritmo dos cavalos passava para o galope, a forma robusta e modorrenta do senhor Emerson era atirada contra o capelão com a regularidade de uma máquina.

"*Piano*! *Piano*!", protestou ele, lançando um olhar martirizado para Lucy.

Uma guinada suplementar o fez virar-se encolerizado no assento. Faetonte, que durante algum tempo esforçara-se para beijar Perséfone, havia finalmente conseguido.

Uma pequena cena se seguiu, a qual, segundo o relato posterior da senhorita Bartlett, foi bastante desagradável. Os cavalos estancaram, os amantes foram obrigados a se separar, o rapaz perderia seu *pourboire*, a rapariga teria de descer imediatamente.

"Ela é minha irmã", implorou ele, disparando um olhar comiserado.

O senhor Eager deu-se ao trabalho de dizer que ele era um mentiroso. Faetonte abaixou a cabeça, não por causa do que estava sendo acusado, mas devido à maneira como a acusação se deu. Nessa altura, o senhor Emerson, a quem o choque da parada havia despertado, declarou que os amantes não podiam, de maneira nenhuma, serem separados, e deu-lhes palmadinhas nas

costas para indicar sua aprovação. E a senhorita Lavish, embora desinclinada a aliar-se ao velho, sentiu-se impelida a apoiar a causa da boemia.

"É certo que eu os deixaria em paz", ela protestou. "Mas devo dizer que poucos me apoiarão. Sempre me bati contra as convenções a vida toda. Isso é o que *eu* chamo de aventura."

"Não podemos ceder", retrucou o senhor Eager. "Sabia que ele estava com más intenções. Está nos tratando como se fôssemos um grupo de turistas vulgares."

"Decerto que não!", exclamou a senhorita Lavish, mas seu ardor havia diminuído visivelmente.

A outra carruagem estacionou atrás, e o sensato senhor Beebe pretextou que, depois dessa advertência, o casal certamente se comportaria a contento.

"Deixe-os em paz", o senhor Emerson suplicou ao capelão, a quem não admirava nem um pouco. "Será que encontramos a felicidade com tanta freqüência que devemos atirá-la para fora da boléia quando ela por acaso se instala ali? Sermos conduzidos por dois amantes... um rei invejaria nossa sorte! E, se o separarmos, será o maior de todos os sacrilégios de que tenho notícia."

Nesse ponto, ouviu-se a voz da senhorita Bartlett, alertando-os para o fato de que uma aglomeração estava começando a se formar.

O senhor Eager, cuja língua viperina se sobrepunha à vontade férrea, estava determinado a fazer-se ouvir. Ele dirigiu-se novamente ao boleeiro. O idioma italiano na boca dos italianos é uma corrente de voz profunda, com cataratas e pedras erráticas a quebrar-lhe a monotonia. Na boca do senhor Eager, assemelhava-se a nada mais que uma fonte de ácido assobio, que jorrava cada vez mais alto, mais rapidamente e com maior estridência, até que, de chofre, se interrompeu com um clique.

"*Signorina*!", disse o rapaz a Lucy, quando a exibição cessou. Por que ele devia recorrer a ela?

"*Signorina*!", ecoou Perséfone em seu glorioso contralto. Ela apontou para a outra carruagem. Por quê?

Por um momento as duas moças entreolharam-se. Então, Perséfone arredou da boléia.

"Vitória, enfim!", bramiu o senhor Eager, batendo uma mão contra a outra, quando as carruagens voltaram a andar.

"Não é uma vitória", disse o senhor Emerson. "É uma derrota. O senhor separou dois seres que eram felizes."

O senhor Eager cerrou os olhos. Era obrigado a sentar-se perto do senhor Emerson, mas não se dignaria a falar com ele. O velho despertara e, renovado pelo sono, passou a tratar do assunto com veemência. Obrigou Lucy a concordar com ele; gritava para que o filho lhe desse apoio.

"Tentamos obter o que o dinheiro não pode comprar. Barganhamos para que ele nos conduzisse e ele concordou em levar-nos. Mas não temos direitos sobre sua alma."

A senhorita Lavish franziu a testa. É duro quando uma pessoa que classificamos de tipicamente inglesa fala em tamanho desacordo com o comportamento aguardado.

"Ele não dirigia bem", ela opôs-se. "Conduzia-nos às sacudidelas."

"Isso eu nego. Eu seguia tão tranqüilo que cheguei a dormir. Aha! Ele está nos sacudindo agora. Podemos culpá-lo? Ele gostaria de nos atirar para fora, e com toda a razão. E, se eu fosse supersticioso, temeria a moça também. Nunca é bom magoar as pessoas. Ouviu falar de Lorenzo de Médici?"

"Decerto que sim. O senhor se refere a Lorenzo, il Magnífico, ou a Lorenzo, duque de Urbino, ou a Lorenzo chamado de Lorenzino, em razão de sua estatura diminuta?"

"Só Deus sabe. Ele possivelmente o conhece, pois me refiro a Lorenzo, o poeta. Ele escreveu um verso, que ouvi ontem e que segue assim: 'Não saia lutando contra a primavera'."

O senhor Eager não pôde resistir a uma oportunidade de exibir sua erudição.

"'*Non fate guerra al Maggio*'", ele murmurou. "'Não guerreie com maio' seria o sentido correto."

"O ponto é que nós nos opusemos. Veja", ele apontou para o Val d'Arno, visível bem abaixo deles, em meio às árvores verdejantes, "oitenta quilômetros de primavera, e nós viemos aqui para admirá-los. O senhor supõe que há alguma diferença entre a primavera na natureza e a primavera no homem? Mas assim seguimos nós, louvando uma e condenando a outra como se fosse algo inapropriado, envergonhados pelo fato de as mesmas leis funcionarem eternamente através de ambas."

Ninguém o encorajava a falar. Logo o senhor Eager fez um sinal para que os carros parassem, e comandou o grupo em sua excursão pelo campo. Um vale semelhante a um imenso anfiteatro, cheio de degraus em plataformas e oliveiras enevoadas, agora se encontrava entre eles e os píncaros de Fiesole, e a

estrada, ainda seguindo sua curva, estava prestes a subir por um promontório de onde se avistava a planície. Foi esse promontório agreste, úmido e coberto por arbustos e árvores ocasionais que cativou a imaginação de Alessio Baldovinetti, quase cinco séculos antes. Ele o havia galgado, aquele mestre diligente e um tanto obscuro, possivelmente com um olho nos negócios, possivelmente pela simples alegria de ascender. De pé ali, ele dera com a vista do Val d'Arno e da distante Florença, que mais tarde introduziu de maneira não muito eficaz em sua obra. Mas onde exatamente ele se posicionara? Era essa a questão que o senhor Eager esperava resolver agora. E a senhorita Lavish, cuja natureza sempre se deixava atrair por tudo que fosse problemático, ficara outrossim entusiasmada.

Mas não era fácil guardar as pinturas de Alessio Baldovinetti na memória, mesmo quando lembramos de dar uma olhada nelas antes de iniciar o passeio. E a bruma do vale aumentava a dificuldade da busca. O grupo pulava de tufo a tufo de grama, sendo que sua ansiedade para manter-se unido só ombreava a seu desejo de disparar por diversas direções. Finalmente eles se dividiram em grupos menores. Lucy agarrou-se à senhorita Bartlett e à senhorita Lavish; os Emersons voltaram para manter conversações laboriosas com os cocheiros; quanto aos dois clérigos, que, supunha-se, tinham assuntos em comum a discutir, coube a companhia mútua.

As duas mulheres mais velhas logo deixaram cair a máscara. Num sussurro audível que era agora tão familiar a Lucy, elas começaram a discorrer não sobre Alessio Baldovinetti, mas sobre a viagem. A senhorita Bartlett perguntara ao senhor George Emerson qual era a sua profissão, e ele lhe respondera "a ferrovia". Ela se arrependera muitíssimo por ter feito a pergunta. Não tinha idéia de que receberia uma resposta tão melancólica, ou nem teria lhe interrogado. O senhor Beebe desviara o assunto de modo tão hábil que o jovem não ficou muito aborrecido por ter sido indagado.

"A ferrovia!", arquejou a senhorita Lavish. "Ah, essa é de matar! Claro que é a ferrovia!" Era incapaz de controlar a hilaridade. "Ele é a imagem do cabineiro de trem na linha... ah, na linha sudeste."

"Eleanor, fique quieta", dando um puxão em sua colega exuberante. "Psit! Eles vão nos ouvir... os Emersons..."

"Não consigo parar. Deixe-me destilar minha maldade. Um cabineiro..."

"Eleanor!"

"Tenho certeza de que estamos seguras", interveio Lucy. "Os Emersons não nos ouvirão, e não se importariam caso ouvissem."

A senhorita Lavish pareceu não ter gostado.

"A senhorita Honeychurch está nos escutando!", ela exclamou, com ar zangado. "Puxa! Ufa! Que menina levada! Vá embora!"

"Oh, Lucy, com certeza deveria acompanhar o senhor Eager."

"Não sei onde eles estão agora, e nem me importo."

"O senhor Eager ficará ofendido. Vá fazer-lhe companhia."

"Por favor, prefiro ficar aqui."

"Não, eu concordo", ajuntou a senhorita Lavish. "É como uma reunião escolar, os rapazes ficaram separados das garotas. Senhorita Lucy, é preciso que vá. Queremos conversar sobre tópicos mais graves, inadequados a seus ouvidos."

A moça não arredava pé. À medida que sua estada em Florença ia chegando ao fim, só se sentia à vontade entre pessoas que lhe transmitiam indiferença. Uma delas era a senhorita Lavish e, naquele momento, Charlotte. Queria não ter chamado a atenção para sua presença; as duas tinham se irritado com seu comentário e pareciam determinadas a livrar-se dela.

"Como a caminhada nos exaure", disse a senhorita Bartlett. "Ah, bem que eu gostaria que Freddy e sua mãe pudessem estar aqui."

A abnegação da senhorita Bartlett usurpara por completo as funções do entusiasmo. Lucy também não admirava a vista. Nada mais lhe aprazeria até que estivesse a salvo, em Roma.

"Então sente-se aqui", ordenou a senhorita Lavish. "Observe como sou precavida."

Cheia de sorrisos, ela exibiu dois quadrados impermeáveis que protegem os turistas da grama molhada e dos degraus frios de mármore. Ela sentou-se em um; quem se sentaria no outro?

"Lucy", sem hesitar um segundo, "Lucy. Eu me contento com o chão. Realmente, o reumatismo não me aflige faz anos. Se eu sentir a aproximação de um ataque, ficarei de pé. Imagine o que sua mãe vai pensar se eu deixá-la sentar no molhado com seu linho branco." Ela deixou-se cair onde o solo parecia particularmente úmido. "Aqui estamos, todas deliciosamente instaladas. Mesmo sendo mais fino, meu vestido não ficará muito marcado, pois é marrom. Sente-se, querida; você é tão altruísta; não faz valer seus direitos." Limpou a garganta. "Ora, não fique alarmada; não é um resfriado. É uma

tossezinha sem importância, e estou com ela faz três dias. Não tem nada a ver com o fato de eu estar sentada aqui."

Só havia um modo de lidar com a situação. Ao cabo de cinco minutos, Lucy saiu em busca do senhor Beebe e do senhor Eager, derrotada pelo paninho impermeável.

Ela se dirigiu aos cocheiros, que se refestelavam nas carruagens, perfumando as almofadas com charutos. O jovem vilão, um rapaz ossudo tisnado pelo sol, levantou-se para saudá-la com a cortesia de um anfitrião e a confiança de um parente.

"*Dove*?", indagou Lucy, depois de muita reflexão ansiosa.

O rosto do italiano iluminou-se. É claro que ele sabia onde. Não era longe também. Seu braço estendeu-se três quartos para o horizonte. Era capaz de jurar que sabia onde. Ele pressionou a ponta dos dedos na testa e os empurrou na direção dela, como se vertessem um visível extrato de conhecimento.

Mas eram necessárias mais explicações. Como se dizia "clérigo" em italiano?

"*Dove buoni uomini*?", ela indagou, por fim.

Bons? Certamente não era um adjetivo apropriado àqueles nobres seres! Mostrou-lhe o charuto.

"*Uno... pio... piccolo*", foi sua observação seguinte, querendo dizer que o "charuto lhe fora dado pelo senhor Beebe, o mais baixo dos dois bons homens".

Ela estava, como de hábito, correta. Ele amarrou o cavalo à árvore, chutou-o para que ficasse quieto, espanou a carruagem, ajeitou o cabelo, endireitou o chapéu, incrementou o bigode e, em pouco menos de quarenta e cinco segundos, estava pronto para guiá-la. Os italianos nascem sabendo o caminho. Parecia que toda a terra se esparramava na frente deles, não como um mapa, mas como um tabuleiro de xadrez, onde eles continuamente contemplavam as peças intercambiáveis, assim como as casas. Qualquer um pode encontrar lugares, mas encontrar pessoas é uma graça divina.

Ele apenas parou uma vez, para apanhar-lhe perfeitas violetas azuis. Na companhia daquele homem comum, o mundo era belo e direto. Pela primeira vez, ela sentiu a influência da primavera. O braço do jovem

abarcava com graça o horizonte; as violetas, como o resto, existiam em grande profusão ali; gostaria de admirá-las?

"*Ma buonni uomini*?"

Ele fez uma mesura. Certamente. Os bons homens em primeiro lugar, as violetas depois. Eles continuaram a passo rápido pela vegetação rasteira, que se tornava cada vez mais espessa. Aproxi-mavam-se da beira do promontório, e a vista movia-se a seu redor, conquanto a rede castanha de arbustos espatifasse-a em inumeráveis pedaços. O rapaz estava ocupado com o cigarro e em manter afastados os ramos delgados. Ela estava encantada com sua fuga à monotonia. Nem um passo nem um graveto eram-lhe desimportantes.

"Que é isso?"

Ouviu-se uma voz na floresta, ao longe, atrás. Era a voz do senhor Eager? Ele deu de ombros. A ignorância de um italiano é às vezes mais notável que seu conhecimento. Ela não conseguia fazê-lo entender que talvez tivessem se perdido dos sacerdotes. A vista estava enfim se formando; ela podia discernir o rio, a planície dourada, as outras colinas.

"*Eccolo!*", ele exclamou.

Ao mesmo tempo o chão escapou aos pés de Lucy e, com um grito, ela desabou das sebes. A luz e a beleza a engolfaram. Ela caíra numa pequena plataforma aberta, revestida de violetas de ponta a ponta.

"Coragem!", gritou seu companheiro, agora distante quase dois metros acima dela. "Coragem e amor."

Ela não respondeu. De seus pés o terreno precipitava-se abruptamente para a vista, e violetas corriam em regatos, correntes e cataratas, irrigando as encostas de azul, engolfando os caules das árvores, desaguando-se em piscinas nas baixadas, cobrindo o relvado com manchas de espuma cerúlea. Mas em nenhum outro lugar elas se amontoavam em tamanha profusão; aquele terraço era a nascente, a fonte iniciática de onde a beleza irrompia para banhar a terra.

De pé à sua beira, como um nadador que se prepara para o salto, estava o bom homem. Mas ele não era o bom homem que ela esperava, e estava sozinho.

George se virara com o som de sua chegada. Por um momento ele a contemplou como a alguém que houvesse caído dos céus. Ele divisou

alegria radiante em seu rosto, viu as flores baterem-se contra o seu vestido em ondas azuladas. A sebe acima se fechara. Ele adiantou-se rapidamente em sua direção e beijou-a.

Antes que ela pudesse falar, quase antes mesmo de ter podido sentir, uma voz ecoou: "Lucy! Lucy! Lucy!". O silêncio da vida fora rompido pela senhorita Bartlett, cuja figura marrom obscurecia a vista.

7

A volta

Uma espécie de jogo complexo fora jogado de alto a baixo nas montanhas, a tarde toda. Do que se tratava e exatamente como os jogadores se dividiram, Lucy demorou para atinar. O senhor Eager recepcionou-os com um olhar interrogativo. Charlotte o havia repelido com sua conversinha fiada. O senhor Emerson, em busca do filho, foi informado do seu paradeiro. O senhor Beebe, que mantinha o semblante acalorado de uma potência neutra, foi encarregado de recolher as facções para a viagem de volta. Havia um sentimento geral de hesitação e espanto. Pã estivera entre eles — não o grande deus Pã, que havia dois mil anos jazia sepultado, mas o pequeno deus Pã, que preside os contratempos sociais e os piqueniques fracassados. O senhor Beebe havia se perdido de todos, e consumira na solidão o conteúdo da cesta de chá que havia trazido como uma surpresa agradável. A senhorita Lavish se perdera da senhorita Bartlett. Lucy se perdera do senhor Eager. O senhor Emerson se perdera de George. A senhorita Bartlett perdera uma toalhinha impermeável. Faetonte havia perdido o jogo.

Este último fato era incontestável. Ele subira na boléia tiritando de frio, o colarinho puxado para o alto, profetizando a rápida aproximação do mau tempo.

"Devemos partir imediatamente", ele disse. "O *signorino* pode ir a pé."

"O caminho todo? Levará horas", afirmou o senhor Beebe.

"É possível. Eu disse a ele que não era sensato." Ele não olhava no rosto de ninguém; talvez a derrota lhe fosse particularmente humilhante. Somente ele havia jogado com toda a sua habilidade, usando todo o seu instinto, ao passo que os outros usaram apenas fragmentos de inteligência. Somente ele havia adivinhado o que eram as coisas, e o que desejava que elas fossem. Somente ele havia interpretado a mensagem que Lucy recebera cinco dias atrás, dos lábios de um moribundo. Perséfone, que passa metade da vida no

sepulcro — ela também podia interpretá-lo. Mas não aqueles ingleses. O conhecimento sempre lhes chega tarde, e talvez tarde demais.

As reflexões de um boleeiro de carro de aluguel, posto que justas, raramente afetam a vida de seus empregadores. Era o mais capaz dos opositores da senhorita Bartlett, mas, infinitamente, o menos perigoso. Assim que voltassem à cidade, ele e sua antevisão e seu conhecimento deixariam de preocupar as damas inglesas. Claro, era muito desagradável; ela avistara sua cabeça negra nos arbustos; seria capaz de compor uma anedota de taverna com tudo aquilo. Mas, afinal, que nos interessam as tavernas? A ameaça real pertence à sala de estar. Era nas pessoas da sala de estar que a senhorita Bartlett meditava enquanto viajava na direção do sol poente. Lucy sentava-se a seu lado; o senhor Eager, a sua frente, tentando chamar-lhe a atenção; estava vagamente desconfiado. Falavam de Alessio Baldovinetti.

A chuva e a escuridão desabaram ao mesmo tempo. As duas mulheres comprimiram-se debaixo de uma sombrinha inadequada. Deu-se o clarão de um relâmpago, e a senhorita Lavish, que estava nervosa, gritou da diligência adiante. Com o clarão seguinte, Lucy também gritou. O senhor Eager dirigiu-se a ela com profissionalismo.

"Coragem, senhorita Honeychurch, coragem e fé. Se me permite dizer, há algo de quase blasfemo nesse horror aos elementos. Devemos seriamente supor que todas essas nuvens, toda essa imensa exibição elétrica materializaram-se apenas para extinguir a senhorita e a mim?"

"Não... claro..."

"Mesmo do ponto de vista científico, a probabilidade de ser atingido é ínfima. As faquinhas de aço, os únicos objetos que poderiam atrair a corrente, estão na outra carruagem. E, de todo modo, estamos infinitamente mais seguros aqui do que se fôssemos andando. Coragem... coragem e fé."

Sob a manta, Lucy sentiu o aperto gentil da mão de sua prima. Às vezes nossa necessidade de um gesto compassivo é tamanha que nem nos importamos com o que ele possa significar ou com quanto teremos de pagar por ele depois. A senhorita Bartlett, por causa desse oportuno emprego de seus músculos, ganhou mais do que teria obtido em horas de sermões e interrogatório minucioso.

Ela redobrou o aperto quando os dois carros pararam, a meio caminho de Florença.

"Senhor Eager!", chamou o senhor Beebe. "Precisamos de sua assistência. Poderia servir-nos de intérprete?"

"George!", gritou o senhor Emerson. "Pergunte ao cocheiro qual o caminho que George tomou. O rapaz pode ter se perdido. Ele pode ter sido morto."

"Vá, senhor Eager", insistiu a senhorita Bartlett. "Não, não pergunte ao nosso cocheiro; nosso cocheiro não serve para nada. Vá e ajude o senhor Beebe; estão deixando-o louco."

"Ele pode ter sido morto!", gritava o velho. "Ele pode ter sido morto."

"Um comportamento típico", comentou o capelão, ao descer da carruagem. "Na presença da realidade, esse tipo de gente invariavelmente perde o controle."

"O que ele sabe?", sussurrou Lucy, assim que ficaram a sós. "Charlotte, quanto o senhor Eager sabe?"

"Nada, querida; ele não sabe de nada. Mas...", ela apontou para o boleeiro, "... ele sabe de tudo. Querida, será que devemos? Será que eu?", ela apanhou a bolsa. "É horrível nos misturarmos com pessoas de classe inferior. Ele viu tudo", batendo nas costas de Faetonte com seu guia, ela disse: "*Silenzio*!" e ofereceu-lhe um franco.

"*Va bene*", ele respondeu, e aceitou a moeda. Tanto lhe importava essa conclusão do dia quanto qualquer outra. Mas Lucy, uma donzela mortal, ficou desapontada com ele.

Houve uma explosão na estrada. A tempestade havia atingido o fio suspenso da linha do bonde, e uma das grandes pilastras caiu. Se não tivessem parado, talvez tivessem se machucado. Preferiram considerar o evento um milagre, e torrentes de amor e sinceridade, capazes de brotar em qualquer momento da vida, precipitaram-se em grande agitação. Eles desceram das carruagens e abraçaram-se. Era tão prazenteiro ser perdoado de desmerecimentos passados quanto perdoá-los. Por um instante, divisaram vastas possibilidades para promover o bem.

Os mais velhos recobraram-se rapidamente. Diante do próprio paroxismo de sua emoção, sabiam que esta não era apropriada a uma dama ou a um cavalheiro. A senhorita Lavish calculou que, mesmo se houvessem continuado, não teriam sido colhidos pelo acidente. O senhor Eager resmungou uma prece moderada. Mas os cocheiros, durante quilômetros de estrada escura e

esquálida, entregaram a alma às dríades e aos santos, e Lucy entregou a sua à prima.

"Charlotte, querida Charlotte, beije-me. Beije-me de novo. Só você pode me compreender. Você me avisou para ter cuidado. E eu pensei... pensei que estivesse aprendendo."

"Não chore, querida. Não se apresse."

"Agi de modo obstinado e tolo... pior do que imagina... muito pior. Uma vez, no rio... Oh, mas ele não está morto... ele não estaria morto, estaria?"

O pensamento perturbou seu ato de constrição. Na verdade, a tempestade mostrava-se pior na estrada; mas ela estivera perto do perigo, e achava que o perigo havia de rondar a todos.

"Não creio. Sempre devemos rogar para que isso não aconteça."

"Ele é realmente... Acho que foi pego de surpresa, como eu fui, antes. Mas desta vez não posso ser responsabilizada; quero que acredite nisso. Simplesmente escorreguei naquelas violetas. Não. Quero ser realmente sincera. Tenho uma parcela de culpa. Contemplei pensamentos tolos. O céu, sabe, estava dourado, e o chão todo azul, e, por um momento, ele se me afigurou como uma figura num livro."

"Num livro?"

"Heróis... deuses... os disparates de colegiais."

"E então?"

"Mas, Charlotte, você sabe o que aconteceu então."

A senhorita Bartlett ficou em silêncio. De fato, não havia muito mais a ser contado. Com certa perspicácia, ela afeiçoadamente puxou a prima para si. Durante todo o caminho de volta, o corpo de Lucy foi abalado por suspiros profundos, que não conseguia evitar.

"Quero ser sincera", ela sussurrou. "É tão difícil ser absolutamente sincera."

"Não se preocupe, querida. Espere até ficar mais calma. Conversaremos sobre isso antes de dormir, em meu quarto."

Elas reentraram na cidade com as mãos unidas. A moça chocou-se a ver quanto a emoção havia se esvaziado nos outros. A tempestade amainara, e o senhor Emerson ficou mais tranqüilo com relação ao filho. O senhor Beebe recuperou o bom humor e o senhor Eager já estava afetando arrogância diante da senhorita Lavish. Apenas de Charlotte ela estava certa — Charlotte, cujo exterior ocultava tanto tino e amor.

O deleite da confissão manteve-a quase feliz durante a longa noite. Ela não pensava tanto no que havia ocorrido, mas sim no modo como haveria de descrevê-lo. Todas as suas sensações, espasmos de coragem, os momentos de desarrazoada alegria, seu misterioso descontentamento, haviam de ser zelosamente expostos à prima. E, juntas, em divina confiança, haviam de destrinçar e interpretar tudo aquilo.

"Por fim", ela refletiu, "hei de compreender a mim mesma. Nunca mais hei de ser perturbada por coisas que surgem do nada e significam sabe-se lá o quê."

A senhorita Alan convidou-a a tocar. Ela recusou com veemência. A música lhe pareceu uma ocupação de criança. Sentou-se perto da prima, que, com paciência louvável, ouvia uma longa história sobre bagagens perdidas. Quando a narrativa terminou, ela a arrematou com uma anedota pessoal. Lucy ficou um tanto histérica com a postergação. Em vão procurou interromper, ou, no mínimo, acelerar a história. Foi apenas numa hora tardia que a senhorita Bartlett recuperou a bagagem e pôde dizer em seu tom habitual de gentil admoestação:

"Bem, querida, eu, pelo menos, estou pronta para ir para o reino de Morfeu. Venha a meu quarto, e lhe darei uma boa escovada no cabelo."

Com alguma solenidade a porta foi trancada e uma cadeira de vime posicionada para a moça. Então, a senhorita Bartlett perguntou:

"Então, que deve ser feito?"

Lucy não estava pronta para a pergunta. Não lhe ocorrera que precisariam fazer alguma coisa. Uma exibição detalhada de seus sentimentos era tudo com que contava.

"Que deve ser feito? Trata-se de um ponto, querida, sobre o qual somente você pode decidir."

A chuva despencava aos borbotões sobre as janelas negras e o imenso quarto parecia úmido e frio. Uma vela ardia trêmula sobre a cômoda perto da touca da senhorita Bartlett, imprimindo sombras monstruosas e fantásticas na porta trancada. Um bonde rugiu na escuridão e Lucy sentiu-se indizivelmente triste, embora fizesse tempo que os olhos secaram. Ela ergueu-os para o teto, onde os grifos e os fagotes lhe pareceram incolores e vagos, os próprios espectros da alegria.

"Está chovendo há quase quatro horas", ela observou, por fim.

A senhorita Bartlett ignorou o comentário.

"Como propõe silenciá-lo?"

"O cocheiro?"

"Minha cara menina, não; o senhor George Emerson."

Lucy começou a andar de um lado para outro do quarto.

"Não entendo", foi sua resposta.

Ela entendia muito bem, mas não queria mais ser totalmente sincera.

"Como vamos impedi-lo de contar o que aconteceu?"

"Tenho a impressão de que contar é uma coisa que ele jamais fará."

"Eu também sou tentada a julgá-lo com bonomia. Mas infelizmente encontrei tipos assim antes. Eles raramente mantêm silêncio sobre suas conquistas."

"Conquistas?", gritou Lucy, estremecendo diante do horrível plural.

"Minha pobre querida, supõe mesmo que foi a primeira? Venha aqui e me escute. Tiro minhas conclusões a partir de observações que ele próprio fez. Lembra-se daquele dia, durante o almoço, quando disse à senhorita Alan que gostar de uma pessoa é razão a mais para gostar de outra?"

"Sim", respondeu Lucy, a quem, desta feita, o argumento havia agradado.

"Bom, não sou nenhuma pudica. Não há razão para chamá-lo de jovem perverso, mas obviamente ele é completamente impolido. Vamos atribuir isso aos antecedentes deploráveis do moço e à sua educação, se quisermos. Mas não avançamos nada com a questão. O que propõe fazer?"

Uma idéia disparou pela mente de Lucy, a qual, houvesse a moça pensado nela antes, assimilando-a por completo, teria sido cabal.

"Proponho falar com ele", ela declarou.

A senhorita Bartlett emitiu um gritinho de genuína comoção.

"Como vê, Charlotte, sua bondade... Eu nunca me esquecerei dela. Mas... como disse... é minha responsabilidade. Minha e dele."

"Está querendo dizer que irá implorar, irá suplicar-lhe o silêncio?"

"Decerto que não. Não haverá nenhuma dificuldade." Independentemente do que lhe peçamos, ele sempre responde com sim ou não; então, está acabado. Já tive receios dele. Mas agora não tenho mais.

"Mas nós o receamos por você, querida. Você é tão jovem e inexperiente, viveu entre gente tão boa, que não pode perceber o que são os homens... como eles podem obter um prazer brutal em insultar uma mulher a quem o sexo não protege nem revigora. Esta tarde, por exemplo, se eu não houvesse chegado, o que teria acontecido?"

"Nem sei dizer", respondeu Lucy, séria.

Algo em sua voz fez com que a senhorita Bartlett repetisse a pergunta, entoando com mais vigor.

"O que teria acontecido se eu não houvesse chegado?"

"Nem sei dizer", tornou Lucy a dizer.

"Quando ele a insultou, como teria respondido?"

"Não tive tempo de pensar. Você chegou."

"Sim, mas não pode me dizer agora o que teria feito?"

"Eu teria..." Ela refreou-se, interrompendo a frase. Dirigiu-se para a janela encharcada e forçou a vista na escuridão. Não conseguia pensar no que teria feito.

"Saia de perto da janela, querida", disse a senhorita Bartlett. "Poderão vê-la da rua."

Lucy obedeceu. Estava sob o poder da prima. Não conseguia escapar à nota de auto-imolação com que havia começado. Nenhuma das duas se referiu de novo à sua sugestão de que falaria com George para resolver o assunto, seja lá qual este fosse.

O tom da senhorita Bartlett passou à lamúria.

"Ó, se houvesse um homem de verdade! Somos apenas duas mulheres, você e eu. O senhor Beebe é inútil. Há o senhor Eager, mas você não confia nele. Ó, se seu irmão estivesse aqui! Ele é jovem, mas sei que um insulto dirigido contra a irmã despertaria nele o próprio leão. Graças a Deus que o cavalheirismo ainda não está morto. Há ainda alguns homens capazes de reverenciar a mulher."

Enquanto falava, ia tirando os anéis, que eram vários, e dispunha-os sobre a almofadinha de alfinetes. Então soprou dentro das luvas e declarou:

"Será um esforço pegar o trem da manhã, mas precisamos tentar."

"Que trem?"

"O trem para Roma", ela observou criticamente suas luvas. A moça recebeu a notícia com a mesma tranqüilidade com que ela fora transmitida.

"A que horas parte o trem para Roma?"

"Às oito horas."

"A *signora* Bertolini ficará aborrecida."

"Precisamos encarar esse fato", afirmou a senhorita Bartlett, sem querer confessar que já havia anunciado a partida.

"Ela nos fará pagar a semana inteira."

"Receio que sim. Contudo, ficaremos muito mais à vontade no hotel dos Vyses. O chá da tarde não é servido gratuitamente ali?"

"Sim, mas pagam a mais pelo vinho."

Depois dessa observação, ela quedou imóvel e silenciosa. Para seus olhos cansados, Charlotte pulsava e distendia-se como uma figura fantasmagórica de sonho.

Elas começaram a separar as roupas para as malas, pois não havia tempo a perder se quisessem pegar o trem para Roma. Lucy, quando aconselhada, começou a mover-se de um quarto para outro, mais ciente do desconforto de fazer as malas à luz das velas do que de um mal-estar mais sutil. Charlotte, que era prática, mas não hábil, ajoelhou-se ao lado de um baú vazio, em vão empenhando-se para revesti-lo com livros de grossura e tamanho variáveis. Ela deu dois ou três suspiros, pois a posição encurvada machucava-lhe as costas e, a despeito de toda a sua diplomacia, sentia que estava ficando velha. A moça ouviu-a quando entrou no quarto e foi tomada por um dos impulsos emocionais para os quais não sabia atribuir uma causa. Apenas refletiu que a vela iria queimar melhor, a arrumação seguiria com maior facilidade, o mundo seria mais feliz, em suma, se ela desse e recebesse um pouco de amor humano. O impulso estivera ali antes, mas nunca com tamanha força. Ela sentou-se ao lado da prima e tomou-a nos braços.

A senhorita Bartlett correspondeu ao abraço com carinho e calor. Mas não era uma mulher estúpida e sabia muito bem que Lucy não a amava, mas precisava dela para amar. Pois foi em tons sinistros que falou, depois de uma longa pausa:

"Minha querida Lucy, como poderá um dia perdoar-me?".

Lucy ficou imediatamente em alerta, sabendo por amarga experiência o que significava perdoar a senhorita Bartlett. A emoção esvaiu; ela afrouxou um pouco o enlace e disse:

"Charlotte, querida, que quer dizer? Como se eu tivesse alguma coisa a perdoar!".

"Você tem um bocado e eu também tenho muito a me perdoar. Sei muito bem como a exaspero em diversas ocasiões."

"Mas não..."

A senhorita Bartlett assumiu seu papel favorito, o de mártir prematuramente envelhecida.

"Ah, mas é verdade! Sinto que nossa pequena excursão dificilmente foi o sucesso que eu esperava. Deveria ter adivinhado que não poderia ser. Você quer alguém mais jovem, mais forte e mais solidário. Sou aborrecida e antiquada demais — sirvo apenas para fazer e desfazer suas malas."

"Por favor..."

"Meu único consolo foi que encontrou gente que era mais do seu agrado e muitas vezes foi capaz de me deixar em casa. Eu tinha minhas pobres idéias de como uma dama deveria comportar-se, mas espero não tê-la aborrecido com elas mais do que foi necessário. Você tinha seu próprio domínio em relação a esses quartos, de todo modo."

"Você não deve dizer essas coisas", repreendeu Lucy, com brandura.

Ela ainda se prendia à esperança de que ela e Charlotte amavam-se uma à outra, de todo o coração. As duas continuaram a arrumar as malas em silêncio.

"Eu fui um fracasso", disse a senhorita Bartlett, enquanto forcejava com as faixas do baú de Lucy, em vez de enfaixar sua própria bagagem. "Falhei em fazê-la feliz; falhei na promessa que fiz à sua mãe. Ela foi tão generosa comigo; nunca mais serei capaz de encará-la após este desastre."

"Mas mamãe a entenderá. Essa questão não é sua culpa, e também não é um desastre."

"É culpa minha e é um desastre. Ela nunca me perdoará, e com toda a razão. Por exemplo, que direito tenho eu de travar amizade com a senhorita Lavish?"

"Todo o direito.

"Quando estava aqui por sua causa? Se eu a aborreci, também é verdade que a abandonei. Sua mãe verá isso com a mesma clareza que eu, quando você lhe contar."

Lucy, com um desejo pusilânime de salvar a situação, sugeriu:

"Por que mamãe precisa saber?".

"Mas você não lhe conta tudo?"

"Suponho que sim, de modo geral."

"Não ouso quebrar essa confiança. Há algo de sagrado aí. A não ser que sinta que é algo que não pode contar a ela."

A moça não podia ser degradada a esse ponto.

"Eu naturalmente deveria contar. Mas, para evitar que ela a responsabilize de algum modo, prometo que não o farei. Estou bastante disposta a não contar. Não falarei a ela nem a ninguém."

A promessa encerrou a longa conversação. A senhorita Bartlett salpicou um beijo vivaz em cada bochecha, desejou-lhe boa-noite e mandou-a para o quarto.

Por um momento o problema original ficou na retaguarda.
A atitude de George seria vista como a de um rematado mandrião; talvez fosse esse o juízo que ela acabaria formando, no fim. No momento, nem o inocentava nem o condenava; não fazia julgamentos. Na hora em que estava prestes a julgá-lo, a voz da prima interveio e, desde então, foi a senhorita Bartlett quem dominou; a senhorita Bartlett, cujos suspiros, mesmo agora, podiam ser ouvidos por uma fenda na parede divisória; a senhorita Bartlett que não fora nem flexível nem humilde nem consistente. Ela trabalhara como uma grande artista; durante certo tempo — de fato, durante anos —, parecera-lhe insignificante, mas, ao cabo, fora apresentada à moça o retrato completo de um mundo sem alegria nem amor, no qual os jovens se arrojam à ruína até aprenderem a lição... Um mundo vexado de precauções e barreiras capazes de evitar o perigo, mas que não parecem ocasionar nenhum bem, se pudermos julgar por aqueles que mais as utilizam.

Lucy estava sofrendo da falta mais atroz que esse mundo já descobrira: uma vantagem diplomática fora usurpada à sua sinceridade, a seu anseio por solidariedade e amor. Uma falta desse naipe não se esquece facilmente. Nunca mais ela se exporia sem a devida consideração e precaução contra o vitupério. E tal falta pode interagir na alma de forma desastrosa.

A campainha soou e ela lançou-se às persianas, mas, antes que chegasse a elas, hesitou, virou-se e apagou a vela. Assim foi que, embora visse alguém parado na chuva lá embaixo, ele, apesar de olhar para cima, não podia avistá-la.

Para chegar até seu quarto, ele teria de passar pelo dela. Lucy ainda estava vestida. Ocorreu-lhe que podia esgueirar-se até o corredor e apenas dizer que, antes de ele acordar, já teria partido, encerrando assim o extraordinário relacionamento de ambos.

Se Lucy teria tido coragem de fazê-lo, nunca saberemos, pois, no momento crítico, a porta da senhorita Bartlett abriu-se e a voz da prima disse:

"Gostaria de ter uma palavrinha com o senhor na sala de estar, senhor Emerson, por favor".

Logo os passos de ambos voltaram a ecoar, e a senhorita Bartlett despediu-se:

"Boa noite, senhor Emerson".

A respiração profunda e fatigada do moço foi a única resposta; a dama de companhia havia feito o seu trabalho.

Lucy choramingou alto: "Não é verdade. Não pode ser verdade. Não quero cair num atoleiro mental. Quero crescer logo".

A senhorita Bartlett bateu na parede.

"Vá para a cama agora mesmo, querida. Precisa de todo o descanso que puder obter."

Pela manhã, elas partiram para Roma.

PARTE 2

8

Medieval

As cortinas da sala de estar, em Windy Corner, estavam cerradas, pois o tapete era novo e merecia proteção contra o sol de agosto. Tratava-se de cortinas pesadas, que quase atingiam o chão, e a luz que filtravam era tênue e variegada. Um poeta — nenhum estava presente — poderia ter citado "A vida como uma cúpula de cristal multicolor", ou ter comparado as cortinas a comportas de um dique, fechadas contra as intoleráveis marés celestes. Fora, rutilava um mar fulgurante; dentro, a glória, conquanto visível, vinha temperada para satisfazer as capacidades do homem.

Duas pessoas cordatas sentavam-se ali. Uma — um rapaz de dezenove anos — estudava um pequeno manual de anatomia, de quando em vez relanceando um olhar para um osso que se achava sobre o piano. Ocasionalmente, pulava na cadeira, resfolegava e gemia, pois o dia estava quente, as letras eram miúdas e o desenho do corpo humano era terrivelmente malfeito; sua mãe, que compunha uma carta, não cessava de ler para ele o que havia escrito. Também não parava de levantar-se, de entreabrir as cortinas, fazendo cair no tapete uma nesga de luz, e de repetir que eles ainda se encontravam ali.

"Onde não estariam?", perguntou o rapaz, que era o Freddy, o irmão de Lucy. "Devo dizer que isso está me enjoando."

"Pelo amor de Deus, saia de minha sala de estar, então!", gritou a senhora Honeychurch, que esperava curar os jargões dos jovens tomando-os ao pé da letra.

Freddy não se moveu nem respondeu.

"Acho que está chegando ao fim", ela observou, na esperança de ouvir a opinião do filho acerca da situação, sem ser obrigada a obtê-la através de súplicas exageradas.

"Já não era sem tempo."

"Alegro-me que Cecil esteja fazendo o pedido mais uma vez."

"É a terceira tentativa, não é?"

"Freddy, considero a maneira como você se exprime muito pouco gentil."

"Não quis ser grosseiro." Então, acrescentou: "Mas, no meu entender, Lucy deveria ter se livrado disso na Itália. Não sei como as garotas fazem essas coisas, mas não deve ter dito 'não' de modo adequado antes, ou não teria de repeti-lo agora. Tudo isso (não sei explicar) me deixa bastante incomodado."

"Deixa mesmo, querido? Que interessante!"

"Sinto-me... Não importa."

Ele voltou-se ao trabalho.

"Escute aqui o que escrevi à senhora Vyse. Eu disse: 'Querida senhora Vyse...'."

"Sim, mãe, a senhora me contou. Uma carta supimpa."

"Eu disse: 'Querida senhora Vyse, Cecil acaba de pedir minha permissão e ficarei encantada, se Lucy também aprová-lo. Mas...'", ela parou de ler. "Achei um tanto divertido que Cecil tivesse me pedido permissão. Ele sempre foi contra as convenções, contra a intermediação dos pais e assim por diante. Mas, quando se trata do que interessa, ele não segue em frente sem mim."

"Sem mim também."

"Você?"

Freddy fez que sim.

"Que quer dizer?"

"Ele também pediu minha permissão."

Ela exclamou: "Que estranho da parte dele!".

"Por quê?", indagou o filho e herdeiro. "Por que minha permissão não deveria ter sido solicitada?"

"O que você entende de Lucy ou de garotas ou de qualquer coisa? Que foi que respondeu?"

"Eu disse para Cecil: 'Leve-a com você ou deixe-a aqui. Não é da minha conta!'."

"Que resposta útil!", mas a resposta dela, embora elaborada num linguajar mais habitual, surtiu o mesmo efeito.

"A complicação é a seguinte", encetou Freddy.

Então ele retornou à leitura, encabulado demais para explicar qual era a complicação. A senhora Honeychurch voltou para a janela.

"Freddy, você precisa vir aqui. Eles ainda estão lá!"

"Não acho que a senhora deveria ficar bisbilhotando assim."

"Bisbilhotando assim? Não posso olhar por minha própria janela?"

Mas ela tornou à escrivaninha, observando, ao passar pelo filho: "Ainda na página 322?". Freddy bufou e virou duas páginas. Por um breve momento, ficaram em silêncio. Perto dali, do outro lado das cortinas, o murmúrio gentil de uma longa conversação mantinha-se ininterrupto.

"A complicação é a seguinte: dei uma grande mancada com Cecil", ele engoliu nervosamente em seco. "Não contente com a
'permissão' que eu lhe dei... ou seja, eu disse 'não é da minha conta'... Bem, não contente com isso, ele quis saber se eu não estava enlouquecido de alegria. Ele praticamente expôs o assunto da seguinte maneira: não seria esplêndido, não só para Lucy, mas para Windy Corner em geral, se ele se casasse com ela? E exigiu uma resposta. Disse que reforçaria o seu pedido."

"Espero que tenha dado uma resposta cuidadosa, querido."

"Eu disse 'Não'", revelou o rapaz, cerrando os dentes. "Aí está! O que estragou tudo. Não pude evitar... Tive de dizer o que disse. Tive de dizer não. Ele nunca deveria ter me perguntado."

"Garoto infeliz!", gritou a mãe. "Acha que é tão consagrado e franco, mas no fundo é apenas um abominável convencido. Acha mesmo que um homem como Cecil daria a menor importância ao que quer que seja que você tenha dito? Espero que ele tenha lhe aplicado um tabefe no ouvido. Como ousou dizer não?"

"Ah, por favor, fique quieta, mãe! Tive de dizer não, pois não podia dizer sim. Tentei rir daquilo como se não quisesse ter dito o que disse e, como Cecil também riu, e se afastou, poder ter dado tudo certo. Mas sinto que foi uma mancada. Ah, por favor, fique quieta, e deixe um homem seguir com seu trabalho."

"Não", volveu a senhora Honeychurch, com um ar de quem ponderou o assunto, "não vou me calar. Você sabe tudo o que se passou com eles em Roma; sabe por que ele está aqui; mesmo assim, deliberadamente o insultou, e tentou expulsá-lo de minha casa."

"Não é nada disso!", ele jurou. "Só deixei escapar que não gosto dele. Não o detesto, mas não gosto dele. O que me incomoda é que ele vai contar a Lucy."

Ele relanceou as cortinas com ar soturno.

"Bem, *eu* gosto dele", afirmou a senhora Honeychurch. "Conheço a mãe dele; é um bom rapaz, inteligente, rico e bem relacionado... Ah! Você não precisa chutar o piano! Ele é bem relacionado... Posso repeti-lo se quiser: ele é bem relacionado", ela interrompeu-se, como se estivesse ensaiando sua elegia, mas o semblante permaneceu insatisfeito. Acrescentou: "E tem belos modos".

"Eu gostava dele até agora pouco. Suponho que seja o fato de ter vindo aqui, estragando a primeira semana da volta de Lucy; e também é algo que o senhor Beebe disse, sem saber."

"O senhor Beebe?", indagou a mãe, tentando ocultar o interesse. "Não entendo como o senhor Beebe entra na história."

"Sabe como o senhor Beebe é engraçado; nunca sabemos bem o que ele quer dizer. Ele disse: 'O senhor Vyse é um perfeito solteirão'. Fui bastante astuto. Perguntei-lhe o que queria dizer. Ele disse: 'Ah, ele é como eu... melhor como celibatário'. Não pude fazê-lo explicar-se melhor, mas fiquei cismado. Desde que veio atrás de Lucy, Cecil deixou de ser amável, no mínimo... Não consigo explicar."

"Você nunca consegue, querido. Mas eu sim. Está com ciúmes de Cecil, pois ele vai fazer com que Lucy pare de cerzir suas gravatas de seda."

A explicação pareceu plausível e Freddy procurou aceitá-la. Mas, bem no fundo, ainda se escondia uma ligeira desconfiança. Cecil elogiava demais as pessoas atléticas. Seria isso? Cecil fazia com que o interlocutor conversasse do jeito dele, em vez de deixá-lo falar como quisesse, o que era cansativo. Seria isso? E Cecil era o tipo de sujeito que nunca usaria o boné de outro camarada. Alheio à própria profundidade, Freddy refreou-se. Devia sentir ciúmes, ou não desgostaria de alguém por causa de razões tão tolas.

"Será que está bom?", indagou a mãe. ""Querida senhora Vyse, Cecil acaba de pedir minha permissão e ficarei encantada se Lucy também aprová-lo'. Então acrescentei lá em cima: 'Conforme fiz saber à minha filha'. Terei de reescrever a carta... 'Conforme fiz saber à minha filha. Mas Lucy parece um pouco hesitante e, nos dias atuais, os jovens precisam tomar sua própria decisão.' Menciono isso porque não quero que a senhora Vyse pense que sou antiquada. Ela é a favor de palestras e do desenvolvimento da mente; enquanto isso, uma grossa camada de pó se amontoa sob as camas e podemos ver marcas de sujeira dos dedos das criadas quando acendemos a luz elétrica. A manutenção daquele apartamento é abominável..."

"Na hipótese de Lucy casar-se com Cecil, ela vai morar num apartamento ou no campo?"

"Não me interrompa com perguntas bobas. Onde eu estava? Ah, sim... 'Os jovens precisam tomar sua própria decisão. Sei que Lucy gosta de seu filho, pois minha filha me conta tudo, e ela me escreveu de Roma quando ele fez o primeiro pedido.' Não, vou tirar esta última frase: soa condescendente. Vou parar em 'pois minha filha me conta tudo'. Ou devo omitir isso também?"

"Omita isso também", sugeriu Freddy.

A senhora Honeychurch deixou como estava.

"Então a carta toda segue assim: 'Querida senhora Vyse, Cecil acaba de pedir minha permissão e ficarei encantada se Lucy também aprová-lo, conforme fiz saber à minha filha. Mas Lucy parece um pouco indecisa e, nos dias de hoje, os jovens precisam tomar sua própria decisão. Sei que Lucy gosta de seu filho, pois minha filha me conta tudo. Mas não sei...'."

"Cuidado!", exclamou Freddy.

As cortinas se abriram.

O primeiro gesto de Cecil foi de irritação. Não suportava o hábito dos Honeychurches de ficarem sentados no escuro para não estragar a mobília. Deu um repelão nas cortinas, fazendo com que corressem pelo travessão. A luz entrou. Revelou-se um terraço, do tipo que abundam em propriedades rurais, com árvores de ambos os lados e, sobre ele, um pequeno banco rústico e dois canteiros de flores. Mas o terraço era transfigurado pela vista ao longe, pois Windy Corner fora construída num planalto com uma vista panorâmica, em Sussex. Lucy, que estava no banco, parecia assentada na beira de um tapete mágico verdejante que pairava no ar, acima do mundo tremulento.

Cecil entrou.

Aparecendo tão tardiamente na história, Cecil deve ser de pronto apresentado. Ele era medieval. Como uma estátua gótica. Alto e refinado, com ombros solidamente dispostos como que por um esforço da vontade e uma cabeça que se elevava à linha habitual de visão, lembrava um daqueles santos fastidiosos que guardam os portais de uma catedral francesa. Bem-educado, bem suprido e fisicamente não deficiente, mantinha-se tomado por uma certa aflição que o mundo moderno conhece como acanhamento e que os medievos, com uma visão menos clara, cultuavam como sendo ascetismo. Uma estátua gótica implica celibato, assim como uma grega indica fruição, e talvez fosse isso o que o senhor Beebe tenha querido dizer. E Freddy, que

ignorava história e arte, talvez sugerisse o mesmo quando não conseguiu imaginar Cecil usando o boné de um companheiro.

A senhora Honeychurch largou a carta na escrivaninha e se aproximou de seu jovem conhecido.

"Oh, Cecil!", exclamou. "Oh, Cecil, conte-me!"

"*I promessi sposi*", declarou ele.

Eles o fixaram ansiosos.

"Fui aceito", disse, e o som daquilo em inglês o fez corar e sorrir com deleite, aparentando maior humanidade.

"Fico muito feliz", declarou a senhora Honeychurch, enquanto Freddy ofereceu uma mão que estava amarelada por causa dos produtos químicos. Bem que gostariam de saber italiano também, pois nossas expressões de aprovação e de alegria são de tal modo conectadas a ocasiões comezinhas que tememos utilizá-las nos grandes eventos. Somos obrigados a nos tornarmos vagamente poéticos ou a procurar esteio na herança bíblica.

"Bem-vindo à família!", disse a senhora Honeychurch, acenando para a mobília. "Este é realmente um dia jubiloso! Tenho certeza de que poderá fazer Lucy feliz."

"Espero que sim", respondeu o rapaz, desviando os olhos para o teto.

"Nós, mães...", começou a senhora Honeychurch com um sorriso tímido, mas então percebeu que demonstrava afetação, sentimentalismo e exagero: as três coisas que mais detestava. Por que não podia ser como Freddy, rígido no meio do aposento, com semblante cerrado e quase belo?

"Ora, Lucy!", chamou Cecil, pois a conversa pareceu esmorecer.

Lucy levantou-se do banco. Ela atravessou o jardim e sorriu para eles, como se lhes fosse pedir para jogar tênis. Então viu o rosto do irmão. Entreabriu os lábios e tomou-o nos braços. Ele disse: "Vá com calma!".

"Nenhum beijo para mim?", perguntou a mãe.

Lucy também a beijou.

"Por que não os leva ao jardim e conta tudo à senhora Honeychurch?", Cecil sugeriu. "E eu fico aqui para contar à minha mãe?"

"Devemos ir com Lucy?", perguntou Freddy, como se estivesse recebendo ordens.

"Sim, acompanhe-a."

Eles saíram para o sol. Cecil observou-os atravessar o terraço e descer os degraus, sumindo de vista. Eles seguiriam — o rapaz os conhecia bem — pela

sebe, pela quadra de tênis e pelo canteiro de dálias, até chegarem à horta, onde, diante das batatas e das ervilhas, o grande evento seria discutido.

Sorrindo indulgentemente, acendeu um cigarro e relembrou os eventos que levaram a uma conclusão tão venturosa.

Ele conhecia Lucy fazia vários anos, mas apenas como uma moça comum que tinha inclinação musical. Ainda se recordava da depressão que o acometera quando ela e a terrível prima de chofre desabaram sobre ele numa tarde em Roma, e exigiram ser conduzidas à basílica de São Pedro. Naquele dia ela lhe pareceu uma turista típica — estridente, bárbara e exaurida da viagem. Mas a Itália surtiu nela um efeito maravilhoso. Deu-lhe luz e — o que lhe pareceu ainda mais precioso — deu-lhe sombras. Logo o rapaz detectou em Lucy uma magnífica reserva. Era como uma mulher tirada a Leonardo da Vinci, mulher a quem tanto amamos não por ela mesma, mas principalmente pelas coisas que ela não nos conta. Decerto são coisas que não pertencem a esta vida; nenhuma mulher de Leonardo teria algo tão vulgar a oferecer quanto uma "história". E ela tornava-se dia a dia mais encantadora.

De vez que, de uma polidez condescendente, ele lentamente passara, se não a uma paixão, no mínimo a um profundo desconforto. Já em Roma ele lhe sugerira que seriam perfeitos um para o outro. Cecil ficara bastante tocado pelo fato de ela não ter se espantado com a sugestão. Sua recusa fora clara e gentil; após o quê — conforme segue a expressão medonha — ela continuara tratando-o exatamente como dantes. Três meses depois, na fronteira com a Itália, em meio aos Alpes floridos, ele se declarara outra vez, numa linguagem mais ousada e tradicional. Mais do que nunca ela o fez lembrar de Leonardo; rochas fantásticas obscureciam seu semblante bronzeado; ao ouvir suas palavras, ela se virara e ficara entre ele e a luz, diante dos planaltos incomensuráveis. Ele a levara para casa sem um pingo de vergonha; não se sentia de jeito nenhum como um pretendente rejeitado. O que realmente importava permanecera imperturbado.

Ele agora lhe pedira a mão mais uma vez e, tão clara e gentilmente quanto antes, ela o aceitara, sem dar-lhe nenhuma razão esquiva para a demora, mas apenas dizendo que o amava e que faria o possível para fazê-lo feliz. A mãe de Cecil também ficaria satisfeita. Fora ela quem o aconselhara a dar o passo; ele deveria escrever-lhe copiosamente.

Lançando um olhar para a mão, para o caso de algum dos produtos químicos de Freddy ter ficado nela, ele moveu-se para a escrivaninha. Ali ele

viu o "Querida senhora Vyse", seguido por inúmeras rasuras. Afastou-se sem ler nenhuma outra linha sequer e, após alguma hesitação, sentou-se em outro local e rascunhou uma carta no joelho.

Acendeu outro cigarro, que não lhe pareceu tão divino quanto o primeiro, e considerou o que precisava ser feito para tornar a sala de estar de Windy Corner mais distinta. Com o panorama que se avistava dali, poderia ser um aposento bem-sucedido, não fossem os laivos de Tottenham Court Road; podia quase visualizar o caminhão dos senhores Shoolbred e dos senhores Maple chegando à porta e depositando esta cadeira, aquelas estantes envernizadas, aquela escrivaninha. A escrivaninha lembrou-lhe a carta da senhora Honeychurch. Ele não queria ler a carta — suas tentações nunca se inclinavam para essa direção; mas a missiva o preocupava, mesmo assim. Cecil era responsável por ela estar discutindo a situação com sua mãe; foi ele quem pediu seu apoio em sua terceira tentativa de conquistar Lucy; quis sentir que outros, independentemente de quem fossem, concordavam com ele, e assim requisitou-lhe a permissão. A senhora Honeychurch fora cordata, mas obtusa nos fundamentos, ao passo que Freddy...

"É apenas um garoto", refletiu. "Eu represento tudo o que ele despreza. Por que ele deveria me querer como cunhado?"

Os Honeychurches eram uma família digna, mas ele começava a desconfiar que Lucy era feita de outro barro; e talvez — não elaborou o pensamento de forma tão definitiva — devesse apresentá-la a círculos mais compatíveis tão logo fosse possível.

"Senhor Beebe!", disse a criada, e o novo pároco da rua Summer foi convidado a entrar; ele de imediato conquistara a amizade
da família, graças aos encômios que Lucy deitou em suas cartas de Florença.

Cecil o saudou de modo um tanto ríspido.

"Vim para o chá, senhor Vyse. Acha que serei bem-sucedido em meu intento?"

"Creio que sim. Comida é o que não falta aqui... Não sente nessa cadeira; o jovem Honeychurch deixou um osso nela."

"Puf!"

"Eu sei", disse Cecil, "eu sei. Não sei como a senhora Honeychurch permite."

Pois Cecil considerava o osso e a mobília de Maple em termos separados; não percebia que, tomados em conjunto, forneciam ao aposento a vida que ele

tanto desejava.

"Vim para o chá e para as fofocas. Já sei da última."

"Última? Não o entendo", disse Cecil. "Última?"

O senhor Beebe, para quem a última era de natureza bem diferente, seguiu tagarelando:

"Topei com sir Harry Otway ao vir para cá; tenho razões para acreditar que sou o primeiro a saber. Ele comprou Cissie e Albert do senhor Flack!"

"De fato?", disse Cecil, recobrando-se do susto. Em que equívoco grotesco ele fora cair! Seria provável que um clérigo e um cavalheiro se refeririam a seu noivado de modo tão leviano? Mas a rigidez permaneceu e, embora indagasse quem poderiam ser Cissie e Albert, ainda considerava o senhor Beebe um tanto vulgar.

"Pergunta imperdoável! Ter ficado uma semana em Windy Corner e não conhecer Cissie e Albert, as *villas* geminadas que se localizam em frente à igreja! Vou pôr a senhora Honeychurch na sua cola."

"Sou terrivelmente estúpido em relação aos assuntos locais", afirmou o jovem languidamente. "Não consigo nem lembrar a diferença entre um Conselho Paroquial e uma Junta de Governo Local. Talvez nem haja diferença ou talvez estes não sejam os nomes corretos. Só vou ao interior para ver os amigos e desfrutar da paisagem. Sou irresponsável. A Itália e Londres são os únicos locais onde não sinto que sou apenas tolerado."

O senhor Beebe, incomodado com a recepção difícil enfrentada por Cissie e Albert, resolveu mudar de assunto.

"Deixe-me ver, senhor Vyse, pois me esqueci, qual é sua profissão?"

"Não tenho profissão", respondeu Cecil. "Este é outro exemplo de minha decadência. Minha atitude, nada defensável, é que, desde que não incomode ninguém, tenho direito de fazer o que me aprouver. Sei que deveria estar tirando o dinheiro dos outros ou devotando-me a coisas pelas quais não dou importância, mas, de algum modo, não fui capaz de começar."

"O senhor é bastante afortunado", declarou o senhor Beebe. "É uma oportunidade extraordinária, ter domínio sobre o ócio."

O tom saiu um tanto provinciano, pois não sabia bem como responder de maneira natural. Ele sentia, como todos os que dispõem de uma ocupação regular sentem, que os outros também deveriam dispor de uma.

"Fico feliz que aprove. Não ousaria encarar um camarada saudável... digamos, como Freddy Honeychurch."

"Ah, Freddy é um bom rapaz, não é?"

"Admirável. Do tipo que faz da Inglaterra o que ela é."

Cecil estava intrigado. Por que, justamente naquele dia, agia de modo tão desesperadamente negativo? Tentou emendar-se inquirindo com alarde acerca da mãe do senhor Beebe, uma velha senhora por quem não tinha nenhum interesse particular. Então adulou o clérigo, elogiou seu espírito liberal, sua posição esclarecida com respeito à filosofia e à ciência.

"Onde estão os outros?", indagou o senhor Beebe, por fim. "Insisto em obter o chá antes da missa vespertina."

"Suponho que Anne não lhes tenha informado que o senhor chegou. Nesta casa nos instruem sobre os criados assim que chegamos. A falha de Anne é que ela finge que não o escuta quando pode ouvir perfeitamente, e também chuta as pernas das cadeiras. A falha de Mary, oh, não me recordo das falhas de Mary, mas são muito graves. Vamos dar uma olhada no jardim?"

"Eu sei qual é a falha de Mary. Ela larga as pás de lixo na escada."

"A falha de Euphemia é que ela não pica, simplesmente não pica, o sebo em pedaços suficientemente pequenos."

Ambos riram, e as coisas começaram a melhorar.

"As falhas de Freddy...", Cecil continuou.

"Ah, ele as tem em demasia. Apenas a mãe dele consegue enumerar as falhas de Freddy. Tente as falhas da senhorita Honeychurch; elas não são incontáveis."

"Ela não tem nenhuma", disse o jovem, com seriedade sincera.

"Concordo plenamente. No momento, não tem nenhuma."

"No momento?"

"Não sou cínico. Apenas me refiro à minha teoria predileta acerca da senhorita Honeychurch. Parece-lhe razoável que ela seja uma intérprete tão admirável, mas tenha uma vida tão serena? Suspeito que um dia será admirável nos dois aspectos. Os compartimentos inequívocos se romperão e a música e a vida se combinarão. Daí disporemos dela heroicamente boa e heroicamente má... heróica demais, talvez, para ser boa ou má."

Cecil começou a interessar-se por seu interlocutor.

"E, no momento, o senhor acha que ela não é admirável, no que tange à vida?"

"Bem, devo dizer que só a vi em Tunbridge Wells, onde ela não foi admirável, e em Florença. Não tive oportunidade de encontrá-la desde que

cheguei à rua Summer. O senhor a viu, não viu, em Roma e nos Alpes? Ah, esqueci-me; é claro, o senhor a conhecia. Não, ela não foi admirável em Florença também, mas acreditei que poderia ter sido.

"De que maneira?"

A conversa tornou-se agradável, e agora os dois andavam pelo terraço.

"Eu poderia com a mesma facilidade dizer-lhe que música ela tocaria em seguida. Havia simplesmente a sensação de que ela havia encontrado asas, e de que fazia questão de usá-las. Posso lhe mostrar um belo desenho em meu diário de Florença: a senhorita Honeychurch como uma pipa e a senhorita Bartlett segurando-lhe a linha. Desenho número dois: a linha se rompe."

O esboço estava em seu diário, mas fora traçado depois, quando ele viu a situação em termos artísticos. Em Florença, ele mesmo dera seus puxões subreptícios à linha.

"Mas a linha nunca se rompeu."

"Não. Eu não teria visto a senhorita Honeychurch ascender, mas decerto teria ouvido a queda da senhorita Bartlett."

"Ela se rompeu agora", disse o jovem em tons profundos e vibrantes.

Ele de imediato percebeu que, de todos os meios presunçosos, ridículos e desprezíveis de anunciar um noivado, aquele era o pior. Amaldiçoou sua predileção por metáforas; estaria sugerindo que ele era um astro e que Lucy teria ascendido aos céus para alcançá-lo?

"Rompeu-se? Que quer dizer?"

"Quis dizer", afirmou Cecil, rigidamente, "que ela vai se casar comigo."

O clérigo percebeu o amargo desapontamento que não conseguiu afastar da voz.

"Sinto muito; preciso desculpar-me. Não tinha idéia de que eram íntimos, ou nunca teria falado desse modo tão leviano e superficial. Senhor Vyse, o senhor deveria ter me interrompido", e, no fundo do jardim, ele viu a própria Lucy; sim, estava desapontado.

Cecil, que naturalmente preferia cumprimentos a pedidos de desculpas, fez cara de amuado. Era essa a recepção com que o mundo receberia sua atitude? Sim, ele desprezava o mundo em geral; todo homem refletido deveria fazê-lo; tratava-se quase de um teste de refinamento. Mas era sensível às sucessivas partículas desse mundo, as quais ia encontrando pelo caminho.

De quando em vez podia tornar-se bastante cruel.

"Sinto muito ter lhe dado tamanho choque", elaborou, seco. "Receio que não aprove a escolha de Lucy."

"Não é isso. Mas o senhor deveria ter me interrompido. Conheço a senhorita Honeychurch há muito pouco tempo. Talvez não devesse tê-la discutido com tanta liberalidade com ninguém; certamente não com o senhor."

"O senhor teme ter dito algo indiscreto?"

O senhor Beebe recompôs-se. De fato, o senhor Vyse tinha talento para colocar as pessoas nas posições mais cansativas. Foi obrigado a fazer uso das prerrogativas de sua profissão.

"Não, não disse nada de indiscreto. Previ em Florença que a infância tranqüila e monótona estava para terminar, e de fato terminou. De modo um tanto vago percebi que ela tomaria um passo momentoso. Ela tomou. Lucy aprendeu (permita-me falar livremente, já que comecei nesse tom) o que é amar: a maior lição, segundo atestam algumas pessoas, que nossa vida terrena pode fornecer", era hora de ele acenar o chapéu para o trio que se aproximava. E não deixou de fazê-lo. "Ela aprendeu por seu intermédio", e se a voz do pároco ainda soava clerical, agora também se fazia sincera; "é preciso que o senhor cuide para que esse conhecimento traga vantagens para ela."

"*Grazie tante*!", agradeceu Cecil, que não gostava de párocos.

"Já ouviu?", gritou a senhora Honeychurch ao subir pelo jardim íngreme. "Oh, senhor Beebe, já ouviu a notícia?"

Freddy, agora todo afável, assobiou a marcha nupcial. A juventude raramente critica o fato consumado.

"Se não ouvi!", ele exclamou. Observou Lucy. Em sua presença, não podia mais bancar o pároco; de todo modo, não sem um preâmbulo. "Senhora Honeychurch, vou fazer o que sempre teria de fazer, se a timidez não me impedisse. Quero invocar todo tipo de bênçãos sobre eles, sérias e alegres, grandes e pequenas. Quero que a vida de ambos seja soberbamente boa e soberbamente feliz como marido e mulher, como pai e mãe. E, agora, exijo meu chá."

"O senhor fez o pedido na hora certa", a dama retorquiu. "Como ousa bancar o sério em Windy Corner?"

Ele seguiu o tom da dona da casa. Acabou-se a benevolência vetusta, findaram as tentativas de dignificar a situação com poesia ou com as Escrituras. Nenhum deles ousou ou foi capaz de continuar sério.

Um noivado é algo tão poderoso que cedo ou tarde reduz todos os que sobre ele discorrem a tal estado de respeito jubiloso. Longe dele, na solidão de seus aposentos, o senhor Beebe, e mesmo Freddy, poderiam mais uma vez ser cínicos. Mas, diante do fato e na presença um do outro, agiam com sincera hilaridade. Os esponsais têm um estranho poder, pois impulsionam não apenas os lábios, mas o próprio coração. O maior paralelo — para comparar uma coisa grandiosa com outra — é o domínio que exerce sobre nós um templo de um credo estrangeiro. Do lado de fora, podemos escarnecer dele, opormo-nos a ele, ou, no máximo, sentirmo-nos sentimentais. Dentro, conquanto os santos e deuses não sejam os nossos, convertemo-nos em verdadeiros devotos, no caso de algum verdadeiro devoto estar presente.

Assim foi que, após as atrapalhações e equívocos daquela tarde, eles recobraram a compostura e se acomodaram para um chá bastante agradável. Se eram hipócritas, desconheciam esse fato, e sua hipocrisia tinha toda probabilidade de consolidar-se e de tornar-se sincera. Anne, botando na mesa cada prato como se fosse uma oferenda matrimonial, estimulou-os imensamente. Não podiam ficar para trás, diante do sorriso que ela lhes concedera antes de chutar a porta da sala de estar. O senhor Beebe estalou a língua. Freddy exibia seu comportamento mais galhofeiro, referindo-se a Cecil como "preterido" — honrado trocadilho da família para "prometido". A senhora Honeychurch, hilária e corpulenta, dava sinais de que seria uma excelente sogra. Quanto a Lucy e Cecil, para quem o templo fora erigido, também se juntaram ao alegre ritual, mas esperavam, como devem os devotos prudentes, pela revelação de um santuário mais puro do júbilo.

9

Lucy como obra de arte

Poucos dias após o noivado ter sido anunciado a senhora Honeychurch obrigou Lucy e seu Preterido a irem a uma pequena recepção ao ar livre na vizinhança, pois naturalmente queria mostrar que a filha se casaria com um homem apresentável.

Cecil era mais do que apresentável; inspirava distinção, e era muito agradável ver sua figura esbelta acertar o passo com o de Lucy, e observar como seu rosto comprido e claro reagia quando Lucy falava com ele. As pessoas congratulavam a senhora Honeychurch, o que, em minha opinião, é uma gafe social, mas a satisfazia, e ela apresentava Cecil de modo um tanto indiscriminado a umas senhoras corpulentas da aristocracia rural.

Durante o chá, uma infelicidade ocorreu: uma xícara de café caiu sobre o vestido de seda estampada de Lucy e, embora a moça fingisse indiferença, sua mãe não só não fingiu nada do tipo, como a arrastou para dentro, para que sua vestimenta pudesse receber os cuidados de uma criada bondosa. Elas ausentaram-se por algum tempo e Cecil ficou sozinho com as damas. Quando as duas voltaram, ele já não se mostrava tão simpático quanto antes.

"Você vai muito a esse tipo de evento?", ele perguntou quando voltavam para casa.

"Ah, de vez em quando", respondeu Lucy, que de certo modo se divertira.

"Trata-se de uma sociedade rural típica?"

"Suponho que sim. Mamãe, o que acha?"

"Uma sociedade e tanto", disse a senhora Honeychurch, que procurava lembrar-se do caimento de um dos vestidos.

Vendo que ela estava com o pensamento em outro lugar, Cecil inclinou-se na direção de Lucy e declarou:

"Para mim, pareceu perfeitamente consternador, desastroso, insólito."

"Sinto muito que tenhamos deixado-o a sós com elas."

"Não foi isso, mas as congratulações. É tão repulsivo o noivado ser visto como uma propriedade pública... uma espécie de lixeira aonde todos os circunstantes podem atirar seu sentimento vulgar. Todas aquelas velhas e seus sorrisinhos fátuos!"

"Não podemos fugir disso, suponho. Nem prestarão atenção em nós da próxima vez."

"Mas meu ponto é que a atitude como um todo é equivocada. Um compromisso matrimonial (termo pavoroso, para começo de conversa) é um assunto particular, e deveria ser tratado conforme."

Entretanto, as velhotas com seus sorrisinhos afetados, por mais que estivessem erradas da perspectiva individual, racialmente estavam corretas. O espírito das gerações sorrira através delas, rejubilando-se com o noivado de Cecil e Lucy, porque este lhes prometia a continuidade da vida sobre a terra. Para Cecil e para Lucy, a promessa era outra — era de amor pessoal. Daí, a zanga de Cecil e a crença de Lucy de que a irritação do noivo era justa.

"Que cansativo!", exclamou ela. "Não poderia ter escapulido, para jogar uma partida de tênis?"

"Não jogo tênis... Pelo menos, não em público. A vizinhança ficou alijada da idéia romântica de um noivo atlético. Sou muito mais afeito ao *Inglese Italianato*."

"Inglese Italianato?"

"*È un diavolo incarnato*! Não conhece o provérbio?"

Ela não conhecia. Nem lhe pareceu aplicável a um jovem que passara um inverno tranqüilo em Roma com a mãe. Mas Cecil, desde o anúncio do noivado, começara a afetar uma malícia cosmopolita, que estava a léguas de dominar.

"Bem", disse ele, "não posso fazer nada se elas não me aprovam. Há certas barreiras irremovíveis entre mim e elas, que preciso aceitar."

"Creio que todos nós temos nossas limitações", disse a prudente Lucy.

"Às vezes, porém, elas nos são impostas", retrucou Cecil, que viu, pela observação da noiva, que ela não entendeu muito bem seu ponto de vista.

"Como?"

"Faz diferença, não faz, se nós nos cercamos, ou se nos cercam as barreiras impostas pelos outros."

Ela refletiu um momento, e concordou que fazia sim uma diferença.

"Diferença?", gritou a senhora Honeychurch, subitamente alerta. "Não vejo nenhuma diferença. Cercas são cercas, especialmente quando se encontram no mesmo lugar."

"Estávamos falando dos motivos", observou Cecil, a quem a interrupção agastou.

"Meu caro Cecil, olhe aqui", ela separou os joelhos e encarapitou a carteira de cartões de visitas sobre o colo. "Esta sou eu. Aqui está Windy Corner. O restante dos padrões ornamentais são as outras pessoas. Independentemente dos motivos, as cercas ficam aqui."

"Não estávamos falando de cercas reais", disse Lucy, gargalhando.

"Ah, entendo, querida... Poesia."

Ela recostou-se placidamente. Cecil se perguntou por que Lucy teria achado graça.

"Vou lhe dizer quem não tem nenhuma 'cerca', como está chamando", Lucy acrescentou: "o senhor Beebe".

"Um pároco sem cercas significa um pároco desprotegido."[13]

Lucy não acompanhava bem o que as pessoas diziam, mas detectava rapidamente o que queriam dizer. O epigrama de Cecil passou-lhe despercebido, mas apreendeu o sentimento que o promovera.

"Não gosta do senhor Beebe?", indagou pensativa.

"Nunca disse isso!", o jovem protestou. "Considero-o muito acima da média. Apenas neguei que...", e retomou o assunto das cercas, de modo brilhante.

"Agora um clérigo que detesto", ela afirmou, querendo solidarizar-se com ele, "um clérigo cheio de cercas, e das mais terríveis, é o senhor Eager, um capelão inglês que conheci em Florença. Ele é realmente insincero, não apenas nos modos, que são infelizes.
É esnobe, muito cheio de si e também diz as coisas mais cruéis."

"Que espécie de coisas?"

"Havia um senhor na pensão Bertolini a quem acusou de ter assassinado a mulher."

"Talvez o tivesse."

"Claro que não."

"Por que 'não'?"

"Ele era um velhinho tão bondoso, com toda a certeza."

Cecil riu de sua irreflexão feminina.

"Bem, tentei averiguar. O senhor Eager nunca esclareceu o assunto. Preferiu mantê-lo em termos vagos... Disse que o velho tinha 'praticamente' assassinado a mulher... Tinha-a matado aos olhos de Deus."

"Psiu, querida!", disse a senhora Honeychurch, distraída.

"Mas não é intolerável que uma pessoa a quem dizem que devemos imitar saia por aí espalhando calúnias? Foi principalmente por causa dele, acredito, que aquele senhor foi apartado do grupo. Diziam que ele era vulgar, mas certamente não era."

"Pobre senhor! Qual era o nome dele?"

"Harris", disse Lucy, prontamente.

"Esperemos que, para a senhora Harris, não tenha havido uma pessoa assim", observou a mãe.

Cecil fez um aceno sensato com a cabeça.

"O senhor Eager não é um pároco erudito?", perguntou.

"Não sei. Eu o odeio. Ouvi-o dar uma explicação sobre Giotto. Eu o odeio. Nada pode ocultar uma natureza ruim. Eu o *odeio*!"

"Meu Deus do céu, minha criança!", exclamou a senhora Honeychurch. "Irá romper meus tímpanos. O que há no caso para gritar tanto? Proíbo que você e Cecil odeiem qualquer outro membro do clero."

Ele sorriu. Havia de fato algo um tanto incongruente no desabafo moral de Lucy acerca do senhor Eager. Era como se pudéssemos ver Leonardo no teto da capela Sistina. Cecil queria sugerir que não era ali que residia a vocação dela; que o poder e encanto de uma mulher estavam no mistério, não na arenga vigorosa. Mas a arenga era porventura um sinal de vitalidade: torva a bela criatura, mas demonstra que ela está viva. Após um momento, ele contemplou seu rosto ruborizado e os gestos estorvados com alguma aprovação. Desagradava-lhe reprimir as fontes da juventude.

A natureza — o mais simples dos tópicos, ele pensou — estava em torno deles. Louvou os pinheiros, os fundos lagos de samambaias, as folhas carmim que pontilhavam os arbustos, a beleza serviçal da auto-estrada com seus postos de pedágio. O mundo exterior não lhe era muito familiar e, de vez em quando, equivocava-se diante de uma questão factual. A boca da senhora Honeychurch contorceu-se quando ele mencionou o verdor perene dos lariços.

"Considero-me um homem afortunado", ele concluiu. "Quando estou em Londres, sinto que nunca poderei viver longe dali. Quando estou no interior, sinto o mesmo em relação ao interior. Afinal, realmente creio que os pássaros, as árvores e o céu são as coisas mais maravilhosas da vida, e que as pessoas que vivem no meio deles deveriam ser as melhores de todas. É verdade que, em nove entre dez casos, elas não se dão conta de nada. Tanto o cavalheiro rural quanto o trabalhador rural são, cada um a seu modo, os sujeitos mais deprimentes. Contudo, têm um vínculo tácito com as operações da natureza, o qual é negado a nós, da cidade. Concorda comigo, senhora Honeychurch?"

A senhora Honeychurch sobressaltou-se e sorriu. Não estava prestando atenção. Cecil, que estava um tanto apertado no assento da frente da vitória, irritou-se e ficou decidido a não dizer mais nada de interessante.

Lucy também não prestara atenção. Seu sobrolho estava franzido e ela ainda parecia terrivelmente zangada — resultado, ele concluiu, de um excesso de ginástica mental. Era triste vê-la assim tão cega às belezas do bosque augusto.

"'Desça, ó donzela, das alturas montesinas'", ele declamou, e tocou-lhe de leve o joelho com o seu.

Ela tornou a corar e perguntou: "Que alturas?".

"'Desça, ó donzela, das alturas montesinas:/ Que deleite habita a altura (o pastor cantou),/ Na altura e no esplendor que encantam as colinas?'.[14] Vamos seguir o conselho da senhora Honeychurch e parar de odiar os clérigos. Onde estamos?"

"Na rua Summer, é claro", disse Lucy, e levantou-se.

O bosque se abrira para dar espaço a uma encosta nua e triangular. Belas casas de campo se alinhavam dos dois lados e, no alto à frente, havia uma nova igreja de pedra, sofisticadamente simples, com uma torre de seixos. A residência do senhor Beebe ficava perto do templo. Nos arredores havia algumas mansões grandiosas, mas estavam ocultas pelas árvores. A cena sugeria mais um alpe suíço do que um templo e centro de um mundo ocioso, e

só estragavam-lhe duas pequenas e feias *villas* — as *villas* que rivalizaram com o noivado de Cecil, pois sua compra fora contraída por sir Harry Otway na mesma tarde em que ele contraiu o noivado de Lucy.

"Cissie" era o nome de uma das *villas*; "Albert", a da outra. Os títulos não se expunham em gótico sombreado nos portões dos jardins, mas acompanhavam a curvatura do arco semicircular em maiúsculas quadradas. Albert estava habitada. O jardim tortuoso resplendia de gerânios, lobélias e lajotas polidas. As janelinhas vinham envoltas em casta renda de Nottingham. Cissie estava para alugar. Três placas pertencentes a imobiliárias de Dorking pendiam de sua cerca, anunciando o fato não surpreendente. Ervas daninhas já tomavam conta da entrada; o minúsculo jardim amarelara com os dentes-de-leão.

"O local está arruinado!", disseram mecanicamente as duas mulheres. "A rua Summer nunca mais será a mesma."

A carruagem passou, a porta de Cissie se abriu, e um cavalheiro ganhou a rua.

"Pare!", gritou a senhora Honeychurch, tocando o cocheiro com a sombrinha. "Lá está sir Harry. Agora saberemos. Sir Harry, derrube essas coisas de uma vez."

Sir Harry Otway — que dispensa descrições — aproximou-se da carruagem e declarou:

"Senhora Honeychurch, foi o que quis fazer. Mas não posso, simplesmente não posso expulsar a senhorita Flack."

"Não estou sempre certa? Ela deveria ter ido antes de o contrato ser assinado. Ainda vive sem pagar aluguel, como na época do sobrinho?"

"Mas que posso fazer?", ele abaixou a voz. "Uma velha senhora, tão vulgar e quase inválida."

"Expulse-a", disse Cecil, com entusiasmo.

Sir Harry suspirou e lançou um olhar triste para as *villas*. Ele fora advertido das intenções do senhor Flack e poderia ter comprado o terreno antes de a construção ter começado; mas agiu com desinteresse e morosidade. Havia tantos anos que conhecia a rua Summer que não lhe passou pela cabeça que poderia ser descaracterizada. Foi apenas quando a senhora Flack assentou a pedra fundamental e os tijolos vermelhos e cor de creme começaram a surgir que ele ficou alarmado. Chamou o senhor Flack, o empreiteiro local — um homem muito prudente e respeitável —, que concordou que telhas de

cerâmica tornam o telhado muito mais artístico, mas observou que a ardósia era mais barata. Ele aventurou-se a discordar, porém, acerca das colunas coríntias que ficariam grudadas feito sanguessugas às molduras das janelas salientes, dizendo que, de sua parte, gostava de atenuar a fachada com um pouquinho de ornamentação. Sir Harry sugeriu que uma coluna, se possível, deveria servir tanto ao propósito estrutural quanto ornamental. O senhor Flack alegou que as colunas já tinham sido encomendadas, acrescentando que "todos os capitéis eram diferentes — um com dragões na folhagem, um com inspiração jônica e outro exibindo as iniciais da senhora Flack —, todos diferentes". Pois o senhor Flack havia estudado o seu Ruskin. Construía suas *villas* de acordo com o seu desejo; e só foi quando inseriu uma tia imóvel numa delas que sir Harry as comprou.

Essa transação fútil e sem lucro enchia o nobre cavaleiro de tristeza, dizia ele, debruçado sobre a carruagem da senhora Honeychurch. Ele falhara em seus deveres com o condado e o condado agora ria dele. Embora tivesse gasto dinheiro, a rua Summer estaria para sempre arruinada. Tudo o que podia fazer agora era encontrar um locatário adequado para Cissie — alguém verdadeiramente adequado.

"O aluguel está absurdamente baixo", ele revelou, "e talvez eu seja um senhorio de trato fácil. Mas é de um tamanho tão infeliz!
É grande demais para a classe campesina e pequena demais para qualquer pessoa minimamente parecida conosco."

Cecil estivera hesitando entre desprezar as *villas* ou desprezar sir Harry por desprezá-las. O último impulso lhe pareceu mais profícuo.

"O senhor vai encontrar um locatário logo, logo", ele disse, malicioso. "A casa representa o paraíso perfeito para um funcionário de banco."

"Exatamente!", exclamou sir Harry, excitado. "É exatamente isso o que temo, senhor Vyse. Ela atrairá o tipo errado de pessoa. O serviço ferroviário progrediu, um progresso fatal, a meu ver. E que são os sete quilômetros até a estação nesta era da bicicleta?"

"Precisará ser um funcionário bastante esforçado", ponderou Lucy.

Cecil, que recebera o quinhão completo de maledicência medieval, respondeu que o físico das classes médias inferiores vinha evoluindo numa velocidade apavorante. Vendo que o noivo estava zombando de seu vizinho inofensivo, ela esforçou-se para cortá-lo.

"Sir Harry!", bradou. "Tenho uma idéia. Que o senhor acha de solteironas?"

"Minha querida Lucy, seria esplêndido. Conhece alguma?"

"Sim, conheci duas, no exterior."

"São damas respeitadas?"

"Sim, com certeza e, no momento, sem teto. Tive notícias delas na semana passada. Senhorita Teresa e senhorita Catharine Alan. Não estou brincando. São o tipo certo de pessoa. O senhor Beebe também as conhece. Posso pedir que lhe escrevam?"

"Sem dúvida que sim!", ele gritou. "Cá estamos nós com a dificuldade já resolvida. Que maravilhoso! Facilidades adicionais, por favor diga a elas que terão facilidades adicionais, pois não lhes cobrarei a taxa da imobiliária. Ah, os agentes imobiliários! O tipo pavoroso de gente que nos mandam! Uma mulher, quando lhe escrevi (uma missiva muito diplomática, como sabe) pedindo-lhe que me explicasse sua posição social, respondeu que pagaria o aluguel adiantado. Como se alguém ligasse para isso! E várias das referências que levantei eram totalmente insatisfatórias... de trapaceiros ou de gente não respeitável. E, ah, a impostura! Vi um bocado do lado menos atraente da sociedade na semana passada. A impostura forjada pelas pessoas mais promissoras. Minha cara Lucy, a impostura!"

Ela fez que sim

"Meu conselho", interveio a senhora Honeychurch, "é que fique o mais longe possível de Lucy e de suas damas decadentes. Conheço o tipo. Poupe-me de pessoas que já viram dias melhores. Elas trazem consigo bens de herança que fazem a casa cheirar a bolor. É triste, mas é melhor alugar a alguém que está subindo na vida do que a alguém que está indo ladeira abaixo."

"Acho que a compreendo", disse sir Harry; "mas é uma situação, como a senhora disse, muito triste."

"As senhoritas Alans não são assim!", protestou Lucy.

"São sim!", retorquiu Cecil. "Não as conheço, mas devo dizer que são um acréscimo bastante inadequado à vizinhança."

"Não dê ouvidos a ele, sir Harry... Ele é um chato."

"Sou eu quem sou chato", ele retrucou. "Não deveria importunar os jovens com meus problemas. Mas estou de fato tão preocupado, e lady Otway só dirá que não consigo ser suficientemente zeloso, o que é verdade, mas de nada ajuda."

"Então posso escrever para as senhoritas Alans?"

"Por favor!", ele exclamou.

Mas seus olhos oscilaram quando a senhora Honeychurch advertiu:

"Cuidado! Elas decerto têm canários. Sir Harry, cuidado com os canários: eles espalham as sementes pelas barras das gaiolas, atraindo os camundongos. Cuidado com as mulheres, de modo geral. Só alugue a casa para homens."

"Ora, ora...", ele murmurou, gentil, conquanto percebesse a sabedoria do comentário.

"Os homens não fofocam durante o chá. Se ficam bêbados, está acabado... Apenas se deitam e dormem até o dia seguinte. Se são vulgares, de algum modo sabem guardar segredos. Não os espalham. Sou muito mais um homem... Claro, desde que seja uma pessoa higiênica."

O senhor Harry ficou ruborizado. Nem ele nem Cecil gostaram desses elogios rasgados ao seu sexo. Mesmo a exclusão da sujeira não lhes deixou em situação muito favorável. Ele sugeriu que a senhora Honeychurch, se tivesse tempo, quem sabe não gostaria de descer da carruagem e inspecionar Cissie com os próprios olhos. Ela ficou deleitada. A natureza lhe talhara para ser pobre e para viver numa casa como aquela. Arranjos domésticos sempre a atraíram, em especial quando eram de uma escala reduzida.

Cecil puxou Lucy de volta, quando ela estava pronta para seguir a mãe.

"Senhora Honeychurch", ele disse, "e se nós dois fôssemos caminhando para casa e a deixássemos sozinha?"

"Decerto que sim!", foi sua resposta cordial.

Sir Harry também pareceu igualmente satisfeito até demais por se livrar deles. Escancarou um sorriso de compreensão para o casal dizendo "Aha! Os jovens, os jovens, os jovens!", e apressou-se para abrir a casa.

"Um grosseirão rematado!", exclamou Cecil, quase antes de estarem fora do alcance do ouvido.

"Oh, Cecil."

"Não posso fazer nada. Seria errado não abominar um homem como aquele."

"Ele não é inteligente; mas é boa pessoa."

"Não, Lucy; ele representa tudo o que há de ruim na vida campestre. Em Londres, teria ficado no seu lugar. Faria parte de um clube estúpido e sua mulher promoveria jantares estúpidos. Mas, aqui, ele se porta como o pequeno

deus com sua fidalguia, seu eleitorado e sua estética falsificada, e todos, incluindo sua mãe, são ludibriados por ele."

"Tudo o que disse é bem verdade", afirmou Lucy, embora se sentisse um pouco desalentada. "Mas pergunto-me se... se isso importa tanto assim."

"Importa muito. Sir Harry é a essência daquela recepção ao ar livre. Ah, Deus, como me sinto irado! Como gostaria que a *villa* fosse ocupada por um locatário bastante vulgar... Uma mulher tão vulgar que até ele notaria. A nobreza rural! Ugh! Com aquela careca e queixo micrógnato. Mas não vamos mais falar dele."

Quanto a isso, Lucy concordou de imediato. Se sir Harry Otway e o senhor Beebe não lhe agradavam, que garantia havia de que as pessoas que realmente importavam para ela escapariam do julgamento do noivo? Freddy, por exemplo. Freddy nem era inteligente, nem cultivado nem bonito, e o que impedia Cecil de dizer, a qualquer minuto: "Seria errado não abominar Freedy?". E o que ela responderia? Lucy não investigou mais do que Freddy, mas aquilo já lhe bastava para deixá-la ansiosa. Ela só podia ter certeza de que Cecil conhecia Freddy havia bastante tempo, e que eles se davam bem, exceto, talvez, nos últimos dias, o que talvez fosse um acidente.

"Que caminho devemos seguir?", ela indagou.

A natureza — o mais simples dos tópicos, ela pensou — cercava-os. A rua Summer já fora obscurecida pelo bosque, e ela estancara onde uma trilha bifurcava da estrada principal.

"Há dois caminhos?"

"Talvez ir pela estrada seja mais sensato, pois estamos vestidos de modo tão elegante."

"Prefiro ir pelo bosque", asseverou Cecil, com um leve tom de irritação que ela detectara nele durante toda a tarde. "Por que, Lucy, você sempre escolhe a estrada? Sabe que nunca esteve comigo no campo ou no bosque desde que ficamos noivos?"

"Não estive? Ao bosque, então", anunciou Lucy, surpresa com o estranho comportamento do noivo, mas ainda certa de que ele explicaria tudo depois; Cecil não tinha por hábito deixá-la em dúvida sobre o que queria dizer.

Ela o conduziu pelos pinheiros sussurrantes e, bem a propósito, ele de fato explicou-se antes que andassem doze metros.

"Tenho a impressão, devo dizer errada, que você se sente mais à vontade comigo num aposento."

"Num aposento?", ela repetiu, terrivelmente aturdida.

"Sim. Ou, no máximo, num jardim, ou estrada. Nunca no verdadeiro campo, como agora."

"Ah, Cecil, que é que está dizendo? Nunca senti nada assim. Você fala como se eu fosse uma espécie de poetisa."

"Não sei se não é. Associo-a a uma vista... Certo tipo de vista. Por que não deveria associar-me a um aposento?"

Ela refletiu um momento, e então disse, rindo:

"Sabe que está certo? Eu o associo. Devo ser uma poeta, afinal. Quando penso em você é sempre num aposento. Que engraçado!"

Para seu espanto, ele pareceu zangado.

"Uma sala de estar, talvez? Sem nenhuma vista?"

"Sim, sem nenhuma vista, é o que imagino. Por que não?"

"Eu preferiria", ele disse, com ar de reprovação, "que me ligasse ao ar livre."

Ela tornou a perguntar: "Ah, Cecil, que é que está dizendo?".

Como não recebeu nenhuma outra explicação além da oferecida, ela abandonou o assunto como se este fosse muito complexo para uma moça, e conduziu-o para dentro do bosque, parando de vez em vez diante de algum belo ou familiar conjunto de árvores. Conhecia o bosque entre a rua Summer e Windy Corner desde quando aprendeu a andar sozinha; ela havia brincado de perder Freddy por ali, quando o irmão era um bebê de rosto rosado; e, embora tivesse viajado para a Itália, o local não perdera nem um pouco de seu encanto.

Logo chegaram a uma pequena clareira entre os pinheiros — outro pequenino alpe verdejante, solitário desta feita, exibindo um laguinho raso em seu regaço.

Ela exclamou: "O Lago Sagrado!".

"Por que o chama desse jeito?"

"Não consigo atinar a razão. Suponho que seja por causa de um livro. É apenas um tanque agora, mas pode ver o regato que o atravessa? Bem, muita água chega com as chuvas torrenciais e, como não pode seguir adiante, toda de uma vez, o açude cresce e torna-se belo. Freddy costumava nadar aqui. Ele gosta muito do local."

"E você?"

Ele quis dizer, "Também gosta daqui?". Mas ela respondeu, sonhadoramente: "Também nadei no lago, até que me descobriram. Daí houve

uma briga".

Noutro momento, o moço teria se chocado, pois havia abismos de pudicícia dentro dele. Mas agora, naquele culto momentâneo ao ar fresco, encantou-se com sua admirável simplicidade. Contemplou-a parada à beira do lago. Ela se vestira com elegância, conforme dissera, e lembrou-lhe de alguma flor brilhante que, sem folhas próprias, brota abruptamente de um mundo verdejante.

"Quem a descobriu?"

"Charlotte", ela murmurou. "Ela estava visitando-nos. Charlotte... Charlotte..."

"Pobrezinha!"

Ela esboçou um sorriso sombrio. Uma espécie de plano, do qual ele até então se esquivara, agora lhe parecia propício.

"Lucy!"

"Sim, suponho que devemos continuar."

"Lucy, quero lhe perguntar uma coisa que nunca perguntei antes."

Diante da nota séria que havia em sua voz, ela aproximou-se franca e candidamente do noivo.

"O quê, Cecil?"

"Até hoje nunca, nem naquele dia no gramado, quando concordou em casar-se comigo..."

De súbito constrangido, ele ficou olhando ao redor para ver se estavam sendo observados. A coragem havia desaparecido.

"Sim?"

"Até agora nunca a beijei."

Ela ficou toda rubra, como se ele tivesse abordado o assunto do modo mais indelicado.

"Não... nunca", ela gaguejou.

"Então eu lhe pergunto... Posso agora?"

"Claro que pode, Cecil. Poderia ter me beijado antes. Não posso tomar a iniciativa, como sabe."

Naquele momento supremo nada mais lhe acudiu a não ser disparates. A resposta dela fora inadequada. Ela levantara o véu de modo tão protocolar. Ao aproximar-se dela, encontrou tempo para desejar que

pudesse voltar atrás. Ao tocá-la, seu pincenê de ouro deslocou-se e se alojou entre eles.

Assim foi o enlace. Ele considerou-o, com razão, um desastre. A paixão deve julgar a si mesma como algo irresistível. Deve esquecer a civilidade, a consideração e todos os outros cursos de natureza refinada. Acima de tudo, nunca deve pedir permissão pelo que é seu, de direito. Por que ele não podia fazer como qualquer trabalhador ou marinheiro — não, como qualquer homem atrás do balcão teria feito? Refez a cena. Lucy estava de pé, como uma flor, à beira da água; ele correu e tomou-a nos braços; ela o afastou, permitiu depois e adorou-o para todo o sempre por causa de sua hombridade. Pois ele acreditava que as mulheres veneravam os homens pelo caráter varonil.

Eles saíram do lago em silêncio, após esse único gesto. Ele esperou que a moça fizesse algum comentário que lhe revelasse seus pensamentos mais íntimos. Por fim ela falou, com gravidade apropriada.

"Emerson era o nome, não Harris."

"Que nome?"

"O nome do velho."

"Que velho?"

"O velho de quem falei. Aquele contra quem o senhor Eager mostrou-se tão cruel."

Ele não podia saber que aquela era a conversa mais íntima que eles jamais tiveram.

10

Cecil como humorista

A sociedade da qual Cecil pretendia resgatar Lucy não era quiçá algo esplêndido, mas era mais esplêndida àquela que os antecedentes da moça lhe arrogavam o direito de exigir. Seu pai, um próspero advogado local, construíra Windy Corner para especulação numa época em que o distrito estava sendo formado e, apaixonando-se pela própria criação, acabou ele mesmo morando ali. Logo após seu casamento, a atmosfera local começou a alterar-se. Outras casas foram construídas no alto daquela encosta íngreme do sul, e outras, de novo, em meio ao pinheiral atrás, e, mais ao norte, sobre o depósito de greda dos terrenos ondulados e cobertos de pastagens. A maioria dessas casas era maior do que Windy Corner, e foram ocupadas por habitantes que não vieram do próprio distrito, mas de Londres. Eles tomaram os Honeychurches por remanescentes de uma aristocracia nativa. O senhor Honeychurch tendia a ficar ressabiado, mas a mulher aceitou a situação sem orgulho, mas também sem humildade. "Não tenho idéia do que estão fazendo", ela dizia, "mas é muito bom para as crianças." Ela visitava a todos; suas visitas eram retribuídas com entusiasmo e, quando descobriam que ela não fazia exatamente parte de seu *milieu*, já gostavam dela, e não parecia mais ter importância. Quando o senhor Honeychurch morreu, ele teve a satisfação — que poucos advogados honestos desprezam — de deixar a família estabelecida na melhor sociedade disponível.

A melhor disponível. Decerto muitos dos imigrantes eram bastante aborrecidos, e Lucy tomou ciência disso, de modo mais vívido, após seu retorno da Itália. Até então havia aceitado seus ideais sem questioná-los — sua riqueza benigna, sua religião sem arroubos, sua desaprovação de sacolas de papel, cascas de laranjas e garrafas quebradas. Radical autêntica, havia aprendido a discorrer com horror sobre a vida suburbana. A vida, quando ela se dava ao trabalho de concebê-la, não passava de um círculo de pessoas ricas e agradáveis, com interesses idênticos e inimigos idênticos. Dentro desse

círculo pensava-se, casava-se e morria-se. Do lado de fora havia pobreza e vulgaridade, sempre tentando entrar, assim como o *fog* londrino procurava penetrar pelo pinheiral, de permeio às aberturas das colinas ao norte. Mas na Itália, onde qualquer um, se assim o desejasse, podia aquecer-se sob a eqüidade, como que sob o sol, tal conceito de vida esmorecia. Seus sentidos se expandiram; ela sentia como que não houvesse ninguém de quem não fosse capaz de gostar, que as barreiras sociais eram sem dúvida irremovíveis, mas não particularmente altas. Podia-se saltar sobre elas da mesma forma como que se saltava o jardim de oliveiras de um camponês dos Apeninos, para ser recebido com cordialidade por ele. Ela regressou com novos pontos de vista.

Assim foi com Cecil, embora a Itália não houvesse promovido a tolerância no rapaz e sim a irritação. Ele compreendeu que a sociedade local era tacanha, mas, em vez de dizer "Será que isso importa tanto assim?", revoltou-se e procurou substituí-la pela sociedade que cria ser mais ampla. Não percebia que Lucy havia consagrado seu ambiente com milhares de pequenos toques de urbanidade, os quais, com o tempo, promovem um abrandamento, e que, embora seus olhos enxergassem os defeitos, o coração se recusava a desprezá-los por completo. Ele outrossim deixou de perceber um ponto mais importante — o de que, se ela era grande demais para aquela sociedade, também era grande demais para qualquer sociedade, e que havia alcançado o estádio no qual apenas o intercurso pessoal podia satisfazê-la. Tratava-se decerto de uma rebelde, mas não do tipo que ele podia entender — uma rebelde que ansiava, não por um domicílio maior, mas por igualdade ao lado do homem a quem amava. Pois a Itália lhe oferecera o mais impagável de todos os bens — sua própria alma.

Jogar *bumble-puppy*, ou "bola louca", com Minnie Beebe, sobrinha de treze anos do pároco — um jogo antigo e muito respeitável, que consistia em sacar bolas de tênis bem alto no ar, de forma que elas caíssem do outro lado da rede e quicassem muitas vezes; algumas atingindo a senhora Honeychurch; outras indo para fora. Embora confusa, a sentença é a que melhor explica o estado mental de Lucy, pois ela estava tentando jogar e conversar com o senhor Beebe ao mesmo tempo.

"Ah, foi uma tremenda chateação; primeiro ele, depois elas... Ninguém sabia o que queria, e todos se portaram de modo tão cansativo."

"Mas elas realmente estão vindo agora", disse o senhor Beebe. "Escrevi à senhorita Teresa uns dias atrás... Ela queria saber com que freqüência

recebíamos a visita do açougueiro, e minha resposta de que era uma vez por mês deve tê-la alegrado. Estão vindo. Tive notícias delas esta manhã."

"Eu hei de odiar essas senhoritas Alans!", a senhora Honeychurch lamentou-se. "Só porque são velhas e tolas, esperam que digamos 'Que lindinhas!'. Odeio seus maneirismos. E a pobre Lucy, que aprenda sua lição, está um caco."

O senhor Beebe observou o caco saltar e pular na quadra de tênis. Cecil estava ausente; não se jogava *bumble-puppy* quando ele estava por perto.

"Bem, se elas estão vindo... Não, Minnie, não Saturno!" Saturno era uma bola de tênis cujo envoltório havia em parte descosturado. Quando posta em movimento, sua órbita vinha acompanhada de um anel de pano. "Se estão vindo, sir Harry permitirá que se mudem antes do dia 29 e abolirá a cláusula sobre caiar o telhado, pois isso as deixou nervosas, e vai inserir a justa cláusula sobre depreciação pelo uso... Ei, esta não vale. Eu disse: Saturno, não."

"Saturno é perfeita para *bumble-puppy*", gritou Freddy, unindo-se a elas. "Minnie, não dê ouvido a ela."

"Saturno não quica."

"Saturno quica o bastante."

"Não, não quica."

"Bom, quica mais do que a Bela Diaba Branca."

"Quieto, querido", admoestou a senhora Honeychurch.

"Mas veja só Lucy, reclamando de Saturno, enquanto está o tempo todo com a Bela Diaba Branca nas mãos, pronta para lançá-la ao jogo. Está certo, Minnie, tente acertá-la... Mire nas canelas com a raquete... Mire nas canelas."

Lucy caiu; a Bela Diaba Branca saiu rolando de sua mão.

O senhor Beebe apanhou a bola e disse:

"O nome desta bola é Vittoria Corombona, por favor", mas sua correção passou despercebida.

Freddy tinha grande talento para enfurecer menininhas e, em meio minuto, convertera Minnie de criança bem-educada em barulhenta selvagem. Da casa, Cecil podia ouvi-los e, embora estivesse cheio de notícias saborosas, não foi até o quintal para anunciá-las, pois não queria se machucar. Não era um covarde, e suportava a dor necessária como qualquer homem. Mas detestava a violência física dos jovens. E como estava certo! De fato, a brincadeira acabou em choro.

"Gostaria que as senhoritas Alans pudessem ver isso", observou o senhor Beebe, ao mesmo momento em que Lucy, que estivera cuidando do ferimento de Minnie, era, por seu turno, erguida no ar pelo irmão.

"Que são as senhoritas Alans?", Freddy perguntou, sem fôlego.

"Elas alugaram a *villa* Cissie."

"Não era esse o nome..."

Nesse ponto, seu pé escorregou, e todos caíram suavemente sobre o gramado. Um intervalo passou.

"Não era que nome?", perguntou Lucy com a cabeça do irmão no colo.

"Não era Alan. O nome das pessoas para quem sir Harry alugou a casa."

"Bobagem, Freddy! Não sabe de nada sobre isso."

"Bobagem é o que você está dizendo! Topei com ele um minuto atrás. Ele disse: 'Hã-hã! Honeychurch'." Freddy era um mímico calejado. "'Hã-Hã! Ahem! Por fim encontrei os rebeldes per-fei-tos para locatários.' Eu disse 'Hurra, velhinho!', e dei-lhe uns tapinhas nas costas."

"Exato. As senhoritas Alans?"

"Não é bem isso. O nome soa mais com Anderson."

"Oh, meu Deus, espero que não haja outra terrível confusão!", exclamou a senhora Honeychurch. "Você já notou, Lucy, que sempre estou certa? Mandei que não interferisse com a *villa* Cissie. Eu sempre acerto. É bem desconfortável estar certa com tanta freqüência."

"É apenas outra confusão de Freddy. Nem sabe o nome das pessoas que, segundo ele, irão alugar a casa, no lugar das duas velhinhas."

"Sei, sim. Lembrei. Emerson."

"Quem?"

"Emerson. Posso apostar o que quiser."

"Que cata-vento é esse sir Harry", Lucy disse entre os dentes. "Queria não ter perdido tempo com essa história."

Então ela deitou-se de costas e contemplou o céu sem nuvens. Senhor Beebe, cujo conceito acerca dela subia dia a dia, sussurrou no ouvido da sobrinha que *aquele* era o modo apropriado de agir quando uma coisinha não dava certo.

Entrementes, o nome dos novos ocupantes distraiu a senhora Honeychurch da contemplação de suas próprias habilidades.

"Emerson, Freddy? Sabe que Emerson são esses?"

"Nem sei se eles são Emersons de fato", volveu Freddy, que era democrático. Como a irmã, e como a maioria dos jovens, naturalmente atraía-lhe a idéia de igualdade, e o fato inegável de que havia diferentes espécies de Emersons o irritava sobremaneira.

"Tenho certeza de que são o tipo certo de gente. Muito bem, Lucy", ela mais uma vez voltava a sentar-se. "Vejo que está pensando com seus botões que sua mãe é uma esnobe. Mas há o tipo certo e o tipo errado, e é afetação fingir que não há."

"Emerson é um nome bastante comum", Lucy observou.

A moça olhava para o lado. Posicionada ela mesma sobre um promontório, podia ver os promontórios cobertos de pinhais que desciam, um por um, até o Weald. Quanto mais se descia pelo jardim, mais gloriosa se tornava a vista lateral.

"Apenas quis dizer, Freddy, que acredito que não haja nenhuma relação com Emerson, o filósofo, um homem muito exasperador. Por favor, está satisfeito?"

"Oh, sim", ele resmungou. "E a senhora também ficará satisfeita quando souber que são amigos de Cecil; assim", com elaborada ironia, "a senhora e as outras famílias do condado poderão fazer-lhes visitas em perfeita segurança."

"*Cecil*?"

"Não seja grosseira, querida", advertiu, placidamente, a mãe. "Lucy, não dê gritinhos. É um novo mau hábito que está pegando."

"Mas Cecil..."

"Amigos de Cecil", ele repetiu, "'e de fato os rebeldes per-fei-tos. Ahem! Honeychurch, acabei de lhes enviar um telegrama.'"

Ela ergueu-se da grama.

Foi duro para Lucy. O senhor Beebe ficou com pena dela. Embora ela desconfiasse que a rejeição das senhoritas Alans tivesse sido obra de sir Harry Otway, podia tolerar a atitude como uma boa moça. Mas tinha todo o direito de dar seus "gritinhos" quando ouviu que, em parte, a decisão deveu-se a seu noivo. O senhor Vyse era um provocador — bem pior que um provocador: obtinha um prazer malicioso em frustrar as pessoas. O clérigo, sabendo disso, observava a senhorita Honeychurch com uma bondade maior do que a habitual.

Quando ela exclamou, "Mas os Emersons de Cecil... Não podem ser os mesmos... é isso...", não considerou o desabafo estranho, mas viu ali uma

oportunidade de desviar a conversa enquanto a jovem recobrava a compostura. Ele a desviou da seguinte forma:

"Os Emersons de Florença, é o que quer dizer? Não, não suponho que sejam os mesmos. Há decerto uma longa distância entre eles e os amigos do senhor Vyse. Ah, senhora Honeychurch, são as pessoas mais estranhas! E como são extravagantes! Mas nós gostamos deles, não gostamos?", requestava a aprovação de Lucy. "Houve uma grande cena por causa de umas violetas. Eles apanharam violetas e encheram todos os vasos do quarto dessas mesmas senhoritas Alans que não puderam vir à *villa* Cissie. Pobrezinhas! Tão chocadas e agradecidas. Costumava ser uma das histórias favoritas da senhorita Catharine. 'Minha irmã adora flores', começava. Elas se depararam com o quarto inteiro tomado de azul (vasos e jarras) e a história termina com 'foram tão pouco cavalheiros e, contudo, era tão belo. Isso tudo é muito difícil'. Sim, sempre associei esses Emersons florentinos a violetas."

"O Preterido enganou-a direitinho desta vez", espicaçou Freddy, que não viu que o rosto da irmã estava muito vermelho. Ela não conseguia recobrar a razão. O senhor Beebe percebeu e continuou a conduzir a conversa.

"Esses Emersons, em particular, são pai e filho. O filho é bem-apessoado, talvez um bom jovem; não é tolo, creio, mas bastante imaturo... pessimista etc. Nossa alegria especial era o pai, um sujeito sentimental, e havia quem acreditasse que ele matou a esposa."

Em seu estado normal, o senhor Beebe não teria repetido tal fofoca, mas estava tentando proteger Lucy e seu pequeno embaraço. Repetia qualquer tolice que vinha dar em sua cabeça.

"Assassinou a esposa?", perguntou a senhora Honeychurch. "Lucy, não vá embora... Vá jogar *bumble-puppy*. Realmente, a pensão Bertolini deve ter sido um lugar muito peculiar. Esse é o segundo assassinato que ouço falar em referência àquele lugar.
O que Charlotte estava fazendo que não os impediu? Por falar nisso, realmente precisamos convidar Charlotte para passar uns dias conosco."

O senhor Beebe não se lembrava de um segundo assassinato. Sugeriu que sua anfitriã estava equivocada. Diante da sutil objeção, ela animou-se. Tinha certeza absoluta de que havia um segundo turista sobre quem a mesma história fora contada. O nome lhe escapava. Qual era o nome? Qual era o nome? Apertou os joelhos para forçar a memória. Algo em Thackeray. Ela bateu em sua testa matronal.

Lucy perguntou ao irmão se Cecil estava na casa.

"Ah, não vá lá!", ele gritou e tentou agarrá-la pelos tornozelos.

"Preciso ir", ela declarou, séria. "Não seja bobo. Você sempre exagera quando joga."

Quando saiu, o grito "Harris!" dado por sua mãe ecoou no ar tranqüilo, lembrando-a que contara uma mentira e que nunca se deu ao trabalho de desdizer-se. Uma mentira tola, também, mas dilacerava-lhe os nervos, e fazia-a associar esses Emersons, os amigos de Cecil, a um par de turistas indistintos. Até então a verdade lhe viera de modo natural. Percebeu que, de agora em diante, deveria ficar mais alerta e ser... Absolutamente sincera? Bem, de todo modo, não deveria contar mentiras. Atravessou correndo o jardim, ainda ruborizada pela vergonha. Uma palavra de Cecil a tranqüilizaria, com toda certeza.

"Cecil!"

"Alô!", ele gritou, e debruçou-se à janela do salão de fumar. Parecia de bom humor. "Esperava que viesse. Ouvi todos vocês ocupados no jardim, mas há uma diversão bem maior por aqui. Eu, até eu, marquei um imenso tento para a musa da Comédia. George Meredith está certo... A causa da Comédia e a causa da Verdade são as mesmas; eu, até eu, encontrei locatários para a desafortunada *villa* Cissie. Não fique brava. Não fique brava! Vai me perdoar quando ouvir toda a história."

Ele ficava muito atraente com o rosto animado, o que fez dissipar de uma vez os ridículos presságios de Lucy.

"Eu já ouvi", ela disse. "Freddy nos contou. Que malvadeza, Cecil! Suponho que devo perdoá-lo. Mas pense em todo o trabalho que tive por nada. Decerto as senhoritas Alans são um pouco enfadonhas, e prefiro a companhia de bons amigos seus. Mas não deveria brincar assim conosco."

"Amigos meus?", ele riu. "Mas, Lucy, a piada toda ainda está por vir! Venha aqui", mas ela continuou parada onde estava. "Sabe onde encontrei esses locatários ideais? Na Galeria Nacional, quando fui visitar minha mãe na semana passada."

"Que lugar estranho para encontrar alguém!", ela disse nervosamente. "Não entendo."

"Na Sala Úmbria. Totalmente desconhecidos. Estavam admirando Luca Signorelli; de modo um tanto estúpido, decerto. Porém, encetamos uma conversa. Eles me interessaram sobremaneira. Estiveram na Itália."

"Mas Cecil..."

Ele continuou, com hilaridade.

"Durante a conversa disseram que queriam uma casa de campo... O pai moraria ali e o filho o visitaria nos fins de semana. Eu pensei 'Que oportunidade para dar uma lição em sir Harry!'. Anotei o endereço deles e uma referência e descobri que não eram patifes rematados... Foi muito divertido... Daí escrevi para ele, inventando..."

"Cecil! Não é justo. É provável que eu os conheça..."

"É perfeitamente justo. Tudo vale a pena para punir um esnobe. Aquele velho fará um enorme bem à vizinhança. Harry me dá engulhos com sua conversa sobre 'damas decadentes'. Faz tempo que estou querendo lhe dar uma lição. Não, Lucy, as classes devem misturar-se, e logo, logo, você vai concordar comigo. Deve haver casamentos mistos... e coisas assim. Creio na democracia..."

"Não, você não crê", ela retorquiu. "Não sabe o que essa palavra quer dizer."

Ele fixou-a com os olhos, e mais uma vez sentiu que não havia nada de Leonardo ali.

"Não, não acredita!" Seu rosto era inartístico; o semblante de uma virago mal-humorada.

"Não é justo, Cecil. Eu o censuro. Eu o censuro muito. Não tinha nenhum direito de desfazer meus esforços em relação às senhoritas Alans e de me fazer parecer boba. Disse que era para ganhar um tento contra sir Harry, mas será que percebe que foi à minha custa? Considero sua atitude extremamente desleal."

Ela saiu.

"Geniosa!", ele pensou, erguendo as sobrancelhas.

Não, era pior que mau gênio — era esnobismo. Enquanto achou que eram os amigos elegantes de Cecil que substituiriam as senhoritas Alans, Lucy não se abalara. Para ele, esses novos locatários teriam um grande valor educacional. Toleraria o pai e persuadiria o filho, que era quieto, a falar. Pelos interesses das musas da Comédia e da Verdade, ele os traria a Windy Corner.

11

No apartamento bem mobiliado da senhora Vyse

A musa da Comédia, embora capaz de cuidar de seus próprios interesses, não desdenhou a assistência do senhor Vyse. A idéia de o jovem conduzir os Emersons a Wyndy Corner lhe pareceu decididamente boa, e ela, sem demora, tratou de levar a cabo as negociações. Sir Harry Otway assinou a proposta, conheceu o senhor Emerson e ficou devidamente decepcionado. As senhoritas Alans, devidamente ofendidas, escreveram uma carta altiva para Lucy, a quem atribuíram a responsabilidade pelo malogro. O senhor Beebe planejou momentos agradáveis para os recém-chegados e disse à senhora Honeychurch que Freddy deveria visitá-lo assim que chegassem. Com efeito, tão amplas eram as artimanhas da musa, que permitiram que o senhor Harris, que nunca se consagrou como criminoso de grande porte, abaixasse a cabeça, fosse esquecido e morresse.

Lucy — para descermos dos céus luminosos para a terra, sobre a qual há sombras, porque há colinas — foi de início lançada ao desespero, mas logo se conformou ao pensar um pouquinho que tudo aquilo não tinha a menor importância. Agora que estava noiva, os Emersons não poderiam insultá-la e já podiam ser bem acolhidos pela comunidade. Portanto, Cecil tinha toda a liberdade para trazer os Emersons à vizinhança. Mas, como disse, nada disso se deu sem pouca reflexão e — como as moças nem sempre agem por meio da lógica — o evento continuou a parecer-lhe mais grandioso e um tanto mais terrível do que era. Alegrou-se com os planos de uma visita à senhora Vyse; os locatários se mudariam para a *villa* Cissie, enquanto ela estaria, em segurança, no apartamento londrino.

"Cecil... Cecil, querido", ela sussurrou na noite em que ele chegou, e aninhou-se em seus braços.

Cecil também se mostrava mais carinhoso. Viu que o fogo necessariamente aceso na lareira animou Lucy e aumentou o respeito que ele

lhe inspirava, por ser homem.

"Então, você me ama mesmo, pequenina?", ele murmurou.

"Oh, Cecil, amo, amo sim! Não sei o que faria sem você."

Muitos dias se passaram. Ela recebeu uma carta da senhorita Bartlett.

Uma frieza surgira entre as duas primas, que não se corresponderam desde quando se separaram, em agosto. A frieza datava do evento que Charlotte chamou de "a fuga para Roma", e, em Roma, só fizera aumentar. Pois a acompanhante, instituição que é meramente desarmônica no mundo medieval, torna-se exasperadora no terreno clássico. Charlotte, abnegada no Fórum, teria ensaiado um humor mais gentil do que o de Lucy e, depois, nas Termas de Caracalla, ambas já duvidavam de que poderiam continuar com sua turnê. Lucy havia expressado sua intenção de unir-se aos Vyses — a senhora Vyse era uma conhecida de sua mãe, de modo que não havia nada de desabonador no plano —, e a senhora Bartlett retorquiu que estava acostumada a ser abandonada de uma hora para outra. Enfim, nada ocorreu; mas a frieza persistiu e, para Lucy, apenas recrudesceu quando abriu a carta e leu-a conforme se segue. A epístola fora reencaminhada de Windy Corner.

Tunbridge Wells,
Setembro.

Querida Lucia,

Finalmente obtive notícias suas! A senhorita Lavish estava andando de bicicleta nas cercanias de Windy Corner, mas não tinha certeza se uma visita seria apropriada. Por ter furado o pneu perto da rua Summer, ela sentou-se com ar miserável naquele belo adro, esperando pelo conserto, e viu, muito para seu assombro, uma porta ser aberta à sua frente e o jovem Emerson emergir para a rua. Ele disse que o pai havia acabado de alugar a casa. *Disse* não saber que você morava na vizinhança (?). Ele não ofereceu uma xícara de chá a Eleanor. Querida Lucy, estou muito preocupada e sugiro que faça uma confissão completa do comportamento pregresso desse jovem tanto para sua mãe quanto para Freddy e para o senhor Vyse, que não permitirão a entrada do moço em sua casa etc. Foi um grande infortúnio e creio mesmo que já deve ter lhes contado. O senhor Vyse é tão sensível. Lembro-me de como

costumava irritá-lo em Roma. Lamento tudo isso. Não me sentiria bem se não a advertisse.

Creia-me,
Sua ansiosa e devotada prima,
Charlotte.

Lucy ficou muito aborrecida, e respondeu da seguinte forma:

Beauchamp Mansions, S. W.

Querida Charlotte,

Agradeço muito a advertência. Quando o senhor Emerson se deixou levar nas montanhas, você me fez prometer não contar nada a mamãe, pois temia que ela a responsabilizasse por não estar comigo o tempo todo. Eu mantive minha promessa e não há como contar-lhe agora. Eu disse, tanto para ela quanto para Cecil, que conheci os Emersons em Florença, e que são pessoas respeitáveis — de fato, creio nisso — e a razão pela qual ele não ofereceu chá à senhorita Lavish provavelmente foi por não haver chá em casa. Ela deveria ter procurado obtê-lo na Paróquia. Não posso começar a criar uma confusão a essa altura. Você deve compreender que seria demasiado absurdo. Se os Emersons ficassem sabendo que reclamei deles, começariam a pensar que são muito importantes, o que não é verdade. Gosto do velho pai, e estou ansiosa para tornar a vê-lo. São conhecidos de Cecil, que está muito bem, e falou de você um dia desses. Planejamos casar-nos em janeiro.

A senhorita Lavish não pode ter contado muito sobre mim, pois não estou em Windy Corner, mas aqui. Por favor, não ponha "Particular" no envelope de novo. Ninguém abre minhas cartas.

Cordialmente,
L. M. Honeychurh

O sigilo tem esta desvantagem: perdemos o senso de proporção; não somos incapazes de dizer se nosso segredo é importante ou não. Lucy e sua

prima trancaram-no no armário como algo grandioso, que poderia destruir a vida de Cecil, caso fosse descoberto, ou como uma coisinha da qual depois podiam rir depois? A senhorita Bartlett sugeriu a primeira opção. Talvez estivesse certa, pois virara algo grande agora. Se deixada sozinha, Lucy teria contado à sua mãe e ao seu amado de modo franco, e tornar-se-ia um assunto de somenos. "Emerson, não Harris": só houvera isso, poucas semanas atrás. Até mesmo tentou contar a Cecil havia pouco, quando ambos riram de uma bela garota por quem ele fora enamorado na escola. Mas seu corpo começara a agir de modo tão ridículo que ela parou.

Ela e seu segredo permaneceram dez dias a mais na metrópole deserta, visitando as cenas que o casal depois havia de conhecer tão bem. Não lhe faria nenhum mal, Cecil refletiu, se ela conhecesse a estrutura da sociedade, enquanto a própria sociedade estava ausente em campos de golfe ou em terras reservadas para a caça.

O clima estava temperado, e não a afetou. Apesar da temporada, a senhora Vyse conseguiu organizar um jantar composto inteiramente de netos de pessoas famosas. A comida era sofrível, mas a conversa exibiu um fastio loquaz que impressionou a moça. Tudo exauria a todos, segundo parecia. Alguém se lançava com entusiasmo apenas para tornar a cair com graça, e levantar-se em meio a risadas solidárias. Nessa atmosfera, tanto a pensão Bertolini quanto Windy Corner pareciam igualmente grosseiras, e Lucy percebeu que a carreira londrina a manteria um pouco distante de tudo o que amara no passado.

Os netos lhe pediram que tocasse piano. Ela tocou Schumann. "Agora um pouco de Beethoven", exigiu Cecil, depois de a beleza lamuriante da música ter se dissipado. Ela sacudiu a cabeça e tocou Schumann de novo. A melodia cresceu, inutilmente mágica. Interrompeu-se; foi retomada interrompida, sem marchar inconsútil do berço à sepultura. A melancolia da incompletude — a melancolia que muitas vezes se confunde com a Vida, mas nunca deveria confundir-se com a Arte — pulsava em suas frases dispersas, e fazia os nervos da audiência pulsar também. Não foi assim que ela tocara no pequeno piano acortinado na pensão Bertolini, e "Schumann em excesso" não foi o comentário que o senhor Beebe fez para si próprio, quando ela voltou.

Após os convidados terem partido e Lucy ter se retirado para seus aposentos, a senhora Vyse pateou de um lado para outro na sala de estar, discutindo sua pequena recepção com o filho. A senhora Vyse era uma boa

mulher, mas sua personalidade, como a
de muitas outras, submergira em Londres, pois é preciso dispor de mente firme para viver entre tantas pessoas. A órbita demasiado vasta de seu destino a esmagara; ela contemplara temporadas demais, cidades demais, homens demais para seu talento, e mesmo com Cecil ela era mecânica, agindo como se ele não fosse seu filho, mas, por assim dizer, uma multidão filial.

"Faça com que Lucy se torne uma de nós", ela aconselhou, olhando em torno com olhar vivaz ao final de cada sentença, fazendo um esforço para apartar os lábios antes de tornar a falar: "Lucy está se tornando maravilhosa... Maravilhosa".

"Sua música sempre foi maravilhosa."

"Sim, ela está se livrando da mácula dos Honeychurches, os queridos Honeychurches, mas você sabe o que quero dizer. Não está sempre citando os empregados ou pedindo aos outros a receita do pudim."

"É mérito da Itália."

"Talvez", murmurou, pensando no museu que, para ela, a Itália representava. "É bem possível. Cecil, preste atenção, case-se em janeiro próximo. Ela já é uma de nós."

"Mas a música!", ele exclamou. "O estilo dela! Veja como continuou tocando Schumann quando eu, feito um idiota, demandei que tocasse Beethoven. Schumann era adequado para esta noite. Schumann estava no programa. Mas, mãe, a senhora sabe, quero que nossos filhos sejam educados da mesma forma que Lucy. Fazê-los crescer entre a gente honesta do campo para ganharem vigor, enviá-los à Itália, para adquirirem sutileza e então (somente então) deixá-los vir a Londres. Não confio nessa educação londrina...", ele interrompeu-se, lembrando que ele próprio era fruto dela e concluiu: "De todo modo, não para mulheres".

"Converta-a numa de nós", repetiu a senhora Vyse, e foi para a cama.

Quando já estava adormecida, um grito — um grito de pesadelo — ecoou do quarto de Lucy. Lucy podia tocar a campainha para chamar a criada se quisesse, mas a senhora Vyse achou gentil se ela mesma fosse acudi-la. Encontrou a garota sentada com as costas eretas e as mãos nas bochechas.

"Desculpe-me, senhora Vyse, são esses sonhos."

"Pesadelos?"

"Apenas sonhos."

A mulher mais velha sorriu e beijou-a, dizendo de forma bastante articulada:

"Deveria ter ouvido o que dissemos de você, querida. Meu filho a admira mais do que nunca. Tente sonhar com isso."

Lucy devolveu o beijo, ainda cobrindo uma das faces com a mão. A senhora Vyse voltou para a cama. Cecil, a quem o grito não acordara, roncava. A escuridão envolveu o apartamento.

12

Décimo segundo capítulo

Foi numa tarde de sábado, alegre e brilhante após chuvas copiosas, e o espírito juvenil ainda vicejava, apesar da chegada do outono. Tudo que era gracioso triunfava. Quando os carros movidos a motor passavam pela rua Summer, levantavam apenas o mínimo de poeira, e seu fedor logo era dispersado pelo vento e substituído pelo aroma das bétulas úmidas ou dos pinheiros. O senhor Beebe, de folga para apreciar as amenidades da vida, debruçou-se no portão da reitoria. Freddy estava a seu lado, fumando um cachimbo curvo.

"E se fôssemos atrapalhar um pouco os novos vizinhos ali na frente?"

"Hum."

"Eles talvez o divirtam um pouco."

Freddy, a quem os compatriotas nunca agradavam, sugeriu que os recém-chegados pudessem estar muito ocupados, pois haviam acabado de mudar.

"Sugiro que os atrapalhemos um pouco", repetiu o senhor Beebe. "Vale a pena." Destrancando o portão, ele caminhou despreocupadamente até o jardim triangular da *villa* Cissie. "Olá!", chamou, gritando pela porta aberta, por onde se entrevia uma grande mixórdia.

Uma voz profunda respondeu: "Olá!".

"Trouxe uma pessoa que quer vê-lo."

"Descerei num instante."

Um armário, que os homens da mudança não conseguiram levar para cima, bloqueava o corredor. O senhor Beebe passou com certa dificuldade. A própria sala de estar estava entulhada de livros.

"Eles são grandes eruditos?", Freddy sussurrou. "É esse tipo de gente?"

"Imagino que saibam como se deve ler... Um elogio raro hoje em dia. Que temos aqui? Byron? Exatamente. *A Shropshire lad*. Nunca ouvi falar. *The way of*

all flesh. Nunca ouvi falar. Gibbon. Ora! Nosso querido George lê alemão. Hum… hum… Schopenhauer, Nietzsche, e assim por diante. Bem, suponho que a sua geração saiba o que está fazendo, Honeychurch."

"Senhor Beebe, dê uma olhada nisso", disse Freddy num tom de assombro.

Na cornija do armário havia uma inscrição pintada à mão: "Desconfie de todas as empresas que exijam roupas novas".

"Eu sei. Não é engraçado? Gosto disso. Tenho certeza de que é obra do velho."

"Que estranho da parte dele!"

"Com certeza tem sua aprovação, não?"

Mas Freddy era filho de sua mãe e sentiu que não se devia danificar a mobília.

"Gravuras!", o clérigo continuou, vasculhando o aposento. "Giotto, tenho certeza de que adquiriram em Florença."

"A mesma que Lucy comprou."

"Ah, por coincidência. Por falar nisso, a senhorita Honeychurch gostou de Londres?"

"Ela voltou ontem."

"Suponho que tenha se divertido?"

"Sim, muito", respondeu Freddy, pegando um livro. "Ela e Cecil estão cada vez mais unha e carne."

"É bom saber disso."

"Gostaria de não ser tão ignorante, senhor Beebe."

O clérigo ignorou o comentário.

"Lucy costumava ser quase tão estúpida quanto eu, mas será bem diferente agora, segundo mamãe. Ela lerá todos os tipos de livro."

"Assim como o senhor."

"Apenas obras médicas. Não livros que se pode comentar depois. Cecil está ensinando italiano a Lucy e diz que ela toca piano muito bem. Há todo tipo de coisa ali das quais nunca nos demos conta antes. Cecil diz..."

"O que afinal essa gente está fazendo lá em cima? Emerson... Acho que voltaremos depois."

George desceu correndo e conduziu-os até a sala, sem dizer nada.

"Deixe-me apresentá-lo ao senhor Honeychurch, um vizinho."

Então Freddy executou uma das ações intempestivas da juventude. Talvez fosse por timidez, talvez porque quisesse ser amistoso ou talvez porque pensasse que o rosto de George precisasse de uma água. De todo modo, ele o saudou com:

"Como vai? Que tal um banho?"

"Ah, está bem", disse George, impassível.

O senhor Beebe achou hilariante.

"Como vai? Como vai? Que tal um banho", ele gargalhou. "Esta é a melhor saudação que já ouvi. Mas receio que só pode ser usada entre homens. Pode imaginar uma dama apresentada a outra por uma terceira dando início ao ritual cerimonioso com um 'Como vai? Que tal um banho?' Mesmo assim, vão me dizer que hoje em dia há igualdade entre os sexos."

"Eu lhe digo que um dia haverá", interveio o senhor Emerson, que lentamente descia as escadas. "Boa tarde, senhor Beebe. Digo-lhe que o homem e a mulher serão grandes amigos, e é o que George pensa também."

"Devemos educar as damas da mesma forma que os cavalheiros?", o clérigo inquiriu.

"O jardim do Éden", continuou o senhor Emerson, ainda descendo, "que os senhores situam no passado na verdade ainda está para surgir. Nós entraremos nele quando deixarmos de desprezar nossos corpos."

O senhor Beebe não aprovava a instalação do jardim do Éden em qualquer lugar.

"Nesse ponto (não em outros) nós, homens, levamos vantagem. Desprezamos menos nossos corpos do que as mulheres. Mas só quando nos tornarmos companheiros é que entraremos no jardim do Éden."

"Ora, ora, e quanto a esse banho?", murmurou Freddy, assombrado com a quantidade de filosofia que desabava sobre ele.

"Acredito num retorno imediato à Natureza. Mas como voltar à Natureza se nunca de fato estivemos nela? Hoje, creio que devemos descobrir a natureza. Após inúmeras conquistas, precisamos obter a simplicidade. É nossa herança."

"Deixe-me apresentá-lo ao senhor Honeychurch, cuja irmã o senhor deve lembrar, de Florença."

"Como vai? Tenho imenso prazer em conhecê-lo e alegro-me que esteja levando George para tomar um banho. Alegro-me ainda em saber que sua

irmã irá casar-se. O casamento é um dever. Tenho certeza de que ela será muito feliz, pois também conhecemos o senhor Vyse. Ele foi muito gentil. Encontramo-nos por acaso na Galeria Nacional. Foi ele quem acertou tudo em relação a essa esplêndida casa. Mesmo assim, espero não ter ofendido sir Harry Otway. Tenho visto tão poucos latifundiários liberais, que fiquei ansioso para comparar a atitude dele com respeito às leis de caça, contrapondo-a à posição conservadora. Ah, esse vento! Fazem bem em tomar um banho. Essas suas terras são gloriosas, Honeychurch!"

"Nem um pouco!", tartamudeou Freddy. "Eu devo... quero dizer... terei prazer de lhes fazer uma visita de boas-vindas, é o que diz minha mãe."

"*Visita de boas-vindas*, meu rapaz? Quem lhe ensinou esse disparate social? Visitas de boas-vindas são para sua avó! Ouça o vento entre os pinheiros. Suas terras são gloriosas."

O senhor Beebe correu em auxílio do rapaz.

"Senhor Emerson, ele o visitará, eu o visitarei; o senhor e seu filho retribuirão nossas visitas antes de dez dias. Creio que conhece a regra dos dez dias de intervalo. Não conta o fato de eu ter lhes ajudado com as alças da escada, ontem. Não conta o fato de irmos tomar banho esta tarde."

"Sim, vá tomar banho, George. Por que perder tempo tagarelando? Traga-os de volta para o chá. Não esqueça de comprar leite, bolo e mel. A mudança lhe fará bem. George tem trabalhado muito duro no escritório. Não acredito que esteja bem."

George fez uma mesura, empoeirada e soturna, exalando odor peculiar de quem esteve arrumando a mobília.

"Quer realmente nadar?", Freddy perguntou-lhe. "É somente um laguinho, sabe. Creio que deve estar acostumado com coisas bem melhores."

"Sim... Já disse que sim."

O senhor Beebe sentiu-se obrigado a assistir seu jovem amigo e conduziu os dois rapazes para a rua e na direção do pinheiral. Era glorioso. Durante certo tempo a voz do velho senhor Emerson os perseguiu, ministrando votos benfazejos e filosofia. A voz cessou e eles passaram a ouvir apenas o vento fresco agitando as samambaias e as árvores.

O senhor Beebe, que podia ficar em silêncio, mas não tolerava manter-se em silêncio, sentiu-se impelido a tagarelar, pois a expedição parecia constituir um fracasso e nenhum de seus dois companheiros emitia uma palavra. Ele falou de Florença. George respondeu muito a sério, assentindo ou

discordando com gestos comedidos, mas determinados, tão inexplicáveis quanto os movimentos das copas das árvores no alto.

"E que coincidência essa de encontrar o senhor Vyse! Tinha idéia de que iria topar com toda a pensão Bertolini por aqui?"

"Não. A senhorita Lavish me contou."

"Quando eu era jovem sempre quis escrever uma História da Coincidência."

Nenhum sinal de entusiasmo.

"Contudo, as coincidências são muito mais raras do que supomos. Por exemplo, não é pura coincidência o fato de o senhor estar aqui agora, se pensarmos bem."

Para seu alívio, George começou a falar.

"É sim. Estive pensando nisso. É o Destino. Tudo é Destino.
O Destino nos une, o destino nos separa... Unidos, separados. Os doze ventos sopram sobre nós... Não temos nenhum controle..."

"O senhor não pensou bem", cortou o clérigo. "Deixe-me dar-lhe um conselho útil, Emerson: não atribua nada ao Destino. Não diga: 'Não fiz isso', pois fez sim, em dez chances contra uma. Deixe-me interrogá-lo. Onde o senhor encontrou primeiramente a senhorita Honeychurch e eu?"

"Na Itália."

"E onde o senhor topou com o senhor Vyse, que vai casar-se com a senhorita Honeychurch?"

"Na Galeria Nacional."

"Admirando a arte italiana. Pois bem: mesmo assim, fala de coincidência e de Destino! O senhor naturalmente busca as coisas italianas, do mesmo modo que nós e nossos amigos. Isso estreita incomensuravelmente o campo, e mais uma vez nós nos encontramos sobre ele."

"É o Destino que me trouxe aqui", insistiu George. "Mas o senhor pode chamá-lo de Itália, se o faz se sentir menos infeliz."

O senhor Beebe repelia tal abordagem pesada do assunto. Mas dispunha de uma tolerância infinita para com os jovens, e não tinha nenhuma intenção de ser rude com George.

"Então, por isso e por outras razões, a minha "História da Coincidência" ainda está por ser escrita."

Silêncio.

Ansioso por contornar o episódio, ele acrescentou:

"Estamos todos felizes com sua vinda."

Silêncio.

"Chegamos!", exclamou Freddy.

"Ah, que bom!", secundou o senhor Beebe, esfregando a testa.

"Lá está o lago. Queria que fosse maior", ele ajuntou, em tom de desculpa.

Desceram por uma ribanceira escorregadia, forrada de folhas de pinheiro. Ali repousava o reservatório, instalado em seu pequeno monte verdejante — apenas um laguinho, mas grande o bastante para conter um corpo humano, e límpido o bastante para refletir o céu. Por causa das chuvas, as águas avançaram pela grama circundante, que formavam como que uma bela trilha esmeralda, aliciando os pés na direção do poço central.

"É evidentemente razoável, no quesito lacustre", sentenciou o senhor Beebe. "Não é preciso desculpar-se pelo lago."

George sentou-se onde a grama estava seca, e melancolicamente descalçou as botas.

"Não são esplêndidas essas moitas de epilóbios? Adoro epilóbios em botão. Qual é o nome dessa planta aromática?"

Ninguém sabia ou parecia importar-se.

"Essas mudanças abruptas de vegetação, essa faixa esponjosa de plantas aquáticas e, de ambos os lados, vemos uma vegetação dura e quebradiça, contendo urzes, samambaias, arbustos, pinheiros. Fascinante, deveras fascinante."

"Senhor Beebe, não vai entrar?", convidou Freddy, que estava se despindo.

O senhor Beebe achou melhor não entrar.

"A água está maravilhosa!", gritou Freddy, saltando para dentro.

"Água, água", murmurou George. Molhando o cabelo primeiro — sinal evidente de apatia —, ele seguiu Freddy pelo ambiente divino, como se ele fosse uma estátua e o lago, um balde de espuma de sabão. Era necessário usar os músculos. Era necessário manter-se limpo. O senhor Beebe os observou e observou as mudas de epilóbios dançar em coro acima da cabeça dos rapazes.

"Chape, chape, chape", prosseguiu Freddy, dando duas braçadas para cada lado, e então se enredando entre juncos e lama.

"Vale a pena?", perguntou o outro, disposto michelangelamente na margem inundada.

O banco desbarrancou e ele caiu no lago antes que pudesse ponderar a questão de modo adequado.

"A água não está tão ruim", disse George, reaparecendo do mergulho e sibilando ao sol.

"A água está maravilhosa. Senhor Beebe, vamos.

"Chape, coufe."

O senhor Beebe, que estava com calor e que sempre concordava quando podia, olhou em torno. Não divisou nenhum paroquiano, exceto os pinheiros, que se alcantilavam por toda parte e gesticulavam uns com os outros diante do céu azulado. Era glorioso! O mundo dos veículos movidos a motor e das paróquias rurais estava a uma distância infinita. A água, o céu, a mata, o vento — tais coisas nem as estações podiam tocar e por certo não estariam longe do alcance do homem?

"Quem sabe eu possa me banhar também", e logo suas vestes viraram um terceiro montículo sobre o relvado e ele também provou das delícias aquáticas.

Tratava-se de águas ordinárias; tampouco manavam em profusão. Além do mais, conforme Freddy declarou, davam aos banhistas a impressão de que nadavam numa salada. Os três cavalheiros giravam no lago com os peitos para fora, à moda das ninfas em *Götterdämmerung.*[15] Porém, quer seja porque as chuvas lhe deram um frescor, quer seja porque o sol estava irradiando sua quentura mais esplêndida, quer seja porque dois dos cavalheiros eram jovens em anos e o terceiro em espírito — por uma razão ou outra, a mudança sobreveio, e eles esqueceram a Itália, a Botânica ou o Destino. Começaram a brincar. O senhor Beebe e Freddy atiravam água um no outro. De modo um tanto respeitoso, jogaram água em George também. Ele ficou quieto; os outros dois temeram tê-lo ofendido. Então todas as forças da juventude explodiram. Ele sorriu, lançou-se na direção deles, espirrou água, deu-lhes caldos, chutou-os, enlameou-os e correu com eles para fora do lago.

"Vamos apostar uma corrida em torno do lago, então", gritou Freddy, e eles correram sob o sol; George apanhou um atalho
e sujou as canelas, tendo de banhar-se uma segunda vez. Daí o senhor Beebe consentiu em correr — uma visão inesquecível.

Eles corriam para secar-se, nadavam para refrescar-se, brincavam de índio entre os epilóbios e as samambaias, e banhavam-se para limpar-se. Durante todo o tempo, as três pequenas trouxas que jaziam discretamente no gramado

proclamavam: "Não. Somos nós que importamos. Sem nós, nenhuma empresa se inicia. A nós toda a carne deve recorrer, no fim".

"Vamos jogar rúgbi!", bradou Freddy, apanhando a trouxa de roupas de George e posicionando-a ao lado de uma trave imaginária de gol.

"Nada disso: futebol", retorquiu George, espalhando a trouxa de Freddy com um chute.

"Gol!"

"Gol!"

"Passe!"

"Tomem cuidado com meu relógio!", ululou o senhor Beebe.

Roupas voavam em todas as direções.

"Cuidado com meu chapéu. Não, basta agora, Freddy. Vista-se. Agora, eu disse!"

Mas os dois jovens estavam em transe. Moviam-se rapidamente entre as árvores, ao longe; Freddy com um colete clerical sob o braço, George com um chapelão sobre o cabelo encharcado.

"Já chega!", gritou o senhor Beebe, lembrando-se de que, afinal, estava em sua própria paróquia. Então, sua voz alterou-se, como se cada pinheiro fosse um Deão Rural. "Ei! Arrumem-se. Vejo gente chegando, rapazes!"

Gritos e círculos cada vez mais amplos sobre a terra salpicada.

"Ei! Ei! São *mulheres*!"

Nem George nem Freddy eram pessoas verdadeiramente refinadas. Mesmo assim, não ouviram o último aviso do senhor Beebe ou teriam evitado a senhora Honeychurch, Cecil e Lucy, que passavam por ali, a caminho da casa da senhora Butterworth. George soltou um urro diante do grupo, rodopiou e disparou na direção do lago, ainda portando o chapéu do senhor Beebe.

"Meu Deus do céu!", lamentou a senhora Honeychurch. "Quem é essa gente infeliz? Oh, meus queridos, não olhem! E lá está o pobre senhor Beebe também! Que terá acontecido?"

"Venham para cá imediatamente", ordenou Cecil, que sempre se sentiu no dever de comandar as mulheres, embora não soubesse para onde, e que

necessitava protegê-las, embora ignorasse contra o quê. Ele as conduziu na direção das samambaias, onde Freddy havia se escondido.

"Oh, pobre senhor Beebe! É dele esse colete largado no caminho? Cecil, o colete do senhor Beebe..."

"Não é da nossa conta", proclamou Cecil, relanceando o olhar para Lucy, que empunhava sua sombrinha com alarde, evidentemente achando que era da "conta" deles.

"Creio que o senhor Beebe voltou para o lago."

"Para cá, por favor, senhora Honeychurch, por aqui."

Elas o seguiram até a ribanceira, procurando afetar a expressão tensa, porém desinteressada, que convinha a damas em tais circunstâncias.

"Bem, não posso evitar", disse uma voz próxima, e Freddy empinou seu rosto sardento e um par de ombros níveos de trás dos arbustos. "Não posso ser pisoteado, posso?"

"Oh, por tudo que é mais sagrado, querido; então é você! Que brincadeira sem graça! Por que não tomou um banho confortável em casa, com água fria e quente?"

"Escute aqui, mãe: um sujeito precisa banhar-se, e um sujeito precisa secar-se, e se outro sujeito..."

"Querido, sem dúvida você está certo como sempre, mas não está em condições de discutir. Vamos, Lucy", elas se viraram. "Oh, veja... Não, não veja! Ah, pobre senhor Beebe! Que tristeza..."

Pois o senhor Beebe estava rastejando para fora do lago, em cuja superfície vestes de natureza íntima pareciam flutuar; enquanto isso, George, o introvertido George, anunciava para Freddy que havia apanhado um peixe.

"E eu engoli um", respondeu o moço, do meio das samambaias. "Engoli um girino. Sinto-o rodopiar em minha barriga. Vou morrer... Emerson, seu demônio, está com minhas calças."

"Psiu, queridos", disse a senhora Honeychurch, que achava impossível manter-se chocada. "E não se esqueçam de secar-se bem antes. Todos esses resfriados são causados quando não nos secamos bem."

"Mãe, por favor, venha", disse Lucy. "Ah, pelo amor de Deus, venha."

"Olá!", gritou George, de modo que as damas mais uma vez estacaram.

Ele se considerava vestido. Descalço, com o peito desnudo, radiante e atraente em meio ao bosque sombreado, chamou:

"Olá, senhorita Honeychurch! Olá!"

"Faça uma mesura, Lucy; é melhor. Quem é ele? Eu faria uma mesura."

A senhorita Honeychurch obedeceu.

Naquela tarde e durante a noite toda a água escoou. Na manhã seguinte o lago encolhera para seu tamanho habitual e perdera sua majestade. Fora um chamado ao sangue e à vontade serena, uma bênção passageira cuja influência não passa, uma graça, um encantamento, um cálice efêmero para a juventude.

13

O exasperante caso do aquecedor da senhorita Bartlett

Quantas vezes Lucy havia ensaiado essa mesura, esse encontro! Mas sempre pensara nisso como uma ocorrência domiciliar e com a presença de determinados acessórios, conforme decerto temos o direito de presumir. Quem poderia predizer que ela e George acabariam se encontrando num tamanho *débâcle* da civilização, em meio a um exército de casacos, colarinhos e botas que jaziam exangues sobre a terra ensolarada? Ela havia imaginado um jovem senhor Emerson, que podia agir com timidez, morbidez, indiferença ou sub-reptícia impudência. Estava preparada para todas essas eventualidades. Mas nunca poderia ter previsto um sujeito feliz que a saudaria com o grito da estrela matutina.

Entre quatro paredes agora, bebericando chá com a senhora Butterworth, ela refletia que era impossível predizer o futuro com qualquer grau de exatidão, que é impossível ensaiar a vida. Uma falha no cenário, um rosto na platéia, uma irrupção da audiência no palco, e todos nossos gestos cuidadosamente planejados mais nada significam, ou significam coisas demais. "Eu farei uma mesura", ela havia cogitado. "Não trocarei um aperto de mão. Isso será a coisa certa a ser feita." Ela executou uma reverência — mas a quem? Aos deuses, aos heróis, ao chorrilho de bobagens escolares! Ela se curvara diante da toleima que estorva o mundo.

Assim corriam seus pensamentos, enquanto sua atenção se voltava para Cecil. Era outra daquelas enfadonhas visitas de noivado. A senhora Butterworth fez questão de vê-lo, ao passo que ele não fazia questão de ser visto. O noivo não queria ouvir falar de hortênsias ou de por que elas mudam de cor perto da costa. Não queria aderir aos condados. Quando ficava zangado, sempre se excedia, dando respostas longas e perspicazes, quando apenas um "sim" ou um "não" teria bastado. Lucy procurava tranqüilizá-lo,

atamancando a conversação a fim de salvaguardar a paz matrimonial. Ninguém é perfeito, e decerto é mais sensato descobrir as imperfeições antes do consórcio. A senhorita Bartlett, nos fatos, não com palavras, havia ensinado à moça que esta vida não contém nada de satisfatório. Lucy, conquanto desgostasse da mestra, considerava profundo o ensinamento, e aplicou-o ao amado.

"Lucy", disse a mãe, quando estavam em casa, "há algo de errado com Cecil?"

"Não, creio que não, mamãe; Cecil está bem."

"Talvez esteja cansado."

Lucy aquiesceu: quiçá Cecil estivesse um pouco fatigado.

"Porque, de outro modo", ela retirou os alfinetes do toucado com crescente desprazer, "porque, de outro modo, não poderia dar-lhe razão."

"Creio que a senhora Butterworth é um tanto cansativa, se é o que quer dizer."

"Cecil a obrigou a pensar assim. Você era devotada a ela quando menina, e nada seria capaz de descrever a devoção com que ela tratou de você quando teve febre tifóide. Não... É a mesma coisa em todos os lugares."

"Deixe-me guardar seu toucado, sim?"

"Ele sem dúvida poderia portar-se civilizadamente diante dela por meia hora."

"Cecil é muito exigente quando se trata de pessoas", disse Lucy, timidamente, prevendo problemas pela frente. "Faz parte de seus ideais... É isso realmente o que o faz às vezes parecer..."

"Ah, tolice! Se ideais elevados fazem um homem ficar grosseiro, quanto antes se livrar deles, melhor", observou a senhora Honeychurch, entregando o toucado.

"Ora, mamãe! Eu já a vi zangar-se com a senhora Butterworth."

"Não daquele modo. Eu às vezes poderia torcer aquele pescocinho. Mas não daquele modo. Não. E Cecil age assim o tempo todo."

"Por falar nisso... Não lhe contei. Recebi uma carta de Charlotte quando estava em Londres."

A senhora Honeychurch ressentiu-se da tentativa, pueril demais, de mudar o assunto.

"Desde que Cecil voltou de Londres, nada parece agradar-lhe. Sempre que eu falo, ele estremece... Não sou cega, Lucy; é inútil tentar contradizer-me. Sem dúvida não tenho nenhum temperamento artístico, literário, intelectual ou musical, mas nada posso fazer a respeito da mobília da sala de estar: foi seu pai quem a comprou e precisamos tolerá-la, como Cecil deve fazer a gentileza de lembrar."

"Eu... eu entendo o que quer dizer, e Cecil certamente agiu errado. Mas ele não quis ser grosseiro... ele uma vez explicou... são as *coisas* que o incomodam... coisas feias o melindram com facilidade... ele não é descortês com as *pessoas*."

"É uma coisa ou uma pessoa quando Freddy canta?"

"Não se pode esperar que uma pessoa com tino realmente musical aprecie canções burlescas assim como nós."

"Então por que não se afasta? Por que ficar sentado ali, contorcendo-se e esboçando um sorriso zombeteiro, estragando o prazer de todo mundo?"

"Não devemos ser injustas com as pessoas", balbuciou Lucy. Algo a deixou desalentada. Não conseguia seguir adiante, de jeito nenhum, com a defesa de Cecil, que preparara com tanta perfeição em Londres. As duas culturas haviam se chocado — Cecil sugerira a possibilidade — e ela sentia-se deslumbrada e confusa, como se o brilho que há por trás de toda a civilização a houvesse ofuscado. Bom gosto e mau gosto eram apenas palavras vazias, vestes de corte diverso; e a própria música se dissolvia num sussurro por entre os pinheiros, onde a canção não se diferenciava da cançoneta.

A moça continuou bastante perturbada enquanto a senhora Honeychurch trocava de roupa para o jantar; vez por outra, dizia uma palavra, que não melhorava as coisas. Não havia como disfarçar o fato — Cecil quis ser arrogante e lograra seu intento. E Lucy — ela não sabia por quê — queria que a desavença houvesse ocorrido em qualquer outro momento que não aquele.

"Vá se vestir, querida; ou vai se atrasar."

"Está bem, mamãe."

"Não diga 'está bem' e fique aí parada. Vá."

Ela obedeceu, mas demorou-se desconsolada à janela entre os dois andares. A janela dava para o norte, de modo que quase nada se via, o céu menos ainda. Agora, como no inverno, os pinheiros ficavam bem próximos dos olhos. Aquela janela intermediária concorria para a depressão. Não havia nenhum problema concreto ameaçando-a, mas ela suspirava para si mesma. "Ah, Deus, que devo fazer, que devo fazer?" Parecia-lhe que todos os demais não estavam se comportando bem. E não devia ter mencionado a carta da senhorita Bartlett. Devia ser mais cuidadosa: sua mãe era bastante curiosa e poderia ter lhe perguntado o que Charlotte escrevera. Ah, Deus, que deveria fazer? Então Freddy subiu correndo as escadas e engrossou o grupo dos malcomportados.

"Eu lhe digo: essa gente é estupenda."

"Meu bebê, como você foi aborrecido! Não tinha nada de levá-los para banhar-se no Lago Sagrado; é público demais. Com você, está tudo bem, mas é muito embaraçoso para os demais. Seja mais cuidadoso. Esquece que o subúrbio já está quase tomando conta do lugar?"

"Ora, há algo planejado para o próximo fim de semana?"

"Não que eu saiba."

"Então quero convidar os Emersons para jogar tênis no domingo."

"Ah, eu não faria isso, Freddy, não faria isso depois de todos os tropeços."

"Que há de errado com a quadra? Eles não se importarão com uma saliência ou duas, e eu encomendei bolas novas."

"Quis dizer que é melhor não. Estou falando sério."

Ele a apanhou pelos cotovelos e dançou jocosamente para lá e para cá, no corredor. Ela fingiu não ligar, mas se sentiu capaz de gritar de nervoso. Cecil lançou-lhes um olhar de esguelha, quando passou para ir ao banheiro, e os dois obstruíram o caminho de Mary, que transportava um conjunto de latas de água quente. Então a senhora Honeychurch abriu a porta e disse: "Lucy, que barulho está fazendo! Tenho algo para lhe dizer. Você disse que recebeu uma carta de Charlotte?". Freddy saiu correndo.

"Sim. Preciso ir agora. Preciso me vestir."

"Como ela está?"

"Está bem."

"Lucy!"

A pobre garota voltou.

"Você tem o péssimo hábito de sair quando estamos no meio da frase. Charlotte mencionou o aquecedor?"

"O quê?"

"Não se lembra que o aquecedor teria de ser retirado em outubro e a cisterna do banho precisava ser limpa; toda uma série de obrigações terríveis?"

"Não tenho condições de lembrar-me de todas as preocupações de Charlotte", disse Lucy, com amargura. "Eu mesma já tenho o meu quinhão, agora que Cecil deixou de lhe agradar."

A senhora Honeychurch poderia ter se inflamado. Mas não. Apenas disse:

"Venha aqui, minha velhinha... Muito obrigada por guardar meu toucado... Dê-me um beijo", e, conquanto nada fosse perfeito, Lucy sentiu por um momento que sua mãe, Windy Corner e o Weald sob o sol declinante eram perfeitos.

Assim a aspereza saiu de sua vida. Era o que costumava suceder em Windy Corner. No último minuto, quando a máquina social estava perdidamente emperrada, um dos membros da família azeitava-a com uma gota de óleo. Cecil desprezava o método dos Honeychurches — talvez com razão. De todo modo, não eram seus meios.

O jantar foi servido às sete e meia. Freddy grasnou a ação de graças, e eles puxaram suas cadeiras pesadas e sentaram-se. Felizmente os homens estavam famintos. Nenhum inconveniente ocorreu até a sobremesa. Daí Freddy perguntou:

"Lucy, como é o Emerson?"

"Eu o vi em Florença", disse ela, na esperança de que o comentário servisse de resposta.

"Ele é do tipo inteligente ou é um sujeito decente?"

"Pergunte a Cecil; foi Cecil quem o trouxe para cá."

"Ele é do tipo inteligente, como eu", respondeu Cecil.

Freddy encarou-o com ar de dúvida.

"Você os conheceu bem na pensão Bertolini?", indagou a senhora Honeychurch.

"Ah, muito pouco. Quero dizer, Charlotte os conheceu ainda menos do que eu."

"Ah, isso me faz lembrar... Você nunca me contou o que Charlotte disse na carta."

"Ah, isso e aquilo", disse Lucy, perguntando-se se conseguiria terminar a refeição sem contar uma mentira. "Dentre os vários assuntos, uma detestável amiga dela passou pela rua Summer, de bicicleta, e chegou a pensar em fazer-nos uma visita, o que, graças a Deus, não ocorreu."

"Lucy, considero seu modo de falar um tanto descortês."

"Ela é uma romancista", disse Lucy, espertamente. Foi uma observação feliz, pois nada espicaçava tanto os ânimos da senhora Honeychurch como a literatura produzida por mãos femininas. Ela abandonaria qualquer assunto para investir contra aquelas mulheres que (em vez de se ocuparem de suas casas e de seus filhos) procuravam a notoriedade através da palavra impressa. Sua atitude era: "Se os livros precisam ser escritos, que os homens os escrevam"; e ela manteve esse tom por longo tempo, enquanto Cecil bocejava, Freddy brincava de "este ano, no próximo ano, nunca" com as sementes dos pêssegos e Lucy, ardilosamente, alimentava as chamas do ódio materno. Mas logo a conflagração esmoreceu, e os espectros começaram a reunir-se nas sombras. Havia fantasmas demais em torno. O fantasma original — aquele toque de lábios em sua face — decerto fora conjurado havia muito tempo; não poderia ligar importância ao fato de um homem certa feita ter lhe beijado numa montanha. Mas isso gerara uma família espectral — o senhor Harris, a carta da senhorita Bartlett, as lembranças do senhor Beebe sobre violetas —, e um desses espectros estava fadado a assombrá-la bem diante dos olhos de Cecil. E era a senhorita Bartlett que retornava agora, com uma vivacidade apavorante.

"Estive pensando, Lucy, na carta de Charlotte. Como ela está?

"Eu rasguei a carta."

"Ela não disse como estava? Como lhe pareceu? Alegre?"

"Ah, sim... Suponho que sim... Não, não muito alegre, creio."

"Então, pode apostar, *é* o aquecedor. Eu mesma sei como a água toma conta do nosso pensamento. Prefiro enfrentar qualquer outra eventualidade... Até mesmo um infortúnio da carne."

Cecil tapou os olhos com a mão.

"Eu também", afirmou Freddy, apoiando a mãe, defendendo mais o espírito do comentário do que sua substância.

"E estive pensando", ela acrescentou, um tanto nervosa, "evidentemente podemos achar um cantinho para Charlotte aqui na próxima semana, e dar-lhe

umas boas férias, enquanto os encanadores em Tunbridge Wells concluem o trabalho. Não vejo a pobre Charlotte faz tanto tempo."

Era mais do que seus nervos podiam suportar. Contudo, não podia protestar com veemência, após o modo carinhoso como a mãe a tratou no andar de cima.

"Mamãe, não!", suplicou. "É impossível. Não podemos acomodar Charlotte, além de tudo; já estamos muito apertados como estamos. Freddy convidou um amigo para vir na terça-feira, e temos Cecil, e também prometemos hospedar Minnie Beebe, por causa da ameaça de difteria. Simplesmente não é possível."

"Bobagem! É possível sim."

"Só se Minnie dormir no banheiro. Não de outro modo."

"Minnie pode dormir com você."

"Não quero."

"Bem, se prefere bancar a egoísta, o senhor Floyd pode dividir o quarto com Freddy."

"A senhorita Bartlett, a senhorita Bartlett, a senhorita Bartlett", gemeu Cecil, mais uma vez levando a mão aos olhos.

"É impossível", repetiu Lucy. "Não quero criar dificuldades, mas realmente não é justo com as criadas lotarmos tanto a casa assim."

Ai!

"A verdade é, querida, você não gosta de Charlotte."

"Não, não gosto. E Cecil também não. Ela nos dá nos nervos. A senhora não a tem visto ultimamente, e não se dá conta de como é cansativa, embora seja uma boa pessoa. Por isso, por favor, mamãe, não nos crie preocupações neste verão; ao contrário, conceda-nos um presente e não a convide."

"Ouça-a, ouça-a!", exclamou Cecil.

A senhora Honeychurch, com maior seriedade do que de hábito, e com maior emoção do que se permitia em geral, retrucou:

"Vocês dois não estão sendo gentis. Vocês têm um ao outro e todo o bosque onde perambular, tão cheio de coisas belas; e a pobre Charlotte dispõe apenas da água interrompida e de um monte de encanadores. Vocês são jovens, queridos, e por mais inteligentes que os jovens sejam, e por mais livros que leiam, nunca adivinharão como nos sentimos quando envelhecemos."

Cecil esfarelou o pão.

"Devo dizer que a prima Charlotte foi muito gentil comigo naquele ano em que a visitei de bicicleta", interveio Freddy. "Ela me agradeceu tanto por eu ter ido lá que me senti um idiota, e fez uma confusão sem fim para cozinhar apropriadamente um ovo duro para meu chá."

"Sei disso, querido. Ela é gentil com todo mundo; mesmo assim, Lucy opõe-se com tanto ímpeto quando tentamos dar-lhe uma ligeira retribuição."

Mas Lucy empedernira o coração. De nada valia ser amável com a senhorita Bartlett. Ela havia tentado tantas vezes fazia tão pouco tempo. Era possível obter tesouros celestes pela tentativa, mas esta decerto não enriquecia nem a senhorita Bartlett nem ninguém sobre a face da terra. Não lhe restou senão dizer:

"Não posso evitar, mãe. Não gosto de Charlotte. Admito que não é bonito de minha parte."

"Você mesma se encarregou de dizer isso a ela."

"Bem, ela tinha de sair de Florença de modo tão estúpido. Meteu os pés pelas mãos..."

Os fantasmas estavam voltando; eles açambarcaram a Itália, e até mesmo começaram a tomar conta dos lugares que ela conhecera quando criança. O Lago Sagrado nunca mais seria o mesmo e, no próximo domingo, algo ocorreria em Windy Corner. Como podia bater-se contra os fantasmas? Por um instante o mundo visível desvaneceu e apenas as lembranças e emoções pareciam reais.

"Suponho que a senhorita Bartlett deve vir, já que ela cozinha ovos tão bem", disse Cecil, que estava num estado de espírito mais alegre, graças à comida admirável.

"Não quis dizer que os ovos ficaram *bem* cozidos", corrigiu Freddy, "pois, a bem da verdade, ela esqueceu de tirá-los a tempo, e, a bem da verdade, nem ligo para ovos. Só quis dizer que ela foi muito gentil."

Cecil franziu a testa de novo. Ah, esses Honeychurches! Ovos, aquecedores, hortênsias, criadas... com esses assuntos ocupavam toda uma existência.

"Será que eu e Lucy podemos sair da mesa?", ele perguntou, mal procurando esconder a insolência. "Não queremos sobremesa."

14

Como Lucy enfrentou com bravura a situação externa

É certo que a senhorita Bartlett aceitou o convite. E foi igualmente certo que ela fez questão de tornar-se um estorvo, implorando para que lhe dessem um aposento vago no andar inferior — algo sem janela, qualquer coisa. E que transmitissem seu apreço por Lucy. E, com idêntica certeza, George Emerson confirmou que podia jogar tênis no domingo seguinte.

Lucy enfrentou a situação com bravura, embora, como a maioria de nós, só tenha arrostado a situação externa. Ela nunca voltou os olhos para dentro. Se, por vezes, estranhas imagens emergiam das profundezas, a moça as atribuía aos nervos. Quando Cecil trouxe os Emersons à rua Summer, seus nervos ficaram abalados. Ela sentia-se nervosa à noite. Quando conversou com George — eles se encontraram de novo, logo depois, na paróquia —, a voz dele

a comoveu profundamente, e ela quis ficar perto dele! Claro que o desejo era resultado da instabilidade nervosa, que, perversamente, adora fazer das suas sobre nós. No passado, Lucy sofrera de "coisas que surgiram do nada e significavam ela não sabia o quê". Agora que Cecil lhe falara sobre psicologia numa tarde de chuva, todas as inquietações juvenis acerca de um mundo desconhecido podiam ser descartadas.

É bastante óbvio para o leitor que "ela ama o jovem Emerson". Mas um leitor no lugar de Lucy não acharia isso tão óbvio. A vida é fácil de narrar, mas espantosa de se praticar, e nós acolhemos de bom grado qualquer explicação sobre "nervos" ou outro lugar-comum, para disfarçar nosso desejo pessoal. Ela amava Cecil; George a botava nervosa; o leitor poderia explicar-lhe que as frases podiam ser invertidas?

Mas a situação externa — ela a enfrentou com bravura.

O encontro na paróquia se deu sem grandes celeumas. Ao lado do senhor Beebe e de Cecil, ela fez algumas alusões ponderadas sobre a Itália, e George retribuiu. Ela estava ansiosa para demonstrar que não estava receosa e ficou satisfeita por ver que ele também não estava.

"Um bom rapaz", disse o senhor Beebe, depois. "Ele moderará seus modos grosseiros com o tempo. Prefiro desconfiar dos jovens que se entregam graciosamente à vida."

Lucy disse: "Seu humor parece ter melhorado. Está rindo mais".

"Sim", respondeu o clérigo. "Está despertando."

Isso foi tudo. Mas, à medida que a semana findava, mais e mais suas defesas iam sendo derrubadas, e ela alimentou imagens que continham beleza física.

A despeito das claras indicações, a senhorita Bartlett conseguiu atrapalhar-se com a chegada. Ela estava sendo aguardada na estação Sudeste, em Dorking, aonde a senhora Honeychurch dirigiu-se para encontrá-la. Ela chegou à estação de London and Brighton, e teve de contratar um carro de aluguel para levá-la. Ninguém estava em casa, com exceção de Freddy e do amigo, que foram obrigados a interromper a partida de tênis e entreter a senhora durante uma hora inteira. Cecil e Lucy chegaram às quatro horas, e estes, com a pequena Minnie Beebe, constituíram um sexteto um tanto macambúzio, que se reuniu para o chá no gramado superior.

"Nunca hei de perdoar-me", disse a senhorita Bartlett, que toda hora se levantava da cadeira, forçando o grupo inteiro a implorar-lhe que ficasse. "Estraguei tudo. Importunando assim os jovens! Mas insisto em pagar por meu carro de praça. Conceda-me ao menos isso."

"Nossos visitantes nunca fariam uma coisa tão medonha", retrucou Lucy, enquanto o irmão, em cuja memória o ovo cozido já havia se tornado insubstancial, exclamou em tom irritado: "É justamente disso que vim tentando convencer a prima Charlotte, Lucy, na última meia hora."

"Não me considero uma visitante comum", alegou a senhorita Bartlett, e mirou as luvas puídas.

"Muito bem, se realmente prefere assim. Cinco xelins, e eu dei um xelim ao cocheiro."

A senhorita Bartlett vasculhou a bolsa. Apenas soberanos e *pence*. Alguém lhe poderia trocar o dinheiro? Freddy tinha meia libra e seu amigo, quatro meias coroas. A senhorita Bartlett aceitou as moedas e então disse:

"Mas a quem devo dar o soberano?"

"Vamos esperar que mamãe chegue", sugeriu Lucy.

"Não, querida; sua mãe pode dar uma volta um tanto mais longa agora que não se acha tolhida por mim. Todos nós temos nossas pequenas manias, e a minha é não deixar para depois o acerto de contas."

Nesse ponto o amigo de Freddy, o senhor Floyd, fez a única de suas observações que vale a pena ser mencionada: ele se ofereceu para jogar cara ou coroa com Freddy pelo soberano da senhorita Bartlett. Uma solução parecia avistar-se, e mesmo Cecil, que estivera ostensivamente sorvendo seu chá virado para a paisagem, sentiu a eterna atração da Sorte, e voltou-se.

Mas essa sugestão também não serviu.

"Por favor... por favor... sei que sou uma estraga-prazeres, mas isso me deixaria arrasada. Estaria praticamente furtando de quem perdesse."

"Freddy me deve quinze xelins", interveio Cecil. "Por isso, estará tudo certo se a senhora me der a moeda."

"Quinze xelins", disse a senhorita Bartlett, na dúvida. "Como assim, senhor Vyse?"

"Pois, não vê, Freddy pagou seu carro de praça. Dê-me a libra, e evitaremos essa aposta deplorável."

A senhorita Bartlett, que não era boa em contas, ficou atônita e entregou o soberano, em meio a gorgolejos abafados dos outros jovens. Por um momento Cecil ficou feliz. Estava fazendo graça em meio a seus iguais. Então, deitou os olhos em Lucy, em cujo rosto entreviu uma ansiedade mesquinha, que empanava o sorriso. Em janeiro, ele salvaria o seu Leonardo desse lero-lero embrutecedor.

"Mas não entendo!", exclamou Minnie Bebbe, que acompanhava com atenção a transação iníqua. "Não entendo por que o senhor Vyse deve ficar com a libra."

"Por causa dos quinze xelins somados aos cinco xelins", disseram solenemente. "Quinze xelins mais cinco perfazem um soberano, não vê?"

"Mas não vejo..."

O grupo tentou calá-la com o bolo.

"Não, obrigada. Estou cheia. Não entendo por quê... Freddy, não me cutuque. Senhorita Honeychurch, seu irmão está me machucando. Ai! E quanto aos dez xelins do senhor Floyd? Ai! Não, não entendo e nunca

entenderei por que a senhorita qualquer-que-seja-o-nome-dela não deve dar aquele xelim ao motorista."

"Esqueci-me do cocheiro", disse a senhorita Bartlett, corando. "Obrigada, meu anjo, por lembrar-me. Um xelim, é isso? Alguém pode me trocar meia coroa?"

"Eu resolvo isso", disse a jovem anfitriã, erguendo-se resoluta. "Cecil, dê-me o soberano. Não, não... devolva-me a moeda. Eu pedirei para que Euphemia a troque, e começaremos tudo isso desde o início."

"Lucy... Lucy... que aborrecimento eu lhe dou!", protestou a senhorita Bartlett, e acompanhou-a pelo jardim. Lucy saltitou em frente, simulando alegria. Quando estavam fora do alcance do ouvido, a senhorita Bartlett interrompeu os gemidos e disse, com bastante brusquidão:

"Você já lhe contou sobre ele?"

"Não, não contei", respondeu Lucy, e então sentiu um ímpeto de morder a língua por ter compreendido com tamanha rapidez o que a prima queria dizer. "Vamos ver... um soberano de prata."

E escapou para a cozinha. As transições súbitas da senhorita Bartlett eram tão desestabilizadoras. Às vezes parecia que ela planejava cada palavra que proferia ou que fazia ser proferida; como se toda essa amolação sobre carros de aluguel e trocados fosse um estratagema para pegá-la de surpresa.

"Não, não contei a Cecil nem a ninguém mais", ela observou, quando voltou. "Eu lhe prometi que não o faria. Eis seu dinheiro: tudo em xelins, exceto duas meias coroas. Poderia conferir? Pode acertar sua dívida sem problemas agora."

A senhorita Bartlett estava na sala de estar, contemplando a gravura da ascensão de São João, que havia sido emoldurada.

"Que horrível!", ela sussurrou. "Mais do que horrível seria se o senhor Vyse viesse a saber da história através de outra fonte."

"Ah, não, Charlotte", retrucou a moça, arrostando-a. "George Emerson não o faria, e que outra fonte há?"

A senhorita Bartlett ruminou.

"Por exemplo, o cocheiro. Eu o vi observando-os pelos arbustos. Lembro que ele estava com uma violeta nos dentes."

Lucy sofreu um ligeiro estremecimento.

"Esse caso tolo ainda há de afetar os nervos se não tomarmos cuidado. Como um boleeiro florentino poderia acercar-se de Cecil?"

"Precisamos cogitar todas as possibilidades."

"Ah, está bem."

"Ou talvez o velho senhor Emerson saiba. Na verdade, não tenho dúvida de que ele sabe."

"Não me importo se ele souber. Agradeço-lhe a carta, mas mesmo se a notícia viesse a se espalhar, acho que posso fiar que Cecil haveria de rir dela."

"De feri-la?"

"Não, de rir dela." Mas ela sabia, no fundo, que não podia fiar em Cecil, pois ele a queria intocada.

"Muito bem, querida, você sabe o que é melhor. Talvez os cavalheiros sejam diferentes do que eram na minha mocidade. As damas certamente mudaram."

"Ora, Charlotte!", ela espicaçou-a, zombeteira. "Sua coisinha doce e ansiosa! Que quer que eu faça? Primeiro me diz para não contar; depois me manda contar. O que será? Vamos!"

A senhorita Bartlett suspirou.

"Não sou páreo para você em conversação, minha querida. Envergonho-me quando penso em como interferi em Florença, e você era tão capaz de cuidar de si mesma e tão mais inteligente de várias maneiras do que eu. Nunca hei de perdoar-me."

"Posso ir para fora, então? Eles acabarão por quebrar toda a porcelana se eu não acudir."

Pois o ar ressoava com os gritos de Minnie, que estava sendo escalpelada com uma colher de chá.

"Querida, um momento... Podemos não ter mais essa oportunidade para conversarmos. Você já viu o rapaz?"

"Sim, já."

"Que aconteceu?"

"Nós nos encontramos na reitoria."

"Qual foi a atitude que ele tomou?"

"Nenhuma atitude. Falamos da Itália, como qualquer um. Tudo está realmente bem. Que vantagem ele obteria em ser malcriado, para sermos francas? Como gostaria que visse a situação do meu modo. Ele não nos causará nenhum problema, Charlotte."

"Uma vez malcriado, sempre malcriado. Essa é minha modesta opinião."

Lucy parou: "Cecil uma vez me disse (e eu achei profundo) que há dois tipos de pessoas malcriadas — as conscientes e as inconscientes". Ela interrompeu-se de novo, para ter certeza que fazia justiça à profundeza de Cecil. Pela janela podia avistar o próprio Cecil, virando as páginas de um romance. Era um volume novo, da biblioteca de Smith. Sua mãe já devia ter retornado da estação.

"Uma vez malcriado, sempre malcriado", martelou a senhorita Bartlett.

"O que quero dizer com inconsciente é que o senhor Emerson perdeu a cabeça. Eu caí em meio àquelas violetas todas. Ele foi pego de surpresa, agiu de modo impensado. Não acho que devemos julgá-lo com tanta severidade. Faz tanta diferença quando vemos, de repente, alguém cercado de coisas belas. Faz sim; faz uma imensa diferença, e ele perdeu a cabeça; ele não me admira nem nenhuma dessas bobagens, nem um pouco. Freddy gosta dele e convidou-o para vir aqui no domingo, de modo que poderá julgar por si mesma. Ele melhorou muito: não anda mais com aquela cara que parece sempre prestes a romper em lágrimas. Ele é funcionário no escritório da Administração Geral em uma das grandes companhias ferroviárias... Não um cabineiro de trem!... E vem visitar o pai nos fins de semana. O pai era jornalista, mas, hoje, com reumatismo, aposentou-se. Pronto! Agora, para o jardim", ela puxou sua convidada pelo braço. "Prometa que não vamos mais falar dessa história boba. Queremos que sua visita a Windy Corner seja boa e tranqüila. Nada de preocupações."

Lucy achou que seu discurso fora bastante bom. O leitor talvez tenha detectado uma escorregadela infeliz. Se a senhorita Bartlett percebeu o deslize, não podemos dizer, pois é impossível penetrar na mente das pessoas mais velhas. Ela poderia ter falado mais, mas ambas foram interrompidas pela entrada da anfitriã. As explicações deram lugar, no meio das quais Lucy escapuliu, a imagens pulsando de modo um tanto mais vívido em seu cérebro.

15

O desastre interno

O domingo após a chegada da senhorita Bartlett foi um dia glorioso, como a maioria dos dias daquele ano. No Weald, o outono aproximava-se, interrompendo a verde monotonia do verão, deitando nos parques toques cinzentos de bruma; nas faias, sinais vermelho-avermelhados e nos carvalhos, traços de ouro. Das alturas, batalhões de pinheiros negros espreitavam a mudança, eles próprios imutáveis. Um céu sem nuvens abarcava as duas regiões e, em ambas, ressoou um repicar de sinos de igreja.

O jardim de Windy Corner estava deserto, salvo por um livro vermelho, que tostava ao sol na trilha de pedregulhos. Da casa vinham sons incoerentes, de mulheres preparando-se para o culto. "Os rapazes disseram que não vão"... "Bom, não posso culpá-los"... "Minnie perguntou se precisa ir"... "Diga para ela parar com bobagens"... "Anne! Mary! Abotoem o meu vestido atrás!"... "Querida Lucy, posso abusar de você pedindo-lhe um alfinete?" Pois a senhorita Bartlett havia anunciado que ela, aconteça o que acontecer, iria à igreja.

O sol prosseguiu em sua trajetória celeste, guiado, não por Faetonte, mas por Apolo, competente, constante, divino. Seus raios atingiam as damas sempre que elas se aproximavam da janela dos quartos; o senhor Beebe na rua Summer, enquanto ele sorria diante de uma carta da senhorita Catharine Alan; George Emerson limpando as botas de seu pai; e, por fim, para completar o catálogo de coisas memoráveis, o livro vermelho mencionado acima. As mulheres movem-se, o senhor Beebe move-se, George move-se, e o movimento pode criar sombras. Mas aquele livro jazia imóvel, pronto para ser acariciado a manhã inteira pelo sol e para elevar ligeiramente suas capas, como que agradecendo a carícia.

Agora Lucy sai pela porta envidraçada da sala de estar. Seu novo vestido cor de cereja é um desastre, fazendo-a parecer pálida e espalhafatosa. No colo ela porta um broche de granada, no dedo, um anel cravejado de rubis — um

anel de noivado. Seus olhos inclinam-se na direção do Weald. Ela franze um pouco a testa — não de raiva, mas como uma criança corajosa enruga o cenho quando procura não chorar. Em toda aquela imensidão, nenhum olho humano a está observando, de modo que ela pode fechar a cara sem que a censurem e medir os espaços que ainda sobrevivem entre Apolo e as colinas ocidentais.

"Lucy! Lucy! Que livro é aquele? Quem pegou um da estante e deixou lá fora, para estragar?"

"É apenas o livro da biblioteca que Cecil está lendo."

"Mas tire-o dali, não o deixe ao léu como um flamingo."

Lucy apanhou o livro e olhou o título com indiferença: *Sob uma Loggia*. Ela mesma já não lia mais romances, dedicando todo o seu tempo livre à literatura sólida, na esperança de acompanhar Cecil. Era horrível quão pouco ela conhecia e, mesmo quando acreditava dominar um tópico, como a pintura italiana, descobria que o havia esquecido. Naquela mesma manhã confundira Francesco Francia com Piero della Francesca, e Cecil lhe dissera: "O quê? Já está esquecendo sua Itália?". E isso emprestara uma ansiedade a seus olhos quando ela saudou a vista adorada e o jardim adorado ao fundo, e acima deles, mal concebível em outro lugar, o adorado sol.

"Lucy... tem seis *pence* para Minnie e um xelim para mim?"

Ela voltou-se apressada para sua mãe, que rapidamente se deixava tomar pelo alvoroço dominical.

"É uma coleta especial... esqueci para o quê. Eu lhe peço, por favor, nada do vulgar tilintar do meio *penny* no prato; faça com que Minnie tenha uma bela moeda lustrosa de seis *pence*. Onde está aquela criança? Minnie! O livro está todo retorcido. (Deus, você está tão desenxabida!) Ponha-o sobre o atlas para comprimi-lo. Minnie!"

"Ah, senhora Honeychurch...", veio das regiões superiores.

"Minnie, não se atrase. Aí vem o cavalo", era sempre o cavalo, nunca a carruagem. "Onde está Charlotte? Dê um pulo lá em cima e apresse-a. Por que está demorando tanto? Ela não tinha nada para fazer. Nunca traz nada que não sejam blusas. Pobre Charlotte... Como eu detesto blusas! Minnie!"

O paganismo é infeccioso — mais infeccioso do que a difteria ou a piedade — e a sobrinha do pároco foi arrastada à igreja sob protestos. Como de hábito, não entendia o porquê. Por que não poderia sentar-se ao sol com os rapazes? Os rapazes, que agora apareceram, zombaram dela com palavras mesquinhas. A senhora Honeychurch defendeu a ortodoxia e, no meio da

confusão, a senhorita Bartlett, vestida na última moda, veio flanando pelas escadas.

"Querida Marian, sinto muitíssimo, mas não tenho nenhum trocado... nada exceto soberanos e meias coroas. Alguém poderia dar-me..."

"Sim, sem dúvida. Pule para cá. Meu Deus, como você está elegante. E que vestido adorável! Vai nos envergonhar a todas."

"Se eu não pusesse meus melhores trapinhos agora, quando os poria?", desculpou-se a senhorita Bartlett. Ela entrou na vitória e acomodou-se com as costas para o cavalo. A comoção necessária sucedeu e elas, então, partiram.

"Adeus! Comportem-se!", gritou Cecil.

Lucy mordeu os lábios, pois o tom foi de escárnio. No tema das "igrejas e assemelhados", eles tiveram uma confabulação um tanto insatisfatória. Ele dissera que as pessoas deveriam examinar-se a si próprias e ela não queria auto-avaliar-se; nem sabia como isso era feito. Cecil respeitava a ortodoxia honesta, mas sempre presumia que a honestidade resulta de uma crise espiritual; não concebia imaginá-la como um direito natural, capaz de medrar na direção dos céus, como as flores. Tudo o que dizia sobre o assunto a torturava, embora ele exsudasse tolerância por todos os poros; de algum modo os Emersons eram diferentes.

Lucy se encontrou com os Emersons depois da missa. Havia uma fila de carruagens na rua, e ocorreu que o veículo dos Honeychurches ficou estacionado em frente da villa Cissie. Para poupar tempo, elas passaram pelo gramado até o carro e toparam com pai e filho fumando no jardim.

"Apresente-me", disse a mãe. "A não ser que o jovem considere que já me conhece."

Ele provavelmente considerava; mas Lucy ignorou o Lago Sagrado e os apresentou em termos formais. O velho senhor Emerson a saudou com bastante efusão e disse que estava muito feliz com o casamento. A moça disse sim, ela estava feliz também; e, então, como a senhorita Bartlett e Minnie estavam paradas atrás com o senhor Beebe, ela desviou a conversa para um assunto menos perturbador, e perguntou-lhe o que estava achando da nova casa.

"É ótima", ele respondeu, mas com uma nota de melindre na voz; ela nunca o viu ofendido antes. Ele acrescentou: "Descobrimos, porém, que eram as senhoritas Alans quem deviam ter vindo para cá, e nós as desalojamos. As mulheres se importam com isso. Eu fiquei muito aborrecido quando soube".

"Deve haver algum mal-entendido", sugeriu a senhora Honeychurch, sem jeito.

"Disseram a nosso senhorio que seríamos um tipo muito diferente de pessoa", disse George, que parecia disposto a levar o assunto adiante. "Ele imaginou que tínhamos uma disposição artística. E ficou desapontado."

"Eu me pergunto se não devemos escrever para as senhoritas Alans e nos oferecermos para desistir da casa. Que acha?", ele dirigiu-se a Lucy.

"Ah, parem com isso agora que estão aqui", respondeu a moça, com ligeireza. Ela precisava evitar censurar Cecil. Pois foi para ele que o pequeno episódio se virou, conquanto seu nome nunca fosse mencionado.

"É o que George diz. Diz que as senhoritas Alans devem aceitar a derrota. Mas parece-me tão indelicado."

"Há apenas uma determinada quantidade de delicadeza no mundo", ponderou George, observando os clarões de sol nos painéis das carruagens que passavam.

"Sim!", exclamou a senhora Honeychurch. "É exatamente o que eu digo. Por que todo esse blablablá acerca dessas duas senhoritas Alans?"

"Há certa quantidade de delicadeza como há certa quantidade de luz", ele prosseguiu num tom ponderado. "Nós lançamos uma sombra sobre algo independentemente de onde estivermos, e de nada adianta movermo-nos de um lugar a outro para poupar as coisas; porque a sombra sempre nos persegue. Escolha um lugar onde não causará dano... Sim, escolha um lugar onde não causará muito dano, e fique ali com toda a alma, encarando o sol."

"Ah, senhor Emerson, vejo que é sagaz!"

"Hein?"

"Vejo que será sagaz. Espero que não tenha se comportado assim com o pobre Freddy."

George riu com os olhos, e Lucy suspeitou que ele e sua mãe se dariam muito bem.

"Não", ele disse. "Foi ele quem se comportou assim comigo. É a sua filosofia. Exceto que ele começou a vida assim; e eu tentei a Nota da Dúvida primeiro."

"Que *quer* dizer? Não, não importa. Não explique. Ele está ansioso para vê-lo esta tarde. O senhor joga tênis? Importa-se de jogar tênis num domingo...?"

"Se George se importa em jogar tênis num domingo? George, depois da educação que teve, não faz distinção entre..."

"Muito bem, George não se importa em jogar tênis no domingo. Nem eu. Está combinado. Senhor Emerson, se o senhor puder vir com seu filho nos daria um imenso prazer."

Ele agradeceu, mas a caminhada lhe pareceu extensa: não podia exceder-se nos dias atuais.

Ela virou-se para George: "E então ele quer ceder a casa às senhoritas Alans".

"Eu sei", disse George, e passou o braço ao redor do pescoço do pai. A gentileza que o senhor Beebe e Lucy sempre souberam existir nele surgiu repentinamente, como a luz solar tocando uma vasta paisagem — um toque do sol matutino? Ela recordou que, mesmo com todos seus comentários perversos, ele nunca foi contra o afeto.

A senhorita Bartlett aproximou-se.

"O senhor conhece nossa prima, a senhorita Bartlett", disse a senhora Honeychurch amistosamente. "O senhor conheceu-a com minha filha, em Florença."

"Sim, de fato!", disse o velho, e fez como que fosse sair do jardim para cumprimentar a dama. A senhorita Bartlett logo se pôs na vitória. Assim entrincheirada, ela concedeu uma mesura formal. Era a pensão Bertolini mais uma vez, com a mesa de jantar com recipientes para decantação de água e vinho. Era a antiga, antiqüíssima, batalha pelo quarto com vista.

George não respondeu à mesura. Como qualquer rapaz, corou e sentiu-se envergonhado; sabia que a acompanhante se lembrava. Ele disse:

"Eu... eu vou jogar tênis, se for possível", e entrou na casa. Talvez qualquer coisa que ele tivesse feito teria apetecido a Lucy, mas sua falta de jeito atingiu diretamente o coração da moça: os homens não são deuses afinal, mas tão humanos e tão desajeitados quanto as garotas; mesmo os homens podem padecer de desejos inexplicados, e precisam de ajuda. Para alguém de criação semelhante à dela, e com a sua destinação, a fraqueza dos homens era uma verdade desconhecida, mas ela adivinhou-a em Florença, quando George lançou suas gravuras ao rio Arno.

"George, não vá", gritou o pai, que achava que as pessoas se deleitavam imensamente com a conversa do filho. "George acordou tão animado hoje, estou certo de que acabará aparecendo esta tarde."

Lucy olhou nos olhos da prima. Algo em seu apelo mudo a botou impaciente.

"Sim", ela disse, alteando a voz, "eu de fato espero que ele apareça", em seguida, entrou na carruagem e murmurou: "O velho não está ciente do assunto; eu sabia que tudo estava bem", a senhora Honeychurch acompanhou-a; partiram.

Era bom o senhor Emerson não ter sido informado da escapada florentina; porém, os ânimos de Lucy não teriam se inflamado tanto assim diante dos baluartes celestiais. Era bom; mas decerto ela acolhera a notícia com alegria desproporcional. Durante todo o trajeto para casa, os cascos dos cavalos entoaram uma melodia para a moça: "Ele não contou, ele não contou". Seu cérebro expandiu a canção: "Ele não contou ao pai... a quem conta tudo. Não foi uma conquista. Ele não riu de mim quando parti". Ela ergueu a mão à face. "Ele não me ama. Não. Que terrível seria se me amasse! Mas não contou. Não contará."

Lucy ansiava por gritar as palavras: "Está tudo bem. É um segredo entre nós dois para sempre. Cecil nunca saberá". Ela até mesmo ficou satisfeita pelo fato de a senhorita Bartlett tê-la feito prometer não contar, naquela última noite escura em Florença, quando se ajoelharam na arrumação das malas. O segredo, grande ou pequeno, estava guardado. No mundo inteiro, apenas três ingleses o conheciam.

Foi assim que ela interpretou seu júbilo. Saudou Cecil com vivacidade incomum, porque se sentia muito segura. Declarou, enquanto ele a ajudava a apear da carruagem:

"Os Emersons foram tão amáveis. George Emerson progrediu imensamente."

"Ah, como estão meus *protégés*?", indagou Cecil, a quem eles não despertavam o mínimo interesse; havia tempos esquecera sua resolução de trazê-los para Windy Corner com finalidade educacional.

"*Protégés*!", ela exclamou, com certo calor.

Pois a única relação que Cecil concebia era do tipo feudal: a que havia entre o protetor e o protegido. Não tinha nenhuma idéia do sentimento de camaradagem pela qual a alma da moça anelava.

"Você mesmo verá como estão seus *protégés*. George Emerson virá esta tarde. Ele é um homem interessante de se conversar. Apenas não...". Ela quase disse... "não o proteja". Mas o sino para o almoço estava tocando e, como geralmente ocorria, Cecil não prestava muita atenção em seus comentários. O charme, não o raciocínio, devia ser o forte da futura esposa.

O almoço era uma refeição alegre. Em geral, Lucy sentia-se deprimida às refeições. Alguém sempre tinha de ser apaziguado — Cecil ou a senhorita Bartlett ou um Ser não visível aos olhos mortais, um Ser que sussurrava para sua alma: "Esse júbilo não durará. Em janeiro deve ir a Londres para entreter os netos de homens célebres". Mas, naquele dia, sentiu como se tivesse recebido uma garantia. Sua mãe sempre estaria sentada ali, seu irmão acolá. O sol, embora houvesse se deslocado um pouco desde a manhã, sempre se ocultaria atrás das colinas ocidentais. Após o almoço, convidaram-na para tocar. Lucy assistira a *Armide*, de Gluck, naquele ano, e tocou de memória a música do jardim encantado — a música em meio a qual Renaud se aproxima, abaixo da luz da eterna aurora, a música que nunca ganha ímpeto, nunca se enfraquece, mas ondula por toda a eternidade como os mares serenos dos contos de fada. Tal música não é para o piano e o público começou a ficar inquieto. Cecil, compartilhando o descontentamento, gritou:

"Agora toque para nós o outro jardim... o que há em *Parsifal*."

Ela fechou o piano.

"Não muito obediente", suspirou a mãe.

Temendo ter ofendido Cecil, ela virou-se de chofre. Lá estava George. Ele havia se esgueirado sem interrompê-la.

"Oh, eu não sabia!", ela exclamou, ficando muito vermelha; e então, sem uma palavra de cumprimento, reabriu o piano. Cecil teria o seu *Parsifal*, e tudo mais que quisesse.

"Nossa intérprete mudou de idéia", disse a senhorita Bartlett, talvez sugerindo: "Ela tocará a música para o senhor Emerson". Lucy não sabia o que fazer, nem mesmo o que *queria* fazer. Tocou muito mal alguns acordes da canção das "Donzelas das Flores" e então parou.

"Voto pelo tênis", disse Freddy, enjoado daquela pífia diversão.

"Sim, eu também." Mais uma vez ela fechou o malfadado instrumento. "Voto para que vocês joguem em duplas masculinas."

"Tudo bem."

"Não para mim, obrigado", disse Cecil. "Não quero estragar o jogo." Ele nunca entendeu que pode ser um ato de bondade um mau jogador ajudar a formar o grupo de quatro.

"Ah, vamos, Cecil. Eu sou ruim, Floyd é péssimo, e, quem sabe, Emerson também?"

George o corrigiu: "Não jogo mal".

Todos olharam para baixo.

"Então certamente não jogarei", concluiu Cecil, enquanto a senhorita Bartlett, achando que estava esnobando George, acrescentou: "Concordo, senhor Vyse. É muito melhor que não jogue. Muito melhor".

Minnie, apressando-se para tomar o lugar que Cecil temia ocupar, anunciou que seria o quarto jogador.

"Eu vou deixar passar todas as bolas de qualquer modo, então qual é o problema?" Mas o domingo interveio, e rechaçou com ímpeto a amável sugestão.

"Então terá de ser Lucy", protestou a senhora Honeychurch; "vocês precisarão de Lucy. Não há outro jeito. Lucy, vá trocar-se."

O descanso dominical de Lucy em geral tinha essa natureza ambivalente. Ela levava-o sem hipocrisia pela manhã e rompia-o sem relutância à tarde. Ao trocar o vestido, perguntou-se se Cecil estaria escarnecendo dela; de fato, precisava fazer uma auto-avaliação antes de se casar com ele.

O senhor Floyd era seu parceiro. Ela gostava de música, mas como o tênis lhe parecia tão mais prazenteiro! Como era melhor correr para cima e para baixo em roupas confortáveis do que se sentar ao piano sentindo a manga prender-se ao braço. Mais uma vez a música lhe pareceu uma tarefa infantil. George deu o saque e surpreendeu-a com sua ansiedade por ganhar. Ela lembrou-se de como ele suspirou entre as tumbas em Santa Croce porque as coisas não se encaixavam; como, após a morte do obscuro italiano, debruçara-se sobre o parapeito do Arno e dissera: "Vou desejar viver, eu lhe digo". Ele queria viver agora, ganhar a partida, defender seu lugar ao sol com toda a alma — o Sol que agora começava a declinar e que lhe ofuscava a vista; e ele de fato venceu.

E, como o Weald lhe pareceu belo! As colinas despontavam em seu resplendor, como o Fiesole se ergue sobre o planalto da Toscana, e as South Downs, digamos, assemelhavam-se às montanhas de Carrara. Ela podia estar esquecendo sua Itália, mas começava a perceber mais coisas na sua Inglaterra. Podia inventar um novo jogo com aquela paisagem, tentando encontrar em suas inúmeras dobras alguma cidade ou vilarejo que lembrasse Florença. Ah, como o Weald lhe parecia belo!

Mas agora Cecil reclamava sua companhia. Calhou de ele estar num humor lucidamente crítico, não afeito à exaltação. O noivo constituíra um estorvo durante quase todo o jogo, pois o romance que estava lendo era tão ruim que fez o favor de declamá-lo para os outros. Ele zanzava pela área das quadras e gritava: "Ei, escute isso, Lucy. Três infinitivos quebrados". "Horrível!", respondia Lucy, e perdia o lance. Quando terminaram a partida, ele ainda continuou lendo; havia uma cena de assassinato, e, com efeito, todos deviam ouvir. Freddy e Floyd tiveram de procurar uma bola perdida nos loureiros, mas os outros dois aquiesceram.

"A cena se passa em Florença."

"Que divertido, Cecil! Leia-a. Venha, senhor Emerson, sente-se aqui, depois de toda a energia que gastou." Ela havia "perdoado" Cecil, conforme elaborara para si, e fazia questão de ser amável com ele.

Ele saltou sobre a rede e sentou-se a seus pés, perguntando:

"E a senhorita... está cansada?"

"Claro que não!"

"Importa-se de ser derrotada?"

Ela ia responder que não, quando lhe ocorreu que se importava, de modo que respondeu que sim. E acresceu alegremente: "Mas não acho que o *senhor* seja um jogador tão esplêndido. A luz estava nas suas costas e refletia em meus olhos."

"Eu nunca disse que era esplêndido."

"Ora, disse sim!"

"A senhorita não ouviu bem."

"O senhor disse... Ah, não alegue exatidão nesta casa. Todos nós exageramos, e ficamos muito zangados com pessoas que não o fazem."

"A cena se passa em Florença", repetiu Cecil, alteando a voz.

Lucy recompôs-se.

"'Entardecer. Leonora estava correndo...'"

Lucy interrompeu-o: "Leonora? Leonora é a heroína? Quem é o autor desse livro?".

"Joseph Emery Prank. 'Crepúsculo. Leonora vinha correndo pela praça. Que os santos impeçam que ela chegue tarde demais. Crepúsculo — o crepúsculo da Itália. Sob a *loggia* de Orcagna, a *loggia* de Lanzi, como às vezes a chamamos hoje...'"

Lucy rompeu em risadas.

"'Joseph Emery Prank', de fato! Ora, é a senhorita Lavish! É o romance da senhorita Lavish, e ela o publicou com o nome de outra pessoa."

"E quem seria essa senhorita Lavish?"

"Ah, uma pessoa horrível... Senhor Emerson, lembra-se da senhorita Lavish?" Excitada pela tarde agradável, ela bateu as mãos.

George ergueu os olhos.

"Claro que sim. Dei com ela no dia em que chegamos à rua Summer. Foi ela quem me contou que a senhorita morava aqui."

"Não ficou contente?" Ela queria dizer "de ver a senhorita Lavish", mas, quando o observou curvar-se sobre a grama sem responder, acudiu-lhe que a pergunta podia ter outro significado. Contemplou a cabeça, quase encostada em seu joelho, e achou que as orelhas tinham ficado vermelhas. "Não espanta que o romance seja ruim", acrescentou. "Nunca gostei da senhorita Lavish. Mas suponho que devamos lê-lo já que a conhecemos."

"Todos os livros modernos são ruins", vergastou Cecil, irritado com a falta de atenção da moça, e dirigindo seu mau humor contra a literatura. "Todos escrevem por dinheiro hoje em dia."

"Ah, Cecil..."

"É verdade. Não vou mais aborrecê-los com Joseph Emery Prank."

Cecil, naquela tarde, portava-se como um pardal alvoroçado. Os altos e baixos em sua voz eram perceptíveis, mas não a afetaram. Apenas a música e o movimento lhe importavam e seus nervos recusavam-se a reagir diante do estridular dos dele. Deixando-o amargar a própria irritação, ela fitou a cabeça negra mais uma vez. Não queria acariciá-la, mas podia ver-se querendo acariciá-la; a sensação foi curiosa.

"O que acha desta nossa vista, senhor Emerson?"

"Não vejo muita diferença nas vistas."

"Que quer dizer?"

"Porque todas são iguais. Porque tudo o que importa nelas é a distância e o ar."

"Hum!", disse Cecil, incerto se o comentário era acertado ou não.

"Meu pai", ele ergueu os olhos para ela (estava um pouco corado), "diz que há apenas uma vista perfeita: a vista do céu bem acima de nossa cabeça, e todas as outras paisagens sobre a terra não passam de cópias malfeitas desta."

"Creio que seu pai está lendo Dante", ponderou Cecil, dedilhando o romance, que, por si só, permitia-lhe conduzir a conversação.

"Ele nos disse outro dia que as vistas são realmente multidões... multidões de árvores, casas e colinas... e acabam parecendo-se umas com as outras, como as multidões humanas; e que a atração que exercem sobre nós é um tanto sobrenatural, pela mesma razão."

Lucy entreabriu os lábios.

"Pois uma multidão é mais do que as pessoas que a perfazem. Algo é acrescentado ali (não se sabe como) do mesmo modo como algo se acrescenta àquelas colinas."

Ele apontou com a raquete na direção das South Downs.

"Que idéia esplêndida!", ela murmurou. "Gostaria de ouvir seu pai falar de novo. Ele não está muito bem de saúde, não é?"

"Não, não está."

"Há um relato absurdo de uma vista neste livro", comentou Cecil.

"Também que os homens se enquadram em duas classes: os que esquecem as vistas e os que se lembram delas, mesmo quando estão em pequenos quartos."

"Senhor Emerson, tem outros irmãos?"

"Não. Por quê?"

"O senhor falou *nos disse*."

"Quis dizer minha mãe."

Cecil fechou o livro com estrépito.

"Oh, Cecil, você me assustou!"

"Não vou mais aborrecê-los com Joseph Emery Prank."

"Ainda recordo de nós três, indo passar o dia no campo, onde se podia estender a vista até o vilarejo de Hindhead. É a primeira coisa de que me lembro."

Cecil levantou-se: o homem era mal-educado; não pusera seu casaco após a partida — ele não servia. Teria afastado-se se Lucy não o tivesse impedido.

"Cecil, por favor, leia aquela passagem sobre a vista."

"Não enquanto o senhor Emerson está aqui para nos divertir."

"Não... Leia agora. Acho que não há nada mais engraçado do que ouvir coisas tolas lidas em voz alta. Se o senhor Emerson achá-las frívolas, poderá retirar-se."

Aquilo pareceu sutil a Cecil, e lhe agradou. Reduzira o convidado à condição de petulante. Um pouco mais calmo, sentou-se de novo.

"Senhor Emerson, vá procurar as bolas de tênis", ela abriu o livro. Cecil devia ter sua leitura e tudo o mais que desejasse. Mas a atenção dela vagava para a mãe de George, que — de acordo com o senhor Eager — fora assassinada sob os olhos de Deus e — de acordo com o filho dela — avistara até o Hindhead.

"Devo realmente ir?", perguntou George.

"Não, claro que não realmente", ela respondeu.

"Capítulo dois", disse Cecil, bocejando. "Encontre-me o capítulo dois, se não for muito trabalho."

O capítulo dois foi encontrado e Lucy passou os olhos pelas frases iniciais.

Imaginou que tivesse enlouquecido.

"Vamos... Dê-me o livro."

Ela ouviu a própria voz dizendo: "Não vale a pena ler... É bobo demais para ser lido... Nunca vi tanto lixo... Não deviam deixar imprimir isso".

Ele tomou-lhe o volume.

"'Leonora'", ele leu, "'estava sentada pensativa e só. Diante dela estendia-se o rico prado da Toscana, pontilhado de muitas vilas sorridentes. Era primavera.'"

De algum modo Lavish sabia e imprimira o passado em prosa arrastada, para Cecil ler e para George ouvir.

"'Uma bruma dourada'", ele leu, "'... muito distante das torres de Florença, enquanto o aclive onde ela se sentara se recobria de violetas. Sem ser observado, Antonio aproximou-se por trás...'"

Com receio de que Cecil visse seu rosto, ela virou-se para George, e viu o rosto dele.

Ele leu: "'Não adveio dos lábios de Antonio nenhuma asseveração prolixa das que costumam empregar os amantes formais. Ele não tinha o dom da

eloqüência, mas esta não lhe fazia falta. Simplesmente enlaçou-a com seus braços varonis'".

Fez-se um silêncio.

"Não é esta a passagem que eu queria", ele informou. "Há uma bem mais engraçada, depois." Virou as páginas.

"Não devemos entrar para o chá?", perguntou Lucy, cuja voz não se alterou.

Ela conduziu-os pelo jardim, Cecil atrás dela, George por último. Pensou ter sido capaz de evitar o desastre. Mas, quando passaram pelas moitas, ele adveio. O livro, como se não tivesse causado mal o bastante, fora esquecido, e Cecil teve de voltar para pegá-lo; e George, que amava apaixonadamente, teve de prender-se a ela na trilha estreita.

"Não...", ela arquejou, e, pela segunda vez, foi beijada por ele.

Como nada mais era possível, ele afastou-se; Cecil uniu-se a ela; o casal chegou sozinho ao gramado superior.

16

Mentindo para George

Mas Lucy havia progredido desde a primavera. Ou seja, ela era agora capaz de reprimir os sentimentos que as convenções e o mundo desaprovavam. Embora o perigo fosse ainda maior, soluços profundos não a fizeram tremer. Ela disse a Cecil: "Não vou tomar chá... Diga a mamãe... Tenho de escrever umas cartas", e dirigiu-se para o quarto. Ali se preparou para a ação. O amor sentido e recuperado, o amor que nossos corpos exigem e nossos corações transfiguram, o amor que constitui a coisa mais real que um dia podemos encontrar, reaparecia agora como o maior de todos os inimigos, e ela precisava dar um basta.

Mandou chamar a senhorita Bartlett.

A disputa não se deu entre o amor e o dever. Talvez nem haja mesmo uma disputa como essa. Ela se travou entre o real e o pretenso, e o primeiro objetivo de Lucy era derrotar a si mesma. À medida que seu cérebro se anuviava, que a lembrança das vistas se tornava indistinta e as palavras do livro agonizavam, a moça retornava a seu velho inventário nervoso. Ela "subjugara o colapso". Adulterando a verdade, não lembrava mais qual era a verdade. Ao lembrar-se de que estava noiva de Cecil, forçava-se a confundir as recordações de George: ele nada lhe dizia; havia se comportado de modo abominável; em nenhum momento ela o encorajara. A armadura do artifício é sutilmente forjada a partir da escuridão e oculta uma pessoa, não dos outros, mas da própria alma. Em poucos momentos Lucy havia se equipado para a batalha.

"Algo medonho aconteceu", ela começou, assim que a prima chegou. "Sabe de alguma coisa a respeito do romance da senhorita Lavish?"

A senhorita Bartlett aparentou surpresa, e disse que não havia lido o livro nem sabia que havia sido publicado; Eleanor, no fundo, era uma mulher discreta.

"Há uma cena nele. O herói e a heroína se amam. Sabe disso?"

"Querida...?"

"Sabe disso, por favor?", ela repetiu. "Estão numa colina, de onde se avista Florença."

"Minha boa Lucy, estou perdida. Não sei de nada, de coisa nenhuma, sobre isso."

"Há violetas. Não creio que seja uma coincidência. Charlotte, Charlotte, como *pôde* ter lhe contado? Pensei muito antes de falar: *só pode* ter sido você."

"Contar-lhe o quê?", ela perguntou, cada vez mais agitada.

"Sobre aquela tarde terrível, em fevereiro."

A senhorita Bartlett estava genuinamente abalada.

"Ah, Lucy, minha querida menina... Ela pôs isso no livro?"

Lucy fez que sim.

"Não de forma que pudesse ser reconhecido?"

"Sim."

"Então Eleanor Lavish nunca... nunca mais será minha amiga."

"Então, por que contou?"

"Acabou acontecendo... quando tomamos chá em Roma... durante a conversa."

"Mas, Charlotte... e quanto à promessa que me fez quando estávamos arrumando as malas? Por que contou à senhorita Lavish, quando não me deixou nem contar à mamãe."

"Nunca hei de perdoar Eleanor. Ela traiu minha confiança."

"Por que, então, você lhe contou? É uma coisa muito séria."

Por que alguém conta algo? A questão é eterna, e não espanta que a senhorita Bartlett só fosse capaz de suspirar, de leve, em resposta. Ela agira mal... admitia. Só queria não ter agido mal; contara a Eleanor na mais estrita confiança.

Lucy bateu o pé, irritada.

"Cecil acabou de ler essa passagem em voz alta diante de mim e do senhor Emerson; o senhor Emerson ficou agitado e mais uma vez me insultou. Nas costas de Cecil. Uh! Como é possível que os homens sejam tão grosseiros? Nas costas de Cecil, quando caminhávamos pelo jardim."

A senhorita Bartlett rompeu em palavras de auto-acusação e de arrependimento.

"Que podemos fazer? Quer dizer-me?"

"Ah, Lucy... Nunca hei de me perdoar, nunca até minha morte. Imagine se seus planos..."

"Sei disso", disse Lucy, estremecendo diante da palavra. "Entendo agora por que quis que eu revelasse a Cecil, o que quis dizer com 'outra fonte'. Sabia que havia contado à senhorita Lavish, e que ela não era confiável."

Era a vez de a senhorita Bartlett estremecer.

"Contudo", disse a moça, desprezando as evasivas da prima, "o que está feito, está feito. Você me botou numa posição muito difícil. Como posso sair dela?"

A senhorita Bartlett não conseguiu refletir. Seus dias de pleno vigor haviam findado. Era uma visita, não uma acompanhante, e uma visita desacreditada, além do mais. Ficou parada, apertando as mãos, enquanto a moça se deixava levar pela raiva inevitável.

"Ele deve... aquele homem deve receber uma reprimenda inolvidável. E quem poderá ministrá-la? Não posso contar à mamãe agora... graças a você. Nem a Cecil, Charlotte, graças a você. Estou atada por todos os lados. Acho que vou enlouquecer. Não tenho ninguém para me ajudar. Foi por isso que mandei chamá-la. Precisamos de um homem com pulso firme."

A senhorita Bartlett concordou: era preciso um homem com pulso firme.

"Sim... mas de nada vale concordar com isso. O que há de ser *feito*? Nós, mulheres, ficamos tagarelando. Que faz uma moça quando topa com um rufião?"

"Sempre disse que ele era mal-educado, querida. Dê-me crédito por isso, pelo menos. Desde o primeiro momento... Quando ele disse que o pai estava no banho."

"Ah, para o inferno o crédito e quem estava certa ou errada! Nós duas criamos uma grande confusão. George Emerson ainda está lá embaixo, no jardim, e devemos deixar que ele saia impune, ou não? Quero saber."

A senhorita Bartlett era absolutamente inútil. O próprio desmascaramento fizera-a esmorecer, e as idéias colidiam com violência em sua mente. Ela moveu-se debilmente até a janela, e tentou avistar, entre os loureiros, as calças brancas de flanela do malfeitor.

"Você foi bastante rápida na pensão Bertolini quando me arrastou para Roma. Não pode falar com ele de novo agora?"

"Estou disposta a mover os céus e a terra..."

"Quero algo mais objetivo", disse Lucy, com desdém. "Falará com ele? É o mínimo que pode fazer, com certeza, considerando que tudo ocorreu porque você não cumpriu sua promessa."

"Eleanor Lavish nunca mais será amiga minha."

De fato, Charlotte estava superando-se a si mesma.

"Sim ou não, por favor; sim ou não."

"É o tipo de atitude que apenas um cavalheiro pode tomar."

George Emerson vinha pelo jardim com uma bola de tênis na mão.

"Muito bem", disse Lucy, com um gesto de irritação. "Ninguém me ajudará. Eu mesma falarei com ele", e logo percebeu que era isso que sua prima pretendera o tempo todo.

"Alô, Emerson!", chamou Freddy, do andar de baixo. "Encontrou a bola perdida? Bom rapaz! Quer chá?", houve uma irrupção da casa ao terraço.

"Ah, Lucy, mas é muito corajoso de sua parte! Eu a admiro..."

Eles se reuniram em torno de George, que os acolheu, ela sentiu, independentemente da ação impensada que perpetrou, os pensamentos sentimentais, os anseios furtivos, que começavam a tolher a alma da moça. Ah! Os Emersons eram boa gente, a seu modo. Foi obrigada a impedir que o sangue pulsasse mais rápido antes de dizer:

"Freddy levou-o para a sala de estar. Os outros estão indo para o jardim. Vamos. Acabemos com isso. Vamos. Quero que esteja comigo, é claro."

"Lucy, não se importa de fazer isso?"

"Como pode fazer uma pergunta tão ridícula?"

"Pobre Lucy...", ela estendeu-lhe a mão. "Pareço que nada lhe trago senão infortúnio aonde quer que eu vá." Lucy assentiu. Lembrou-se da última noite em Florença — a arrumação, a vela, a sombra da touca da senhorita Bartlett na porta. Não deixaria levar-se pela comiseração. Evitando a carícia da prima, conduziu-a escada abaixo.

"Experimente a geléia", Freddy estava dizendo. "É boa demais."

George, grande e desgrenhado, andava de um lado para outro, na sala de jantar. Quanto ela entrou, ele estacou e disse:

"Não... Nada para comer."

"Você, vá juntar-se aos outros", ordenou Lucy. "Charlotte e eu cuidaremos para que o senhor Emerson tenha tudo de que precisa. Onde está mamãe?"

"Ela começou sua escrevinhação dominical. Está na sala de visita."

"Está bem. Vá, agora."

Ele saiu cantarolando.

Lucy sentou-se à mesa. A senhorita Bartlett, que estava bastante assustada, pegou um livro e fingiu ler.

Ela não perderia tempo com um discurso elaborado. Apenas disse:

"Não posso permitir isso. Nem deveria estar falando com o senhor. Vá embora desta casa e não volte nunca mais enquanto eu morar aqui", ela corou ao falar e apontou a porta. "Detesto discussões. Vá embora, por favor."

"O quê..."

"Sem discussões."

"Mas não posso..."

Ela sacudiu a cabeça.

"Vá embora, por favor. Não quero chamar o senhor Vyse."

"A senhorita não quer dizer...", ele protestou, ignorando por completo a senhorita Bartlett. "Não quer dizer que vai se casar com aquele homem?"

A linha de argumentação foi inesperada.

Ela deu de ombros, como se a vulgaridade da afirmação a enfastiasse.

"O senhor está sendo apenas ridículo", retrucou serenamente.

Então as palavras dele sobrepujaram seriamente as dela.

"A senhorita não pode viver com o senhor Vyse. Ele é talhado tão-somente para o convívio social. Serve apenas para a sociedade e a conversação refinada. Não presta a conhecer ninguém na intimidade; muito menos uma mulher."

Era uma nova luz sobre o caráter de Cecil.

"Já conversou com Vyse sem se sentir cansada?"

"Creio que não devo discutir..."

"Mas já conversou? Ele é o tipo que não causa dano quando se atém às coisas, aos livros, aos quadros, mas destrói quando se aproxima das pessoas. É por isso que faço questão de expor meu ponto de vista em meio a toda essa confusão. Perdê-la já é um choque bastante grande de qualquer modo, mas em geral um homem deve recusar a alegria, e teria me refreado se Cecil fosse uma pessoa diferente. Nunca teria me deixado levar. Mas, quando o conheci na Galeria Nacional, vi que estremeceu ao ouvir meu pai pronunciar equivocadamente o nome dos grandes pintores. Então ele nos traz para cá, e descobrimos que é apenas para pregar uma peça boba num vizinho gentil. Esse é o retrato perfeito desse homem... pregando peças nas pessoas, nas

formas mais sagradas de vida que ele for capaz de encontrar. Depois, eu os vejo juntos com sua mãe, e descubro que ele as protege, que lhes ensina a se escandalizarem, quando cabe às senhoras determinarem o que deve chocá-las ou não. Cecil de novo. Ele não ousa permitir que uma mulher decida por si mesma. É do tipo que atrasou um milênio o destino da Europa. Durante a vida toda, ele procurará formá-la, dizer-lhe o que é encantador, divertido ou elegante, dizer-lhe o que um homem pensa em termos femininos; e a senhorita, a senhorita, de todas as mulheres, dá ouvidos a ele em vez de ouvir a própria voz. Assim se deu na paróquia, quando os reencontrei; assim foi durante esta tarde toda. Portanto — não 'portanto, eu a beijei', porque foi o livro que me fez fazer isso, e juro por Deus que gostaria de ter exercido maior autocontrole. Mas não estou envergonhado. Não me desculpo. Mas o beijo a assustou e a senhorita pode não ter percebido que a amo. Ou não teria me mandado ir embora e lidado com um assunto tão tremendo de forma tão superficial. Mas, portanto... Portanto, eu decidi bater-me contra ele."

Lucy pensou num argumento muito bom.

"O senhor diz que o senhor Vyse quer que eu dê ouvidos apenas a ele. Desculpe-me por sugerir que o senhor pegou esse hábito."

E ele tomou a reprovação ordinária e deu-lhe toques imortais. Ele disse:

"Sim, peguei", ele desabou sobre a cadeira, como se de súbito esgotado. "Sou o mesmo tipo de homem bruto, no fundo. Esse desejo de governar uma mulher; ele se encontra muito arraigado, e os homens e mulheres devem lutar contra ele antes de serem admitidos no Jardim do Éden. Mas eu realmente a amo... Sem dúvida de um modo melhor do que o dele", George refletiu. "Sim... por certo de um modo melhor. Quero que continue a ter seus pensamentos mesmo quando eu a segurar nos braços", ele os estendeu. "Lucy, seja rápida... Não há tempo para conversarmos agora... Venha para mim como veio na primavera e depois eu serei gentil e explicarei. Quero-a bem desde que aquele homem morreu. Não posso viver sem você. 'Não adianta', pensei: 'Ela vai se casar com outra pessoa'; mas então a encontro de novo quando o mundo inteiro havia se transformado em água e sol gloriosos. Quando a vi atravessar o bosque, percebi que nada mais importava. Eu chamei. Quis viver e ter minha oportunidade para o júbilo."

"E o senhor Vyse?", perguntou Lucy, que se manteve elogiavelmente calma. "Ele não importa? Que eu amo Cecil e devo tornar-me sua esposa em breve? Trata-se de um detalhe sem importância, suponho?"

Mas ele apenas estendeu os braços sobre a mesa na sua direção.

"Posso perguntar-lhe o que pretende ganhar com esta exibição?"

Ele disse: "É nossa última chance. Farei o que for necessário", e, como se não tivesse feito tudo ainda, virou-se para a senhorita Bartlett, que estava sentada como um portento diante do céu vespertino. "A senhorita não tentaria nos impedir desta segunda vez, se compreendesse", ele disse. "Eu estive na escuridão e voltarei à escuridão, a não ser que procure entender."

Seu rosto comprido e estreito pendeu para a frente e para trás, como se ela procurasse demolir algum obstáculo invisível. Mas não respondeu.

"É o fato de ser jovem", ele disse em tom baixo, apanhando a raquete do chão e preparando-se para partir. "É estar certo de que Lucy na realidade gosta de mim. E que o amor e a juventude têm importância intelectual."

No silêncio as duas mulheres o observavam. Este último comentário, sabiam, não tinha sentido, mas ele partiria após proferi-lo ou não? Será que ele, o mal-educado, o charlatão, não ensaiaria um final mais dramático? Não. Aparentemente estava satisfeito. Ele as deixou ali, fechando com cuidado a porta da frente; e, quando elas olharam pela janela do corredor, viram que o rapaz subia pela entrada e começava galgar o aclive de samambaias secas que há na parte de trás da casa. Sentiram a língua soltar-se e romperam numa celebração sub-reptícia.

"Ah, Lucia... Venha aqui... Ah, que homem horrível!"

Lucy não esboçou reação — pelo menos, não naquele momento.

"Bem, ele me diverte", ela disse. "Ou estou louca ou ele está, e sinto-me inclinada a aceitar a segunda alternativa. Uma confusão
a mais com você, Charlotte. Muito obrigada. Eu creio, pelo menos, que foi a última. Meu admirador dificilmente me incomodará
de novo."

E a senhorita Bartlett também ensaiou bancar a marota.

"Bem, não é todo mundo que pode apregoar tamanha conquista, querida, ou é? Ah, mas não devemos rir, realmente. Poderia ter sido muito sério. Mas você foi tão sensata e corajosa... Tão diferente das moças de meu tempo."

"Vamos descer para nos reunir a eles."

Mas, de novo ao ar livre, ela parou. Uma emoção — piedade, terror, amor, não sabia, mas tratava-se de algo forte — apoderou-se de Lucy e ela se deu conta de que era outono. O verão terminava e a tarde trouxera odores de putrefação, mais patéticos ainda, pois recordavam a primavera. Será que

alguma dessas coisas importava em termos intelectuais? Uma folha, violentamente agitada, rodopiou e caiu, enquanto outras permaneceram estacionadas. Será que a terra corria para tornar a mergulhar nas trevas e as sombras daquelas árvores esgueiravam-se sobre Windy Corner?

"Alô, Lucy! Ainda há luz o bastante para outro *set*, se vocês dois se apressarem."

"O senhor Emerson teve de partir."

"Que amolação! Isso estraga o quarteto. Ora, Cecil, jogue por favor, seja um bom camarada. É o último dia de Floyd. Por favor, jogue tênis conosco, apenas desta vez."

A voz de Cecil soou: "Meu caro Freddy, não sou um atleta.
E você bem disse esta manhã mesmo, 'Há sujeitos que não servem para nada que não sejam os livros'; declaro-me culpado de ser tal sujeito, e não vou me impor a vocês."

Os véus caíram dos olhos de Lucy. Como ela havia suportado Cecil por um só instante? Ele era absolutamente intolerável e, naquela mesma tarde, ela rompeu o noivado.

17

Mentindo para Cecil

Ele ficou surpreso. Não tinha nada a dizer. Não estava nem mesmo aborrecido; apenas ficou de pé ali, com um copo de uísque na mão, procurando pensar o que a teria levado a tomar tal decisão.

Ela resolvera contar-lhe pouco antes de irem dormir, a hora em que, de acordo com o hábito burguês, sempre servia as bebidas para os homens. Freddy e o senhor Floyd sem dúvida se recolheriam com seus copos, enquanto Cecil invariavelmente ficava um pouco mais, sorvendo a sua bebida enquanto ela trancava o aparador.

"Perdoe-me por isso", ela disse; "refleti cuidadosamente sobre tudo. Somos muito diferentes. Devo pedir que me desobrigue do compromisso e procure esquecer que alguma vez houve essa garota tola."

Era um discurso adequado, mas ela estava mais zangada do que arrependida, o que transparecia em sua voz.

"Diferentes... como... como..."

"Não tive uma boa educação, para começar", ela continuou, ainda de joelhos defronte ao aparador. "Minha viagem italiana ocorreu tarde demais e já estou esquecendo tudo o que aprendi ali. Nunca serei capaz de conversar com seus amigos ou me portar como sua esposa."

"Não a entendo. Não está sendo você mesma. Está cansada, Lucy."

"Cansada?", ela retorquiu, de súbito inflamada. "É tão típico de você. Sempre pensa que as mulheres não querem dizer o que dizem."

"Bem, sua voz soou cansada, como se algo a estivesse preocupando."

"E se estiver? Isso não impede que eu perceba a verdade. Não posso casar-me com você. Um dia ainda irá me agradecer por dizer isso."

"Você teve aquela dor de cabeça forte ontem... tudo bem", pois ela havia soltado uma exclamação indignada. "Vejo que é muito mais do que dores de cabeça. Mas me dê um momento", fechou os olhos. "Deve desculpar-me por dizer coisas estúpidas, mas meu cérebro está aos pedaços. Parte dele ainda se encontra há três minutos, quando estava certo de que você me amava, e a outra parte... é difícil... Receio acabar dizendo a coisa errada."

Ocorreu-lhe que ele não estava reagindo tão mal, e sua irritação cresceu. Ela mais uma vez ansiava por uma altercação, não por uma conversa. Para precipitar a crise, acusou:

"Há dias em que a gente vê as coisas com clareza, e este é um deles. Há sempre um momento de ruptura, e acontece que é hoje. Se quiser saber, uma coisa muito boba me fez falar com você... Quando se recusou a jogar tênis com Freddy."

"Mas eu nunca jogo tênis", protestou Cecil, dolorosamente atônito. "Nunca consegui jogar. Não entendo aonde está querendo chegar."

"Você joga bem o bastante para ser o quarto jogador. Achei que foi uma atitude abominavelmente egoísta da sua parte."

"Não, não sei... Bem, esqueça o tênis. Por que não podia... não podia ter me avisado que havia algo errado? Até falou de nosso casamento durante o almoço... Pelo menos, deixou que eu falasse."

"Sabia que não iria entender", retrucou Lucy, bastante aborrecida. "Devia saber que haveria explicações horríveis. Claro que não é o tênis... Foi apenas a última gota de tudo que estive sentindo durante semanas. Decerto foi melhor não falar até ter certeza", ela estendeu-se sobre esse ponto. "Muitas vezes antes me perguntei se servia para ser sua esposa... por exemplo, em Londres; e você, serve para ser meu marido? Não creio. Não gosta de Freddy nem de minha mãe. Sempre houve muitas razões contra nosso enlace, Cecil, mas todos nossos amigos pareciam satisfeitos, e nós estávamos tão ocupados, e não parecia bom tratar disso até... bem, até que tudo chegasse a um termo. Como hoje. Posso ver com clareza. Devia falar. É tudo."

"Não posso achar que você esteja certa", disse Cecil, gentilmente. "Não sei por que, mas, embora tudo o que esteja me dizendo pareça verdadeiro, sinto que não está sendo justa comigo. É horrível demais."

"De que adianta fazer uma cena?"

"De nada. Mas com certeza tenho o direito de ouvir um pouco mais."

Ele abaixou o copo e abriu a janela. De onde ela estava ajoelhada, chacoalhando as chaves, podia ver uma nesga de escuridão,
e, espreitando-a, como se esta pudesse revelar-lhe o "pouco mais", o rosto comprido e pensativo de Cecil.

"Não abra a janela; e é melhor fechar a cortina também; Freddy ou outra pessoa pode estar do lado de fora." Ele obedeceu. "Realmente acho que devemos ir para a cama, se não se importa. Eu apenas acabarei dizendo coisas que me deixarão infeliz depois. Como disse, é horrível demais, e de nada adianta falar."

Mas, para Cecil, agora que estava prestes a perdê-la, ela lhe parecia a cada momento mais desejável. Olhou para ela, em vez de através dela, pela primeira vez desde que ficaram noivos. De uma tela de Leonardo, ela se convertera numa mulher de carne e osso, com mistérios e força próprios, e qualidades que até mesmo eludem a arte. Sua mente recuperou-se do choque e, num rompante de genuína devoção, gritou:

"Mas eu a amo, e realmente achava que me amava também!"

"Eu não o amei", ela confessou. "Pensei que sim, no começo. Sinto muito ter de recusá-lo esta última vez também."

Ele começou a andar de um lado para outro do quarto, e ela ficou cada vez mais embaraçada diante de seu comportamento probo. Supusera que ele apenas agiria de maneira mesquinha. Teria sido mais fácil. Por uma ironia cruel, estava evocando tudo o que havia de melhor no comportamento do rapaz.

"É evidente que você não me ama. E ouso dizer que está certa. Mas doeria um pouco menos se soubesse a razão."

"Porque", uma frase ocorreu-lhe, e ela a aceitou, "você não é do tipo que se presta a conhecer ninguém na intimidade."

Um brilho de horror transfigurou-lhe os olhos.

"Não quis dizer exatamente isso. Mas você fez questão de interrogar-me, embora eu lhe implorasse que não, e tive de dizer algo.
É isso, mais ou menos. Quando éramos apenas conhecidos, você me deixava ser eu mesma, mas agora está sempre me protegendo", a voz subiu. "Não permitirei que me protejam. Decidirei por mim mesma o que é elegante e correto. Defender-me é um insulto. Não confia que eu encare a verdade, ou devo apenas recebê-la de segunda mão, através de você? Um lugar para a mulher! Você despreza minha mãe (sei que sim) porque ela é convencional e se

preocupa com a sobremesa, mas, ah, céus!", ela levantou-se. "É você quem é convencional, pois pode entender de coisas belas, mas não sabe como usá-las; e esconde-se atrás da arte, dos livros e da música, onde tentará me ocultar também. Não deixarei que me sufoquem, nem mesmo em nome da música mais gloriosa, pois as pessoas são mais gloriosas, e você mantém-me longe delas. É por isso que estou rompendo o noivado. Não há problema quando você se ocupa das coisas, mas quando se aproxima das pessoas...", ela interrompeu-se.

Houve uma pausa. Então Cecil declarou, com grande emoção:

"É verdade".

"Verdade, no geral", ela corrigiu, tomada por um sentimento de vaga vergonha.

"É verdade, cada palavra. É uma revelação. É... eu."

"De todo modo, estas são minhas razões para não ser sua esposa."

Ele repetiu: "O tipo que não se presta a conhecer ninguém na intimidade. É verdade. Fracassei desde o dia em que nos tornamos noivos. Comportei-me como um moleque com Beebe e com seu irmão. Você é ainda maior do que eu imaginava", ela recuou um passo. "Não a importunarei mais. Você é boa demais para mim. Nunca me esquecerei de sua sagacidade; e, minha querida, só posso culpá-la por isso: podia ter me avisado no início, antes que sentisse que seria incapaz de casar-se comigo, dando assim uma chance para que eu progredisse. Nunca a conheci de fato até esta noite. Apenas a usei como esteio a minhas noções tolas do que uma mulher deve ser. Mas esta noite você é uma pessoa diferente: novos pensamentos... até mesmo uma nova voz..."

"Que quer dizer com nova voz?", ela indagou, tomada por uma raiva incontrolável.

"Quero dizer que parece haver uma pessoa falando através de você."

Então Lucy perdeu o equilíbrio. Gritou: "Se acha que estou apaixonada por outra pessoa, está muito enganado".

"Claro que não penso isso. Você não é desse tipo, Lucy."

"Ah, sim, você acha. É a velha idéia, a idéia que atrasou o progresso da Europa... Quero dizer, a idéia de que as mulheres estão sempre pensando nos homens. Se uma moça terminar o noivado, todos dizem: 'Ah, ela tem outra pessoa em mente; ela aguarda a afeição de outro'. É ofensivo, brutal! Como se uma moça não pudesse terminar para ser livre."

Ele respondeu, reverente: "Eu podia ter dito isso antes. Nunca mais o direi. Você me ensinou a ver melhor".

Ela começou a corar e fingiu examinar as janelas.

"Claro que não há hipótese de haver 'outra pessoa' nisso, nenhuma 'traição' nem nenhuma dessa bobagem nauseante. Peço perdão, com toda humildade, se minhas palavras sugeriram isso. Só quis dizer que há uma força em você que me era desconhecida até agora."

"Tudo bem, Cecil, está certo. Não se desculpe. Foi um erro meu."

"É uma disputa de ideais, o seu e o meu... Ideais puros e abstratos, e o seu é o mais nobre. Estou atado a noções velhas e perversas, e durante esse tempo todo você foi apenas esplêndida e nova", a voz falseou. "Na verdade, preciso agradecer-lhe pelo que fez... Por me mostrar quem sou. Solenemente, agradeço-lhe por me mostrar uma mulher de verdade. Aperta minha mão?"

"Claro que sim", disse Lucy, torcendo a cortina com a outra mão. "Boa noite, Cecil. Adeus. Está tudo bem. Eu sinto por isso. Muito obrigada por sua consideração."

"Deixe-me acender sua vela, sim?"

Eles dirigiram-se ao saguão.

"Obrigado. Boa noite de novo. Deus a abençoe, Lucy!"

"Até logo, Cecil."

Ela observou-o correr para cima, enquanto as sombras dos balaústres deslizavam por seu rosto como o bater de asas. No patamar, ele estacou, firme em seu senso de renúncia, e deitou-lhe um olhar de memorável beleza. A despeito de toda a sua cultura, no fundo Cecil era um asceta, e nada em seu amor combinava mais com ele do que a perda do próprio amor.

Ela nunca se casaria. No tumulto de sua alma, isso permaneceu inabalável. Cecil acreditava nela. Havia de se tornar uma daquelas mulheres a quem ela louvara com tanta eloqüência, que se interessavam apenas pela liberdade e não pelos homens; devia esquecer que George a amava, que George estivera pensando através dela e obtivera para ela sua libertação honrosa, que George partira — como era mesmo? — para a escuridão.

Ela apagou a lâmpada.

De nada valia pensar, nem, aliás, sentir. Ela desistiu de tentar entender-se, e aliou-se ao vasto exército dos ignorantes, que não seguiam nem o coração nem o cérebro, que marchavam a seu destino por meio de deixas teatrais. Esses exércitos estão cheios de gente agradável e pia. Mas caíram diante do

único inimigo que importa — o inimigo interno. Haviam pecado contra a paixão e a verdade, e inócua será sua luta pela virtude. Com o passar dos anos, estarão condenados. Sua graça e sua piedade mostrarão rachaduras, a eloqüência tornar-se-á cinismo, sua abnegação, hipocrisia; sentirão e produzirão mal-estar aonde quer que forem. Pecaram contra Eros e contra Palas Atena, e não pela intervenção divina, mas pelo curso ordinário da natureza, essas deidades amigas serão vingadas.

Lucy aliou-se a esse exército quando fingiu para George que não o amava e fingiu para Cecil que não amava ninguém. A noite a acolheu, como acolhera a senhorita Bartlett trinta anos antes.

18

Mentindo para o senhor Beebe, para a senhora Honeychurch, para Freddy e os criados

Windy Corner não estava encarapitada no alto de uma colina, mas uns trinta metros para baixo da encosta sul, na nascente de um dos imensos contrafortes que sustentam o morro. Ladeando-a por ambos os flancos há uma ravina rasa, repleta de samambaias e pinheiros, e, abaixo da ravina, à esquerda, despontava a estrada que conduzia ao Weald.

Sempre que cruzava a formação rochosa, vislumbrando essa nobre disposição geográfica, com Windy Corner plantada no meio, o senhor Beebe ria. A situação era tão gloriosa, a casa tão ordinária, para não dizer impertinente. O falecido senhor Honeychurch fizera uma construção em formato de cubo, pois esta lhe fora mais apropriada à burra, e o único acréscimo realizado pela viúva foi uma torrinha no formato de chifre de rinoceronte, onde ela podia acomodar-se nos dias chuvosos e observar as charretes passar de um lado para outro, na estrada. Tão impertinente — e, contudo, a casa "servia", pois era lar de pessoas que amavam honestamente seus arredores. Algumas casas da vizinhança haviam sido construídas por arquitetos dispendiosos, em outras seus ocupantes empreenderam reformas diligentes; mesmo assim, todas sugeriam o acidental, o temporário; ao passo que Windy Corner parecia tão inevitável quanto uma feiúra perpetrada pela própria natureza. Podia-se rir da casa, mas ela não causava estremecimentos.

Portador de uma pequena fofoca, o senhor Beebe aproximava-se, de bicicleta, numa segunda-feira à tarde. Ele tivera notícias das senhoritas Alans. Como não conseguiram mudar-se para a *villa* Cissie, aquelas damas admiráveis fizeram outros planos. Iriam para a Grécia, em vez disso.

"Como Florença fez tanto bem à minha pobre irmã", escreveu a senhorita Catharine, "não vemos por que não deveríamos tentar Atenas neste inverno. Claro que Atenas é uma tirada, e o médico receitou-lhe uma dieta de pão

digestivo especial; mas, afinal, podemos levar um estoque conosco, e só se trata de embarcar primeiro num vapor e, em seguida, num trem. Mas há ali uma Igreja Anglicana?" E a carta foi até o ponto de dizer: "Não acho que chegaremos a nos afastar muito de Atenas, mas, se o senhor souber de uma pensão realmente confortável em Constantinopla, ficaríamos muito agradecidas".

Lucy adoraria a carta, e o sorriso com o qual o senhor Beebe saudou Windy Corner em parte se devia à moça. Ela perceberia a graça que a missiva continha, e também sua beleza, pois havia de captar alguma beleza. Embora não servisse para apreciar pinturas e embora trajasse de modo tão irregular — ah, aquele vestido cor de cereja ontem, à missa! —, devia ver alguma beleza na vida, ou não tocaria piano como tocava. Ele tinha uma teoria de que os músicos são figuras extremamente complexas, que sabem muito menos que os outros artistas o que querem e o que são; de modo que acabam tornando-se um enigma para si próprios e para os amigos, sendo que sua psicologia é um desenvolvimento moderno, ainda não compreendido. Tal teoria, se o pároco soubesse, acabara de ser ilustrada por fatos. Ignorante dos eventos do dia anterior, ele apenas chegava para tomar um chá, para visitar a sobrinha e para ver se a senhorita Honeychurch percebia algo de belo no desejo das duas velhinhas de visitar Atenas.

A carruagem estava estacionada à entrada de Windy Corner e, assim que ele topou com a vista da casa, ela partiu, rodou pela entrada e estacou abruptamente quando deu com a estrada principal. De sorte que devia ser o cavalo da residência, pois sempre esperava que as pessoas fizessem a caminhada morro acima, para não fatigá-lo. A porta abriu diligentemente e dois homens assomaram. O senhor Beebe reconheceu tratar-se de Cecil e de Freddy. Era estranho que os dois andassem juntos; mas o pároco logo viu que havia uma mala do lado das pernas do cocheiro. Cecil, que portava um chapéu coco, devia estar indo embora, enquanto Freddy — de boné — levava-o para a estação. Caminhavam rapidamente, tomando os atalhos, e chegaram ao cimo do morro enquanto a carruagem ainda penava pelas curvas da estrada.

Apertaram a mão do pároco, mas nada disseram.

"Então, vai nos deixar por uns dias, senhor Vyse?", ele perguntou.

Cecil disse que sim, enquanto Freddy se afastava.

"Vinha mostrar-lhes esta deliciosa carta daquelas amigas da senhorita Honeychurch", ele citou trechos. "Não é maravilhoso? Não é como numa fantasia romântica? Com certeza irão a Constantinopla. Foram apanhadas numa armadilha infalível. Acabarão dando a volta ao mundo."

Cecil ouviu tudo com educação e disse que estava certo de que Lucy ficaria encantada e se interessaria pela notícia.

"A fantasia não é caprichosa? Nunca a percebo nos jovens de hoje; não querem saber de nada exceto jogar tênis, e dizem que a fantasia está morta, enquanto as senhoritas Alans lutam com todas as armas do decoro contra a coisa terrível. 'Uma pensão realmente confortável em Constantinopla!' Assim elas a denominam em nome da decência, mas, no fundo, querem uma pensão com janelas mágicas que se abram para as escumas de mares perigosos em reinos encantados e esquecidos! Nenhuma vista ordinária há de contentar as senhoritas Alans. Elas querem a pensão de Keats!"

"Sinto muito interrompê-lo, senhor Beebe", disse Freddy, "mas o senhor teria fósforos?"

"Eu tenho", ofereceu Cecil, e não escapou ao senhor Beebe que tratou o rapaz com maior candura.

"O senhor não conheceu as senhoritas Alans, conheceu, senhor Vyse?"

"Não."

"Então não compreende a maravilha dessa viagem à Grécia. Eu mesmo não conheço o país, nem pretendo, e não imagino nenhum dos meus amigos indo para lá. É no todo imenso demais para nosso pequenino quinhão. Não pensa assim? A Itália é o máximo que conseguimos suportar. A Itália é heróica, mas a Grécia é divina, ou diabólica... Não sei qual, mas, em ambos os casos, encontra-se absolutamente fora de nosso foco suburbano. Está bem, Freddy (não estou sendo inteligente, juro que não), emprestei a idéia a outro camarada; e passe-me os fósforos quando tiver terminado — ele acendeu um cigarro e prosseguiu tagarelando com os dois jovens. "Eu dizia, se nossas pobres vidas tacanhas precisam ter um cenário, que este seja o italiano. Em sã consciência, é grande o suficiente. Quero o teto da capela Sistina. Ali se dá o máximo de contraste que eu sou capaz de discernir. Mas não o Partenon e, sob hipótese nenhuma, o friso de Fídias; e aí vem a vitória."

"O senhor está certíssimo", anuiu Cecil. "A Grécia não é para o nosso pequeno quinhão", e subiu. Freddy acompanhou-o, acenando com a cabeça para o clérigo, que, tinha certeza, não poderia estar zombando deles. E, antes de terem rodado doze metros, ele saltou e veio correndo pegar a caixa de fósforos do senhor Vyse, que não havia sido devolvida. E, ao apanhá-la, declarou:

"Que bom que o senhor só falou de livros. Cecil está arrasado. Lucy desistiu de casar-se com ele. Se o senhor falasse dela, como falou dos livros, com certeza ele não agüentaria."

"Mas quando..."

"Ontem, tarde da noite. Preciso ir."

"Talvez elas não me queiram lá."

"Não... Siga em frente. Até logo."

"Céus!", exclamou o senhor Beebe para si mesmo, e bateu no selim de sua bicicleta, em aprovação. "Foi a única coisa tola que ela jamais fez. Ah, bons ventos o levem!", e, após uma pequena elucubração, empreendeu a subida a Windy Corner de coração leve. A casa voltava à sua justa condição... Apartada para sempre do mundo pretensioso de Cecil.

Ele deveria encontrar Minnie no jardim.

Na sala de estar, Lucy dedilhava uma sonata de Mozart. Ele hesitou um pouco, mas seguiu pelo jardim conforme convinha. Lá, deparou-se com lutuosa companhia. Ventava forte, e as rajadas haviam arrancado e quebrado as dálias. A senhora Honeychurch, que parecia zangada, cuidava de amarrá-las, enquanto a senhorita Bartlett, que não se vestira adequadamente para a tarefa, obstruía seu progresso com oferecimentos de auxílio. A uma pequena distância estavam Minnie e a "criança do jardim", uma minúscula importação, cada qual segurando uma das extremidades de uma longa casca fibrosa de tília.

"Oh, como vai, senhor Beebe? Deus, que bagunça que está tudo aqui! Veja meus crisântemos escarlates, e o vento levantando nossas saias e o chão tão duro que nem um espeque consegue perfurá-lo e a carruagem teve de partir quando eu contara com o auxílio do senhor Powell, que (vamos ser justos) sabe prender as dálias como se deve."

Era evidente que a senhora Honeychurch estava perturbada.

"Como vai?", disse a senhorita Bartlett, com um olhar significativo, como se sugerisse haver outras coisas, além das dálias, quebradas pelo vendaval de outono.

"Aqui, Lennie, a tília", gritou a senhora Honeychurch. A criança, que não sabia o que era uma tília, permaneceu pregada ao chão, tomada pelo terror. Minnie aproximou-se do tio e sussurrou que todos estavam sendo bastante desagradáveis naquele dia, e não era sua culpa se as amarras das dálias se partiam no sentido do comprimento, e não de través.

"Venha dar um passeio comigo", ele sugeriu. "Você já as aborreceu o máximo que elas conseguem agüentar. Senhora Honeychurch, vim fazer uma visita sem nenhum propósito definido. Eu a levarei para tomar chá na Beehive Tavern, se puder."

"Ah, precisa ir? Sim, vá... As tesouras, não, Charlotte, obrigada, não vê que minhas mãos já estão ocupadas?... Estou perfeitamente certa de que a dália cor de laranja será arrancada pelo vento antes de eu conseguir chegar até ela."

O senhor Beebe, que era partidário do alívio das tensões, convidou a senhorita Charlotte para acompanhá-los naquela amena distração.

"Sim, Charlotte, não quero que me... vá sim; não há nada para fazer aqui, quer seja na casa, quer seja fora dela."

A senhorita Bartlett afirmou que sua obrigação estava junto do canteiro de dálias, mas, após ter exasperado a todos, com exceção de Minnie, com a recusa, ela virou-se e exasperou Minnie, aceitando o convite. Ao caminharem pelo jardim, a dália alaranjada caiu, e a última visão do senhor Beebe foi da criança do jardim segurando-a como um amante, os cabelos negros enterrados numa profusão florida.

"É terrível essa devastação com as flores", ele observou.

"É sempre terrível quando uma promessa de meses é destruída num instante", enunciou a senhorita Bartlett.

"Talvez devêssemos pedir à senhorita Honeychurch fazer companhia à mãe. Ou ela viria conosco?"

"Acho melhor deixarmos Lucy sozinha, com seus próprios afazeres."

"Ficaram zangados com a senhorita Honeychurch porque ela se atrasou para o café-da-manhã", sussurrou Minnie, "e o senhor Floyd foi embora e o senhor Vyse foi embora, e Freddy não quer jogar comigo. Na verdade, tio Arthur, esta casa não está *mesmo* o que era ontem."

"Não seja pedante", retrucou o tio Arthur. "Vá pôr suas botas."

Ele entrou na sala, onde Lucy ainda devotava toda a atenção às sonatas de Mozart. Ela parou quando ouviu os passos do sacerdote.

"Como vai? A senhorita Bartlett e Minnie vão comigo tomar chá na Beehive. Não gostaria de acompanhar-nos?"

"Acho que não, obrigada."

"Não, não achei que iria querer muito."

Lucy virou-se para o piano e tocou alguns acordes.

"Como essas sonatas são delicadas!", exclamou o senhor Beebe, embora, do fundo do coração, acreditasse que fossem coisinhas bem fúteis.

Lucy mudou para Schumann.

"Senhorita Honeychurch!"

"Sim."

"Eu os encontrei na colina. Seu irmão me contou."

"Ah, ele contou?", pareceu irritada. O senhor Beebe ficou melindrado, pois achava que ela aprovaria ele ter sido posto ao corrente.

"Não preciso dizer que a notícia não seguirá adiante."

"Mamãe, Charlotte, Cecil, Freddy, o senhor", disse Lucy, martelando uma nota para cada pessoa que sabia, e então tocando uma sexta nota.

"Se me permite dizer, fico muito feliz, e estou certo de que fez a coisa certa."

"Era assim que eu esperava que as outras pessoas pensassem, mas não foi o que ocorreu."

"Pude ver que a senhorita Bartlett achou insensato."

"Assim como mamãe. Ela sentiu muito."

"Que pena", disse o senhor Beebe, sendo sincero.

A senhora Honeychurch, que detestava todas as mudanças, realmente importou-se, mas não tanto quanto a filha pretendeu, e apenas por um minuto. Tratava-se apenas de um ardil armado por Lucy para justificar a própria melancolia — um ardil do qual ela mesma não estava consciente, pois marchava nos exércitos das trevas.

"Freddy também se ressente."

"Mesmo assim, Freddy nunca foi muito amigo de Vyse, foi? Presumi que ele desaprovasse o noivado e senti que a aliança iria separá-lo da senhorita."

"Garotos são tão estranhos."

Minnie podia ser ouvida, pelo chão, discutindo com a senhorita Bartlett. Chá na Beehive aparentemente envolvia toda uma completa muda de vestuário. O senhor Beebe percebeu que Lucy — muito adequadamente — não queria discutir sua atitude, de modo que, após uma sincera expressão de solidariedade, anunciou:

"Recebi uma absurda carta das senhoritas Alan. Foi isso de fato que me trouxe aqui. Pensei que poderia alegrá-las."

"Que maravilha!", disse Lucy, numa voz apagada.

Apenas para ter algo a fazer, ele começou a ler a missiva. Após algumas palavras, os olhos de Lucy tornaram-se alertas e ela logo o interrompeu:

"Vão para o exterior? Quando partem?"

"Na próxima semana, creio."

"Freddy disse se iria voltar imediatamente para casa?"

"Não, não disse."

"Pois espero que ele não saia por aí fofocando."

Então ela queria falar sobre o término do noivado! Sempre cortês, o pároco guardou a carta. Mas a moça de imediato alteou a voz e exclamou:

"Ah, por favor, me conte mais sobre as senhoritas Alans! Que esplêndida decisão a delas de ir ao exterior!"

"Quero que elas comecem de Veneza, e peguem um vapor até a costa da Ilíria."

Ela riu com entusiasmo.

"Ah, maravilhoso! Gostaria que me levassem com elas."

"A Itália lhe passou a febre das viagens? Talvez George Emerson esteja certo. Ele diz que a Itália é apenas um eufemismo para o Destino."

"Ah, a Itália não, Constantinopla. Sempre ansiei por ir a Constantinopla. Lá se está praticamente na Ásia, não é?"

O senhor Beebe ponderou que não era bem assim e que as senhoritas Alans apenas planejavam ir até Atenas: "Incluindo Delfos, talvez, se as estradas forem seguras", mas isso não abrandou o entusiasmo da moça. Segundo parecia, ela sempre ansiou ainda mais por ir à Grécia. Ele percebeu, surpreso, que Lucy parecia estar sendo sincera.

"Não sabia que a senhorita e as senhoritas Alans continuaram tão amigas, depois do episódio *villa* Cissie."

"Ah, isso não é nada; asseguro-lhe que a *villa* Cissie não é nada para mim; eu daria tudo para acompanhá-las."

"Sua mãe permitiria uma viagem tão repentina? Não faz nem três meses que a senhorita voltou."

"Ela *precisa* permitir!", gritou Lucy, cada vez mais exaltada. "Eu simplesmente *preciso* viajar. Preciso", ela correu os dedos nervosamente pelo cabelo. "Não vê como *preciso* viajar? Não havia percebido antes... E é claro que faço questão de conhecer Constantinopla."

"Quer dizer que desde que rompeu o noivado, sente que..."

"Sim, sim. Sabia que iria compreender."

Mas o senhor Beebe não compreendeu bem. Por que a senhorita Honeychurch não deveria buscar repouso no seio familiar? Cecil havia definitivamente escolhido a saída digna, e não iria aborrecê-la. Então lhe ocorreu que a família da moça em si poderia ser aborrecível. Foi o que sugeriu a Lucy e ela aceitou a sugestão com avidez.

"Sim, é claro; ir a Constantinopla até eles se acostumarem com a idéia e tudo tenha se acalmado."

"Receio que tenha sido um assunto importuno", ele propôs, gentilmente.

"Não, de jeito nenhum. Cecil foi muito amável; só que... Preciso lhe contar toda a verdade, já que ouviu parte dela... É o fato de ele ser tão autoritário. Descobri que nunca me deixava fazer nada do que eu gostava de fazer. Teria tentado tornar-me melhor onde não posso melhorar. Cecil não deixa uma mulher tomar suas próprias decisões... Na realidade, ele não tem coragem. Não sei se estou sendo clara! Mas é mais ou menos isso."

"É o que percebi a partir de minha própria observação do senhor Vyse; é o que percebo de tudo que conheço da senhorita. Eu realmente me solidarizo e concordo do fundo do coração. Concordo tanto que a senhorita deve permitir-me fazer uma pequena crítica: vale a pena sair correndo para a Grécia?"

"Mas eu preciso ir a algum lugar!", ela bradou. "Estive preocupada a manhã toda e eis que a idéia chega agora, de supetão." Ela bateu nos joelhos com os punhos e repetiu: "Eu preciso! E o tempo que passarei com mamãe, e todo o dinheiro que ela gastou comigo na primavera passada. Todos vocês me têm em alta conta, alta demais. Queria que não fossem tão gentis". Nesse

ínterim, a senhorita Bartlett entrou, e a agitação dela cresceu. "Preciso partir, para bem longe. Preciso saber o que desejo e para onde quero ir."

"Vamos embora; chá, chá, chá", disse o senhor Beebe, e empurrou suas convidadas pela porta da frente. Ele apressou-se tanto que esqueceu o chapéu. Quando retornou, ouviu, para seu alívio e surpresa, o dedilhar de uma sonata de Mozart.

"Ela está tocando de novo", comentou com a senhorita Bartlett.

"Lucy sempre é capaz de tocar", foi a resposta ácida.

"Temos de dar graças por ela dispor desse expediente. Lucy está evidentemente muito preocupada, como, com efeito, deveria estar. Já sei de tudo. O casamento estava tão próximo que deve ter sido um tremendo esforço antes de ela ter finalmente decidido falar."

A senhorita Bartlett emitiu uma espécie de contorção e ele preparou-se para uma contenda. O pároco nunca decifrou a senhorita Bartlett. Como ele dissera para si mesmo em Florença: "Ela ainda podia revelar abismos de estranheza, se não de significado". Mas a senhorita Bartlett mostrava-se tão pouco simpática que devia ser confiável. Ele presumiu tudo isso e não hesitou discutir Lucy com ela. Minnie, felizmente, estava colhendo samambaias.

Ela inaugurou o debate com:

"É muito melhor deixarmos o assunto de lado".

"Será?"

"É de suma importância que não haja nenhum mexerico na rua Summer. Seria a *morte* fofocar sobre a rejeição do senhor Vyse neste exato momento."

O senhor Beebe ergueu as sobrancelhas. Morte era uma palavra pesada — sem dúvida, pesada demais. Não havia nenhum vestígio de tragédia. Ele disse:

"Claro, a senhorita Honeychurch vai anunciar sua decisão a seu modo, e quando for do seu agrado. Freddy só me contou porque sabia que ela não se importaria".

"Eu sei", retrucou educadamente a senhorita Bartlett. "Mesmo assim, Freddy não deveria ter contado, nem mesmo ao senhor. Todo cuidado é pouco."

"Claro."

"Devo implorar segredo absoluto. Uma palavra ocasional a um amigo tagarela e..."

"Exatamente", estava acostumado com aquelas solteironas velhas e excitáveis, e com a importância exagerada que devotavam às palavras. Um

pároco vive numa teia de segredos mesquinhos, confissões e advertências, e, quanto mais sensato for, menos lhes concederá importância. Ele mudará de assunto, como fez o senhor Beebe, dizendo alegremente: "Tem ouvido falar do pessoal da pensão Bertolini ultimamente? Creio que mantém contato com a senhorita Lavish. É estranho como nós, daquela pensão, que parecíamos um grupo tão fortuito, tenhamos nos intrometido na vida uns dos outros. Dois, três, quatro, seis... Não, éramos oito; esqueci-me dos Emersons... Mantivemo-nos mais ou menos em contato. Na verdade, precisamos render uma homenagem à *signora*."

E, como a senhorita Bartlett não se entusiasmou com a idéia, caminharam pela colina em silêncio, apenas interrompido quando o pároco dizia o nome de alguma samambaia. No alto, pararam. O céu tornara-se ainda borrascoso desde que ele passara por ali, uma hora antes, emprestando à terra uma grandeza trágica, rara em Surrey. Nuvens cinzentas disparavam por emaranhados de branco, que se alongavam, esgarçavam-se e despedaçavam-se lentamente, até que, através das últimas camadas, se entrevia uma nesga do azul evanescente. Findava o verão. O vento zunia, as árvores gemiam; contudo, o ruído parecia insuficiente para aquelas vastas operações celestes. O tempo estava começando a mudar, estava mudando, mudou; e é mais um senso de adequação do que de algo sobrenatural que mune tais crises das salvas das artilharias angelicais. Os olhos do senhor Beebe voltaram-se para Windy Corner, onde Lucy estava sentada, tocando Mozart. Nenhum sorriso brotou em seu rosto e, trocando novamente de assunto, disse:

"Não deve chover, mas logo ficará escuro; por isso, devemos nos apressar. A escuridão da noite passada foi horrível".

Chegaram a Beehive Tavern às cinco horas. Aquela estalagem amistosa dispunha de uma varanda, onde os jovens e os insensatos tanto apreciavam sentar-se, enquanto os convidados de idade mais avançada buscavam uma saleta agradável e polida, onde podiam tomar chá na mesa com todo conforto. O senhor Beebe percebeu que a senhorita Bartlett ficaria com frio se sentasse fora e que Minnie ficaria chata se sentassem dentro, de modo que propôs uma divisão de forças. Eles passariam a comida para a criança pela janela. Assim, por acaso, ele se viu capaz de continuar discutindo a sorte de Lucy.

"Estive pensando, senhorita Bartlett", ele disse, "e, a não ser que tenha uma grande objeção, gostaria de retomar nossa conversa." Ela fez uma mesura. "Não vamos voltar ao passado. Sei pouco e me interesso ainda menos; estou

absolutamente seguro de que é o melhor para sua prima. Ela agiu de maneira nobre e correta, e faz parte de sua natureza modesta dizer que a temos num grau elevado demais. Mas o futuro. Seriamente, que acha deste plano de ir à Grécia?", ele sacou a carta de novo. "Não sei se entreouviu o que conversávamos, mas ela quer juntar-se às senhoritas Alans em sua louca excursão. É tudo... Não sei explicar... Errado."

A senhorita Bartlett leu a missiva em silêncio, abaixou-a, pareceu hesitar e tornou a lê-la.

"Eu mesmo não vejo razão para isso."

Para sua surpresa, ela retrucou:

"Nesse ponto não posso concordar com o senhor. Pois aí vislumbro a salvação de Lucy."

"Mesmo? Agora, por quê?"

"Ela quer sair de Windy Corner."

"Sei... Mas me parece tão estranho, tão pouco afeito a ela, tão (ia dizer) egoísta."

"É decerto natural que, após cenas tão dolorosas, ela deseje uma mudança."

Lá, aparentemente, estava um dos pontos que o intelecto masculino deixa de compreender. O senhor Beebe exclamou:

"É o que ela diz e, como outra dama concorda com ela, devo admitir que estou parcialmente convencido. Talvez ela mereça uma mudança. Não tenho irmãs e... Não entendo dessas coisas. Mas por que precisa ir a um lugar tão longínquo quanto a Grécia?"

"O senhor tem razão de perguntar isso", respondeu a senhorita Bartlett, que estava evidentemente interessada, e quase deixou de lado seus modos esquivos. "Por que a Grécia? (Que foi, Minnie querida... Geléia?) Por que não Tunbridge Wells? Ah, senhor Beebe! Tive uma conversa longa e insatisfatória com minha querida Lucy esta manhã. Não posso ajudá-la. Não posso revelar nada mais. Talvez já tenha revelado em demasia. Não devo falar, um ponto sobre o qual ela se torna quase desagradável. Não devo falar. Queria que ela passasse seis meses comigo em Tunbridge Wells, mas Lucy recusou."

O senhor Beebe espetou um miolo de pão com a faca.

"Mas meus sentimentos são de pouca importância. Sei muito bem que dou nos nervos de minha prima. Nossa viagem foi um fracasso. Ela quis partir

de Florença e, quando chegamos a Roma, não quis ficar em Roma, e, nesse tempo todo, senti que estava gastando o dinheiro da mãe dela..."

"Mas vamos manter-nos no futuro", interrompeu o senhor Beebe. "Quero o seu conselho."

"Muito bem", disse Charlotte, com uma brusquidão inesperada que, conquanto fosse familiar a Lucy, era novidade para ele. "Quanto a mim, eu a ajudarei a ir para a Grécia. E o senhor?"

O senhor Beebe refletiu.

"É absolutamente necessário", ela continuou, descendo o véu e sussurrando através dele com ardor, com uma intensidade que o surpreendeu. "Eu sei... Eu *sei*", a escuridão se aproximava, e ele sentiu que essa mulher estranha de fato sabia. "Ela não deve permanecer aqui um momento a mais sequer, e devemos manter a boca fechada até ela partir. Acho que os criados não sabem de nada. Depois... Mas já devo ter dito coisas demais. Só que eu e Lucy sozinhas somos inúteis contra a senhora Honeychurch. Se o senhor ajudar, podemos conseguir. Se não..."

"Se não..."

"Se não", ela repetiu, como se a expressão contivesse uma finalidade.

"Sim, eu a ajudarei", assentiu o clérigo, travando a mandíbula. "Vamos, temos de voltar agora, e endireitar a coisa toda."

A senhorita Bartlett rompeu numa efusão de agradecimentos. A placa da hospedaria — um favo[16] bem delineado, com abelhas — rangeu no vento externo enquanto ela lhe agradecia. O senhor Beebe não compreendia bem a situação; mas, então, não queria compreendê-la, nem saltar para a conclusão de que havia "outro homem", conclusão que teria atraído uma mente menos refinada. Apenas sentiu que a senhorita Bartlett sabia de uma vaga influência da qual a moça desejava libertar-se, influência que poderia ter revestimento carnal. A própria inexatidão animava-o a um ato de cavaleiro errante. Sua crença no celibato, tão reticente, tão cuidadosamente oculta sob a capa da tolerância e da cultura, agora vinha à superfície e expandia-se como uma flor delicada. "Fazem bem os que se casam, mas fazem melhor os que se abstêm." Assim seguia a sua crença, e ele nunca ouvia falar da revogação de um noivado sem experimentar um leve sentimento prazeroso. No caso de Lucy, a sensação intensificou-se por causa de sua falta de empatia por Cecil; e ele estava disposto a ir além — a mantê-la afastada do perigo até que pudesse confirmar sua resolução pela virgindade. O sentimento era muito sutil e bem pouco

dogmático, e o sacerdote nunca o revelou a nenhum dos outros personagens deste enredo. Contudo, existia, e apenas a ele se podia atribuir sua ação subseqüente, e sua influência na ação dos outros. O trato que selou com a senhorita Bartlett na taberna não era apenas para ajudar Lucy, mas a religião também.

Correram para casa através de um mundo chapiscado de negro e cinza. Conversaram sobre tópicos inócuos: a necessidade dos Emersons de uma governanta; criados; criados italianos; romances sobre a Itália; romances engajados; a literatura podia influenciar a vida? Windy Corner cintilava. No jardim, a senhora Honeychurch, agora auxiliada por Freddy, ainda forcejava pela vida das flores.

"Está escuro demais", ela disse, desalentada. "É isso que ocorre quando adiamos nossos deveres. Sabíamos que o tempo mudaria logo; e agora Lucy quer ir para a Grécia. Não sei em que mundo vivemos."

"Senhora Honeychurch", ele asseverou, "ela precisa ir à Grécia. Vamos para a casa conversar sobre o assunto. A senhora, para começarmos, está chateada por ela ter desmanchado com Vyse?"

"Senhor Beebe, fiquei muito feliz... simplesmente feliz."

"Eu também", concordou Freddy.

"Ótimo. Agora venha para casa."

Confabularam na sala de jantar durante meia hora.

Lucy nunca teria conseguido levar a cabo sozinha o plano de ir a Grécia. Era caro e era dramático — duas das qualidades que sua mãe abominava. Nem mesmo Charlotte teria logrado sucesso. As honras do dia cabiam ao senhor Beebe. Por meio de seu tato e de senso comum, e por causa de sua influência como clérigo — pois um clérigo que não fosse imbecil influenciava sobremaneira a senhora Honeychurch —, ele conseguiu aliciá-la a seus propósitos.

"Não vejo por que a Grécia seja necessária", ela concluiu; "mas, se estão certos disso, suponho que não haja problema. Deve ser algo que não consigo compreender. Lucy! Vamos contar para ela. Lucy!"

"Ela está tocando piano", disse o senhor Beebe. Ele abriu a porta, e ouviu a letra da música.

Afasta o olhar do encanto da beleza...

"Não sabia que a senhorita Honeychurch também cantava."

Não te movas às guerras da realeza;
Não proves o vinho da taça brilhante...

"É uma canção que Cecil lhe deu. Como as moças são estranhas!"[17]

"Que foi?", exclamou Lucy, parando de chofre.

"Está tudo bem, querida", respondeu a senhora Honeychurch, com brandura. Ela dirigiu-se para a sala de estar, e o senhor Beebe ouvia-a beijar a filha e dizer: "Sinto ter ficado zangada sobre a Grécia, mas a coisa surgiu no meio das dálias".

Uma voz um tanto dura soou: "Obrigada, mamãe; isso não tem nenhuma importância".

"E você também está certa... A Grécia é uma ótima idéia; você pode ir se as senhoritas Alans concordarem."

"Ah, esplêndido! Ah, obrigada!"

O senhor Beebe juntou-se a elas. Lucy estava sentada ao piano, imóvel, com a mão sobre as teclas. Estava contente, mas ele esperava um contentamento bem maior. A mãe inclinou-se sobre ela. Freddy, para quem ela estivera cantando, acomodou-se no chão com a cabeça apoiada na irmã, e um cachimbo apagado nos lábios. Por estranho que parecesse, o grupo era belo. O senhor Beebe, que apreciava a arte antiga, lembrou-se de um tema favorito, a *Santa Conversazione*, na qual pessoas que se gostam são retratadas tagarelando juntas sobre assuntos nobres — um tema nem sensual nem sensacional, e, portanto, ignorado pela arte hodierna. Por que Lucy quereria casar-se ou viajar quando tinha tais amigos em casa? A moça continuou:

Não proves o vinho da taça brilhante;
Não fale c'os outros um só instante...

"Aqui está o senhor Beebe."

"O senhor Beebe sabe como toco mal."

"É uma bela canção e bastante sábia também", disse ele. "Continue."

"Não é muito boa", ela retrucou, indiferente. "Não me lembra a razão... Harmonia ou algo assim."

"Suspeito que seja uma acusação sem fundamento. É tão bonita."

"A melodia até que é boa", afirmou Freddy, "mas a letra é péssima. Melhor entregar os pontos."

"Você só diz idiotices!", protestou a irmã. A *Santa Conversazione* estava arruinada. Afinal, não havia por que Lucy falar da Grécia ou lhe agradecer por ter convencido a mãe, de modo que ele se despediu.

Freddy acendeu o farol da bicicleta para ele na varanda, e, com seu talento para o uso de expressões, disse:

"Este foi um dia e tanto".

Detém teu ouvido contra o cantor...

"Espere um momento; ela está terminando."

Afasta o dedo do ouro abrasador;
Vazios o coração, a mão e o olhar,
Vida serena e tranqüilo finar.

"Adoro um tempo como o de hoje", disse Freddy.

O senhor Beebe lançou-se a ele.

Dois fatos principais estavam claros. Ela se comportara de modo esplêndido e ele a ajudara. Não esperava assenhorear-se dos detalhes de uma mudança tão grande na vida de uma moça. Se aqui e ali se sentia insatisfeito ou intrigado, tinha de se conformar; ela se decidira pelo melhor.

Vazios o coração, a mão e o olhar...

Talvez a canção apresentasse a "parte melhor" de modo muito forte. Ele em certa medida imaginava que o acompanhamento altissonante — que não lhe passou despercebido no rugir do vendaval — realmente combinava com Freddy, e gentilmente criticou as letras que o adornavam:

Vazios o coração, a mão e o olhar,
Vida serena e tranqüilo finar.

Seja como for. Pela quarta vez Windy Corner quedava em suspensão abaixo dele — agora como um farol nas marés retumbantes das trevas.

19

Mentindo para o senhor Emerson

As senhoritas Alans foram encontradas em seu amado hotel perto de Bloomsbury — um estabelecimento limpo e abafado, onde não se vendiam bebidas alcoólicas e que era muito elogiado pelos ingleses provincianos. Elas costumavam empoleirar-se por lá antes de aventurar-se pelos grandes mares e, durante uma semana ou duas, promoviam um alvoroço gentil com roupas, guias de viagem, lenços impermeáveis, pães digestivos e outras necessidades continentais. A idéia de haver lojas no exterior, até mesmo em Atenas, nunca lhes ocorria, pois consideravam a viagem como uma espécie de operação bélica, a ser empreendida apenas por aqueles que estivessem inteiramente equipados pelas Haymarket Stores. Decerto que a senhorita Honeychurch cuidaria de munir-se a contento. O quinino agora podia ser obtido em tabletes; sabão em papel era de grande valia para refrescar o rosto no trem. Um pouco deprimida, Lucy prometeu envidar esforços.

"Mas, é claro, a senhorita sabe tudo acerca dessas coisas, e tem o senhor Vyse para socorrê-la. Um cavalheiro constitui uma grande ajuda."

A senhora Honeychurch, que viera à cidade com a filha, começou a tamborilar os dedos nervosamente em sua carteira de cartão de visitas.

"Achamos que foi tanta gentileza do senhor Vyse deixá-la ir", prosseguiu a senhorita Catharine. "Não é todo jovem que seria tão desprendido. Mas talvez ele resolva juntar-se a nós, depois."

"Ou talvez o trabalho o mantenha preso a Londres?", sugeriu Teresa, a mais perspicaz e menos gentil das duas irmãs.

"Contudo, nós o veremos quando ele vier ao embarque. Tenho tanta vontade de conhecê-lo."

"Ninguém virá despedir-se", interveio a senhora Honeychurch. "Minha filha não gosta."

"Não, odeio despedidas", colaborou Lucy.

"Mesmo? Que engraçado! Eu teria imaginado que nesse caso..."

"Ah, senhora Honeychurch, já está indo? Foi um imenso prazer tê-la conhecido!

Elas escaparam, e Lucy disse, com alívio: "Está tudo certo. Livramo-nos delas por pouco desta vez".

Mas a mãe estava irritada: "Vão dizer, minha querida, que não sou compreensiva. Mas não vejo razão para não contarmos a seus amigos sobre Cecil e o fim do noivado. Agora, a todo momento somos obrigadas a nos esquivar, a quase dizer mentiras e ser alvo de olhares desconfiados também, o que é muito desagradável".

Lucy tinha muito a dizer a respeito. Ela descreveu o caráter das senhoritas Alans: eram tão fofoqueiras e, se alguém lhes contasse, a notícia se espalharia rapidamente.

"Mas por que a notícia não deveria espalhar-se rapidamente?"

"Porque combinei com Cecil que o anúncio só seria feito depois da minha partida. Aí eu contarei a elas. É muito melhor. Como está chovendo! Vamos parar aqui."

"Aqui" era o Museu Britânico. A senhora Honeychurch não quis. Se precisassem de abrigo, que fosse numa loja. Lucy sentiu enfado, pois estava disposta a apreciar as esculturas gregas, tendo já tomado emprestado um dicionário de mitologia do senhor Beebe, para se acostumar com os nomes dos deuses e das deusas.

"Ah, bem, que seja uma loja, então. Vamos à Mudie's. Comprarei um guia de viagem."

"Sabe, Lucy, você, Charlotte e o senhor Beebe, todos me dizem que sou uma boba, portanto suponho que seja, mas nunca entenderei essa brincadeira de esconde-esconde. Você se livrou de Cecil... Muito bem, fico feliz que ele se foi, embora tenha me zangado no início. Mas por que não anunciar o rompimento? Por que esses passos furtivos e a interdição de falar?"

"É apenas por uns dias."

"Mas por quê, afinal?"

Lucy ficou em silêncio. Distanciou-se da mãe. Era muito fácil dizer "porque George Emerson esteve me importunando, e, se ele souber que desisti de Cecil, poderá tentar de novo"... Bem fácil, e ainda tinha a vantagem incidental de ser verdade. Mas não podia dizer aquilo. Detestava confissões, pois elas podiam conduzir ao autoconhecimento e ao terror supremo — a Luz. Desde aquela última noite em Florença, Lucy considerava insensato revelar a alma.

A senhora Honeychurch também ficou em silêncio. Estava pensando: "Minha filha não me responde; prefere aquelas velhas solteironas enxeridas a mim e a Freddy. Qualquer desculpa aparentemente serve para ela sair de casa". E, como no caso dela os pensamentos nunca permaneciam não verbalizados por muito tempo, ela irrompeu com:

"Você está cansada de Windy Corner".

Era a verdade, pura e simples. Lucy imaginara voltar a Windy Corner quando escapou de Cecil, mas descobriu que seu lar não existia mais. Podia existir para Freddy, que ainda vivia e sentia direito, mas não para uma pessoa que havia deliberadamente corrompido o cérebro. Lucy não sabia que seu cérebro havia sido corrompido, pois o cérebro em si precisa participar desse reconhecimento, e ela estava descobrindo os próprios instrumentos da vida. A moça apenas sentia: "Eu não amo George; desmanchei meu namoro porque não amo George; preciso ir à Grécia porque não amo George; é mais importante consultar verbetes sobre deuses no dicionário do que ajudar minha mãe; todos os outros estão se comportando muito mal". Apenas sentia-se irritada e petulante, ansiosa para fazer o que não deveria fazer, e foi nesse espírito que prosseguiu com a conversa.

"Ah, mãe, que bobagem é essa? Claro que não estou cansada de Windy Corner!"

"Então por que não disse isso de imediato, em vez de esperar meia hora?"

Ela riu, sem graça: "*Meio* minuto chegaria mais perto".

"Talvez queira ficar longe de casa para sempre."

"Mais baixo, mãe! As pessoas podem ouvi-la", pois haviam entrado na Mudie's. Ela comprou um Baedeker, e então continuou: "É evidente que quero morar em casa; mas, já que estamos falando disso, devo também dizer que, no futuro, desejo me ausentar com freqüência maior do que antes. Sabe que receberei minha parte na herança no próximo ano".

Lágrimas começaram a rolar no rosto da mãe.

Impulsionada por um espanto inominado, por algo que as pessoas mais velhas classificam de "excentricidade", Lucy fez questão de elucidar esse ponto:

"Vi tão pouco deste mundo... Senti-me tão deslocada na Itália. Vi tão pouco da vida; é preciso vir mais a Londres... Não numa viagem rápida como hoje, mas para ficar. Posso até mesmo dividir um apartamento durante algum tempo com outra moça."

"E se meter com máquinas de escrever e com as chaves da entrada", explodiu a senhora Honeychurch. "E participar de agitações e gritarias, e ser levada a pontapés pela polícia. E chamar isso de Missão... Quando ninguém quer saber de você. E chamar isso de Dever... Quando quer dizer que não suporta seu próprio lar! E chamar isso de Trabalho... Quando milhares de homens estão morrendo de fome por causa da competição que já existe! E então se preparar, encontrar duas velhotas senis e ir ao exterior com elas."

"Quero mais independência", propôs Lucy, de modo pouco convincente; ela sabia que queria algo, e independência é uma demanda útil; sempre podemos dizer que não dispomos dela. Ela tentou lembrar-se de suas emoções em Florença: aquelas foram sinceras e apaixonadas, e sugeriram beleza, em vez de saias mais curtas e chaves de entrada. Mas a independência não era mais do que uma palavra de ordem.

"Muito bem. Pegue sua independência e vá. Corra de um lado para outro pelo mundo, e volte magra como um varapau por causa da comida ruim. Despreze a casa que seu pai construiu e o jardim que ele plantou, e sua adorada vista... e vá morar num apartamento com outra moça."

Lucy torceu a boca e disse: "Talvez tenha falado de modo precipitado".

"Ah, céus!", a mãe irrompeu. "Como você lembra Charlotte Bartlett!"

"Charlotte?", Lucy irrompeu por sua vez, enfim traspassada por uma dor vívida.

"Cada vez mais."

"Não sei o que quer dizer, mãe; Charlotte e eu não somos nem um pouco parecidas."

"Bem, eu vejo a semelhança. A mesma preocupação eterna, o mesmo retirar de palavras. Você e Charlotte tentando dividir duas maçãs entre três pessoas, na noite passada, pareciam irmãs."

"Que tolice! E Charlotte lhe desagrada tanto assim, foi uma pena tê-la convidado para ficar. Eu a adverti sobre ela; eu implorei, implorei para que não

a convidasse, mas é claro que não me deu ouvidos."

"Aí está."

"Perdão?"

"Charlotte de novo, minha querida; é tudo; as palavras dela."

Lucy rilhou os dentes.

"Meu ponto é que não deveria ter convidado Charlotte para ficar. Gostaria que se ativesse ao ponto", e a conversa desfez-se em discussão.

Ela e a mãe fizeram compras em silêncio, falaram pouco no trem, pouco de novo na carruagem, que foi encontrá-las na estação de Dorking. Chovera o dia todo e, ao subir pelas trilhas íngremes de Surrey, um aguaceiro caía das faias sobranceiras, saraivando sobre o capô. Lucy reclamou que estava abafado. Debruçando-se para a frente, divisou o lusco-fusco nublado e observou o farol da carruagem passar como uma lanterna pela lama e pelas folhas, nada revelando de belo.

"O alarido que será feito quando Charlotte entrar será abominável", ela ponderou. Pois elas ficaram de apanhar a senhorita Bartlett na rua Summer, onde ela fora deixada, para fazer uma visita à velha mãe do senhor Beebe. "Teremos de sentar as três lado a lado, pois está caindo água das árvores, mas não está chovendo. Ah, por um pouco de ar!", então ouviu os cascos do cavalo: "Ele contou... não contou". A melodia foi amortecida pela estrada macia. "Não *podemos* abaixar a capota?", ela perguntou, e sua mãe, num acesso de carinho, disse:

"Muito bem, minha velhinha, pare o cavalo."

Parou-se o cavalo e Lucy e Powell, mourejando com o capô, respingaram água no pescoço da senhora Honeychurch. Mas agora que a capota estava abaixada Lucy viu algo que poderia ter lhe escapado — não havia luz nas janelas da *villa* Cissie e, no portão do jardim, ela achou ter avistado um cadeado.

"A casa está para alugar de novo, Powell?", ela gritou.

"Sim, senhorita."

"Eles foram embora?"

"Fica muito distante da cidade para os dois cavalheiros e o reumatismo do pai piorou, de modo que não pode ficar em casa sozinho; assim, estão tentando alugar com a mobília", foi a resposta.

"Eles se foram, então?"

"Sim, senhorita, foram."

Lucy afundou no assento. A carruagem parou na paróquia. Ela desceu para chamar a senhorita Bartlett. Então os Emersons se foram, de modo que toda essa amolação sobre a Grécia fora desnecessária. Desperdício! Essa palavra parecia resumir toda a vida. Planos desperdiçados, dinheiro desperdiçado, amor desperdiçado, e ela magoara a mãe. Era possível que tenha deitado tudo a perder? Bem possível. Outras pessoas tinham. Quando a criada abriu a porta, não foi capaz de falar, e fitou estupidamente o saguão.

A senhorita Bartlett de imediato aproximou-se e, após um longo preâmbulo, requestou-lhe um grande favor: poderia ir à igreja? O senhor Beebe e a mãe já tinham partido, mas ela se recusou a ir até obter a completa sanção de sua anfitriã, pois isso significaria deixar o cavalo esperando pelo menos mais dez minutos.

"Certamente", disse a anfitriã, em tom fatigado. "Esqueci que hoje é sexta-feira. Vamos todas. Powell poderá ir ao estábulo."

"Lucy querida..."

"Nada de igreja para mim, obrigada."

Um suspiro, e elas partiram. A igreja estava invisível, mas, acima à esquerda, uma nuance de cor cintilava na escuridão. Era um vitral, através do qual uma luz débil brilhava e, quando a porta se abriu, Lucy ouviu a voz do senhor Beebe percorrer a litania para uma ínfima congregação. Mesmo sua igreja, erigida com tanto esmero na encosta de um morro, com seu belo transepto alto e torre de pedregulhos prateados — mesmo sua igreja perdera seu encanto; e a coisa de que ninguém falava — a religião — desaparecia como todo o resto.

Lucy acompanhou a criada até a casa paroquial.

Ela objetaria se esperasse no escritório do senhor Beebe? Só havia aquela lareira acesa.

Ela não objetava.

Já havia outra pessoa ali, pois Lucy ouviu as palavras:

"Uma dama vai aguardar aqui, senhor".

O velho senhor Emerson estava sentado junto à lareira, com o pé sobre um tamborete.

"Ah, senhorita Honeychurch, a senhorita aqui!", ele disse com voz trêmula; e Lucy percebeu uma alteração nele desde o último domingo.

Nenhuma palavra veio a seus lábios. Havia enfrentado George, e o teria enfrentado de novo, mas esquecera como tratar o pai.

"Senhorita Honeychurch, sentimos muito! George sente muito! Ele imaginou que tivesse o direito de tentar. Não posso culpar meu rapaz, mas gostaria que ele tivesse confabulado comigo antes. Não deveria ter tentado. Eu não sabia de nada."

Se ela ao menos se lembrasse de como portar-se!

Ele ergueu a mão: "Mas a senhorita não deve zangar-se com ele".

Lucy deu as costas e começou a passar os olhos pelos livros do senhor Beebe.

"Eu o ensinei", ele continuou com a voz vacilante, "a confiar no amor. Eu disse: 'Quando o amor vier, eis a realidade'. Disse: 'A paixão não cega. Não. A paixão é a sanidade, e a mulher que você amar será a única pessoa que você realmente compreenderá'", ele suspirou. "Verdade, amor eterno, embora meus dias estejam no fim e embora o resultado tenha sido aquele. Pobre rapaz! Está tão arrependido! Disse saber que era loucura quando viu a senhorita acompanhada da prima; disse que a senhorita não revelou tudo o que sentiu. No entanto", sua voz ganhou força; ele alteou-a para ter certeza, "senhorita Honeychurch, lembra-se da Itália?"

Lucy apanhou um livro, um volume de comentários sobre o Velho Testamento. Levando-o aos olhos, ela respondeu:

"Não gostaria de discutir a Itália nem nenhum assunto relacionado a seu filho."

"Mas a senhorita lembra?"

"Ele comportou-se mal desde o início."

"Só fui informado que ele a amava no domingo passado. Nunca fui capaz de julgar comportamentos. Su-su-suponho que tenha razão."

Sentindo voltar o equilíbrio, ela recolocou o livro na estante e virou-se para ele. O rosto do velho estava abatido e inchado, mas seus olhos, embora estivessem fundos, brilhavam com a coragem de uma criança.

"Ora, ele agiu de modo abominável", ela declarou. "Fico contente que esteja arrependido. O senhor sabe o que ele fez?"

"Não de modo 'abominável'", foi a gentil correção. "Apenas tentou quando não deveria ter tentado. A senhorita tem tudo o que quer, senhorita Honeychurch: irá casar-se com o homem que ama. Não saia da vida de George dizendo que ele é abominável."

"Não, é claro", anuiu Lucy, envergonhada da referência a Cecil. "'Abominável' é forte demais. Sinto ter usado a palavra em relação a seu filho. Acho que vou à igreja, afinal. Minha mãe e minha prima já foram. Não posso me atrasar tanto..."

"Especialmente quando ele sofreu um colapso", ele disse entre os dentes.

"Como assim?"

"Sofreu um colapso, naturalmente." Ele juntou as palmas em silêncio; a cabeça pendeu sobre o peito.

"Não entendo."

"Como a mãe dele."

"Mas, senhor Emerson... *Senhor Emerson*... do que está falando?"

"Quando recusei a batizar George", disse ele.

Lucy ficou assustada.

"E ela concordou que o batismo não era nada, mas ele pegou aquela febre quanto tinha doze anos, e ela mudou de idéia. Achou que foi uma punição", ele estremeceu. "Oh, horrível, depois de termos abandonado esse tipo de coisa e rompido com os pais dela. Oh, horrível, pior de tudo, pior do que a morte, quando você faz uma pequena clareira no bosque, planta seu pequeno jardim, deixa que o sol o banhe e, então, as ervas daninhas voltam a infestar! Um julgamento! E nosso menino estava com febre tifóide porque nenhum padre jogara água sobre ele na igreja! É possível, senhorita Honeychurch? Estamos fadados a voltar às trevas para sempre?"

"Não sei", arquejou Lucy. "Não entendo esse tipo de coisa. Não fui educada para entender."

"Mas o senhor Eager... Ele veio quando eu estava fora, e agiu de acordo com seus princípios. Não o culpo, nem a ninguém... Mas, assim que George melhorou, foi ela quem ficou doente. Ele o fez pensar sobre o pecado, e ela sofreu um colapso pensando nisso."

Foi assim que o senhor Emerson assassinara a mulher aos olhos de Deus.

"Ah, que terrível!", exclamou Lucy, finalmente esquecendo seus próprios dilemas.

"Ele não foi batizado", disse o velho. "Eu mantive-me firme", e ele voltou os olhos impassíveis para as colunas de livros, como se (sob que custo!) houvesse logrado uma vitória sobre eles. "Meu menino voltará intocado à terra."

Ela perguntou se o jovem senhor Emerson estava doente.

"Ah... no domingo passado", ele tornou ao presente. "George, no último domingo... Não, doente não; só um colapso. Ele nunca mais adoeceu. Mas é como a mãe. Tem os olhos dela, e ela tinha essa testa que acho tão bonita, e ele não achará que vale a pena viver. Sempre foi por um fio. Ele viverá; mas achará que não vale a pena viver. Para ele, nada valerá a pena. Lembra-se daquela igreja em Florença?"

Lucy lembrava-se, e também que sugerira que George colecionasse selos.

"Depois que a senhorita partiu de Florença... horrível. Então nos mudamos para cá, e ele vai tomar banho com seu irmão, e se recupera. A senhorita o viu tomando banho?"

"Sinto muito, mas de nada adianta discutir esse assunto. Sinto mesmo, muitíssimo, por tudo."

"Então ocorreu essa coisa do romance. Não entendi direito; não ouvi tudo, pois ele não queria me contar; julga-me velho demais. Ah, bem, todos temos nossas falhas. George virá amanhã, e me levará para onde mora, em Londres. Ele não suporta permanecer por aqui, e eu tenho de ficar onde ele está."

"Senhor Emerson", gritou a moça, "não vá... Pelo menos, não por minha causa. Eu vou para a Grécia. Não saia da sua casa confortável."

Foi a primeira vez que sua voz soou gentil, e ele sorriu.

"Como todos estão sendo tão amáveis! E veja o senhor Beebe me hospedando... Veio esta manhã e ouviu dizer que eu ia embora! Fico tão confortável perto da lareira."

"Sim, mas o senhor não deve voltar a Londres. É absurdo."

"Devo ir com George; preciso fazê-lo interessar-se pela vida, e aqui é impossível para ele. Ele diz que só de pensar em vê-la e de ouvir falar da senhorita... Não o estou justificando; só estou dizendo o que acontece."

"Ah, senhor Emerson", ela tomou-lhe a mão, "o senhor não deve. Já causei estrago demais ao mundo. Não deixarei que se mude de sua casa,

quando gosta dela, e talvez até perca dinheiro com a transação... Tudo por minha causa. O senhor deve ficar! Eu vou para Grécia."

"*Até* a Grécia?"

Os modos dela se alteraram.

"Para a Grécia?"

"De modo que deve ficar. O senhor não mencionará esse assunto, eu sei. Posso confiar nos senhores."

"Decerto que pode. Tanto podemos acolhê-la em nossa vida como deixá-la partir para a vida que escolheu."

"Não gostaria..."

"Suponho que o senhor Vyse esteja muito zangado com George? Não, George errou por ter tentado. Pressionamos demais suas crenças. Creio que merecemos compaixão."

Ela voltou a olhar os livros — pretos, marrons, e aquele azul acre, teológico. Emparedavam o visitante de todos os lados; estavam empilhados em mesas, comprimidos contra o próprio teto. Para Lucy — que não podia perceber que o senhor Emerson era profundamente religioso, e que apenas diferia do senhor Beebe sobretudo por seu reconhecimento da paixão —, era terrível que um velho devesse rastejar para aquele sacrário, quando estava tão infeliz, e depender da generosidade de um clérigo.

Mais certo do que nunca de que ela estava cansada, ele ofereceu-lhe sua cadeira.

"Não, por favor, fique sentado. Me acomodarei na carruagem."

"Senhorita Honeychurch, parece tão cansada."

"Nem um pouco", retrucou Lucy, com lábios trêmulos.

"Mas está, e tem algo de George em sua aparência. E que estava dizendo sobre viajar ao exterior?"

Ela permaneceu em silêncio.

"A Grécia...", e ela viu que ele ponderava a palavra, "... Grécia; mas a senhorita iria se casar no ano que vem, eu pensei."

"Não antes de janeiro", disse Lucy, apertando as mãos. Seria obrigada a contar uma mentira, quando fosse necessário?

"Suponho que o senhor Vyse vá junto. Espero...não é pelo que George falou que ambos estavam indo?"

"Não."

"Espero que se divirta na Grécia com o senhor Vyse."

Neste momento o senhor Beebe voltou da igreja. Sua batina estava respingando a água da chuva.

"Está tudo bem", ele disse, gentilmente. "Cuidei que ambos fariam companhia um ao outro. Está chovendo de novo. Toda a congregação, que consiste em sua prima, sua mãe e minha mãe, está na igreja esperando que a carruagem a apanhe. Powell deu a volta?"

"Acho que sim; vou verificar."

"Não... é claro, eu vou. Como estão as senhoritas Alans?"

"Muito bem, obrigada."

"Contou ao senhor Emerson sobre a Grécia?"

"Si-sim."

"Não acha que é bastante corajoso da parte dela, senhor Emerson, ficar incumbida das duas senhoritas Alans? Ora, senhorita Honeychurch, volte para dentro... Não venha para o frio. Acho que três é um número tão brioso para se viajar", e ele correu para o estábulo.

"Ele não vai", ela confessou, com voz rouca. "Cometi um deslize. O senhor Vyse vai ficar aqui, na Inglaterra", de certo modo era impossível enganar aquele velho. Para George, para Cecil, ela teria mentido de novo. Mas ele parecia tão perto do final das coisas; tão digno em sua aproximação do golfo, sobre o qual ele oferecia um ponto de vista, e os livros que o cercavam, outro; tão suave diante dos caminhos ásperos que atravessou, que o verdadeiro cavalheirismo — não o degradado cavalheirismo do sexo, mas o verdadeiro cavalheirismo com que os jovens podem tratar todos os velhos — brotou dentro dela e, qualquer que fosse o risco, ela lhe contou que Cecil não a acompanharia à Grécia. E ela falou com tamanha seriedade que o risco se tornou uma certeza e ele, erguendo os olhos, perguntou:

"A senhorita vai deixá-lo? Vai deixar para trás o homem que ama?"

"Fo-foi preciso."

"Por quê, senhorita Honeychurch, por quê?"

O horror tomou conta de Lucy e ela mentiu de novo. Entabulou o convincente discurso que fez ao senhor Beebe, e pretendia fazer ao mundo quando anunciasse que seu noivado havia terminado. Ele a ouviu em silêncio, e então disse:

"Minha querida, a senhorita me preocupa. Parece-me", sonhadoramente, ela não se alarmou, "que a senhorita está num atoleiro."

Ela balançou a cabeça.

"Aceite a palavra de um velho: não há nada pior que um atoleiro em todo o mundo. É fácil arrostar a morte e o destino, todas as coisas que soam tão medonhas. São os meus períodos de atoleiro que relembro com horror... as coisas que poderia ter evitado. Podemos ajudar muito pouco uns aos outros. Costumava pensar que podia ensinar os jovens a vida toda, mas aprendi minha lição, e tudo que ensinei a George recai nisso: cuidado com o atoleiro. Recorda-se daquela igreja, quando fingiu que estava irritada comigo, quando não estava? Recorda-se de antes, quando recusou o quarto com vista? Foram situações de atoleiro, de confusão mental (pequenas, mas nefastas), e receio que a senhorita esteja metida numa agora." Lucy nada falou. "Por favor, confie em mim, senhorita Honeychurch. Embora a vida seja gloriosa, ela também é difícil." A moça permaneceu em silêncio. "'A vida'", escreveu um amigo meu, "'é uma execução pública de violino, na qual você precisa aprender a tocar o instrumento enquanto segue adiante.' Acho que ele definiu bem. O homem deve aprender o uso de suas funções ao seguir adiante... especialmente as funções do amor", então ele irrompeu, com entusiasmo: "É isso; é o que quero dizer. A senhorita ama George!". E, após seu longo preâmbulo, as três palavras chocaram-se contra Lucy como ondas no mar aberto.

"Mas ama sim", ele continuou, sem aguardar a refutação. "A senhorita o ama de corpo e alma, claramente, diretamente, como ele a ama, e nenhuma outra palavra expressa melhor isso. A senhorita não se casará com o outro homem por causa dele."

"Como ousa!", arquejou Lucy, com o rugir das águas ecoando no ouvido. "Ah, que típico de um homem!... Quero dizer, supor que uma mulher está sempre pensando num homem."

"Mas a senhorita está."

Ela conteve a náusea física.

"A senhorita está chocada, mas eu quis chocá-la. É a única esperança às vezes. Não posso alcançá-la de nenhum outro modo. A senhorita deve casar-se, ou sua vida será desperdiçada. A senhorita foi longe demais para voltar atrás. Não tenho tempo para gentilezas, e o companheirismo, a poesia, para as coisas que realmente importam, e *pelas quais* a senhorita se casa. Eu sei que, com George, irá encontrá-las, e que ele também a ama. Então se case com ele. Ele já é parte da senhorita. Mesmo que fuja para a Grécia, nunca mais o veja e esqueça até mesmo o nome de meu filho, George sempre estará em seus pensamentos, até a morte. É impossível amar e separar-se. A senhorita queria

que fosse assim. Pode transfigurar o amor, ignorá-lo, enlameá-lo, mas nunca pode extraí-lo de você. Eu sei, por experiência própria, que os poetas estão certos: o amor é eterno."

Lucy começou a chorar de raiva e, embora a zanga logo houvesse passado, as lágrimas continuaram.

"Só queria que os poetas também dissessem isso: que o amor é do corpo; não de corpo, mas do corpo. Ah! A agonia que pouparíamos se confessássemos isso! Ah, basta sermos diretos para libertar a alma. Sua alma, querida Lucy! Odeio a palavra agora, por causa de toda a hipocrisia com que a superstição a embalou. Mas nós temos almas. Não posso dizer como elas vieram, ou para onde vão, mas não as possuímos, e posso ver que está arruinando a sua. Não posso permitir. São as trevas de novo se aproximando, sorrateiras; é o inferno." Então, ele se recompôs. "Que bobagem estive falando... Como é abstrato e remoto! E eu a fiz chorar! Minha cara moça, perdoe meu prosaísmo; case-se com meu filho. Quando penso no que a vida é, e com que raridade o amor é correspondido pelo amor... Case-se com ele; é um desses momentos para o qual o mundo foi feito."

Ela não podia compreendê-lo; as palavras com efeito eram remotas. Contudo, enquanto ele falava, a escuridão se dissipou, véu após véu, e ela enxergou o fundo de sua alma.

"Então, Lucy..."

"O senhor me assustou", ela gemeu. "Cecil... O senhor Beebe... A passagem comprada... Tudo", ela caiu soluçando na cadeira. "Estou numa armadilha. Devo sofrer e envelhecer longe dele. Não posso romper com toda a vida por causa dele. Eles confiaram em mim."

Uma carruagem estacionou na porta da frente.

"Transmita meu amor a George... apenas uma vez. Diga a ele: 'Atoleiro'", então ela rearranjou o véu, enquanto as lágrimas rolavam por seu rosto.

"Lucy..."

"Não... eles estão no saguão... oh, por favor, não, senhor Emerson... eles confiam em mim..."

"Mas por que deveriam, se a senhorita os enganou?"

O senhor Beebe abriu a porta dizendo: "Aqui está minha mãe".

"A senhorita não fez jus à confiança deles."

"Que foi?", perguntou o senhor Beebe, bruscamente.

"Eu dizia, por que deveriam confiar nela quando ela os enganou?"

"Um minuto, mamãe." Ele entrou e fechou a porta.

"Não entendo, senhor Emerson. A quem se refere. Confiar em quem?"

"Quero dizer, ela fingiu que não amava George. Mas eles se amaram o tempo todo."

O senhor Beebe olhou para a moça soluçante. Não disse palavra. Seu rosto branco, com as suíças avermelhadas, pareceu subitamente inumano. Ele permaneceu de pé, como uma longa coluna negra, esperando a resposta.

"Eu nunca me casarei com ele", anunciou Lucy, com voz trêmula.

Um olhar de desprezo tomou conta do sacerdote, e ele inquiriu:

"Por que não?".

"Senhor Beebe... Eu induzi o senhor em erro... Eu mesma me iludi..."

"Oh, tolice, senhorita Honeychurch."

"Não é tolice!", disse o velho, com veemência. "Faz parte da natureza humana que o senhor não compreende."

O senhor Beebe gentilmente pousou a mão sobre o ombro do velho.

"Lucy! Lucy!", chamaram as vozes da carruagem.

"Senhor Beebe, o senhor pode me ajudar."

Ele pareceu surpreso com o pedido, e disse num tom de voz baixo e severo:

"É impossível expressar meu desgosto. É lamentável, lamentável... inacreditável".

"Que há de errado com o rapaz?", disparou o outro de novo.

"Nada, senhor Emerson, exceto que ele não me interessa mais."

"Case-se com George, senhorita Honeychurch. Não poderia fazer melhor."

Ele se afastou e os deixou sozinhos. Eles ouviram-no acompanhando a mãe para o andar de cima.

"Lucy!", as vozes chamaram.

Ela virou-se para o senhor Emerson em desespero. Mas o rosto dele a reviveu. Era o rosto de um santo que compreendia.

"Agora está tudo escuro. Agora a Beleza e a Paixão parecem nunca ter existido. Eu sei. Mas lembre-se das montanhas sobre Florença e da vista. Ah, querida, se eu fosse George, e lhe desse apenas um beijo, o beijo lhe transmitiria coragem. A senhorita segue fria para uma batalha que precisa de calor, para o atoleiro que a senhorita mesma produziu; e sua mãe e todos os seus amigos a desprezarão, ah, minha querida, com toda a razão, eles têm todo

o direito de desprezá-la. George ainda está nas trevas, toda a contenda e a agonia sem ouvir uma palavra dele. Sinto-me justificado?" E em seus próprios olhos as lágrimas brotaram. "Sim, pois lutamos por algo mais que o Amor ou o Prazer: há a Verdade. A Verdade conta, a Verdade conta sim."

"Beije-me", disse a moça. "Beije-me. Eu tentarei."

Ele lhe ofereceu um sentimento de divindades reconciliadas, a sensação de que, ao obter o homem que ela amava, obteria algo para o mundo inteiro. Durante a esqualidez da viagem para casa — ela falou apenas uma vez — a saudação do velho permaneceu. Ele expurgara do corpo a sua mácula, da zombaria do mundo a sua ferroada; ele lhe mostrara o aspecto sagrado do desejo direto. Ela "nunca exatamente entendeu", conforme diria anos depois, "como ele conseguira dar-lhe forças. Foi como se a fizesse enxergar o total de todas as coisas de uma só vez".

20

O fim da Idade Média

As senhoritas Alans foram mesmo para a Grécia, mas foram sozinhas. Somente elas, do pequeno grupo, dobrarão o cabo Malea e singrarão as águas do golfo de Saros. Somente elas visitarão Atenas e Delfos, e os dois templos da canção intelectual — o que se encontra sobre a Acrópole, cercado pelo mar azul; e o que há sob o Parnaso, onde as águias construíram e o brônzeo auriga dirige impávido na direção do infinito. Trêmulas, ansiosas, sobrecarregadas de pão digestivo, elas de fato continuaram até Constantinopla, realmente deram a volta ao mundo. O resto de nós temos de nos contentar com um destino justo, mas bem menos árduo. *Italiam petimus*: voltamos à pensão Bertolini.

George disse que era seu antigo quarto.

"Não, não era", retrucou Lucy; "porque é o quarto que me coube, e eu fiquei com o quarto do seu pai. Não me lembro por quê; foi Charlotte que me obrigou, por alguma razão.

Ele ajoelhou-se no chão de lajota, e deitou o rosto em seu colo.

"George, está agindo como uma criança. Levante-se."

"Por que não deveria ser criança?", murmurou ele.

Incapaz de fornecer resposta a essa pergunta, ela abaixou a meia dele, que estava cerzindo, e fixou o olhar pela janela. Era tarde e, de novo, primavera.

"Ah, esqueçamos Charlotte", ela propôs, pensativa. "De que são feitas as pessoas como ela?"

"Do mesmo material que se fazem os párocos."

"Bobagem!"

"Está certo. É bobagem."

"Agora se levante do chão gelado, ou logo vai começar com ataques de reumatismo, e pare de rir e de bancar o bobo."

"Por que não deveria rir?", ele perguntou, prendendo-a com os cotovelos e aproximando o rosto do dela. "Para que haveria de chorar? Beije-me aqui." Indicou o local onde o beijo seria bem-vindo.

Ele era um menino, afinal. Quando chegava a hora, era ela quem se lembrava do passado, ela em cuja alma o ferro havia penetrado, ela quem recordava de quem fora aquele quarto no ano anterior. Ele a enternecia de modo estranho quando, às vezes, se enganava.

"Alguma carta?", ele indagou.

"Apenas uma pequena, de Freddy."

"Agora me beije aqui; depois aqui."

Então, ameaçado novamente com o reumatismo, ele andou até a janela, abriu-a (como qualquer inglês) e debruçou-se para fora. Lá estava o parapeito, lá o rio; lá, à esquerda, o sopé do morro. O cocheiro de praça, que de imediato o saudou com o sibilo de uma serpente, talvez fosse o mesmo Faetonte que pôs sua felicidade em movimento, doze meses atrás. Uma gratidão intensa — todos os sentimentos se tornam intensos no sul — tomou conta do marido, e ele louvou as pessoas e as coisas que se empenharam tanto por um jovem tolo. Ele havia dado uma ajuda, é verdade, mas com que falta de jeito! Toda a luta que importava havia sido empreendida por outros — pela Itália, por seu pai, por sua mulher.

"Lucy, venha aqui olhar os ciprestes; e a igreja, qualquer que seja o nome, também pode ser avistada."

"San Miniato. Só vou acabar com a meia."

"*Signorino, domani faremo un giro*", gritou o cocheiro, com uma certeza aliciante.

George disse que ele estava equivocado; não tinham dinheiro para jogar fora com passeios de carruagem.

E a gente que não teve a intenção de ajudar — as senhoritas Lavishes, os Cecils, as senhoritas Bartletts! Sempre pronto a encarecer em demasia o destino, George avaliou as forças que o empurraram à atual felicidade.

"Algo de bom na carta de Freddy?"

"Ainda não."

O contentamento dele era absoluto, mas o dela continha amargura: os Honeychurches ainda não a haviam perdoado; ficaram desgostosos com sua última hipocrisia; ela havia se desentendido com Windy Corner, talvez para sempre.

"O que ele conta?"

"Garoto tolo! Acha que está sendo digno. Sabia que viajaríamos na primavera (faz seis meses que ele sabe), que, se mamãe não nos desse seu

consentimento, nós mesmos haveríamos de cuidar de tudo. Tiveram um prazo justo, e agora ele diz que fugimos. Garoto ridículo...”

“*Signorino, domani faremo un giro...*”

“Mas tudo dará certo no fim. Ele tem de nos conceber desde o início de novo. Queria, porém, que Cecil não tivesse se tornado tão cínico com relação às mulheres. Pela segunda vez, ele sofreu uma alteração e tanto. Por que os homens têm teorias sobre as mulheres? Eu não as possuo, sobre nenhum homem. Queria, também, que o senhor Beebe...”

“É bom que queira isso.”

“Ele nunca nos perdoará... Quer dizer, nunca mais se interessará por nós. Gostaria que ele não tivesse tanta influência em Windy Corner. Gostaria que não tivesse... Mas, se formos sinceros, as pessoas que realmente nos querem bem com certeza nos acolherão, no longo prazo.”

“Pode ser.” Então, ele disse com maior entusiasmo: “Bem, nós fomos sinceros; foi a única coisa que fiz, e você voltou para mim. Então, talvez, você saiba”, ele virou-se para o quarto, “largue essa meia.” Conduziu-a à janela, de modo que ela, também, admirasse
a vista. Eles caíram de joelhos, invisíveis para a rua, esperavam, e começaram a sussurrar o nome um do outro. Ah! Valia a pena; era a grande alegria que esperavam, e infinitas pequenas alegrias com as quais nunca sonharam. Ficaram em silêncio.

“Signorino, domani faremo...”

“Ah, para o inferno com esse homem!”

Mas Lucy lembrou-se do vendedor de gravuras e disse: “Não seja rude com ele”. Então, respirando fundo, murmurou: “O senhor Eager e Charlotte, tão empedernida, tão terrível! Como ela sabia ser cruel com um homem!”.

“Olhe para as luzes atravessando a ponte.”

“Mas este quarto me faz recordar de Charlotte. Como é horrível envelhecer como ela! De pensar naquela noite, na casa paroquial, em que ela não poderia saber que seu pai estava na casa. Pois teria me impedido de entrar, e ele era a única pessoa no mundo que podia me fazer recobrar o juízo. Você não teria conseguido. Quando estou muito feliz”, ela o beijou, “lembro-me de como tudo esteve a ponto de perder-se. Se Charlotte tivesse sido informada, ela teria me impedido de entrar, e eu teria ido para a estúpida Grécia e me tornado diferente para sempre.”

"Mas ela soube", replicou George, "ela viu meu pai, com certeza. Ele me disse."

"Ah, não, ela não viu. Estava no andar de cima com a velha senhora Beebe, não se lembra, e depois foi direto para a igreja. Foi o que ela me contou."

George mais uma vez teimou: "Meu pai a viu, e eu prefiro acreditar nele. Ele estava adormecido junto à lareira do escritório, e abriu os olhos, e lá estava a senhorita Bartlett. Poucos minutos antes de você entrar. Estava se preparando para ir embora, quando ele acordou. Ele não falou com ela".

Então, conversaram sobre outras coisas — a conversa desconexa daqueles que estiveram lutando para alcançar o outro e cuja recompensa é descansar serenamente em seus braços. Demorou para que retomassem o assunto da senhorita Bartlett, mas, quando voltaram, o comportamento dela lhes pareceu mais peculiar. George, que não gostava de nenhuma incerteza, ponderou:

"É claro que ela sabia. Então, por que não se importou com o risco de vocês se encontrarem? Ela sabia que ele estava lá; mesmo assim, foi à igreja".

Eles procuraram encaixar as peças.

Enquanto conversavam, uma solução inacreditável surgiu na mente de Lucy. Ela a rejeitou e disse:

"É tão típico de Charlotte desfazer a própria operação por causa de um ligeiro transtorno no último instante." Mas algo na tarde agonizante, no bramido do rio, no próprio enlace mútuo, advertiu-a de que suas palavras não correspondiam à verdade, e George sussurrou:

"Ou ela quis que fosse assim?"

"Assim como?"

"Signorino, domani faremo um giro..."

Lucy dobrou-se para a frente e disse, gentilmente:

"Lascia prego, lascia. Siamo sposati."

"*Scusi tanto, signora*", ele respondeu, em tom igualmente gentil, e fustigou o cavalo.

"Buena sera... E grazie."

"Niente."

O cocheiro partiu, cantarolando.

"Assim como, George?"

Ele sussurrou: "É isso? Seria possível? Vou lhe dizer algo extraordinário. Que sua prima sempre teve esperança. Que, desde o primeiro momento que

nos encontramos, ela teve esperança, bem no fundo, que seria desse jeito... claro, que bem lá no fundo. Que ela nos combateu na superfície, mas sempre manteve a esperança acesa. Não consigo explicá-lo de nenhum outro modo. Você consegue? Veja como ela me manteve vivo em você durante todo o verão; como ela nunca lhe deu paz; como, mês a mês, foi se tornando mais excêntrica e não confiável. Nossa visão a assombrava; ou ela não nos teria retratado como fez para a amiga. Há detalhes... uma imensidão de detalhes. Eu li o livro depois. Ela não está petrificada, Lucy, não secou por completo. Ela conseguiu nos separar duas vezes, mas, na paróquia, foi-lhe dada mais uma chance de nos fazer feliz. Nunca seremos amigos ou poderemos agradecer-lhe. Mas acredito mesmo que, bem no fundo de seu coração, bem abaixo da fala e do comportamento, ela está satisfeita."

"É impossível", murmurou Lucy, e então, lembrando-se das experiências do próprio coração, disse: "Não... pode ser possível".

A juventude os envolveu; a canção de Faetonte anunciou a paixão recompensada, o amor obtido. Mas eles estavam conscientes de um amor mais misterioso do que aquele. A canção sumiu aos poucos e eles ouviram o rio, carregando a neve do inverno ao Mediterrâneo.

[1] *Uma viagem sentimental através da França e da Itália*. Trad. Bernardina da Silveira Pinheiro (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002), p. 197.
[2] Evidentemente, nesse caso, trata-se de uma viagem alegórica.
[3] Inclusive *Maurice*, publicado postumamente em 1971, escrito entre 1913 e 1914. [Todos vêm sendo publicados pela editora Globo, incluindo o *Aspectos do romance* (N. E.)]
[4] Ver Ifor Evans, *História da literatura inglesa*. Trad. e notas de A. Nogueira Santos (Lisboa: Edições 70, 1980), pp. 318-9.
[5] Direção de James Ivory, vencedor de três Oscar (roteiro, direção de arte e figurino). No Brasil, recebeu o título de *Uma janela para o amor*.
[6] Grupo de intelectuais britânicos esquerdistas, pacifistas, liberais e feministas, do qual faziam parte os escritores Leonard e Virginia Woolf; Clive e Vanessa Bell, ele crítico de arte, ela, pintora; Lytton Strachey, historiador, e John Maynard Keynes, economista, entre outros.
[7] O pai, próspero advogado, construíra uma casa, a Windy Corner, e a família foi tomada como remanescente de uma aristocracia nativa.
[8] Condado de Kent, nas proximidades de Londres.
[9] Cujo mote é de que "o jardim do Éden que os senhores situam no passado na verdade ainda está para surgir".
[10] Sotaque que caracteriza a linguagem dos trabalhadores e da classe média baixa de Londres.
[11] In *História da literatura ocidental*, v. 7. 2ª edição. (Rio de Janeiro: Alhambra, 1978), p. 1876.
[12] "*From far, from eve and morning/ And yon twelve-winded sky,/ The stuff of life to knit me/ Blew hither: here am I.*" Poema de A. E. Housman (1859-1936). [N. T.]
[13] No original: "fenceless" = "defenceless". [N. T.]
[14] "*Come down, O maid, from yonder mountain height:/ What pleasure lives in height (the shepherd sang),/ In height and in splendour of the hills?*." Poema de Alfred Tennyson (1809-1892).
[15] Crepúsculo dos deuses, em alemão no original. [N. do E.]
[16] "*Beehive*", o nome da hospedaria, quer dizer "favo", em inglês. [N. T.]
[17] Trata-se de um poema de Walter Scott (1771-1832), "*Lucy Ashton's song*". [N. T.]